



OBSERVATÓRIO AGRÍCOLA



**ACOMPANHAMENTO  
DA SAFRA BRASILEIRA**

**grãos**

V. 5 - SAFRA 2017/18- N. 8 - Oitavo levantamento | **MAIO 2018**



**Presidente da República**

Michel Temer

**Ministro da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa)**

Blairo Maggi

**Diretor - Presidente da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)**

Francisco Marcelo Rodrigues Bezerra

**Diretor - Executivo de Operações e Abastecimento (Dirab)**

Jorge Luiz Andrade da Silva

**Diretor - Executivo de Gestão de Pessoas (Digep)**

Marcus Luis Hartmann

**Diretor - Executivo Administrativo, Financeiro e de Fiscalização (Diafi)**

Danilo Borges dos Santos

**Diretora - Executiva de Política Agrícola e Informações (Dipai)**

Cleide Edvirges Santos Laia

**Superintendente de Informações do Agronegócio (Suinf)**

Aroldo Antônio de Oliveira Neto

**Gerência de Levantamento e Avaliação de Safras (Geasa)**

Cleverton Tiago Carneiro de Santana

**Gerência de Geotecnologias (Geote)**

Tarsis Rodrigo de Oliveira Piffer

**Equipe Técnica da Geasa**

Bernardo Nogueira Schlemper

Eledon Pereira de Oliveira

Fabiano Borges de Vasconcellos

Francisco Olavo Batista de Sousa

Juarez Batista de Oliveira

Juliana Pacheco de Almeida

Martha Helena Gama de Macêdo

**Equipe Técnica da Geote**

Aquila Felipe Medeiros (menor aprendiz)

Bárbara Costa da Silva (estagiária)

Fernanda Seratim Alves (estagiária)

Fernando Arthur Santos Lima

Gilson Panagiotis Heusi (estagiário)

João Luis Santana Nascimento (estagiário)

Joaquim Gasparino Neto

Lucas Barbosa Fernandes

**Superintendências Regionais**

Acre, Alagoas, Amapá, Amazonas, Bahia, Ceará, Distrito Federal, Espírito Santo, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Piauí, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Rondônia, Roraima, Santa Catarina, São Paulo, Sergipe e Tocantins.



OBSERVATÓRIO AGRÍCOLA

**ACOMPANHAMENTO  
DA SAFRA BRASILEIRA**

**grãos**

V. 5 - SAFRA 2017/18 - N. 8 - Oitavo levantamento | **MAIO 2018**

Monitoramento agrícola

ISSN 2318-6852

Acomp. safra bras. grãos, v. 8 Safra 2017/18 - Oitavo levantamento, Brasília, p. 1-145 maio 2018.

Copyright © 2018 – Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)  
Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.  
Disponível também em: <<http://www.conab.gov.br>>  
Depósito legal junto à Biblioteca Josué de Castro  
Publicação integrante do Observatório Agrícola  
ISSN: 2318-6852

#### Colaboradores

João Marcelo Brito Alves (Geint)  
João Figueiredo Ruas (Gefab - feijão)  
Mozar de Araújo Salvador (inmet)

Leonardo Amazonas (Gerpa - soja)  
Thomé Luiz Freire Guth (Gerpa - milho)  
Bruno Pereira Nogueira (Gefab - algodão)

Sérgio Roberto G. S. Júnior (Gefab - arroz)  
Rodrigo Gomes de Souza (Gerpa - trigo)

Hilma Noberta de Paula Fonseca (Gecup)  
Patrícia Maurício Campos (Suinf)

#### Colaboradores das Superintendências

André Araújo e Thiago Cunha (AC); Aline Santos, Antônio de Araújo Lima Filho, Cesar Lima, Lourival de Magalhães (AL); Glenda Queiroz, José Humberto Campo de Oliveira, Pedro Jorge Barros (AM); Ednabel Lima, Gerson Santos, Israel Santos, Jair Lucas Oliveira Júnior, Joctã do Couto, Marcelo Ribeiro (BA); Cristina Diniz, Danylo Tajra, Eduardo de Oliveira, Fábio Ferraz, José Iranildo Araújo, Lincoln Lima, Luciano Gomes da Silva (CE); José Negreiros (DF); Kerley Souza (ES); Adair Souza, Espedito Ferreira, Gerson Magalhães, Lucas Rocha, Manoel Ramos de Menezes Sobrinho, Michel Lima, Roberto Andrade, Rogério Barbosa (GO); Dônovan Nolêto, Humberto Souza Filho, José de Ribamar Fahd, José Francisco Neves, Olavo Oliveira Silva, Valentino Campos (MA); Eugênio de Carvalho, Hélio de Rezende, José Henrique de Oliveira, Márcio Carlos Magno, Patrícia Sales, Pedro Soares, Telma Silva, Túlio de Vasconcellos (MG); Edson Yui, Fernando Silva, Marcelo Calisto, Maurício Lopes, Luciana Diniz de Oliveira (MS); Allan Salgado, Gabriel Heise, José Júlio Pereira, Pedro Ramon Manhõe, Raul Pio de Azevedo, Cícero Cordeiro, Benancil França, Edson Piedade, Humberto Kothe, Patrícia Leite, Rodrigo Slomoszynski, Rafael Arruda (MT) Nicolau da Silva Beltrão Júnior, Eraldo da Silva Sousa, Gilberto de Sousa e Silva (PA); Samuel Ozéias Alves, João Tadeu de Lima (PB); Francisco Dantas de Almeida Filho, Rosângela Maria da Silva (PE); Jerônimo Contin, Leônidas Kaminski, Rafael Fogaça, Rosimeire Lauretto (PR); Hélcio Freitas, Thiago Miranda, Francisco Antonio de Oliveira Lobato, Antonio Cleiton Vieira da Silva, Edgard Sobrinho (PI); Cláudio Figueiredo, Jorge de Carvalho, Matheus Ribeiro, Olavo Godoy Neto, Wilson de Albuquerque (RJ); Luis Gonzaga Costa, Manuel Oliveira (RN); Erik Colares de Oliveira, João Adolfo Kasper, Niécio Campanati Ribeiro, Thales Augusto Duarte Daniel (RO); Alcidesman Pereira, Karina de Melo, Luciana Dall'Agnese (RR); Carlos Bestetti, Alexandre Pinto, Marcio Renan Weber Schorr, Matheus Carneiro de Souza, Iure Rabassa Martins, Jordano Luís Girardi (RS); Cezar Rubin, Ricardo Oliveira, Ricardo Paschoal, Luana Schneider (SC); José Bomfim de Oliveira Santos Junior, José de Almeida Lima Neto, Bruno Valentim Gomes (SE); Cláudio Ávila, Elias Tadeu de Oliveira, Marisete Belloli (SP); Alzeneide Batista, Francisco Pinheiro, Eduardo Rocha, Luiz Miguel Ricordi Barbosa, Rafael Alvez da Silva, Samuel Valente Ferreira (TO) .

#### Informantes

Secretaria de Estado da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Seapa/RR); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Rondônia (Emater/RO); Agência de Defesa Sanitária Agrosilvopastoril do Estado de Rondônia (Idaron); Secretaria de Estado de Extensão Agroflorestal e Produção Familiar (Seaprof/AC); Instituto de Desenvolvimento Agropecuário e Florestal Sustentável do Estado do Amazonas (Idam); Agência de Fomento do Estado do Amazonas (Afeam); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Pará (Emater/PA); Instituto de Desenvolvimento Rural do Estado do Tocantins (Ruraltins) e a Agência de Defesa Agropecuária do Estado do Tocantins (Adapec); Agência Estadual de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural (Agerp/MA); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Ceará (Ematerce); Instituto de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio Grande do Norte (Emater-RN); Secretaria de Agricultura, da Pecuária e da Pesca do Rio Grande do Norte (Sape); Empresa de Pesquisa Agropecuária do RN (Emparn); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural da Paraíba (Emater/PB); Instituto Agronômico de Pernambuco (IPA); Instituto de Inovação para o Desenvolvimento Rural Sustentável de Alagoas (Emater/AL); Empresa de Desenvolvimento Agropecuário de Sergipe (Emdagro); Secretaria de Desenvolvimento Rural (SDR/BA); Secretaria da Agricultura, Pecuária, Irrigação, Pesca e Aquicultura (Seagri) ; Federação da Agricultura e Pecuária do Estado da Bahia (Faeb); Banco do Nordeste do Brasil (BNB); Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional (CAR/BA); Agência de Defesa Agropecuária da Bahia (Adab); Instituto de Defesa Agropecuária do Estado de Mato Grosso (Indea); Empresa Mato-grossense de Pesquisa, Assistência e Extensão Rural (Empaer); Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico; Agência de Desenvolvimento Agrário e Extensão Rural do Mato Grosso do Sul (Agraer/MS); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Goiás (Emater-GO); Agência Goiana de Defesa Agropecuária (Agrodefesa); Secretaria Estadual de Agricultura de Goiás (Seagro); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Distrito Federal (Emater-DF); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Minas Gerais (Emater-MG); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio de Janeiro (Emater-RJ); Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (Cati-SP); Departamento de Economia Rural (Deral/PR); Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio Grande do Sul (Emater-RS); Instituto Rio-Grandense do Arroz (Irga).

#### Editoração

Estúdio Nous (Célia Matsunaga e Elzimar Moreira)  
Superintendência de Marketing e Comunicação (Sumac)  
Gerência de Eventos e Promoção Institucional (Gepin)

#### Diagramação

Martha Helena Gama de Macêdo, Guilherme Rodrigues

#### Fotos

Superintendência Regional do Piauí

#### Normalização

Thelma Das Graças Fernandes Sousa – CRB-1/1843

#### Impressão

Superintendência de Administração (Supad)/ Gerência de Protocolo, Arquivo e Telecomunicações (Gepat)

Catálogo na publicação: Equipe da Biblioteca Josué de Castro

633.1(81)(05)  
C737a

Companhia Nacional de Abastecimento.

Acompanhamento da safra brasileira de grãos. – v. 1, n.1 (2013- ) – Brasília : Conab, 2013-  
v.

Mensal

Disponível em: <http://www.conab.gov.br>

Recebeu numeração a partir de out./2013. Continuação de: Mês Agrícola (1977-1991); Previsão e acompanhamento de safras (1992-1998); Previsão da safra agrícola (1998-2000); Previsão e acompanhamento da safra (2001); Acompanhamento da safra (2002-2007); Acompanhamento da safra brasileira: grãos (2007- ).

ISSN 2318-6852

1. Grão. 2. Safra. 3. Agronegócio. I. Título.

# SUMÁRIO



**1. Resumo executivo** ..... 8



**2. Introdução** ..... 10



**3. Estimativa de área plantada** ..... 12



**4. Estimativa de produtividade** ..... 17



**5. Estimativa de produção** ..... 22



**6. Crédito rural** ..... 28



**7. Análise climática - Inmet** ..... 34



**8. Análise das culturas** ..... 39

Condições Climáticas ..... 39

Culturas de verão ..... 45

8.1.1. Algodão ..... 45

8.1.2. Amendoim	51
8.1.3. Arroz	56
8.1.4. Feijão	63
8.1.5. Girassol	83
8.1.6. Mamona	84
8.1.7. Milho	86
8.1.8. Soja	96
8.1.9. Sorgo	102
8.2. Culturas de inverno	106
8.2.1. Aveia	106
8.2.2. Canola	108
8.2.3. Centeio	109
8.2.4. Cevada	110
8.2.5. Trigo	111
8.2.6. Triticale	114



## **9. Receita bruta** ..... 116



## **10. Panorama do plantio do trigo** ..... 123



## **11. Balanço de oferta e demanda** ..... 129

11.1. Algodão	129
11.2. Arroz	130
11.3. Feijão	130
11.4. Milho	132
11.5. Soja	133



## **12. Calendário agrícola de plantio e colheita** ..... 137





## 1. RESUMO EXECUTIVO

### SAFRA 2017/18

**P**ara essa safra, a produção brasileira de grãos está estimada em 232,6 milhões de toneladas. Isso equivale a uma redução de 2,1% em relação à safra anterior. As condições climáticas favoráveis à produtividade, em parte do país, são responsáveis pelo ganho de 1,3% em relação ao levantamento anterior, cerca de 3,1 milhões de toneladas.

A área plantada é estimada em 61,5 milhões de hectares, ou seja, com crescimento de 1,1% se comparada à safra 2016/17.

**Algodão:** o desenvolvimento da cultura continua sendo favorecido pelas condições climáticas. O expressivo aumento de área (25,2%) resulta numa produção de 1,94 milhão de toneladas de pluma.

**Amendoim primeira safra:** com a colheita finalizada, o país consolida uma produção acima de 510 mil toneladas.

**Arroz:** com a maior parte da produção colhida, os números apontam para uma produção de 11,5 milhões de toneladas, sendo 1,2 milhão de toneladas oriundas de cultivo em sequeiro e 10,3 advindas de áreas com plantio irrigado.

**Feijão primeira safra:** colheita finalizada, com produção de 1,27 milhão de toneladas, 6,6% menor que na última safra.

**Feijão segunda safra:** com a colheita iniciando, confirma-se as boas expectativas de produtividades. Com o aumento de 9,3% de área, o resultado é numa produção estimada de 1,32 milhão de toneladas, sendo 572,5 mil toneladas de feijão-comum cores, 180,2 mil toneladas de feijão-comum preto e 570,8 mil toneladas de feijão-caupi.

**Feijão terceira safra:** com o início do plantio, a estimativa é de aumento de área em 1,9%, motivado pela comercialização futura. A produtividade é estimada em 1.275 kg/ha.

**Milho primeira safra:** a produção ultrapassa 26 mi-

lhões de toneladas, 13,8% inferior à safra passada e semelhante ao levantamento anterior.

**Milho segunda safra:** com a proximidade do início da colheita, com parte da produção em maturação, a estimativa permanece em, aproximadamente, 63 milhões de toneladas.

**Soja:** com a melhora nas estimativas de produtividade no Matopiba, a produção de soja alcança recorde de 117 milhões de toneladas, 2,6% superior à safra passada.

**Trigo:** a estimativa é de aumento de 4,2% na área semeada, estimada em cerca de 2 milhões de hectares, resultando numa produção de 4,87 milhões de toneladas.





## 2. INTRODUÇÃO

Visando fornecer informações e os conhecimentos relevantes aos agentes envolvidos nos desafios da agricultura, segurança alimentar, nutricional e do abastecimento do país, a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) tem dentre os primordiais objetivos, há de citar o acompanhamento da safra brasileira de grãos.

É bom ressaltar que no citado processo de acompanhamento da safra brasileira de grãos, gera-se um relatório construído de maneira a registrar e indicar variáveis que auxiliem na compreensão dos resultados da safra, inserindo-se como parte da estratégia de qualificação das estatísticas agropecuárias, do processo de transparência e da redução da assimetria da informação.

Assim, a Companhia, para a consecução desse serviço, utiliza métodos que envolvem modelos estatísticos, pacotes tecnológicos modais das principais culturas em diversos locais de produção, acompanhamentos agrometeorológicos e espectrais, pesquisa subjetiva de campo, como outras informações que complementam os métodos citados.

Nesse foco, além das diversas variáveis levantadas, abordam-se informações da área plantada com as culturas de inverno e de terceira safra, que se encontram em desenvolvimento, e a de segunda safra, que se encontram em processo de colheita.

Aos resultados das pesquisas empreendidas pela Companhia, em todo território nacional, agregam-se outros instrumentos como: indicadores econômicos nas áreas de crédito rural, mercado de insumos, custos de produção, exportação e importação, câmbio, quadro de oferta e demanda e preços, como também, informes da situação climática, acompanhamento agrometeorológico e espectral e a análise de mercado das culturas pesquisadas.

É importante realçar que a Companhia detém a característica de suprir suas atividades de levantamento de safra de grãos por meio do envolvimento direto com diversas instituições e informantes cadastrados por todo o país.

Dessa maneira, os resultados quando divulgados devem ter ali registrados a colaboração e os esforços dos profissionais autônomos, dos técnicos de escritórios de planejamento, de cooperativas, das secretarias de agricultura, dos órgãos de assistência técnica e extensão rural (oficiais e privados), além dos agentes financeiros, dos revendedores de insumos, de produtores rurais e do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

A Conab registra, pelo empenho e dedicação profissional, quando instados a colaborar, nosso especial agradecimento a todos.

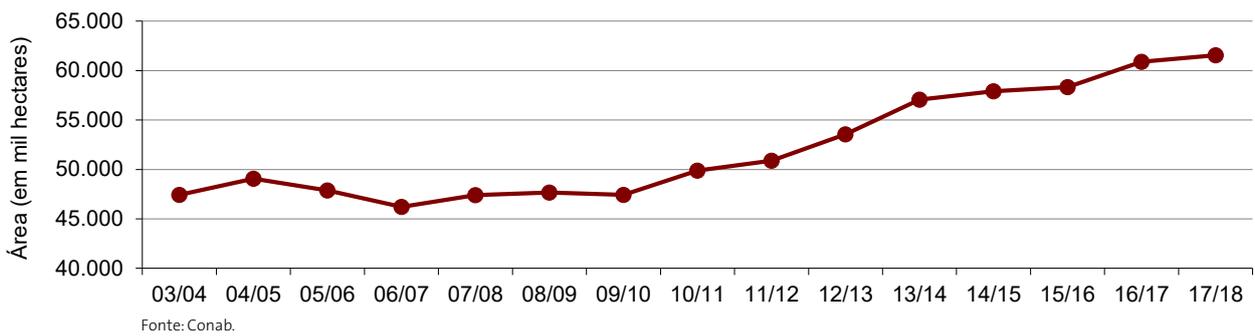




### 3. ESTIMATIVA DE ÁREA PLANTADA

Com o término do plantio das culturas de segunda safra e a primeira estimativa de área a ser plantada para feijão terceira safra e culturas de inverno, a estimativa é que o país plante a maior área da série histórica, ou seja, 61,5 milhões de hectares. O incremento estimado é de 1,1% ou 657 mil hectares. Apesar da redução da área de semeadura de milho primeira (de 5,5 para 5,1 milhões de hectares) e segunda safra (12,1 para 11,6 milhões de hectares), a soja teve um expressivo aumento da área semeada, saindo de 33,9 para 35,1 milhões de hectares, um ganho absoluto de 1,2 milhão de hectares). Outras culturas também tiveram ganho absoluto de área, como o algodão (236,8 mil hectares) e feijão segunda-safra (132,6 mil hectares), sobretudo o feijão-caupi que deve ter 180,5 mil hectares a mais na atual safra, atingindo 1.042,4 mil hectares.

**Gráfico 1 – Comportamento da área de grãos no Brasil**

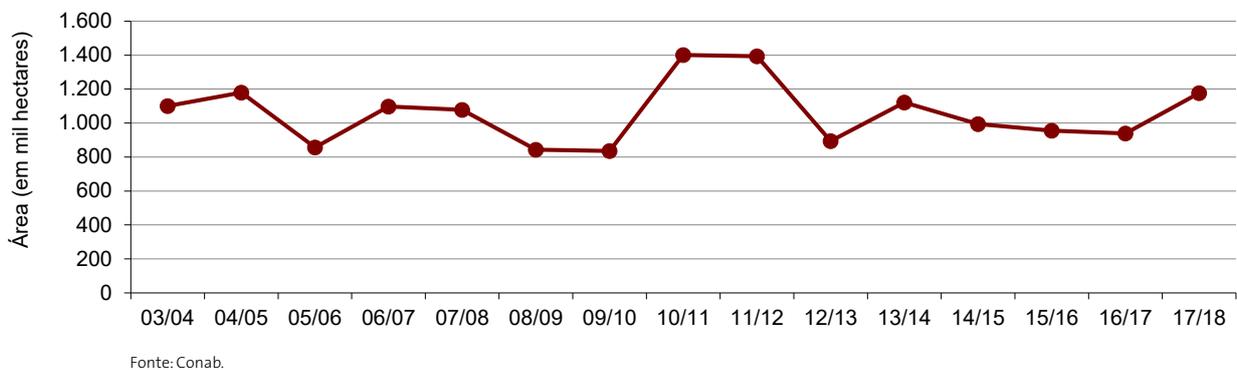


### 3.1. ALGODÃO

Com estimativa de semeadura de 1.175,9 mil hectares, o algodão apresenta um incremento de 25,2% e torna a cultura a segunda maior em ganho absoluto de

área semeada. São 236,8 mil hectares superior à safra 2016/17, a maior das últimas cinco safras.

**Gráfico 2 – Comportamento da área de algodão no Brasil**

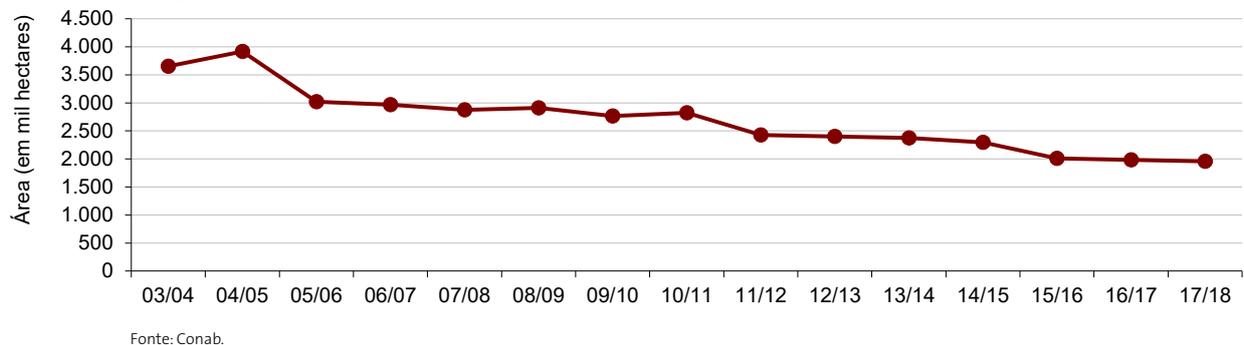


### 3.2. ARROZ

A estimativa é que a área brasileira de arroz seja 1,1% menor em relação à área da safra 2016/17, totalizando 1,96 milhão de hectares. As áreas que foram reduzidas

de sequeiro nessa safra foram substituídas por culturas mais rentáveis, como soja e milho. A redução na área irrigada decorre da rotação com outras lavouras.

**Gráfico 3 – Comportamento da área de arroz no Brasil**

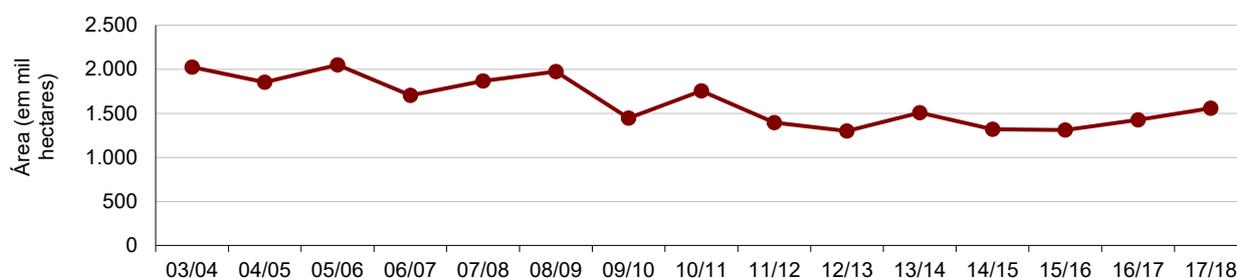


### 3.3. FEIJÃO SEGUNDA SAFRA

O feijão segunda safra teve o terceiro maior incremento absoluto de área semeada, resultado dos baixos preços do milho no momento da tomada de decisão na segunda safra levaram alguns produtores a apostarem no plantio de feijão segunda safra, so-

brechado no Centro-Oeste do país. A recuperação da área semeada na Região Nordeste, visto as condições climáticas mais favoráveis nessa safra, também tem contribuído para tal aumento.

Gráfico 4 – Comportamento da área de feijão primeira safra no Brasil



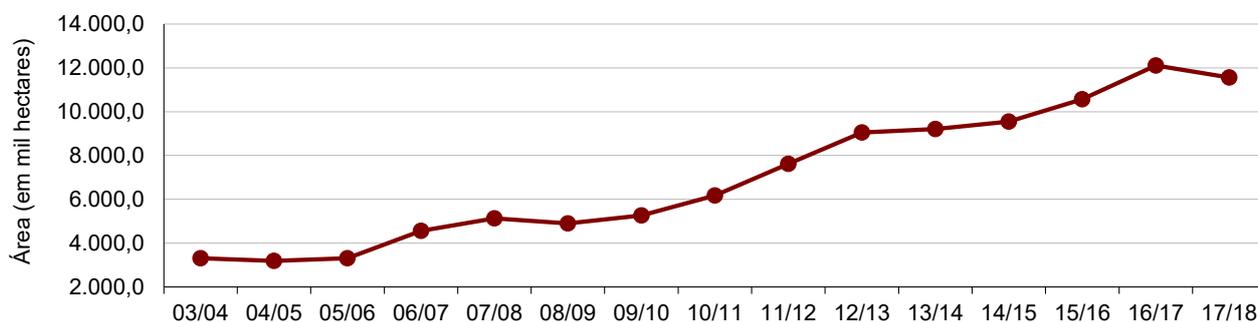
Fonte: Conab.

### 3.4. MILHO SEGUNDA SAFRA

Com o plantio próximo do fim, há previsão de redução na área da segunda safra do cereal de 4,5%, comparado com o ano anterior. A estimativa é de plantio de

11.564,9 mil hectares. Será a primeira queda nos últimos nove anos.

Gráfico 5 – Comportamento da área de milho segunda safra no Brasil



Fonte: Conab.

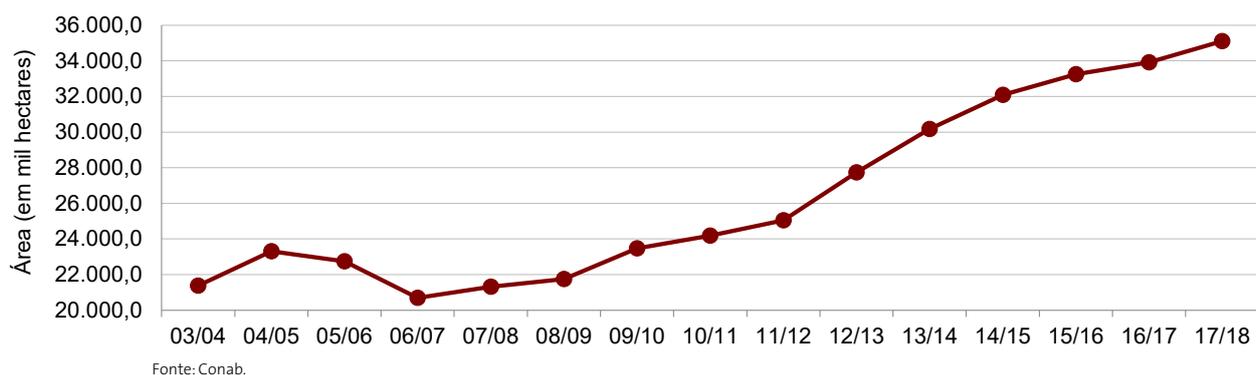
### 3.5. SOJA

O Brasil ganhou 14,4 milhões hectares novos de soja desde à safra 2006/07, tornando a cultura a protagonista no aumento da área no país. Na safra 1997/98 a área de soja ultrapassou a área de milho total e desde então ocupa o primeiro lugar em área semeada no país. Atualmente corresponde a cerca de 57% da área

total semeada com grãos no país. A boa rentabilidade da cultura estimularam os produtores a cultivá-la. Neste levantamento o crescimento da área está sendo estimado em 3,5% em relação ao ano passado, atingindo 35,1 milhões de hectares.



**Gráfico 6 - Comportamento da área de soja no Brasil**



### 3.6. TRIGO

A estimativa é de aumento de área de trigo no país, motivado pela disponibilidade de área onde não foi semeado com o milho segunda safra. Vislumbra-se um aumento de 4,2% em relação à temporada anterior. A definição do tamanho total de área deverá ser

influenciada pelo comportamento climático, uma vez que no sul do país, maior região produtora do cereal, o atraso no plantio afeta a janela das culturas de primeira safra do próximo ano agrícola.

**Gráfico 7 – Comportamento da área de trigo no Brasil**

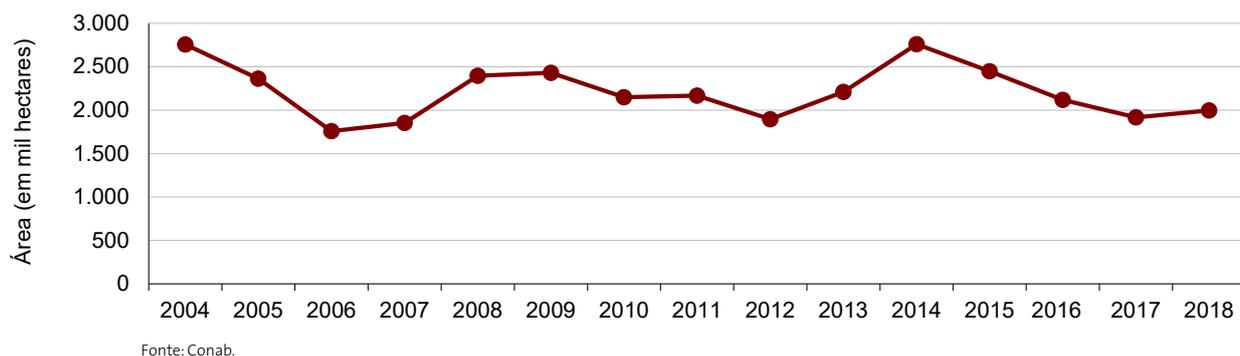


Tabela 1 – Estimativa de área plantada de grãos

(Em 1000 t)

CULTURAS DE VERÃO	SAFRAS			VARIÇÃO	
	2016/17 (a)	2017/18		Percentual (c/a)	Absoluta (c-a)
		abr/2018 (b)	mai/2018 (c)		
ALGODÃO	939,1	1.144,7	1.175,9	25,2	236,8
AMENDOIM TOTAL	129,3	139,4	139,6	8,0	10,3
AMENDOIM 1ª SAFRA	118,3	133,1	133,1	12,5	14,8
AMENDOIM 2ª SAFRA	11,0	6,3	6,5	(40,9)	(4,5)
ARROZ	1.980,9	1.949,2	1.958,6	(1,1)	(22,3)
ARROZ SEQUEIRO	524,4	517,1	526,6	0,4	2,2
ARROZ IRRIGADO	1.456,5	1.432,1	1.432,0	(1,7)	(24,5)
FEIJÃO TOTAL	3.180,3	3.235,7	3.244,3	2,0	64,0
FEIJÃO TOTAL CORES	1.447,3	1.388,3	1.390,4	(3,9)	(56,9)
FEIJÃO TOTAL PRETO	323,7	320,3	313,9	(3,0)	(9,8)
FEIJÃO TOTAL CAUPI	1.409,3	1.527,1	1.540,0	9,3	130,7
FEIJÃO 1ª SAFRA	1.111,0	1.051,0	1.054,4	(5,1)	(56,6)
CORES	478,2	459,9	462,8	(3,2)	(15,4)
PRETO	174,7	180,4	180,5	3,3	5,8
CAUPI	458,1	410,7	411,1	(10,3)	(47,0)
FEIJÃO 2ª SAFRA	1.426,9	1.542,3	1.559,5	9,3	132,6
CORES	430,3	389,6	398,0	(7,5)	(32,3)
PRETO	134,7	125,6	119,1	(11,6)	(15,6)
CAUPI	861,9	1.027,1	1.042,4	20,9	180,5
FEIJÃO 3ª SAFRA	642,4	642,4	630,4	(1,9)	(12,0)
CORES	538,8	538,8	529,6	(1,7)	(9,2)
PRETO	14,3	14,3	14,3	-	-
CAUPI	89,3	89,3	86,5	(3,1)	(2,8)
GIRASSOL	62,7	89,0	96,6	54,1	33,9
MAMONA	28,0	34,5	32,1	14,6	4,1
MILHO TOTAL	17.591,7	16.608,1	16.645,0	(5,4)	(946,7)
MILHO 1ª SAFRA	5.482,5	5.061,5	5.080,1	(7,3)	(402,4)
MILHO 2ª SAFRA	12.109,2	11.546,6	11.564,9	(4,5)	(544,3)
SOJA	33.909,4	35.089,8	35.099,7	3,5	1.190,3
SORGO	628,5	654,6	632,8	0,7	4,3
<b>SUBTOTAL</b>	<b>58.449,9</b>	<b>58.945,0</b>	<b>59.024,6</b>	<b>1,0</b>	<b>574,7</b>
CULTURAS DE INVERNO	SAFRAS			VARIÇÃO	
	2017 (a)	2018		Percentual (c/a)	Absoluta (c-a)
		abr/2018 (b)	mai/2018 (c)		
AVEIA	340,3	340,3	341,7	0,4	1,4
CANOLA	48,1	48,1	45,1	(6,2)	(3,0)
CENTEIO	3,6	3,6	4,3	19,4	0,7
CEVADA	108,4	108,4	111,9	3,2	3,5
TRIGO	1.916,0	1.916,0	1.996,4	4,2	80,4
TRITICALE	23,0	23,0	22,3	(3,0)	(0,7)
<b>SUBTOTAL</b>	<b>2.439,4</b>	<b>2.439,4</b>	<b>2.521,7</b>	<b>3,4</b>	<b>82,3</b>
<b>BRASIL</b>	<b>60.889,3</b>	<b>61.384,4</b>	<b>61.546,3</b>	<b>1,1</b>	<b>657,0</b>

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em maio/2018.



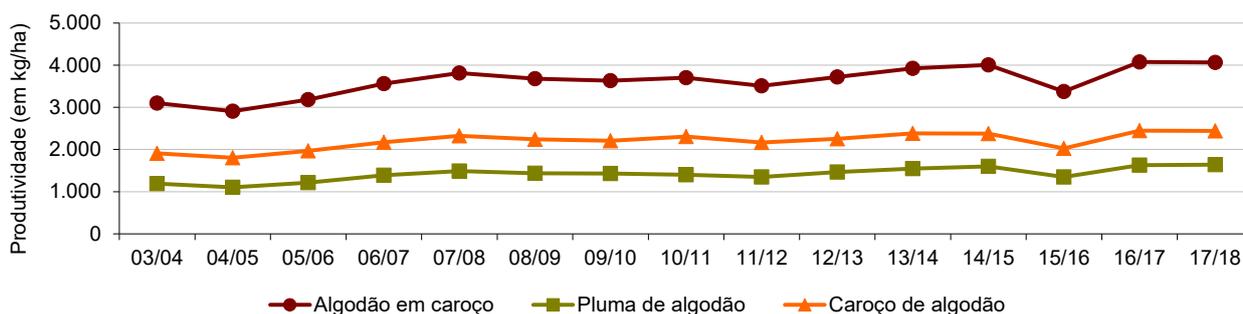


## 4. ESTIMATIVA DE PRODUTIVIDADE

### 4.1. ALGODÃO

O algodão é uma das culturas que usa o melhor pacote tecnológico disponível e, além disso, o cultivo da fibra é realizado nas áreas mais férteis das fazendas. Esses dois fatores possibilitam produtividades estáveis entre as safras, sofrendo modificações apenas em razão das condições climáticas. A safra 2017/18, semelhante à safra passada, teve condições climáticas favoráveis até o momento, o que resulta numa expressão de produtividade muito boa para a cultura. A estimativa para essa safra é que seja colhida 4.128 kg/ha de algodão em caroço, sendo 1.652 kg/ha de pluma, o que equivale 110@/ha.

**Gráfico 1 – Comportamento da produtividade de algodão no Brasil**



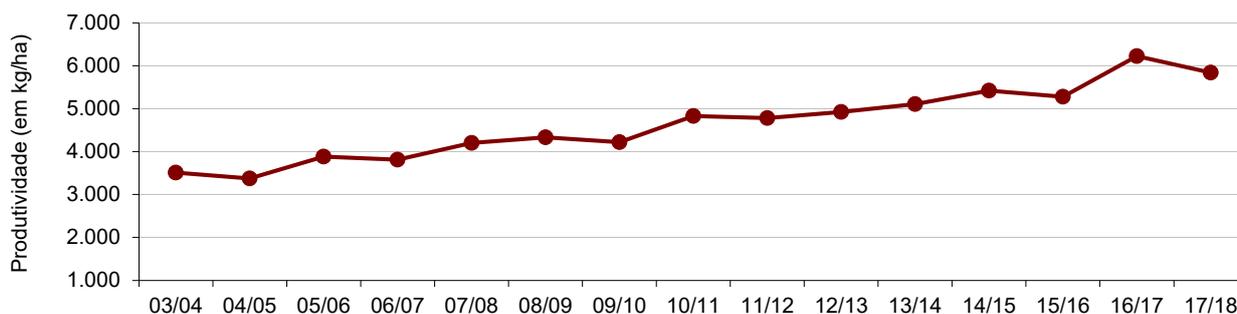
Fonte: Conab.

## 4.2. ARROZ

Com a colheita avançada, aproximando-se do fim, estima-se uma produtividade de 5.888 kg/ha, 5,4% inferior à safra passada, tendo em vista que as condições climáticas não foram totalmente favoráveis como na

safra passada. Contudo, a estimativa é de produtividade próxima a safras de normalidade climática, sendo a segunda melhor da série histórica.

**Gráfico 2 – Comportamento da produtividade de arroz no Brasil**



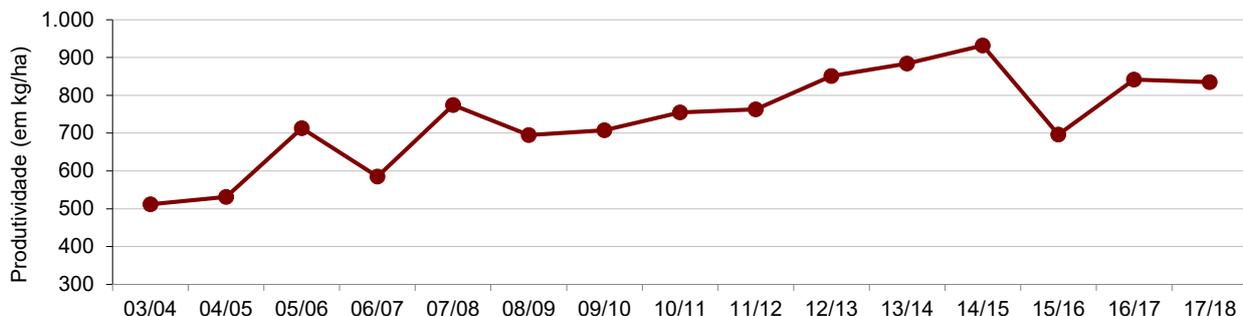
Fonte: Conab.

## 4.3. FEIJÃO SEGUNDA SAFRA

Com o desenvolvimento da cultura, a estimativa aponta para valores superiores à safra passada em 0,8%, estimada em 849 kg/ha. O feijão-comum cores deve ter um incremento de 7,5%, saindo de 1.338 kg/ha na safra 2016/17 para 1.438 kg/ha na safra 2017/18. Em

relação ao feijão-comum preto, o ganho é maior ainda, saindo de 1.338 para 1.513 kg/ha, aumento de 13,1%. Para o feijão-caupi, a estimativa de 525 kg/ha é 1,6% superior à safra 2016/17, que alcançou 516 kg/ha.

**Gráfico 3 – Comportamento da produtividade de feijão segunda safra no Brasil**



Fonte: Conab.

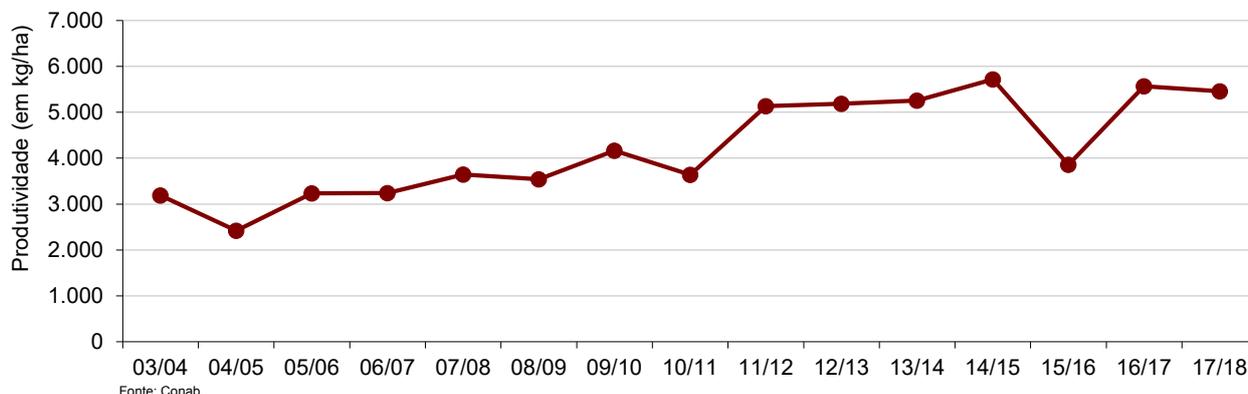


## 4.4. MILHO SEGUNDA SAFRA

Com o plantio finalizado e o desenvolvimento da cultura, o principal fator é a redução do pacote tecnológico da cultura em alguns dos principais estados produtores. Além disso, parte da safra foi semeada fora

do período ideal, o que resulta numa produtividade estimada de 5.443 kg/ha, 2,2% inferior à safra 2016/17. Apesar de menor, é a terceira melhor produtividade média para a safra do Brasil.

Gráfico 4 – Comportamento da produtividade de milho segunda safra no Brasil

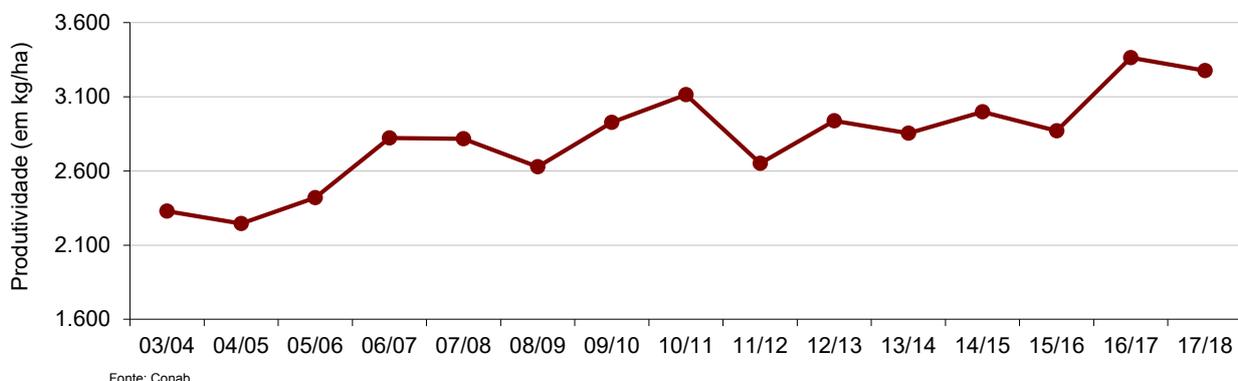


## 4.5. SOJA

A colheita próxima do fim trouxe bons resultados para a cultura que não teve problemas no seu desenvolvimento, atingindo 3.333 kg/ha. Esse valor é 0,9% superior ao recorde da safra passada, que foi de

3.364 kg/ha. A produtividade dessa safra é resultado da aplicação de um bom pacote tecnológico aliado a precipitações e temperaturas favoráveis, apesar de alguns problemas no Sul do país.

Gráfico 5 – Comportamento da produtividade de soja no Brasil



## 4.6. TRIGO

As estimativas iniciais, baseadas em análise estatística e no pacote tecnológico utilizado pelo produtor, apontavam para uma produtividade superior à safra

passada em 9,7%. O aumento tem relação com melhores condições climáticas nessa safra em relação ao ano passado.



Gráfico 6 – Comportamento da produtividade de trigo no Brasil

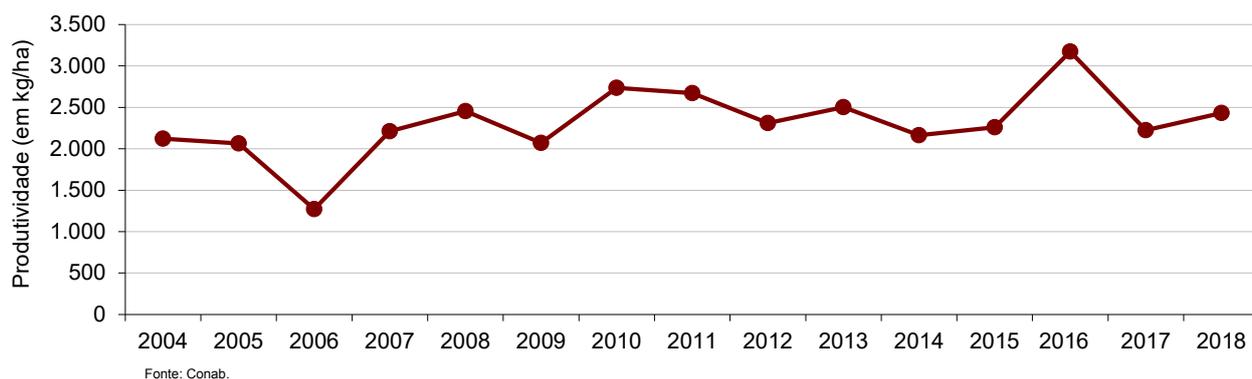


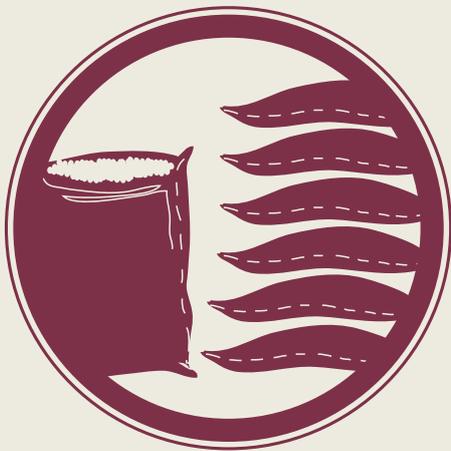
Tabela 1 – Estimativa de produtividade – Grãos

(Em kg/ha)

CULTURAS DE VERÃO	SAFRAS			VARIÇÃO	
	2016/17 (a)	2017/18		Percentual (c/a)	Absoluta (c-a)
		abr/2018 (b)	mai/2018 (c)		
ALGODÃO - CAROÇO <sup>(1)</sup>	2.445	2.440	2.476	1,3	31,2
ALGODÃO EM PLUMA	1.629	1.627	1.652	1,4	22,7
AMENDOIM TOTAL	3.606	3.679	3.676	2,0	70,4
AMENDOIM 1ª SAFRA	3.709	3.770	3.770	1,6	60,8
AMENDOIM 2ª SAFRA	2.494	1.761	1.756	(29,6)	(737,8)
ARROZ	6.223	5.841	5.888	(5,4)	(335,5)
ARROZ SEQUEIRO	2.347	2.307	2.344	(0,1)	(3,3)
ARROZ IRRIGADO	7.619	7.117	7.191	(5,6)	(427,8)
FEIJÃO TOTAL	1.069	1.041	1.047	(2,0)	(21,6)
CORES	1.505	1.495	1.512	0,4	6,5
PRETO	1.568	1.552	1.557	(0,7)	(11,4)
CAUPI	506	522	524	3,6	18,0
FEIJÃO 1ª SAFRA	1.225	1.207	1.205	(1,6)	(19,5)
CORES	1.779	1.727	1.724	(3,1)	(54,4)
PRETO	1.829	1.668	1.655	(9,5)	(173,8)
CAUPI	416	424	424	1,8	7,5
FEIJÃO 2ª SAFRA	842	835	849	0,8	6,8
CORES	1.338	1.395	1.438	7,5	100,3
PRETO	1.338	1.483	1.513	13,1	174,8
CAUPI	516	524	525	1,6	8,5
FEIJÃO 3ª SAFRA	1.304	1.264	1.275	(2,2)	(29,1)
CORES	1.420	1.370	1.381	(2,8)	(39,2)
PRETO	554	687	687	23,9	132,3
CAUPI	869	719	722	(16,9)	(146,6)
GIRASSOL	1.653	1.584	1.516	(8,3)	(137,4)
MAMONA	470	575	604	28,5	134,0
MILHO TOTAL	5.562	5.336	5.359	(3,6)	(202,4)
MILHO 1ª SAFRA	5.556	5.058	5.169	(7,0)	(386,9)
MILHO 2ª SAFRA	5.564	5.458	5.443	(2,2)	(121,5)
SOJA	3.364	3.276	3.333	(0,9)	(30,9)
SORGO	2.967	2.856	2.823	(4,8)	(143,6)
<b>SUBTOTAL</b>	<b>3.976</b>	<b>3.795</b>	<b>3.838</b>	<b>(3,5)</b>	<b>(138,0)</b>
CULTURAS DE INVERNO	SAFRAS			VARIÇÃO	
	2016/17 (a)	2017/18		Percentual (c/a)	Absoluta (c-a)
		abr/2018 (b)	mai/2018 (c)		
AVEIA	1.862,0	2.210	2.217	19,1	355,0
CANOLA	848,0	1.264	1.259	48,5	411,0
CENTEIO	1.722,0	1.917	1.930	12,1	208,0
CEVADA	2.602,0	2.984	3.009	15,6	407,0
TRIGO	2.225,0	2.431	2.440	9,7	215,0
TRITICALE	2.326,0	2.622	2.619	12,6	293,0
<b>SUBTOTAL</b>	<b>2.164</b>	<b>2.402</b>	<b>2.415</b>	<b>11,6</b>	<b>251,0</b>
<b>BRASIL (2)</b>	<b>3.903</b>	<b>3.739</b>	<b>3.779</b>	<b>(3,2)</b>	<b>-123,7</b>

Legenda: (1) Produtividade de caroço de algodão; (2) Exclui a produtividade de algodão em pluma.  
 Fonte: Conab.  
 Nota: Estimativa em maio/2018.





## 5. ESTIMATIVA DE PRODUÇÃO

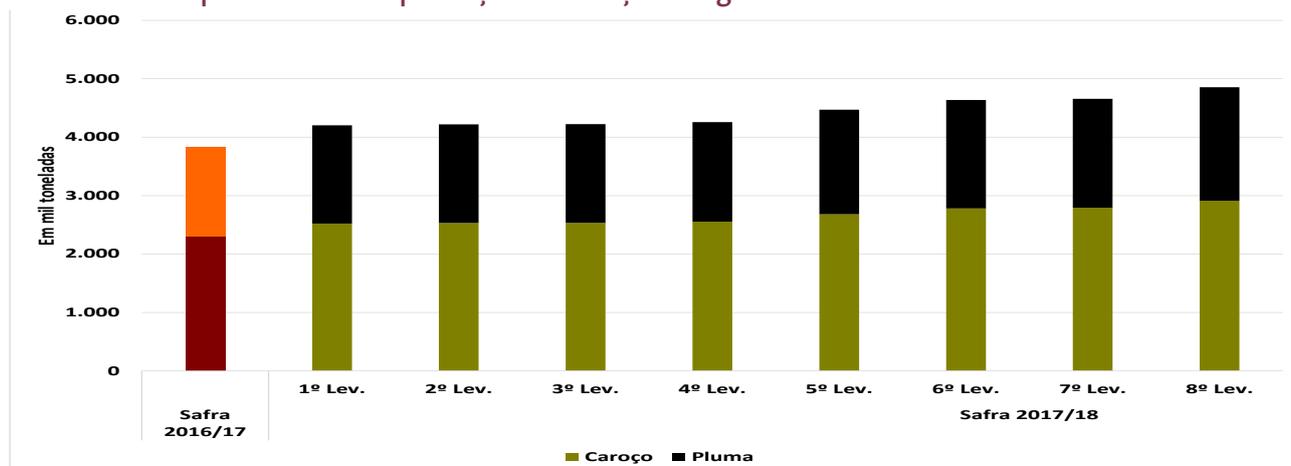
A produção estimada para a safra 2017/18 indica um volume de 232,6 milhões de toneladas, 3.069,9 mil toneladas superior ao levantamento passado, resultado do avanço da colheita da soja e do milho primeira safra, que têm confirmado boas produtividades e uma estimativa maior da área de milho segunda safra. Apesar desse resultado ser 2,1% menor que o da última safra, o Brasil deve colher a segunda maior safra da história.

A soja e o milho, que possuem os maiores volumes de produção do país, devem ter produção de 117 e 89,2 milhões de toneladas, respectivamente. Do total da produção de milho, 26,3 milhões de toneladas deverá ser colhidos na primeira safra e 62,9 milhões de toneladas na segunda safra.

Para a atual safra, destaca-se também a estimativa de aumento da produção de algodão em pluma, estimada em 1,9 milhão de toneladas de pluma, representando aumento de 27% em relação à safra passada e do feijão segunda safra, estimada em 1,3 milhão de toneladas, aumento de 10,2%.

## 5.1. ALGODÃO

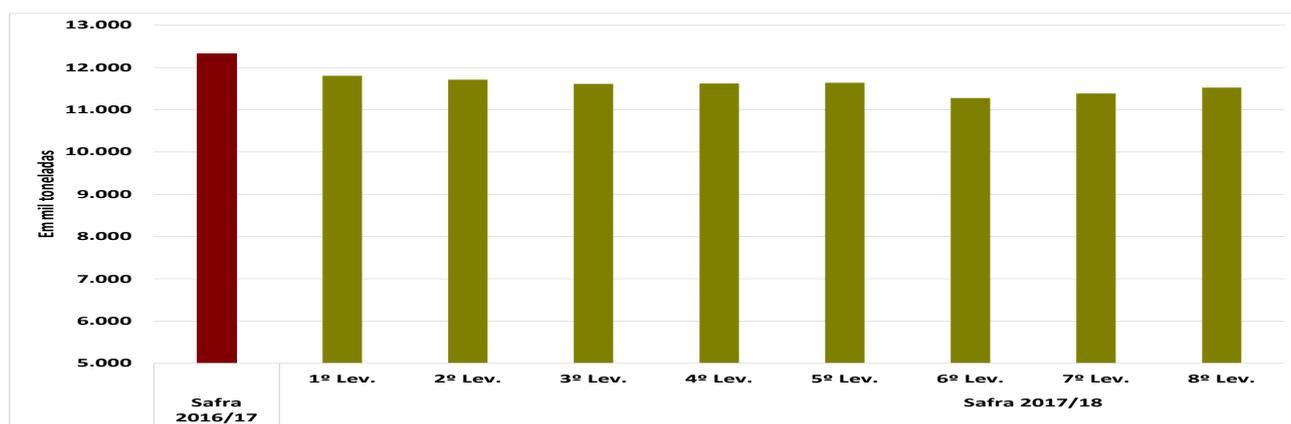
Gráfico 1 - Comportamento da produção de caroço de algodão no Brasil



Fonte: Conab.

## 5.2. ARROZ

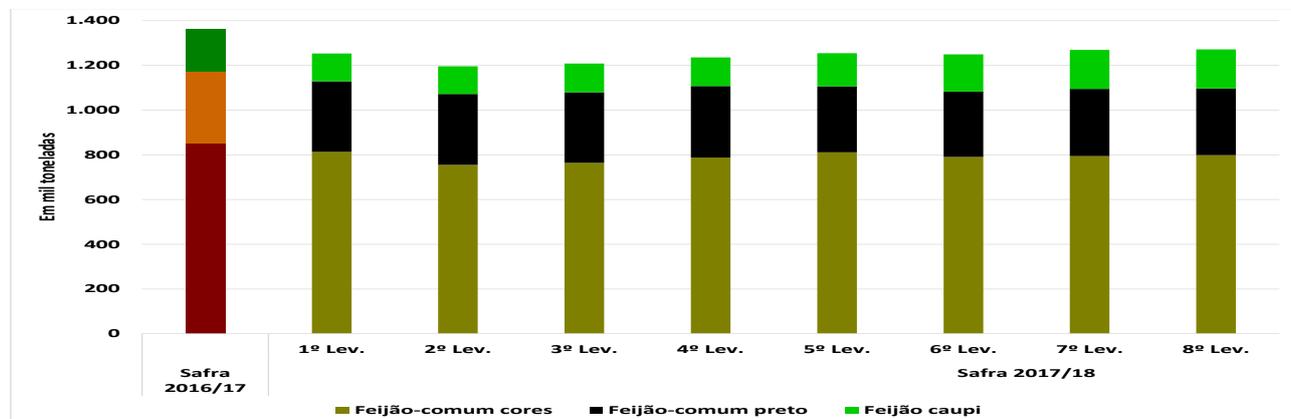
Gráfico 2 - Comportamento da produção de arroz no Brasil



Fonte: Conab.

## 5.3. FEIJÃO

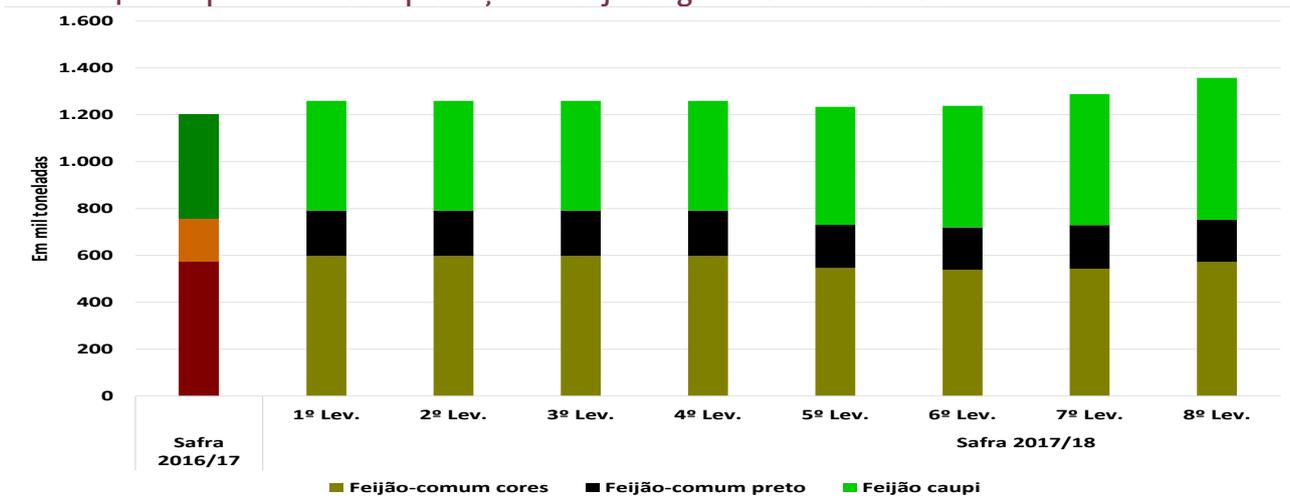
Gráfico 3 - Comportamento da produção de feijão primeira safra no Brasil



Fonte: Conab.



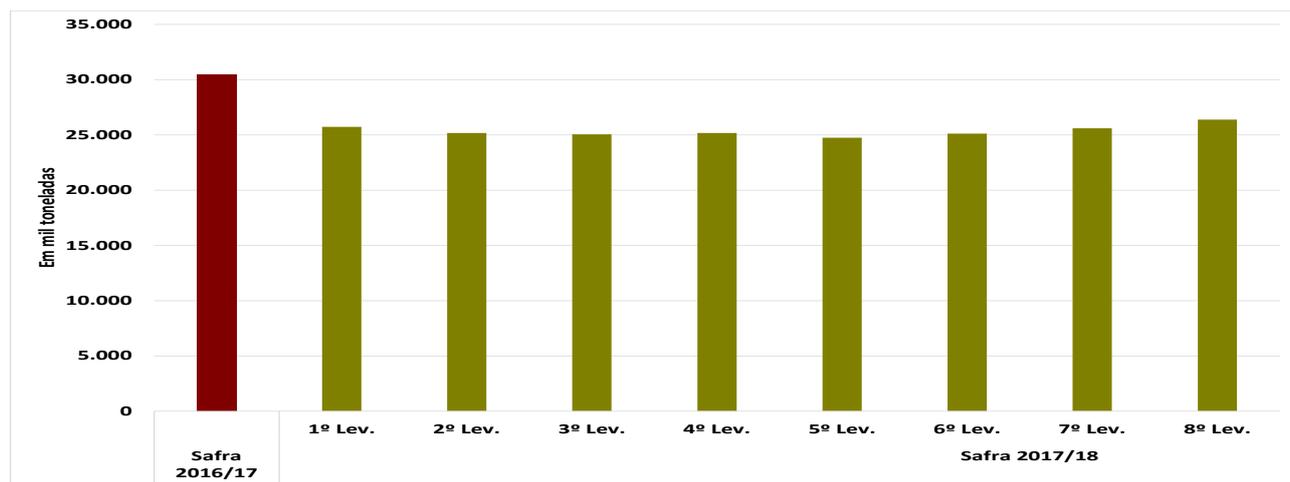
Gráfico 4 - Comportamento da produção de feijão segunda safra no Brasil



Fonte: Conab.

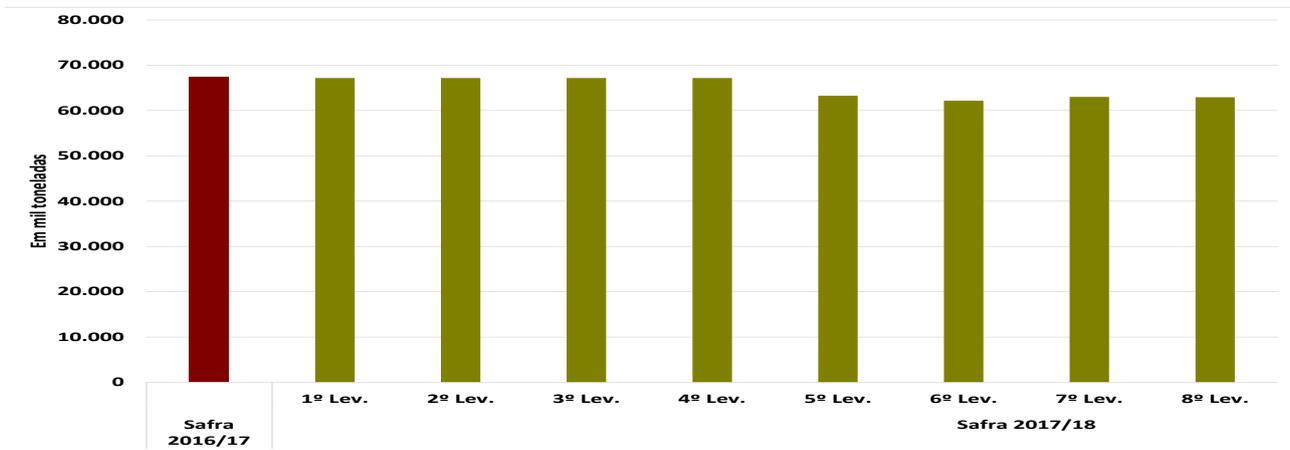
## 5.4. MILHO

Gráfico 5 Comportamento da produção de milho primeira safra no Brasil



Fonte: Conab.

Gráfico 6 - Comportamento da produção de milho segunda safra no Brasil



Fonte: Conab.



## 5.5. SOJA

Gráfico 7 - Comportamento da produção de soja no Brasil

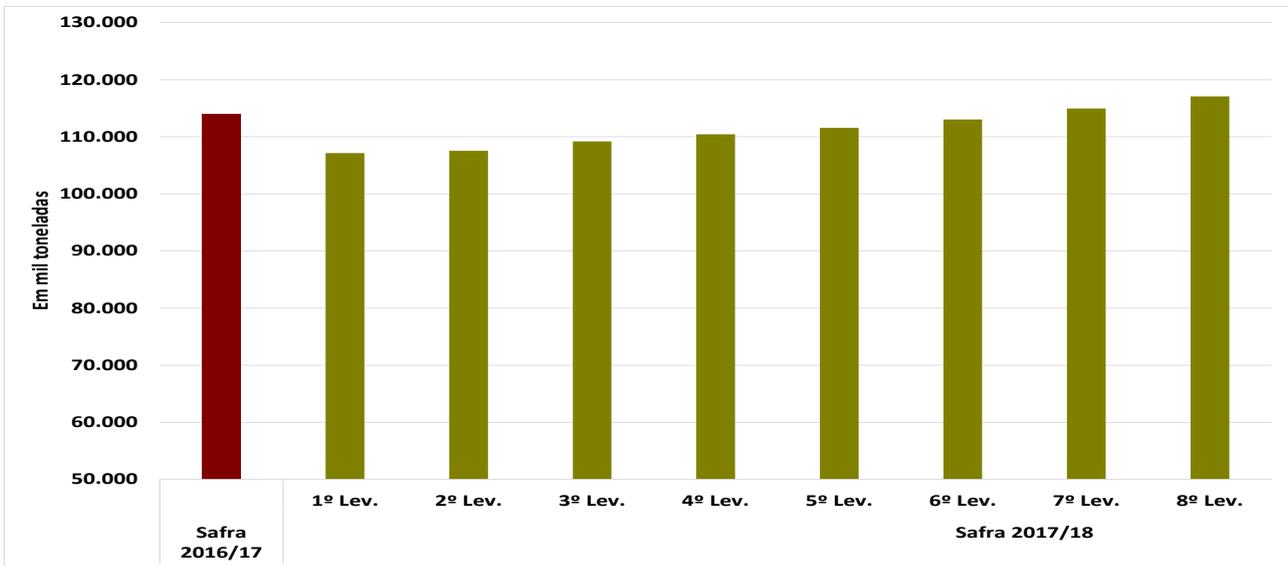


Figura 1 – Mapa da produção agrícola

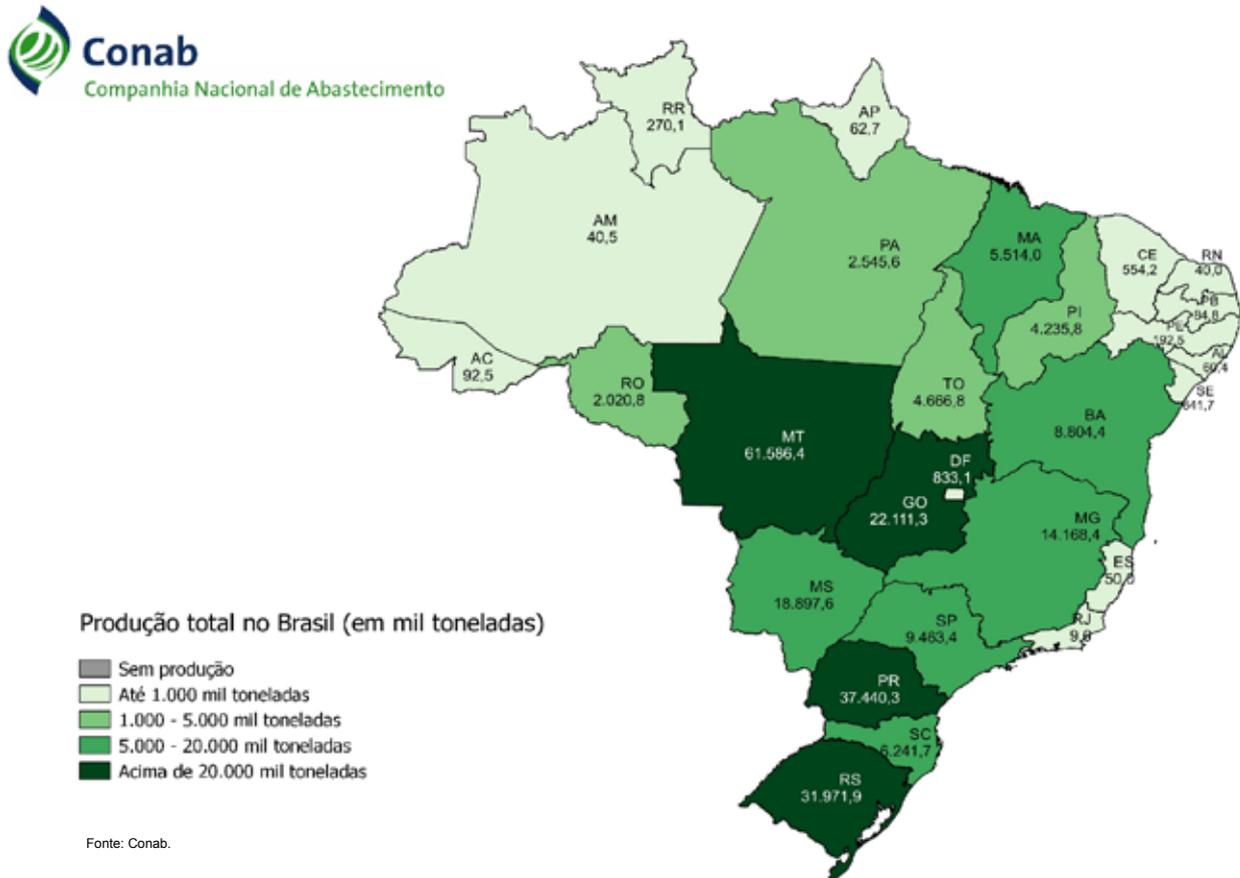


Tabela 1 – Estimativa de produção – Grãos

(Em 1000 t)

CULTURAS DE VERÃO	SAFRAS			VARIÇÃO	
	2016/17 (a)	2017/18		Percentual (c/a)	Absoluta (c-a)
		abr/2018 (b)	mai/2018 (c)		
ALGODÃO - CAROÇO	2.298,3	2.792,7	2.912,0	26,7	613,7
ALGODÃO - PLUMA	1.529,5	1.862,8	1.942,2	27,0	412,7
AMENDOIM TOTAL	466,2	512,9	513,2	10,1	47,0
AMENDOIM 1ª SAFRA	438,8	501,8	501,8	14,4	63,0
AMENDOIM 2ª SAFRA	27,4	11,1	11,4	(58,4)	(16,0)
ARROZ	12.327,8	11.384,7	11.531,8	(6,5)	(796,0)
ARROZ SEQUEIRO	1.230,7	1.192,9	1.233,9	0,3	3,2
ARROZ IRRIGADO	11.097,1	10.191,8	10.297,9	(7,2)	(799,2)
FEIJÃO TOTAL	3.399,5	3.369,5	3.398,1	-	(1,4)
FEIJÃO TOTAL CORES	2.178	2.076	2.102	(3,5)	(76,4)
FEIJÃO TOTAL PRETO	508	497	489	(3,7)	(18,9)
FEIJÃO TOTAL CAUPI	713	797	808	13,2	94,4
FEIJÃO 1ª SAFRA	1.360,6	1.268,9	1.271,0	(6,6)	(89,6)
CORES	850,4	794,1	798,0	(6,2)	(52,4)
PRETO	319,5	300,9	298,7	(6,5)	(20,8)
CAUPI	190,7	174,1	174,3	(8,6)	(16,4)
FEIJÃO 2ª SAFRA	1.200,9	1.288,1	1.323,4	10,2	122,5
CORES	575,8	543,4	572,5	(0,6)	(3,3)
PRETO	180,2	186,4	180,2	-	-
CAUPI	445,0	558,3	570,8	28,3	125,8
FEIJÃO 3ª SAFRA	837,7	812,4	803,8	(4,0)	(33,9)
CORES	752,1	738,2	731,4	(2,8)	(20,7)
PRETO	7,9	9,8	9,8	24,1	1,9
CAUPI	77,6	64,3	62,6	(19,3)	(15,0)
GIRASSOL	103,7	141,1	146,5	41,3	42,8
MAMONA	13,1	19,8	19,3	47,3	6,2
MILHO TOTAL	97.842,8	88.617,6	89.207,6	(8,8)	(8.635,2)
MILHO 1ª SAFRA	30.462,0	25.600,0	26.260,2	(13,8)	(4.201,8)
MILHO 2ª SAFRA	67.380,9	63.017,8	62.947,5	(6,6)	(4.433,4)
SOJA	114.075,3	114.962,0	116.995,9	2,6	2.920,6
SORGO	1.864,8	1.869,8	1.786,6	(4,2)	(78,2)
<b>SUBTOTAL</b>	<b>232.391,5</b>	<b>223.670,1</b>	<b>226.511,0</b>	<b>(2,5)</b>	<b>(5.880,5)</b>
CULTURAS DE INVERNO	SAFRAS			VARIÇÃO	
	2016/17 (a)	2017/18		Percentual (b/a)	Absoluta (b-a)
		abr/2018 (b)	mai/2018 (c)		
AVEIA	633,8	752,0	757,7	19,5	123,9
CANOLA	40,8	60,8	56,8	39,2	16,0
CENTEIO	6,2	6,9	8,3	33,9	2,1
CEVADA	282,1	323,4	336,7	19,4	54,7
TRIGO	4.263,5	4.657,0	4.871,5	14,3	608,0
TRITICALE	53,5	60,3	58,4	9,2	4,9
<b>SUBTOTAL</b>	<b>5.279,9</b>	<b>5.860,4</b>	<b>6.089,4</b>	<b>15,3</b>	<b>809,6</b>
<b>BRASIL</b>	<b>237.671,4</b>	<b>229.530,5</b>	<b>232.600,4</b>	<b>(2,1)</b>	<b>(5.070,9)</b>

Legenda: (1) Produção de caroço de algodão; (2) Exclui a produção de algodão em pluma.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em maio/2018.



Tabela 2 – Comparativo de área, produtividade e produção – Produtos selecionados (\*)

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
<b>NORTE</b>	<b>2.934,9</b>	<b>3.006,1</b>	<b>2,4</b>	<b>3.246</b>	<b>3.226</b>	<b>(0,6)</b>	<b>9.527,5</b>	<b>9.699,0</b>	<b>1,8</b>
RR	54,8	69,1	26,1	4.210	3.909	(7,2)	230,7	270,1	17,1
RO	553,0	572,6	3,5	3.371	3.529	4,7	1.864,0	2.020,8	8,4
AC	46,8	44,2	(5,6)	1.976	2.093	5,9	92,5	92,5	-
AM	19,2	18,8	(2,1)	2.214	2.154	(2,7)	42,5	40,5	(4,7)
AP	23,5	24,7	5,1	2.498	2.538	1,6	58,7	62,7	6,8
PA	861,5	878,8	2,0	3.129	2.897	(7,4)	2.696,0	2.545,6	(5,6)
TO	1.376,1	1.397,9	1,6	3.301	3.338	1,1	4.543,1	4.666,8	2,7
<b>NORDESTE</b>	<b>7.852,4</b>	<b>8.284,2</b>	<b>5,5</b>	<b>2.319</b>	<b>2.430</b>	<b>4,8</b>	<b>18.206,1</b>	<b>20.127,8</b>	<b>10,6</b>
MA	1.565,3	1.707,5	9,1	3.061	3.229	5,5	4.790,7	5.514,0	15,1
PI	1.476,8	1.534,2	3,9	2.469	2.761	11,8	3.645,5	4.235,8	16,2
CE	932,0	958,2	2,8	591	578	(2,1)	550,4	554,2	0,7
RN	67,6	89,3	32,1	426	448	5,1	28,8	40,0	38,9
PB	179,5	223,7	24,6	393	379	(3,5)	70,5	84,8	20,3
PE	344,3	449,7	30,6	329	428	30,1	113,4	192,5	69,8
AL	80,1	80,1	-	790	754	(4,5)	63,3	60,4	(4,6)
SE	193,0	193,0	-	4.468	3.325	(25,6)	862,4	641,7	(25,6)
BA	3.013,8	3.048,5	1,2	2.681	2.888	7,7	8.081,1	8.804,4	9,0
<b>CENTRO-OESTE</b>	<b>24.963,6</b>	<b>25.317,9</b>	<b>1,4</b>	<b>4.144</b>	<b>4.085</b>	<b>(1,4)</b>	<b>103.449,8</b>	<b>103.428,4</b>	<b>-</b>
MT	15.119,1	15.354,7	1,6	4.100	4.011	(2,2)	61.986,5	61.586,4	(0,6)
MS	4.441,3	4.499,9	1,3	4.229	4.200	(0,7)	18.784,2	18.897,6	0,6
GO	5.241,5	5.300,5	1,1	4.173	4.172	-	21.873,1	22.111,3	1,1
DF	161,7	162,8	0,7	4.985	5.117	2,7	806,0	833,1	3,4
<b>SUDESTE</b>	<b>5.486,0</b>	<b>5.516,1</b>	<b>0,5</b>	<b>4.221</b>	<b>4.295</b>	<b>1,8</b>	<b>23.157,8</b>	<b>23.691,4</b>	<b>2,3</b>
MG	3.372,7	3.301,2	(2,1)	4.175	4.292	2,8	14.080,0	14.168,4	0,6
ES	24,0	27,5	14,6	2.058	1.818	(11,7)	49,4	50,0	1,2
RJ	4,8	4,5	(6,3)	1.938	2.133	10,1	9,3	9,6	3,2
SP	2.084,5	2.182,9	4,7	4.327	4.335	0,2	9.019,1	9.463,4	4,9
<b>SUL</b>	<b>19.652,4</b>	<b>19.422,0</b>	<b>(1,2)</b>	<b>4.240</b>	<b>3.895</b>	<b>(8,1)</b>	<b>83.330,2</b>	<b>75.653,8</b>	<b>(9,2)</b>
PR	9.732,7	9.526,2	(2,1)	4.197	3.930	(6,4)	40.851,4	37.440,3	(8,4)
SC	1.312,8	1.268,1	(3,4)	5.303	4.922	(7,2)	6.962,1	6.241,7	(10,3)
RS	8.606,9	8.627,7	0,2	4.127	3.706	(10,2)	35.516,6	31.971,9	(10,0)
<b>NORTE/NORDESTE</b>	<b>10.787,3</b>	<b>11.290,3</b>	<b>4,7</b>	<b>2.571</b>	<b>2.642</b>	<b>2,8</b>	<b>27.733,6</b>	<b>29.826,8</b>	<b>7,5</b>
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>50.102,0</b>	<b>50.256,0</b>	<b>0,3</b>	<b>4.190</b>	<b>4.035</b>	<b>(3,7)</b>	<b>209.937,8</b>	<b>202.773,6</b>	<b>(3,4)</b>
<b>BRASIL</b>	<b>60.889,3</b>	<b>61.546,3</b>	<b>1,1</b>	<b>3.903</b>	<b>3.779</b>	<b>(3,2)</b>	<b>237.671,4</b>	<b>232.600,4</b>	<b>(2,1)</b>

Legenda: (\*) Produtos selecionados: Carvão de algodão, amendoim (1ª e 2ª safras), arroz, aveia, canola, centeio, cevada, feijão (1ª, 2ª e 3ª safras), girassol, mamona, milho (1ª e 2ª safras), soja, sorgo, trigo e triticale.  
 Fonte: Conab.  
 Nota: Estimativa em maio/2018.





## 6. CRÉDITO RURAL

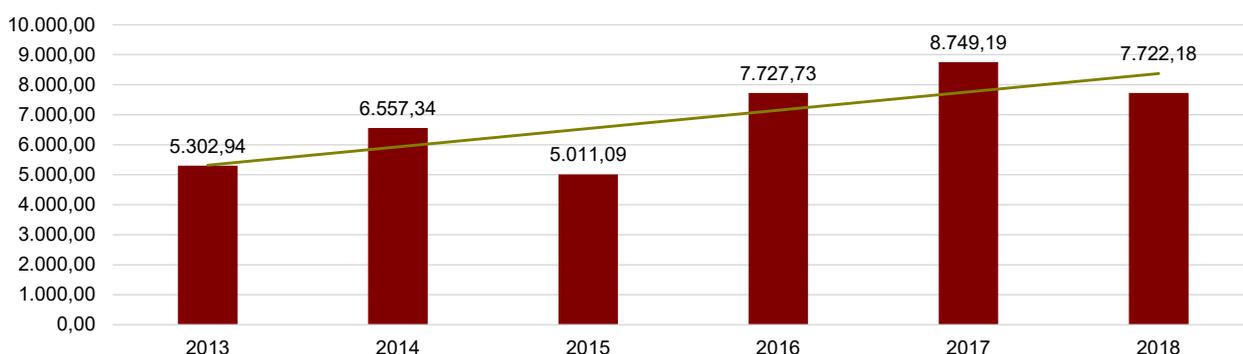
As informações do crédito rural são utilizadas para compreensão e acompanhamento das principais culturas avaliadas pela Companhia. As análises realizadas tomam como base o crédito liberado pelas instituições financeiras, mas tem-se a consciência que outras fontes de crédito são utilizadas pelos produtores rurais. A análise apresentada terá como foco de janeiro a março de 2013 a 2018.

O foco são os dados de custeio que foram obtidos do Sistema de Operações do Crédito Rural e do Proagro (Sicor), do Banco Central do Brasil (Bacen), cujo último acesso foi realizado em 9 de abril de 2018, para o Programa Nacional de Apoio ao Médio Produtor (Pronamp), o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf) e o Financiamento Sem Vínculo a Programa Específico.

### 6.1. ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES DO SICOR E DO BACEN

A utilização do crédito de custeio no acumulado janeiro a março de 2018 tem queda em relação ao mesmo período do ano imediatamente anterior, cerca de 11,7%. No período analisado (2013 a 2018), o montante do crédito de 2018 é inferior ao observado em 2017 e no mesmo patamar de 2016. Para o Financiamento sem Vínculo a Programa Específico o volume foi de R\$ 5,72 bilhões, para o Pronamp o volume observado foi de R\$ 1,25 bilhão e para o Pronaf o total de aporte foi cerca de R\$ 750 milhões.

**Gráfico 1 – Financiamento total – Janeiro a março de 2013 a 2018**

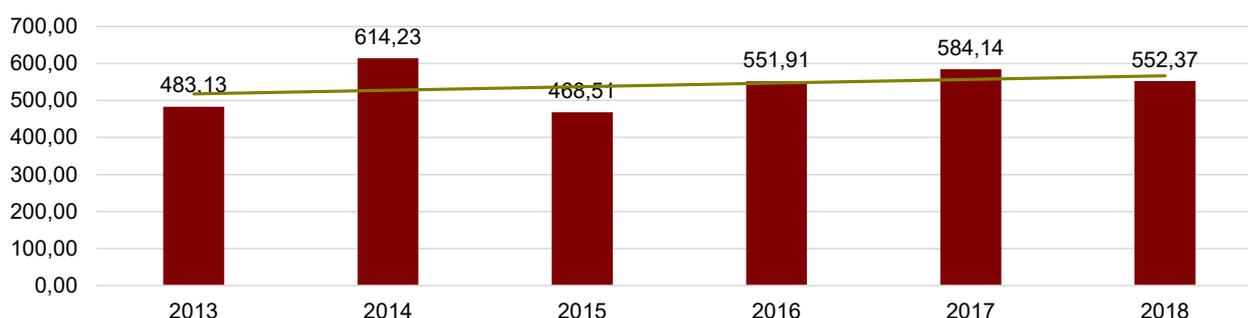


Fonte: Bacen.

Uma outra maneira de visualizar e compreender o aporte do crédito rural no âmbito do custeio está no valor observado em cada região geográfica brasileira. Isso posto, o valor aportado para a Região Centro-Oeste entre janeiro e março de 2018 foi de 3,05 bilhões, para o Nordeste, observa-se R\$ 552 milhões, para o Norte 204 milhões de reais, para o Sudeste o valor foi de 2,18 bilhões e para a região Sul tem-se o

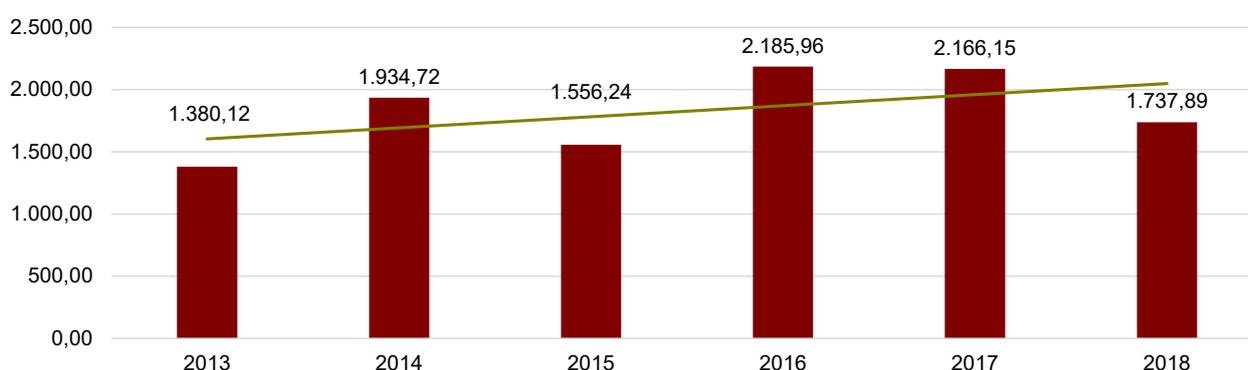
total aportado de 1,7 bilhão. Para todas as regiões foram observados decréscimos percentuais no aporte quando comparado com o mesmo período do ano anterior – 2017 – a menor queda percentual foi de 5,44% no Nordeste e a maior foi de 19,77% para a Região Sul. Os Gráficos 2 e 3 apresentam os valores totais para as regiões de menor e maior queda percentual.

**Gráfico 2 – Nordeste – Valores absolutos - Janeiro a março de 2013 a 2018**



Fonte: Bacen.

**Gráfico 3 – Sul – Valores absolutos - Janeiro a março de 2013 a 2018**



Fonte: Bacen.

As análises seguintes serão particularizadas para os produtos algodão, arroz, feijão, milho e soja, tendo como

fonte, as informações do crédito rural obtidas do Sicor/ Bacen, nos anos de 2013 a 2018.

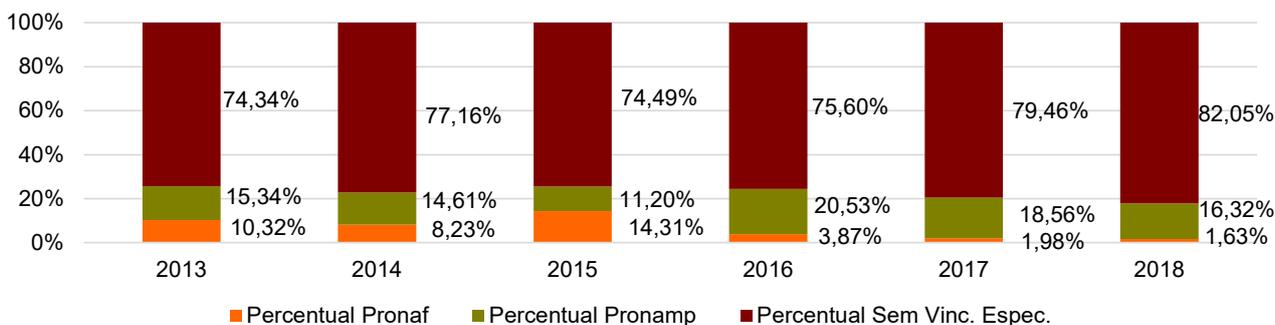


## 6.2. A CULTURA DO ARROZ

As informações constantes do Gráfico 4 apresentam a baixa utilização de crédito pelo Pronaf e do Pronamp, quando comparadas ao aporte observado Financiamento Sem Vínculo à Programa Específico. No período de análise, observa-se incremento constante da

participação do crédito Financiamento Sem Vínculo de Programa Específico. Por outro lado, a participação pelo Pronaf tem contínua diminuição. O Pronamp apresenta comportamento variável, com pico de retomada de crescimento em 2016 e posterior decréscimo.

**Gráfico 4 – Arroz - Tipo de financiamento –Participação por programa - Janeiro a março de 2013 a 2018**

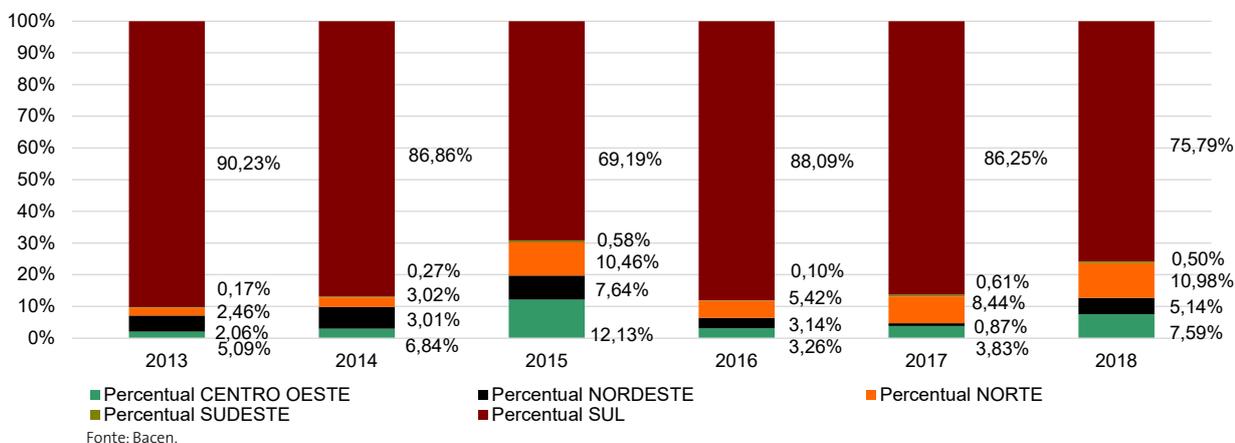


Fonte: Bacen.

Pode-se comentar que a concentração do plantio na Região Sul explica as informações da participação por região (Gráfico 5). É importante destacar a retomada da utilização do crédito para as Regiões Nordeste e

Centro-Oeste em períodos de início de colheita, com crescimentos em relação ao período do ano anterior de 4,66% (1,44 milhão em 2017) e 2,68% (6,34 milhões em 2017) respectivamente.

**Gráfico 5 – Arroz - Participação por região - Janeiro a março de 2013 a 2018**



Fonte: Bacen.

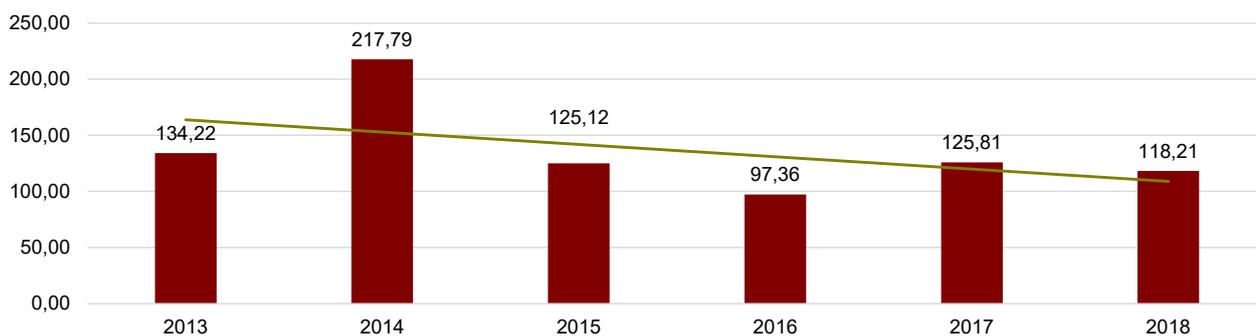
## 6.3. A CULTURA DO ALGODÃO

O plantio do algodão exige alta tecnologia, o que explica a concentração do Financiamento Sem Vínculo à Programa Específico (Gráfico 6). Para o acumulado

entre janeiro a março de 2018, observa-se retração na obtenção de crédito para custeio do algodão (-6,05%).



**Gráfico 6 - Algodão – Aporte total - Janeiro a março de 2013 a 2018**

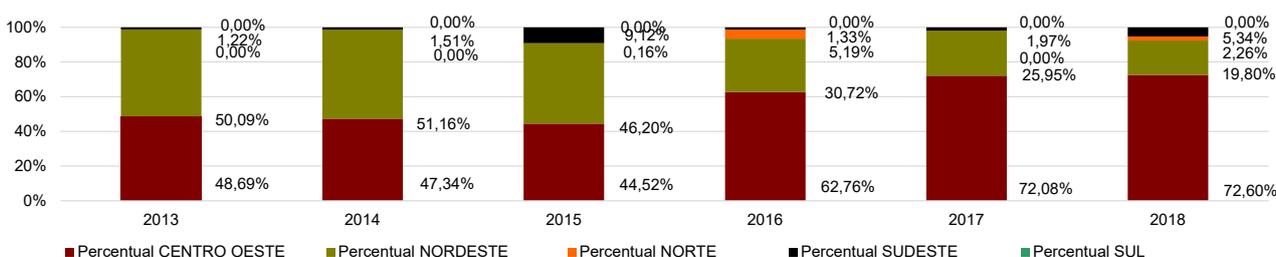


Fonte: Bacen.

As Regiões Centro-Oeste e Nordeste compreendem as Unidades da Federação com maior produção de algodão, o que explica as informações do Gráfico 7. Todavia, verificam-se diminuições na participação das regiões supracitadas, com decréscimos percentuais de 5,37% e 28,31%, respectivamente. Por outro lado, a

Região Sudeste apresenta aumento na participação do aporte total, passando de 2,5 milhões de reais em 2017 para 6,3 milhões em 2018. Essa majoração no aporte da referida região pode ser explicada pelo aumento na área da referida região (67,4%).

**Gráfico 7 – Algodão – Participação por região - Janeiro a março de 2013 a 2018**



Fonte: Bacen.

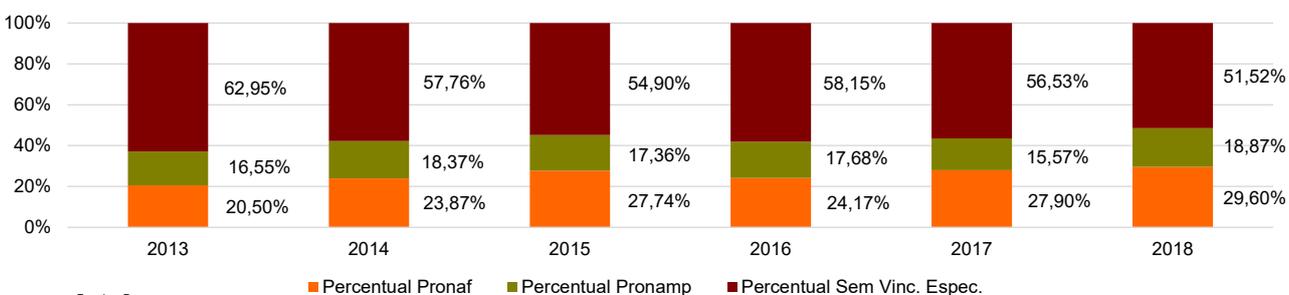
## 6.4. A CULTURA DO FEIJÃO

Para a cultura do feijão, observam-se os seguintes valores para o aporte em cada tipo de programa: para o aporte Sem Vínculo a Programa Específico o valor foi de R\$ 77 milhões, para o Pronamp o valor encontrado foi de 28,20 milhões, por fim, para o Pronaf o montante foi de R\$ 44,25. Esses valores correspondem, respec-

tivamente, quando comparados ao mesmo período de 2017 aos seguintes percentuais: -14,55%; 13,67% e -0,51%.

O Gráfico 8 apresenta a participação de cada programa no total do aporte para os anos de 2013 a 2018.

**Gráfico 8 - Feijão – Participação de programa - Janeiro a março de 2013 a 2018**



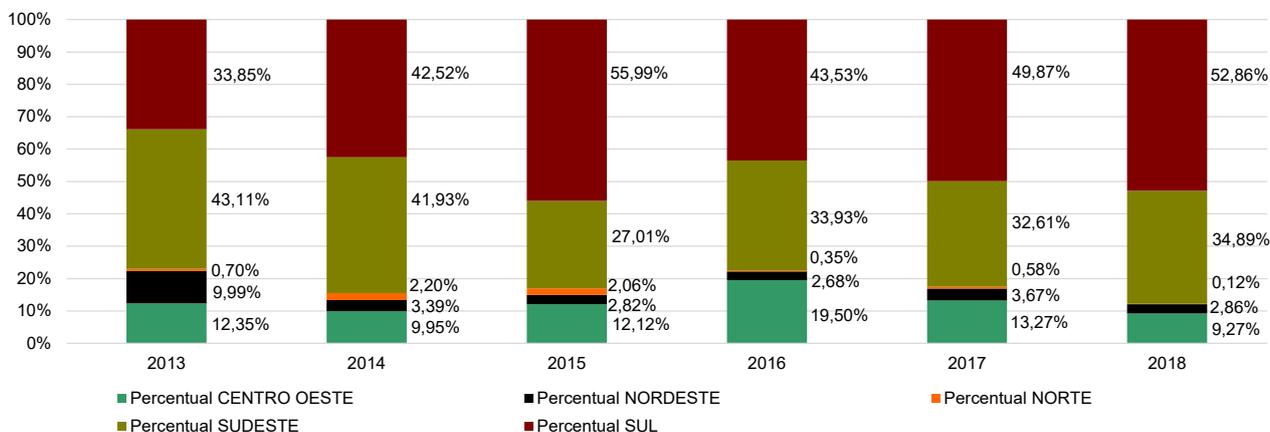
Fonte: Bacen.



Para a Região Sul o valor do aporte foi de 79 milhões em 2018, esse valor pode ser compreendido como uma manutenção do valor buscado, na mesma região, para o ano de 2017 (R\$ 79,5 milhões). As maiores regiões

produtoras são Região Sul, Sudeste e o Centro-Oeste, isso posto, as informações constantes do Gráfico 9 são compatíveis com as principais regiões produtoras.

**Gráfico 9 – Feijão - Participação por região - Janeiro a março de 2013 a 2018**



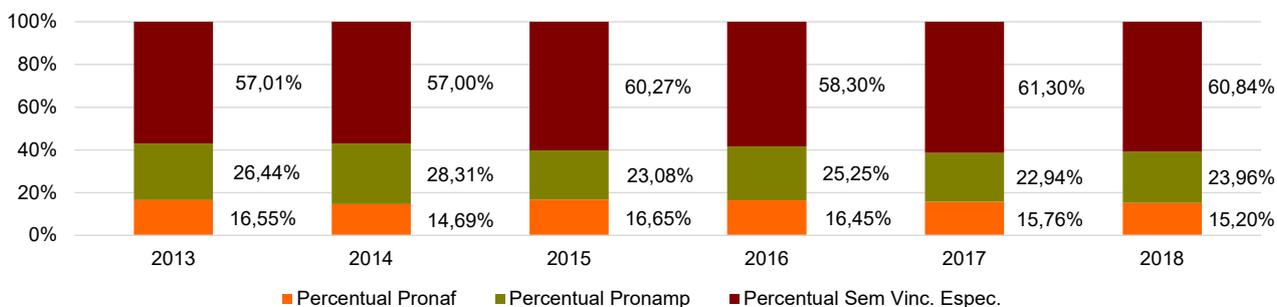
Fonte: Bacen.

## 6.5. A CULTURA DO MILHO

No acumulado entre Janeiro e março de 2018, o total nacional aportado para a cultura de milho foi de R\$ 1,7 bilhões, esse valor é cerca de 12% menor ao observado no mesmo período de 2017. Todavia, a distribuição da

participação de cada um dos programas de custeio federal manteve-se estável no período em análise (Gráfico 10).

**Gráfico 10 – Milho - Participação de programa - Janeiro a março de 2013 a 2018**



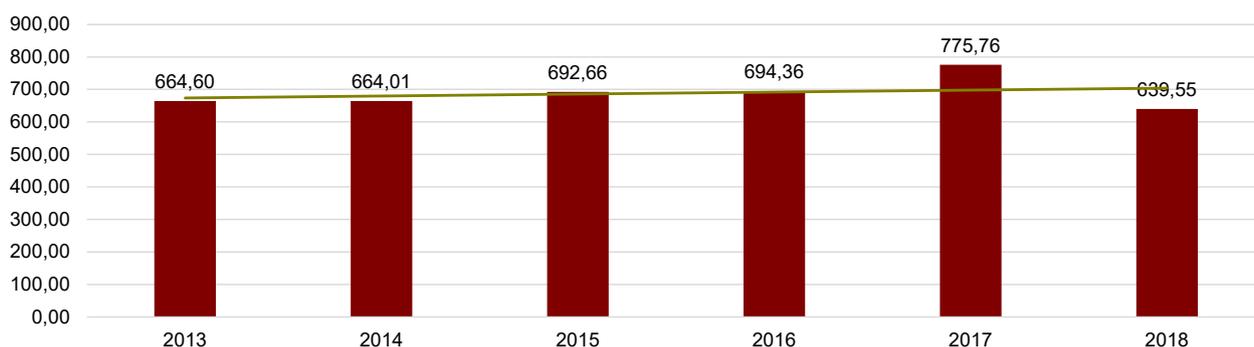
Fonte: Bacen.

Dada à queda apresentada no valor total para o país no parágrafo anterior, ressalta-se a diminuição relativa no aporte em todas as regiões brasileiras. Observa-se um decréscimo médio de 18,45% entre as regiões. A maior região produtora de milho é a Região

Centro-Oeste, para essa, a diminuição no valor aportado foi de R\$ 136 milhões (-17,56%). O Gráfico 11 representa os valores totais para essa região, de 2013 a 2018 (janeiro a março).



**Gráfico 11 – Milho – Aporte total – Centro-Oeste - Janeiro a março de 2013 a 2018**



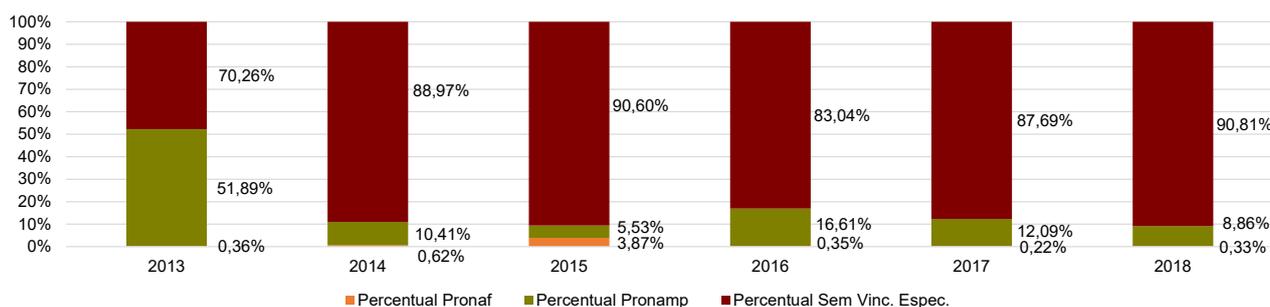
Fonte: Bacen.

## 6.6. A CULTURA DA SOJA

O valor aportado entre janeiro a março de 2018 foi de R\$ 2,9 bilhões. A distribuição das participações de cada programa de crédito manteve a tendência de aumento para o aporte Sem Vínculo a Programa Especí-

fico (Gráfico 12).

**Gráfico 12 – Soja - Participação de programa - Janeiro a março de 2013 a 2018**

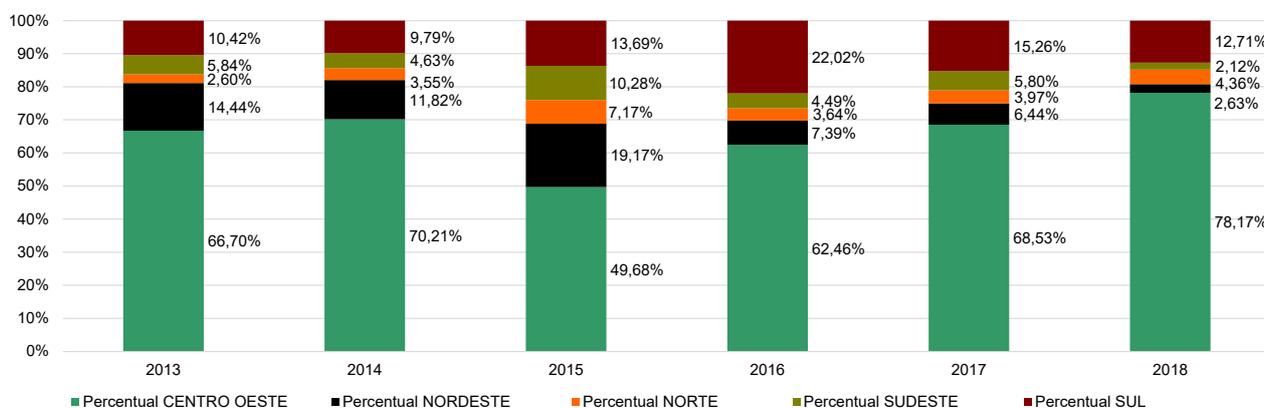


Fonte: bacen.

No escopo das regiões brasileiras, observa-se a manutenção da Região Centro-Oeste como maior detentora do crédito disponibilizado para o cultivo da oleagi-

nosa. A região supracitada corresponde a mais do que 75% do valor total disponibilizado. O Gráfico 13 representa graficamente a superioridade dessa região.

**Gráfico 13 – Soja – Participação por região – Janeiro a março de 2013 a 2018**



Fonte: Bacen.





## 7. ANÁLISE CLIMÁTICA<sup>1</sup> - INMET

### 7.1. ANÁLISE CLIMÁTICA DE ABRIL

Os significativos volumes de chuvas no mês de abril contribuíram para um balanço bastante positivo do último trimestre na maior parte do semiárido nordestino e na região do Matopiba (sul do Maranhão, Tocantins, sul do Piauí e oeste da Bahia), favorecendo a recuperação e a manutenção hídrica do solo e a recarga de açudes, e, de maneira geral a atividade agropecuária nessas regiões. Os maiores acumulados de chuva ocorreram principalmente na metade norte da Região Nordeste, com totais entre 150 e 400 mm (Figura 1), o que corresponde a valores dentro da faixa normal ou acima, dependendo da localidade. Contudo, o mês de abril também registrou baixo volume de chuvas especialmente no Estado da Bahia, como totais entre 10 e 90 mm, resultando em acumulados abaixo da média do período, como em Irecê-BA, cujo o total registrado na estação meteorológica do Inmet (6 mm) foi de apenas 10% da sua média histórica.

No Matopiba, o fim do período chuvoso ficou dentro da faixa normal em praticamente toda a região, com totais predominantemente entre 80 e 250 mm; com destaque para o Estado do Tocantins, onde foram registrados totais acima de 250 mm em Porto Nacional (330 mm) e Pedro Afonso (300 mm). Na mesorregião Oeste da Bahia e no sul do Piauí, os volumes foram os mais modestos do Matopiba, ainda assim, próximos às características médias do mês de abril.

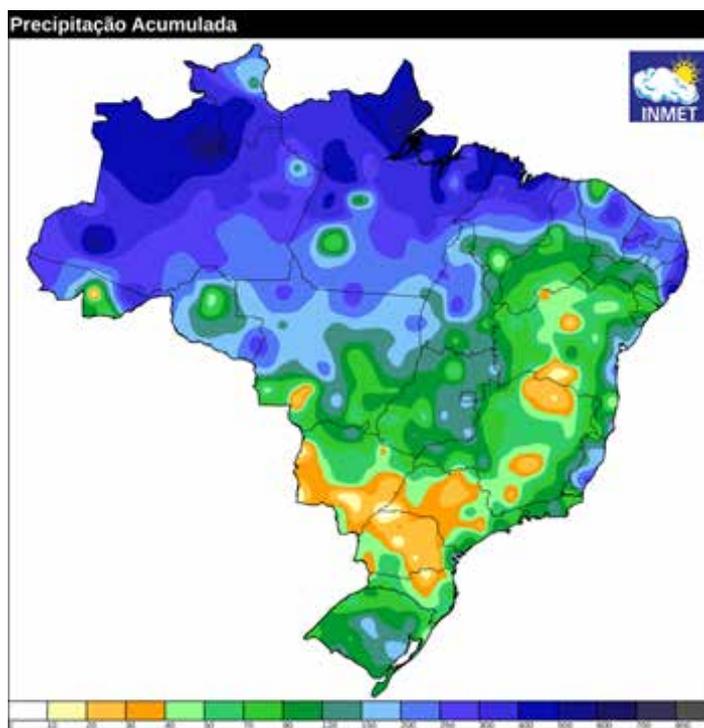
<sup>1</sup> Mozar de Araújo Salvador – Meteorologista do Inmet-Brasília.

As regiões Centro-Oeste e Sudeste apresentaram em abril acentuada irregularidade na distribuição espacial da precipitação – inclusive com ocorrência de veranicos –, resultando em áreas com totais acima e abaixo da média. Na Região Centro-Oeste, as chuvas foram mais intensas nos estados do Mato Grosso, Goiás e no Distrito Federal, com volumes predominantemente na faixa entre 100 e 250 mm (Figura 1), enquanto que, no Mato Grosso do Sul, as chuvas na faixa entre 20 e 70 mm ficaram abaixo da média na maioria das localidades daquele estado. Na Região Sudeste, os maiores volumes se concentraram nos estados do Rio de Janeiro, Espírito Santo e em algumas

áreas de Minas Gerais, como no Triângulo Mineiro. Nas demais áreas da região predominou a escassez de chuvas, principalmente no estado de São Paulo.

Na Região Sul, as chuvas foram muito irregulares na sua distribuição espacial (Figura 1). No Paraná e em Santa Catarina, o déficit de chuvas foi mais crítico, pois os volumes ficaram entre 10 e 70 mm, apenas. No Rio Grande do Sul, os maiores volumes se concentraram nas mesorregiões Metropolitana, Centro Oriental e Sudeste Rio Grandense, com totais entre 80 e 250 mm.

**Figura 1 - Acumulado da precipitação pluviométrica em março de 2018 no Brasil**



Fonte: Inmet.

## 7.2. CONDIÇÕES OCEÂNICAS RECENTES E TENDÊNCIA

O mapa de anomalias da temperatura na superfície do mar (TSM) da segunda metade de abril (Figura 2) mostra que área com anomalias negativas no Pacífico Equatorial diminuiu em extensão e intensidade na segunda quinzena do mês.

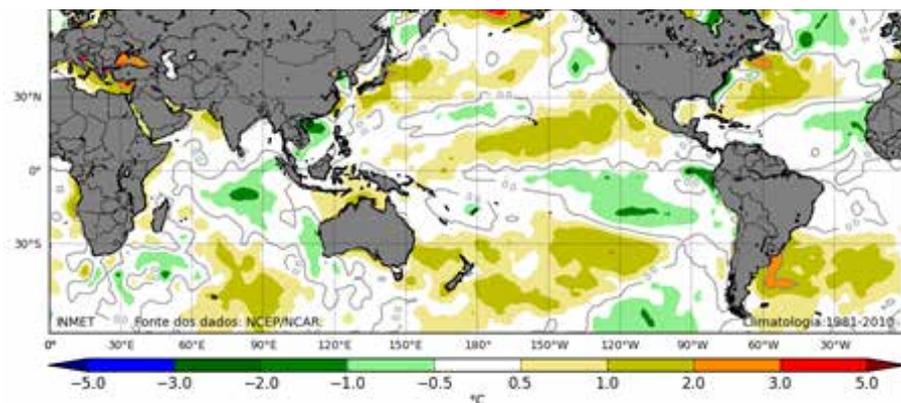
Durante quase todo o mês de abril e início de maio, o Pacífico Equatorial na área 3.4 (entre 170°W-120°W)

manteve-se com um padrão médio dentro da normalidade, como mostra o gráfico de índice diário de El Niño/La Niña até o dia 04 de maio (Gráfico 1).

Para se considerar a atuação de um La Niña, o índice tem que persistir com valor negativo de pelo menos meio grau por alguns meses seguidos. A faixa de neutralidade está entre +0,5 e -0,5°C.



**Figura 2 - Mapa de anomalias da TSM no período 16 a 31 de março/2018**



Fonte: Inmet.

A configuração do Oceano Atlântico Tropical, com águas mais frias ao norte da linha do equador e dentro da normalidade ao sul, permitiu a manutenção da ZCIT (Zona de Convergência Intertropical) mais próxima ao continente, favorecendo a ocorrência de precipitação no norte das regiões Norte e Nordeste. No

sudoeste do Atlântico Sul, entre o litoral norte da Argentina o Rio Grande do Sul, a elevação e a manutenção de anomalias positivas na TSM gerou condições favoráveis ao aumento da precipitação no Rio Grande do Sul, em virtude de um fluxo potencialmente maior de umidade do oceano em direção ao continente.

**Gráfico 1 - Monitoramento do índice diário de El Niño/La Niña 3.4**



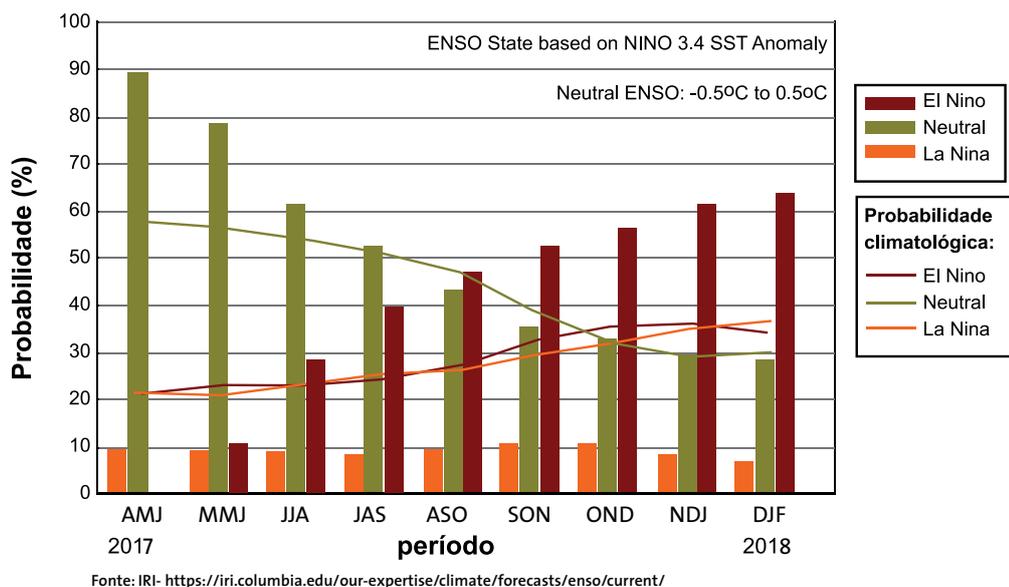
Fonte: <https://www.tropicaltidbits.com/analysis/>.

A média dos modelos de previsão de El Niño/La Niña do IRI (Research Institute for Climate and Society) apresenta uma maior probabilidade de continuidade do processo de enfraquecimento do La Niña com gradativa substituição por uma fase de neutralidade

no Pacífico Equatorial durante os próximos meses (Gráfico 2). Com base nas saídas dos modelos e nas condições térmicas observadas no Oceano Pacífico, a fase de neutralidade poderá se estabelecer durante o inverno no hemisfério sul.



Gráfico 2 - Previsão probabilística do IRI para ocorrência de El Niño ou La Niña



### 7.3. PROGNÓSTICO CLIMÁTICO PARA O BRASIL – PERÍODO MAIO-JUNHO-JULHO/2018

Os modelos de previsão climática indicam para a Região Sul maior probabilidade de que as chuvas fiquem dentro da faixa normal ou abaixo na maioria das localidades (Figura 3). O início de maio poderá apresentar baixa pluviometria em quase toda a Região, principalmente no Paraná e em Santa Catarina.

As regiões Centro-Oeste e Sudeste entram no período seco climatológico a partir de maio, e o modelo do Inmet reforça a condição de baixa (ou nenhuma) precipitação, indicando maior probabilidade dentro da faixa normal ou abaixo em quase a totalidade das duas regiões.

Na região do Matopiba, o prognóstico climático indica maior probabilidade de chuvas dentro ou acima da

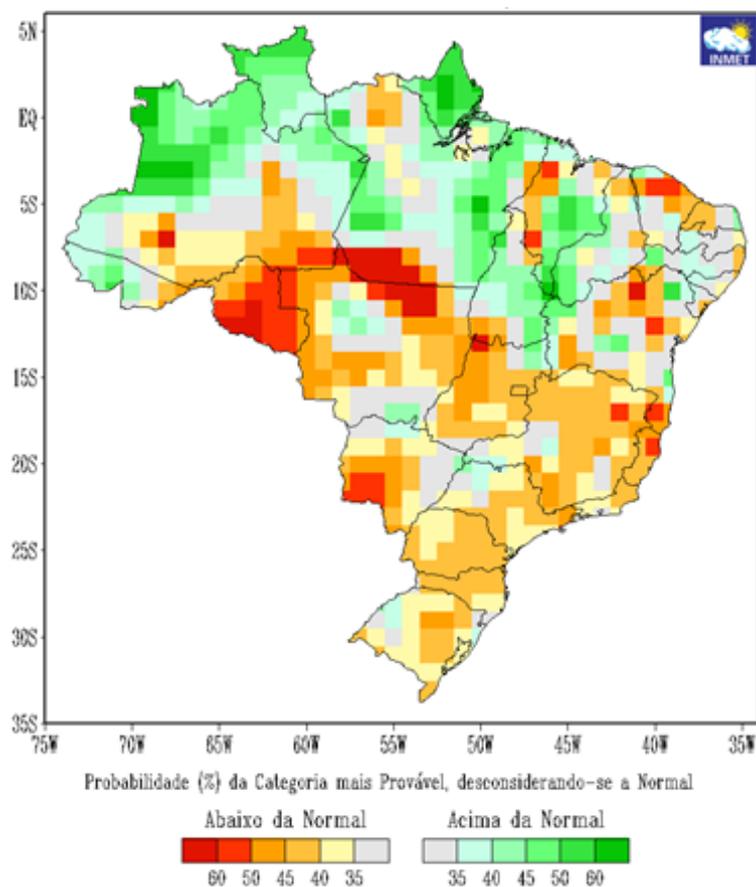
faixa normal do trimestre na maior parte da região. Contudo, do mesmo modo que no Centro-Oeste, o trimestre maio-junho-julho no Matopiba é caracterizado por ser tipicamente seco e essa previsão deve ser entendida apenas como a chance de ocorrência localizada de chuvas, mas sem se afastar da sua baixa média histórica de precipitação.

No Nordeste, incluindo o semiárido, a probabilidade maior é de que os volumes acumulados fiquem dentro da faixa normal ou abaixo em praticamente toda a região, segundo o modelo estatístico do Inmet (Figura 3).

Mais detalhes sobre prognóstico e monitoramento climático podem ser vistos na opção CLIMA do menu principal do sítio do Inmet ([www.inmet.gov.br](http://www.inmet.gov.br)).



Figura 3 - Previsão probabilística de precipitação do modelo estatístico do Inmet para o trimestre maio, junho e julho/2018



Fonte: Inmet.

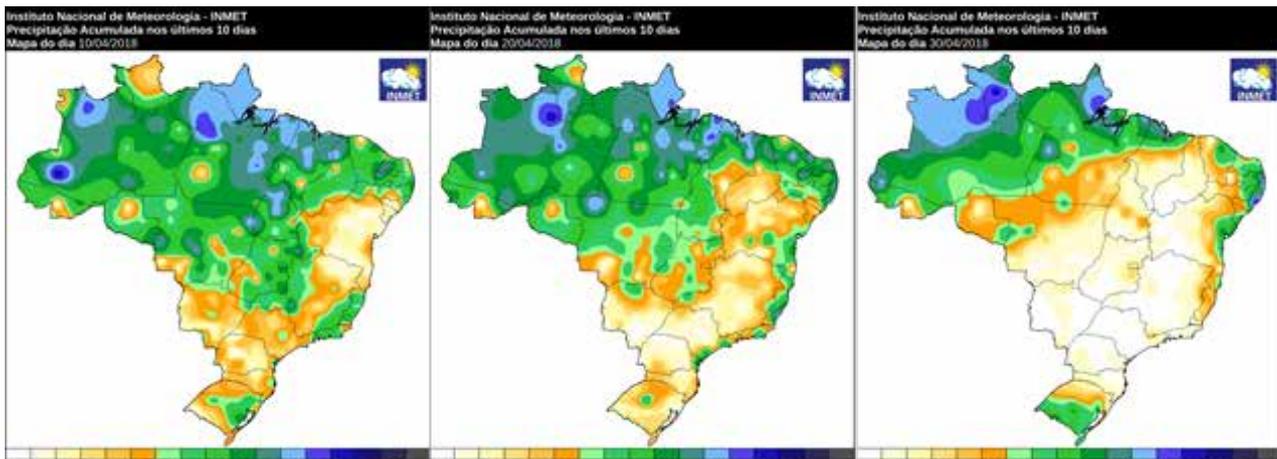




## 8. ANÁLISE DAS CULTURAS

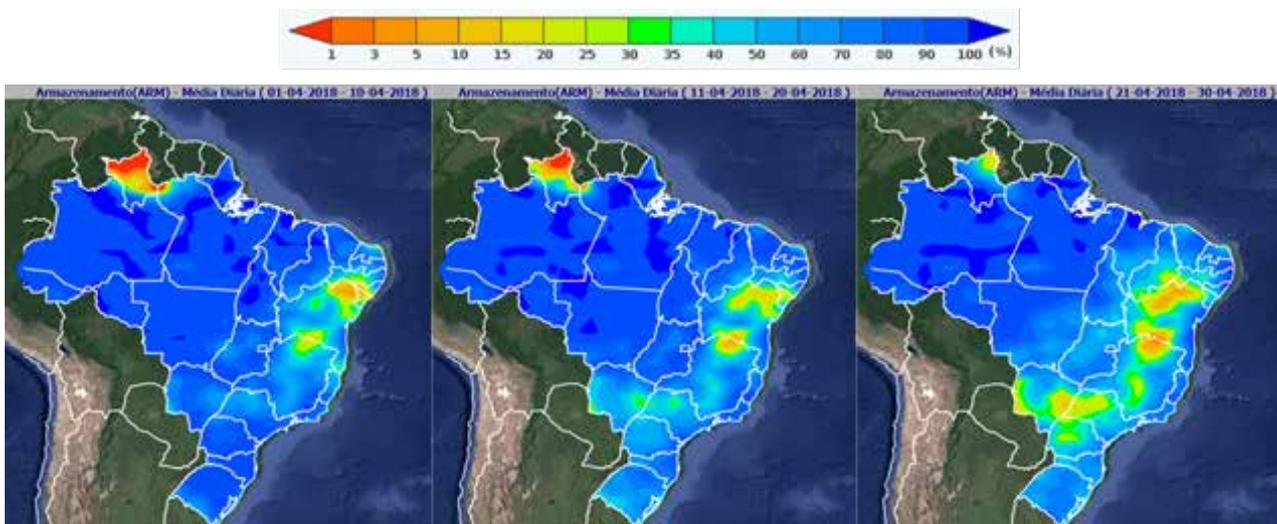
### 8.1 CONDIÇÕES CLIMÁTICAS

Figura 1 – Precipitação acumulada decenal em abril de 2018



Fonte: Inmet.

Figura 2 – Armazenamento hídrico decenal em abril de 2018



Fonte: Inmet./Sisdagro

## 8.1.1. REGIÃO NORTE

### 8.1.1.1. AMAZONAS

De acordo com o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais/CPTEC - Centro de Previsão de Tempo e Estudos Climáticos, para a Região Norte, a previsão por consenso para o trimestre abril-maio-junho de 2018 indica maior probabilidade de as chuvas ocorrerem na categoria acima da faixa normal. Essa mesma previsão foi observada no trimestre anterior, entretanto, tivemos chuvas dentro da normalidade.

As características relacionadas ao plantio em ecossistemas de várzea e terra firme, para a região Amazônica, torna necessário o monitoramento hidrológico das diversas calhas dos rios que compõe o nosso estado. Conforme o último boletim (Boletim N.º. 12 de 23 de

março de 2018), as cotas dos rios das calhas estão em seu período de vazante ou em cheia moderada, dentro da normalidade sem qualquer evento crítico.

Bacia do Purus – Os rios da bacia do rio Purus e do rio Acre, que se encontravam em processo delicado de enchente, tiveram seus níveis reduzidos nas últimas semanas.

Bacia do Negro – As estações do alto e médio rio Negro têm apresentado níveis expressivamente baixos para o período nos últimos dias. Em São Gabriel da Cachoeira, o nível do rio se encontra apenas 0,52m acima da mínima, cota observada na série histórica (de 3,30 m, ocorri-

da em 1982). No Porto de Manaus, o rio que se encontra em período de enchente, ficou estável nos últimos dias, chegando a apresentar uma redução no seu nível. Essa pequena oscilação pode ocorrer nessa época do ano na estação, sem indicar, no entanto, o fim do período de cheias.

Bacia do Solimões – No alto e médio Solimões, as estações de monitoramento têm apresentado níveis baixos para o período. A estação de Tabatinga que vinha apresentando níveis expressivamente baixos para o período voltou a subir nas últimas semanas. Na estação de Itapeuá o nível do rio, que se encontra em processo de en-

### 8.1.1.2. TOCANTINS

As condições climáticas para esta safra estão sendo consideradas muito boas para as lavouras de sequeiro. Houve atraso nas chuvas no início do plantio e houve má distribuição até a primeira quinzena de novembro. Mas a partir da segunda quinzena de novembro as chuvas regularizaram e o plantio foi acelerado em praticamente todo o estado. Em dezembro, as chuvas continuaram bastante regulares e o plantio foi concluído sem grandes interrupções por falta de umidade no solo.

Para janeiro as condições climáticas gerais continuaram boas, apesar de registrar um veranico em praticamente todo o estado. Alguns municípios da região sudeste do estado registraram até dez dias sem chuvas em algumas lavouras.

Em fevereiro foram registradas chuvas acima da média histórica para o período. Até para a região sudeste do

## 8.1.2. REGIÃO NORDESTE

### 8.1.2.1. MARANHÃO

O período chuvoso iniciado na região sul do Maranhão, durante a segunda quinzena de novembro de 2017, estendeu-se até março, com destaque para os volumes consideráveis de chuvas observados nesse período que frequentemente estiveram acima da média climatológica dos últimos cinco anos, em praticamente toda a regiões pesquisadas, o que limitou e, de certa forma, retardou a colheita da soja em algumas unidades produtivas nessa região.

No Norte, mais especificamente na região do município de Chapadinha e seu entorno, que compreende os mu-

chente, chegou a descer nos últimos dias. No entanto, esse ainda provavelmente não seja o fim do processo de enchente, com a probabilidade de que o rio volte a subir nas próximas semanas.

Bacia do Amazonas – No rio Amazonas, as estações de Careiro e Parintins estão em processo regular de enchente.

Bacia do Madeira – Em Humaitá, o rio Madeira segue em processo de enchente com níveis altos para o período. Nas últimas semanas, no entanto, o nível do rio na estação se tornou estável.

estado, considerada historicamente como a possuidora das piores médias pluviométricas, foram registrados volumes superiores a 400 mm.

Para março as condições pluviométricas também foram bastante favoráveis, registrando-se ocorrência de chuvas regulares. Houve pequeno prejuízo em relação à colheita da soja e em termos de qualidade de grãos colhidos, mas sendo casos pontuais. Já para o milho, as chuvas foram bastante benéficas, já que possibilitou o alongamento da janela de plantio.

Para abril, durante a primeira quinzena, as chuvas continuaram regulares e em volumes suficientes para manutenção do bom desenvolvimento das lavouras de segunda safra. A partir da segunda quinzena de abril houve redução considerável nos volumes precipitados.

nicipios da Região do Baixo Parnaíba Maranhense, os dados pluviométricos confirmaram a existência de um forte veranico em março, evidenciado no levantamento anterior, onde se verificou uma precipitação de apenas 48,8 mm, bem abaixo da média climatológica de 173,3 mm, segundo dados do Inmet.

Nas demais regiões pesquisadas o clima se comportou de maneira favorável, sobretudo o acumulado de chuvas durante o período, favorecendo o estabelecimento, o desenvolvimento e a colheita das principais lavouras cultivadas.



### 8.1.2.2. PIAUÍ

As chuvas têm sido bem distribuídas e estão sendo satisfatórias para o bom desenvolvimento das lavouras nos municípios da região sul do estado, que abrangem parte da mesorregião sudoeste, e nas áreas de plantio da agricultura empresarial (Cerrado), apesar de ter ocorrido um pequeno atraso no início delas. O acumulado de chuva até a semana do levantamento estava em média 1.000 mm em Uruçuí, 1.037 mm em Baixa Grande do Ribeiro, 1.250 mm em Santa Filomena e 1.089 em Bom Jesus. As últimas chuvas na região ocorreram no dia 13 de abril.

### 8.1.2.3. RIO GRANDE DO NORTE

As chuvas, ocorridas em janeiro e final de fevereiro de 2018, confirmaram as previsões meteorológicas que indicavam chuvas de normal a acima do normal para março, abril e maio de 2018. Tal fato gerou otimismo entre os produtores rurais e culminou no início de parte do plantio da safra 2018, especialmente nas regiões oeste e central, onde o período chuvoso teve início em janeiro (estação pré chuvosa) e se prolongou até abril. Em março houve um período de estiagem (veranico)

### 8.1.2.4. PARAÍBA

Em janeiro ocorreram precipitações em alguns municípios do estado, suficientes para o início do plantio das culturas. As reservas totais de água do estado tiveram um ganho significativo e estão hoje no patamar de

### 8.1.2.5. PERNAMBUCO

Fevereiro foi caracterizado por chuvas acima da média climatológica em praticamente toda a mesorregião do Sertão Pernambucano, bem como, também, foi caracterizado por intenso preparo de solo e plantio de lavouras em toda aquela mesorregião, por outro lado. Em março as chuvas foram frequentes até a sua primeira semana e, a partir de então, começaram a ocorrer de forma esporádica e com baixa intensidade. A exceção do sertão do Pajeú, o acumulado das chuvas ficou abaixo da média normal, principalmente, nas microrregiões do ser-

### 8.1.2.6. ALAGOAS

As condições climáticas no estado apresentaram reação em abril após longos períodos sem precipitação pluviométrica. De janeiro a março houve um período de estiagem e altas temperaturas, pouco favorável ao plantio e desenvolvimento das culturas plantadas nas cidades do Sertão de Alagoas. Em abril as chuvas iniciaram e se espera maiores volumes de precipitação no início de maio nessa região.

Na região do semiárido as chuvas começaram a normalizar a partir de fevereiro, visto que em dezembro e janeiro as chuvas foram bastante irregulares na região. Nessa região, após seis anos seguidos de seca, as chuvas voltaram e estão sendo suficientes para melhorar as condições do solo e contribuir para o escoamento dos rios.

Já na região Norte o período chuvoso iniciou em janeiro e se encontra com chuvas regulares, favorecendo o desenvolvimento das culturas.

que durou em torno de 20 dias e chegou a afetar parte do plantio, já realizado. Segundo à Empresa de Pesquisa Agropecuária do Rio Grande do Norte (EMPARN), o veranico foi causado por uma variação intrasazonal, que dificultava a formação de chuvas, mas logo voltou à normalidade, com a ocorrência de chuvas em toda o estado. Em abril as chuvas foram abundantes em todo o estado.

26,3%, mas ainda se observa um grande número dos açudes públicos com baixa reserva hídrica. As únicas localidades que possuem fornecimento regular de água são na mesorregião da Mata Paraibana.

tão de Itaparica e sertão central, onde as lavouras tiveram o desenvolvimento e florescimento prejudicados. Em abril as precipitações pluviométricas foram mais frequentes e com maior intensidade na maior parte da mesorregião do Sertão. Esse último mês, embora tenha favorecido as lavouras de milho, particularmente, não reverteram o prognóstico apontado na avaliação anterior para a cultura do feijão, dado que tiveram o seu florescimento prejudicado, as quais, atualmente, encontram-se nos estádios de maturação e colheita.

De acordo com dados do Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet), em março e abril, o município de Palmeira dos Índios (Agreste) apresentou 82,6 mm e o município de Pão de Açúcar (Sertão) obteve uma precipitação pluviométrica de 39,2 mm. Os índices pluviométricos para abril foram considerados elevados e há expectativa que se mantenham intensos até o final do inverno de 2018.



Quanto ao estágio da cultura ainda não foi realizado o plantio de diversas culturas, pois os agricultores estão

### 8.1.2.7. BAHIA

O ano agrícola 2017/18 teve a semeadura iniciada com a chegada das chuvas em novembro de 2017. No extremo oeste as chuvas foram bem distribuídas, não sendo observados veranicos e nem excessos de chuvas. Os principais grãos cultivados tiveram condições ideais de umidade do solo para o desenvolvimento. No momento da colheita, a partir de março, as chuvas provocaram atrasos no desenvolvimento das operações, onerando o custo da colheita, com a necessidade de utilização de secadores para os grãos de soja. Não houve relatos de comprometimento da qualidade dos grãos colhidos.

## 8.1.3. REGIÃO CENTRO-OESTE

### 8.1.3.1. MATO GROSSO

Abril foi marcado pela continuidade do bom regime de chuvas em âmbito estadual, ainda que se observe redução do volume neste mês, condizente com a média histórica do período. Chuvas regulares e generalizadas

### 8.1.3.2. MATO GROSSO DO SUL

A partir do início da estação climática do outono as temperaturas noturnas começaram a reduzir no estado, apesar de durante o dia serem comuns temperaturas acima de 30°C. As precipitações tiveram uma redução expressiva a partir de abril.

Em meados de abril ocorreram precipitações no estado, porém foram espacialmente irregulares. A falta de

### 8.3.3. GOIÁS

As chuvas em abril se tornaram mais esparsas ainda em relação a março. O clima se tornou favorável para a colheita do restante das áreas de soja, principalmente no oeste goiano.

As análises agora são direcionadas mais especificamente para as condições climáticas e seus impactos nas culturas de segunda safra, sobretudo o milho. Grande parte das lavouras estão na fase reprodutiva

### 8.3.4. DISTRITO FEDERAL

A chuva em abril no Distrito Federal ficou muito próxima da média normal para o mês. Pela medição do Inmet choveu 123,8 mm, apenas 7% abaixo da média normal de chuva para o período, que é de 133,4 mm. O mês ainda foi caracterizado pelo ar úmido e quente, o que facilitou a formação de nuvens carregadas, provocando

no processo de manejo do solo, como há expectativa de chuva, espera-se um bom rendimento da colheita.

No centro norte e centro sul foram registrados veranicos em janeiro e fevereiro, comprometendo o bom desempenho das lavouras de feijão cores e milho, reduzindo assim os rendimentos esperados. As demais culturas como o sorgo, feijão caupi e mamona sofreram menos com a restrição hídrica, provocando pouco impacto na produtividade esperada.

Na região nordeste do estado, as chuvas iniciaram em meados de abril e há relatos do início do cultivo de feijão e milho.

sobre as principais regiões produtoras de Mato Grosso têm beneficiado a produtividade das principais culturas. Nos últimos 90 dias, o acumulado de precipitações no médio-norte do estado supera 800 mm.

chuva já impacta o desenvolvimento das culturas plantadas, de milho segunda safra, feijão, sorgo e girassol, reduzindo o seu potencial produtivo, além de atrasar o plantio das culturas de inverno, trigo e aveia. O milho é a principal cultura plantada na segunda safra no estado e nas regiões onde não houve chuvas em abril, a cultura já apresenta estresse hídrico.

(pré-pendoamento e pendoamento). Apesar da redução das chuvas, o que é normal para essa época do ano, as condições das lavouras aparentam bom aspecto, garantido pela armazenagem de água presente no solo. A disponibilidade de água no solo disponível em 2018 é superior ao mesmo período do ano passado. Em Cristalina, observa-se também maior disponibilidade de água no solo na fase de pré-pendoamento e pendoamento do milho segunda safra.

altas precipitações.

Segundo o Inmet, em março de 2018 choveu aproximadamente 241,0 mm, 14% acima da média. Em fevereiro choveu 272 mm, 49% acima do normal. A intensidade das chuvas vem ajudando os reservatórios a recuperar



o volume de água perdidos com a crise hídrica. Ressalta-se que em maio inicia o período seco da região, o que

favorece a maturação e colheita de algumas culturas.

#### **8.1.4. REGIÃO SUDESTE**

##### **8.1.4.1. MINAS GERAIS**

O baixo volume e a má distribuição das chuvas em outubro concorreram para o atraso do plantio da safra de verão e para a ocorrência de perdas pontuais, decorrentes de estiagem no período pós-plantio. A regularidade das chuvas se deu a partir de novembro, quando as operações de plantio das lavouras de verão foram intensificadas, estendendo-se até dezembro. Em janeiro e fevereiro houve períodos de interrupção das chuvas por até vinte dias, mas também houve períodos de altas e ininterruptas precipitações. Em março as chuvas apre-

sentaram boa distribuição e favoreceram o plantio das lavouras de segunda safra. Em abril houve significativa redução das precipitações com queda das temperaturas médias noturnas e grande amplitude térmica.

Os bons volumes de chuva registrados até março permitiram o armazenamento de água no solo e as altas temperaturas diurnas associadas à baixa umidade relativa do ar vêm favorecendo o encerramento da colheita mecanizada das lavouras de primeira safra.

##### **8.1.4.2. SÃO PAULO**

As condições climáticas em abril foram desfavoráveis em algumas regiões do estado, onde houve chuvas abaixo da média. Alguns municípios tiveram redução no armazenamento hídrico do solo. Ainda assim, as lavouras seguem com boas perspectivas, tanto nas regi-

ões norte e noroeste, como também nas regiões sul e sudoeste do estado, sem afetar o seu potencial produtivo. Os produtores aguardam o retorno das chuvas para iniciar a semeadura das culturas de inverno, sobretudo o trigo.

#### **8.1.5. REGIÃO SUL**

##### **8.1.5.1. PARANÁ**

Em janeiro, chuvas intensas e continuadas causaram problemas de qualidade em parcela de feijão que se encontrava em ponto de colheita. A baixa luminosidade neste mês também afetou o rendimento das culturas de primeira safra. O clima em fevereiro e março foi mais satisfatório.

Atualmente, a estiagem já se prolonga por mais de 30

dias em quase todos os municípios produtores. Principal cultura afetada hoje é o feijão segunda, que já tem quebra certa de produtividade em quase todas as regiões, uma vez que seu ciclo é menor. O milho segunda safra está predominantemente em fase de floração e início de frutificação, fases determinantes para definir o potencial de produtividade.

##### **8.1.5.2. RIO GRANDE DO SUL**

Áreas de baixa pressão e passagem de um sistema frontal no oceano favoreceram a ocorrência de chuvas significativas em grande parte do Rio Grande do Sul na primeira semana de abril, principalmente na metade leste e nordeste gaúcho.

Em praticamente todo o estado os totais acumulados oscilaram entre 30 e 50 mm, exceto campanha e extremo sul onde os valores ficaram abaixo dos 10 mm. Chuvas mais intensas, com valores acima de 100 mm em alguns municípios puderam ser observadas na Serra do Sudeste, Litoral e Serra do Nordeste.

Os totais mais elevados registrados nas estações do Inmet e da rede da Secretaria da Agricultura, Pecuária e Irrigação e Secretaria do Ambiente e Desenvolvimento

Sustentável (Seapi/Sema) ocorreram em Caxias do Sul (70 mm), Canela (75 mm), Santiago (93 mm), Mostardas e Campo Bom (119 mm), Camaquã (128 mm) e Encruzilhada do Sul (183 mm). A temperatura mínima (10,8°C) ocorreu no dia 04 de abril em São José dos Ausentes e o maior valor de temperatura máxima (31,7°C) foi observada em São Luiz Gonzaga no dia 30 de março.

No período entre 6 e 12 de abril praticamente não choveu nos municípios gaúchos. A partir da tarde da sexta-feira (6 de abril), o ar seco predominou e manteve o tempo firme, com sol e temperaturas elevadas em todas as regiões. No sábado (07 de abril), a passagem de uma frente fria no oceano provocou chuva forte apenas no extremo sul do estado. Santa Vitória do Palmar registrou 61 mm, enquanto Tupanciretã, maior produtor



de soja do estado, não ultrapassou os 20 mm de chuva. A temperatura mínima ocorrida na semana foi no dia 6 de abril em Cambará do Sul com 9,4 °C, enquanto a máxima absoluta (35,2 °C) foi registrada em Santa Maria no dia 11 de abril.

No fim de semana do dia 15 de abril, o ingresso de uma frente fria provocou pancadas de chuva fracas e isoladas na maioria das regiões do estado. Porém, com o ingresso de uma massa de ar seco, na segunda-feira (16 de abril), o tempo firmou e a semana passou a registrar grande amplitude térmica, com temperaturas amenas no período noturno e valores elevados durante o dia. Os volumes totais de chuva no período oscilaram entre 10 e 20 mm na maior parte das localidades; no extremo sul e na Serra do Nordeste os valores superaram os 25 mm; no Planalto e no Vale do Uruguai os valores superaram os 50 mm em alguns municípios. Os volumes mais significativos ocorreram em Cruz Alta (52 mm), Soledade (67 mm), Júlio de Castilhos (68 mm), Frederico Westphalen (80 mm) e Tupanciretã (101 mm). A temperatura mínima do período foi registrada em São José dos Ausentes (8,5°C) no dia 17 de abril e a máxima ocorreu em Santa

Maria (32,4°C) no dia 19 de abril.

No fim de abril foram registrados baixos volumes de chuvas na maioria dos municípios do estado. Uma massa de ar quente e úmido provocou pancadas de chuva e temporais em algumas localidades da Campanha e região Central do estado entre os dias 21 e 22 de abril. A partir da segunda-feira 23 de abril a passagem de uma frente fria no oceano aumentou a cobertura de nuvens e ocorreram chuvas isoladas em algumas regiões. Os totais de chuva permaneceram abaixo de 20 mm na maioria das áreas, mas oscilaram entre 25 e 40 mm em muitos locais. Na Campanha os valores superaram os 60 mm em alguns municípios, e na Região Central ocorreram chuvas superiores a 100 mm. Os volumes mais significativos, segundo registros das estações do Inmet e da rede Seapi/Sema, ocorreram em Quaraí (52 mm), Santana do Livramento (56 mm), Rio Pardo (61 mm), Bagé (66 mm) e Santa Maria (119 mm). A temperatura mínima ocorreu no dia 20 de abril em Vacaria (11,4°C) e a máxima do período foi registrada em Uruguaiana (34,4°C) no dia 21 de abril.

## 8.2. CULTURAS DE VERÃO

### 8.2.1. ALGODÃO

O oitavo levantamento da safra 2017/18 de algodão aponta para aumento de 25,2% na área plantada em relação à safra passada, saindo de 939,1 mil hectares para 1.175,9 mil hectares na safra atual. A comercialização da safra 2016/17, aliada às boas perspectivas atuais de mercado gerou um ambiente de otimismo no setor produtivo, aumentando a área de cultivo. Em Mato Grosso, boa parte das áreas da região leste do estado já se encontra com a maçã formada. Na Bahia, na região do extremo oeste, a colheita deve iniciar em junho.

A Região Norte deverá produzir 28,9 mil toneladas de algodão em caroço em uma área de 7,6 mil hectares.

Em Roraima, a safra passada já foi totalmente comercializada. A pluma foi exportada para o Egito e o caroço foi processado para ração no próprio estado.

A expectativa de área para a safra 2018/19 é de 4,8 mil hectares, superando em 92% a área plantada na safra passada.

Em Tocantins, a previsão é de diminuição na área cultivada com algodão. O maior entrave para a expansão da cultura no estado está relacionado ao fim da isenção do ICMS para o produto. Os produtores da região da divisa com a Bahia, por exemplo, estão preferindo cultivar suas lavouras nesse estado, dado à redução de 50% do ICMS concedido por este. Posto isso, a área é estimada

em 2,8 mil hectares, forte retração de 41,1% em relação à safra passada.

As lavouras se encontram em fase de formação das maçãs e as condições das lavouras são consideradas boas. A produtividade média é estimada em 3.450 kg/ha. Aqui vale a explicação que até o levantamento passado a produtividade era estimada por meio de cálculos estatísticos. Nesse levantamento, as informações de campo apresentaram tendência de aumento de produtividade.

Na Região Nordeste, segunda região que mais produz no país, a tendência é de forte aumento na área plantada, saindo de 230,8 mil hectares na safra passada para 296,7 mil hectares. O maior aumento absoluto de área foi na Bahia, pois os bons resultados obtidos na safra 2016/17 estimularam o produtor a aumentar os investimentos na cotonicultura.

No Maranhão, as lavouras de algodão são cultivadas na região sul do estado. Tratam-se de lavouras de algodão que normalmente obtêm altos rendimentos, estabilidade de produção e fibras de alta qualidade.

A estimativa é de uma área plantada de 22,3 mil hectares e a produtividade média esperada do algodão em caroço é de 4.161 kg/ha.



Foi observado o plantio de uma área logo após a colheita da soja. Chama a atenção pois possibilita o aumento de rendimento e rompe o ciclo de algumas pragas e doenças.

No Piauí, a área de algodão deverá ter um incremento de 28,8% em relação à safra anterior, devendo ficar em 7,2 mil hectares. Esse aumento se deve ao incremento na área de algodão do município de Currais. O plantio, que foi iniciado na segunda quinzena de dezembro, está finalizado. A lavoura se encontra predominantemente na fase de floração. A expectativa de produtividade para o algodão em caroço é de 3.910 kg/ha, aumento de 11,3% em relação à safra anterior, resultante das boas condições climáticas da safra atual.

**Figura 3 - Lavoura de algodão município de Corrente – PI Lavoura de algodão município de Currais - PI**



Fonte: Conab.

No Rio Grande do Norte, o algodão é pouco cultivado. As intempéries climáticas e os preços pouco remuneradores no mercado local fizeram com que a grande maioria dos produtores abandonassem essa atividade, optando por culturas de subsistência, tais como milho e feijão. A expectativa é que sejam cultivados 0,3 mil hectares de algodão em áreas irrigadas, com produtividade média esperada de 4.652 kg/ha.

Na Paraíba, o cultivo de algodão já ocupou lugar de destaque como atividade rural de grande expressão econômica. As condições climáticas adversas, baixa produtividade e a forma tradicional de manejo, praticamente têm levado a cotonicultura paraibana à extinção. Na safra atual, está previsto o incremento de 50% das áreas de cultivo quando comparada com a safra anterior, saindo de 0,4 mil hectares na safra passada para 0,6 mil hectares na atual, com produtividade média de 669 kg/ha. A ampliação das áreas de algodão se deve ao apoio técnico e institucional do governo estadual, através da Emater-PB, com vistas a atender a demanda de empresas beneficiadoras de algodão colorido e algodão branco orgânico, que estão realizando contrato de compra junto aos produtores, ofertando sementes e garantindo um preço mínimo e o frete do produto colhido até a usina de beneficiamento.

Na Bahia, as lavouras são cultivadas no extremo oeste, no centro-sul e no Vale do São Francisco, ocupando 265,1 mil hectares, entre cultivos de sequeiro e irrigado com pivô central e gotejamento, em manejo de plantio direto e convencional.

As lavouras de sequeiro foram semeadas entre novembro e janeiro, enquanto as lavouras irrigadas em fevereiro, com colheita prevista de junho a agosto. As lavouras apresentam ótimo desenvolvimento, com plantas vigorosas e sem sintomas de pragas e doenças. As chuvas de fevereiro e abril proporcionaram às plantas boas condições para expressar o potencial produtivo, estando no momento em fase de frutificação e florescimento. Considerando a média entre os plantios de sequeiro e irrigado, estima-se uma produtividade de 4.261 kg/ha e produção de 1.129,6 mil toneladas de algodão em caroço.

No extremo oeste, os cultivos de sequeiro estão em fase reprodutiva e os cultivos irrigados em fase de desenvolvimento vegetativo.

No centro-sul e no Vale do São Francisco, os cultivos são realizados em sequeiro e também com irrigação por gotejamento e pivô central. As lavouras de sequeiro e irrigadas por gotejamento estão na fase reprodutiva, emitindo as primeiras flores e apresentando ótimo aspecto fitossanitário. As lavouras irrigadas no sistema de pivô central foram plantadas após a colheita da soja e se apresentam em fase de desenvolvimento vegetativo.

A Região Centro-Oeste é a região onde mais se produz algodão. A área plantada é estimada em 840,8 mil hectares, um crescimento de 23,2% quando comparada com a safra anterior.

Em Mato Grosso é esperado aumento de 23,9% na área semeada, passando de 627,8 mil hectares na safra pas-



sada para 777,8 mil hectares na atual. Além de os antigos produtores aumentarem suas áreas de algodão em detrimento ao milho, alguns novos produtores passaram a apostar na cultura, visto que a rentabilidade alcançada pelo produto tem superado a do milho.

O plantio encerrou no final de fevereiro. Bons índices pluviométricos foram registrados nessa safra. Boa parte do algodão da região leste do estado já se encontra com a maçã formada. Nas lavouras de algodão da região oeste a fase predominante é a floração.

O desenvolvimento das lavouras está muito bom. As pragas mais preocupantes são o bicudo e as lagartas, que, em casos pontuais, estão provocando o aumento do número de aplicações. O controle da mancha da ramulária, doença fúngica, também segue com as aplicações dentro da programação.

Dessa forma, estima-se produtividade média de algodão em caroço de 4.100 kg/ha, 1,8% superior aos 4.027 kg/ha obtidos na última safra.

A comercialização da safra 2017/18 se encontra em torno de 70% da produção.

Em Mato Grosso do Sul, especificamente na região centro-sul e sul do estado, o excesso de chuvas de janeiro e fevereiro favoreceram algumas doenças, como a podridão das maçãs. Embora tais eventos tenham sido identificados, sendo a causa principal as condições climáticas, os tratamentos culturais adequados foram eficazes para controlar esses problemas. Esse excesso de chuvas prejudicou os tratamentos culturais e prorrogou a colheita em Sidrolândia e Aral Moreira, no entanto, a colheita já foi concluída e está em fase de beneficiamento nas aldeias do sudoeste do estado.

Na região norte e nordeste do estado, as lavouras estão principalmente nas fases de formação de capulhos e enchimento de maçãs. O algodão primeira safra está com o desenvolvimento mais adiantado, enquanto o algodão segunda safra está principalmente no início da fase reprodutiva, com emissão das flores e formação de botões.

O bicudo do algodoeiro é a principal praga da cultura no estado e começa a causar danos a partir da formação dos botões florais. O controle preventivo e as aplicações de inseticidas têm controlado o inseto, via aplicações a ultrabaixo volume (UBV) e baixo volume oleoso (BVO). Há relatos de ataques de tripses, ácaros e pulgões, mas sem danos significativos para a cultura até o momento dado ao monitoramento constante e aplicações de fitossanitários.

Até o momento pouco produto foi comercializado e, apesar do aumento nos custos de produção, os preços pagos aos produtores estão similares aos da safra anterior.

Em Goiás, a cultura do algodão apresenta boa sanidade. A maioria das lavouras se encontram em abertura dos botões florais. Na região leste do estado, o desenvolvimento está variado entre formação das maçãs e enchimento de capulho.

A colheita está prevista para o início de junho e deverá prosseguir até o fim de julho, para a região leste do estado. No sul do estado está previsto para julho.

Na Região Sudeste, a área cultivada com algodão deverá apresentar forte crescimento, ora estimado em 67,4%, quando comparada com a safra passada.

Em Minas Gerais, estima-se um crescimento de 60% na área em relação à safra passada, que deve passar de 15,6 mil hectares para 25 mil hectares, refletindo o otimismo dos cotonicultores diante das boas condições climáticas e dos bons preços alcançados ao longo de 2017, assim como as boas expectativas de mercado para a atual safra.

Predomina o plantio em áreas de agricultura empresarial, mas na região do Norte de Minas a cotonicultura também é explorada por agricultores familiares. Projeta-se, para o estado, uma produtividade média de 3.675 kg/ha e a produção poderá alcançar 91,9 mil toneladas.

O plantio de algodão em Minas Gerais teve início apenas a partir de 20 de novembro, quando se encerrou o período de vazio sanitário de 60 dias. De maneira geral, o plantio é realizado a partir de dezembro e a colheita é prevista para iniciar em junho.

Em São Paulo, a safra começa a ser colhida, pois 90% das lavouras já estão em fase de maturação. A colheita deverá se estender até junho.

A área é estimada em 5,8 mil hectares, aumento de 107,4% se comparada com a safra anterior. O algodão se encontra basicamente na região de Holambra. As outras áreas onde havia produção foram abandonadas, cedendo espaço a culturas mais rentáveis. Na região de Paranapanema, Avaré e Itaí, o algodão é todo cultivado sob pivô.

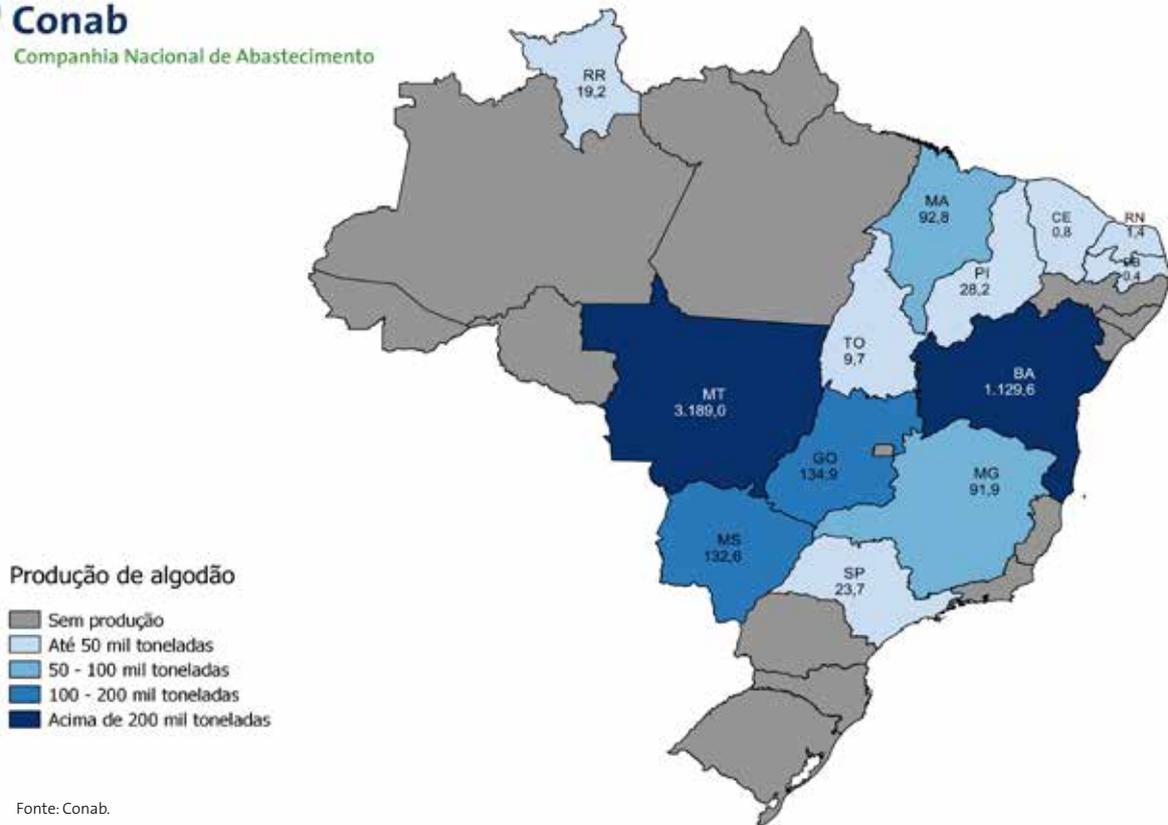
Em Holambra, a produção está praticamente toda comercializada, estimulando os produtores de algodão da região, fato que fez incrementar as áreas de plantio. O consumo segue em expansão, favorecendo o mercado regional e também as exportações.



A produtividade é estimada em 4.086 kg/ha de algodão em caroço, aumento de 21% se comparado à safra anterior. A aplicação constante de novas tecnologias e

assistência técnica eficiente, além do clima favorável, propiciam esse aumento de produtividade.

Figura 4 - Mapa da produção agrícola - Algodão



Fonte: Conab.



## Quadro 1 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases\* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Algodão

UF	Mesorregiões	Algodão												
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	
MA	Sul Maranhense - 1ª Safra	C			P/G	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M	M/C	C	
	Sul Maranhense - 2ª Safra	C	C			P	G/DV	DV	F	F/FR	FR/M	M	M/C	
PI	Sudoeste Piauiense	C			P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M	M/C	C	
BA	Extremo Oeste Baiano	C		P	P/G	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M	M/C	C	
	Centro Sul Baiano	C		P	P/G	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M	M/C	C	
MG	Noroeste de Minas - 1ª Safra			PP	P/G/DV	DV/F	F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C	
	Noroeste de Minas - 2ª Safra	C					P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	
MS	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba - 1ª Safra			PP	P/G/DV	DV/F	F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C	
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba - 2ª Safra	C					P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	
	Centro Norte de Mato Grosso do Sul - 1ª Safra				P/G/DV	DV/F	F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C	
	Centro Norte de Mato Grosso do Sul - 2ª Safra	C				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	
	Leste de Mato Grosso do Sul - 1ª Safra				P/G/DV	DV	F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C	
	Leste de Mato Grosso do Sul - 2ª Safra	C				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	
MT	Norte Mato-grossense - 1ª Safra				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C	
	Norte Mato-grossense - 2ª Safra	C				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	
	Nordeste Mato-grossense - 1ª Safra				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C	
	Nordeste Mato-grossense - 2ª Safra	C				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	
	Sudoeste Mato-grossense - 1ª Safra				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C	
	Sudoeste Mato-grossense - 2ª Safra	C				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	
	Centro-Sul Mato-grossense - 1ª Safra				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C	
	Centro-Sul Mato-grossense - 2ª Safra	C				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	
	Sudeste Mato-grossense - 1ª Safra				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C	
	Sudeste Mato-grossense - 2ª Safra	C				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	
	GO	Leste Goiano - 1ª Safra			PP	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
		Leste Goiano - 2ª Safra	C				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C
Sul Goiano - 1ª Safra					P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C	
Sul Goiano - 2ª Safra						P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
  Favorável
  Média restrição - falta de chuva
  Baixa restrição - excesso de chuva

\* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (C)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

\*\* Total ou parcialmente irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.

### Tabela 1 – Comparativo de área, produtividade e produção - Algodão em caroço

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
<b>NORTE</b>	<b>7,3</b>	<b>7,6</b>	<b>4,1</b>	<b>3.540</b>	<b>3.797</b>	<b>7,3</b>	<b>25,8</b>	<b>28,9</b>	<b>12,0</b>
RR	2,5	4,8	92,0	4.200	4.000	(4,8)	10,5	19,2	82,9
TO	4,8	2,8	(41,1)	3.196	3.450	7,9	15,3	9,7	(36,6)
<b>NORDESTE</b>	<b>230,8</b>	<b>296,7</b>	<b>28,6</b>	<b>4.226</b>	<b>4.223</b>	<b>(0,1)</b>	<b>975,3</b>	<b>1.253,2</b>	<b>28,5</b>
MA	22,5	22,3	(0,9)	3.915	4.161	6,3	88,1	92,8	5,3
PI	5,6	7,2	28,8	3.514	3.910	11,3	19,7	28,2	43,1
CE	0,4	1,2	200,0	1.083	625	(42,3)	0,4	0,8	100,0
RN	0,3	0,3	-	4.461	4.652	4,3	1,3	1,4	7,7
PB	0,4	0,6	50,0	819	669	(18,3)	0,3	0,4	33,3
BA	201,6	265,1	31,5	4.293	4.261	(0,7)	865,5	1.129,6	30,5
<b>CENTRO-OESTE</b>	<b>682,6</b>	<b>840,8</b>	<b>23,2</b>	<b>4.042</b>	<b>4.111</b>	<b>1,7</b>	<b>2.758,9</b>	<b>3.456,5</b>	<b>25,3</b>
MT	627,8	777,8	23,9	4.027	4.100	1,8	2.528,2	3.189,0	26,1
MS	28,6	30,0	5,0	4.350	4.420	1,6	124,4	132,6	6,6
GO	26,2	33,0	25,8	4.056	4.087	0,8	106,3	134,9	26,9
<b>SUDESTE</b>	<b>18,4</b>	<b>30,8</b>	<b>67,4</b>	<b>3.684</b>	<b>3.752</b>	<b>1,9</b>	<b>67,8</b>	<b>115,6</b>	<b>70,5</b>
MG	15,6	25,0	60,0	3.739	3.675	(1,7)	58,3	91,9	57,6
SP	2,8	5,8	107,4	3.377	4.086	21,0	9,5	23,7	149,5
<b>NORTE/NORDESTE</b>	<b>238,1</b>	<b>304,3</b>	<b>27,8</b>	<b>4.205</b>	<b>4.213</b>	<b>0,2</b>	<b>1.001,1</b>	<b>1.282,1</b>	<b>28,1</b>
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>701,0</b>	<b>871,6</b>	<b>24,3</b>	<b>4.032</b>	<b>4.098</b>	<b>1,6</b>	<b>2.826,7</b>	<b>3.572,1</b>	<b>26,4</b>
<b>BRASIL</b>	<b>939,1</b>	<b>1.175,9</b>	<b>25,2</b>	<b>4.076</b>	<b>4.128</b>	<b>1,3</b>	<b>3.827,8</b>	<b>4.854,2</b>	<b>26,8</b>

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em maio/2018.



**Tabela 2 – Comparativo de área, produtividade e produção - Algodão em pluma**

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
<b>NORTE</b>	<b>7,3</b>	<b>7,6</b>	<b>4,1</b>	<b>1.387</b>	<b>1.468</b>	<b>5,9</b>	<b>10,1</b>	<b>11,2</b>	<b>10,9</b>
RR	2,5	4,8	92,0	1.596	1.520	(4,8)	4,0	7,3	82,5
TO	4,8	2,8	(41,1)	1.278	1.380	8,0	6,1	3,9	(36,1)
<b>NORDESTE</b>	<b>230,8</b>	<b>296,7</b>	<b>28,6</b>	<b>1.693</b>	<b>1.692</b>	<b>(0,1)</b>	<b>390,7</b>	<b>501,9</b>	<b>28,5</b>
MA	22,5	22,3	(0,9)	1.566	1.664	6,3	35,2	37,1	5,4
PI	5,6	7,2	28,8	1.511	1.681	11,3	8,5	12,1	42,4
CE	0,4	1,2	200,0	379	219	(42,3)	0,2	0,3	50,0
RN	0,3	0,3	-	1.695	1.768	4,3	0,5	0,5	-
PB	0,4	0,6	50,0	295	241	(18,4)	0,1	0,1	-
BA	201,6	265,1	31,5	1.717	1.704	(0,7)	346,2	451,8	30,5
<b>CENTRO-OESTE</b>	<b>682,6</b>	<b>840,8</b>	<b>23,2</b>	<b>1.615</b>	<b>1.645</b>	<b>1,9</b>	<b>1.102,3</b>	<b>1.383,1</b>	<b>25,5</b>
MT	627,8	777,8	23,9	1.611	1.640	1,8	1.011,3	1.275,6	26,1
MS	28,6	30,0	5,0	1.784	1.812	1,6	49,1	54,4	10,8
GO	26,2	33,0	25,8	1.598	1.610	0,8	41,9	53,1	26,7
<b>SUDESTE</b>	<b>18,4</b>	<b>30,8</b>	<b>67,4</b>	<b>1.435</b>	<b>1.493</b>	<b>4,1</b>	<b>26,4</b>	<b>46,0</b>	<b>74,2</b>
MG	15,6	25,0	60,0	1.496	1.470	(1,7)	22,7	36,8	62,1
SP	2,8	5,8	107,4	1.317	1.594	21,0	3,7	9,2	148,6
<b>NORTE/NORDESTE</b>	<b>238,1</b>	<b>304,3</b>	<b>27,8</b>	<b>1.683</b>	<b>1.686</b>	<b>0,2</b>	<b>400,8</b>	<b>513,1</b>	<b>28,0</b>
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>701,0</b>	<b>871,6</b>	<b>24,3</b>	<b>1.610</b>	<b>1.640</b>	<b>1,8</b>	<b>1.128,7</b>	<b>1.429,1</b>	<b>26,6</b>
<b>BRASIL</b>	<b>939,1</b>	<b>1.175,9</b>	<b>25,2</b>	<b>1.629</b>	<b>1.652</b>	<b>1,4</b>	<b>1.529,5</b>	<b>1.942,2</b>	<b>27,0</b>

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em maio/2018.

**Tabela 3 – Comparativo de área, produtividade e produção - Carozo de algodão**

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
<b>NORTE</b>	<b>7,3</b>	<b>7,6</b>	<b>4,1</b>	<b>2.153</b>	<b>2.329</b>	<b>8,2</b>	<b>15,7</b>	<b>17,7</b>	<b>12,7</b>
RR	2,5	4,8	92,0	2.604	2.480	(4,8)	6,5	11,9	83,1
TO	4,8	2,8	(41,1)	1.918	2.070	7,9	9,2	5,8	(37,0)
<b>NORDESTE</b>	<b>230,8</b>	<b>296,7</b>	<b>28,6</b>	<b>2.533</b>	<b>2.531</b>	<b>(0,1)</b>	<b>584,6</b>	<b>751,3</b>	<b>28,5</b>
MA	22,5	22,3	(0,9)	2.349	2.497	6,3	52,9	55,7	5,3
PI	5,6	7,2	28,8	2.003	2.229	11,3	11,2	16,1	43,8
CE	0,4	1,2	200,0	704	406	(42,3)	0,2	0,5	150,0
RN	0,3	0,3	-	2.766	2.884	4,3	0,8	0,9	12,5
PB	0,4	0,6	50,0	524	428	(18,3)	0,2	0,3	50,0
BA	201,6	265,1	31,5	2.576	2.557	(0,8)	519,3	677,8	30,5
<b>CENTRO-OESTE</b>	<b>682,6</b>	<b>840,8</b>	<b>23,2</b>	<b>2.424</b>	<b>2.466</b>	<b>1,7</b>	<b>1.656,6</b>	<b>2.073,4</b>	<b>25,2</b>
MT	627,8	777,8	23,9	2.416	2.460	1,8	1.516,9	1.913,4	26,1
MS	28,6	30,0	5,0	2.567	2.608	1,6	75,3	78,2	3,9
GO	26,2	33,0	25,8	2.458	2.477	0,8	64,4	81,8	27,0
<b>SUDESTE</b>	<b>18,4</b>	<b>30,8</b>	<b>67,4</b>	<b>2.215</b>	<b>2.259</b>	<b>2,0</b>	<b>41,4</b>	<b>69,6</b>	<b>68,1</b>
MG	15,6	25,0	60,0	2.243	2.205	(1,7)	35,6	55,1	54,8
SP	2,8	5,8	107,4	2.060	2.492	21,0	5,8	14,5	150,0
<b>NORTE/NORDESTE</b>	<b>238,1</b>	<b>304,3</b>	<b>27,8</b>	<b>2.522</b>	<b>2.526</b>	<b>0,2</b>	<b>600,3</b>	<b>769,0</b>	<b>28,1</b>
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>701,0</b>	<b>871,6</b>	<b>24,3</b>	<b>2.419</b>	<b>2.459</b>	<b>1,6</b>	<b>1.698,0</b>	<b>2.143,0</b>	<b>26,2</b>
<b>BRASIL</b>	<b>939,1</b>	<b>1.175,9</b>	<b>25,2</b>	<b>2.445</b>	<b>2.476</b>	<b>1,3</b>	<b>2.298,3</b>	<b>2.912,0</b>	<b>26,7</b>

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em maio/2018.



**Tabela 4 – Comparativo de área, produtividade e produção - Algodão rendimento**

REGIÃO/UF	PRODUÇÃO - (Em mil t)						RENDIMENTO % - PLUMA		
	ALGODÃO EM CAROÇO			ALGODÃO EM PLUMA			Safr. 16/17	Safr. 17/18	VAR. %
	Safr. 16/17	Safr. 17/18	VAR. %	Safr. 16/17	Safr. 17/18	VAR. %			
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d/c)	(e)	(e)	(f)	(f/e)
<b>NORTE</b>	<b>25,8</b>	<b>28,9</b>	<b>12,0</b>	<b>10,1</b>	<b>11,2</b>	<b>10,9</b>	<b>39,2</b>	<b>38,7</b>	<b>1,3</b>
RR	10,5	19,2	82,9	4,0	7,3	82,5	38,0	38,0	-
TO	15,3	9,7	(36,6)	6,1	3,9	(36,1)	40,0	40,0	-
<b>NORDESTE</b>	<b>975,3</b>	<b>1.253,2</b>	<b>28,5</b>	<b>390,7</b>	<b>501,9</b>	<b>28,5</b>	<b>40,1</b>	<b>40,1</b>	<b>-</b>
MA	88,1	92,8	5,3	35,2	37,1	5,4	40,0	40,0	-
PI	19,7	28,2	43,1	8,5	12,1	42,4	43,0	43,0	-
CE	0,4	0,8	100,0	0,2	0,3	50,0	35,0	35,0	-
RN	1,3	1,4	7,7	0,5	0,5	-	38,0	38,0	-
PB	0,3	0,4	33,3	0,1	0,1	-	36,0	36,0	-
BA	865,5	1.129,6	30,5	346,2	451,8	30,5	40,0	40,0	-
<b>CENTRO-OESTE</b>	<b>2.758,9</b>	<b>3.456,5</b>	<b>25,3</b>	<b>1.102,3</b>	<b>1.383,1</b>	<b>25,5</b>	<b>40,0</b>	<b>40,0</b>	<b>-</b>
MT	2.528,2	3.189,0	26,1	1.011,3	1.275,6	26,1	40,0	40,0	-
MS	124,4	132,6	6,6	49,1	54,4	10,8	41,0	41,0	-
GO	106,3	134,9	26,9	41,9	53,1	26,7	39,4	39,4	-
<b>SUDESTE</b>	<b>67,8</b>	<b>115,6</b>	<b>70,5</b>	<b>26,4</b>	<b>46,0</b>	<b>74,2</b>	<b>39,9</b>	<b>39,8</b>	<b>0,3</b>
MG	58,3	91,9	57,6	22,7	36,8	62,1	40,0	40,0	-
SP	9,5	23,7	149,5	3,7	9,2	148,6	39,0	39,0	-
<b>NORTE/NORDESTE</b>	<b>1.001,1</b>	<b>1.282,1</b>	<b>28,1</b>	<b>400,8</b>	<b>513,1</b>	<b>28,0</b>	<b>40,0</b>	<b>40,0</b>	<b>-</b>
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>2.826,7</b>	<b>3.572,1</b>	<b>26,4</b>	<b>1.128,7</b>	<b>1.429,1</b>	<b>26,6</b>	<b>40,0</b>	<b>40,0</b>	<b>-</b>
<b>BRASIL</b>	<b>3.827,8</b>	<b>4.854,2</b>	<b>26,8</b>	<b>1.529,5</b>	<b>1.942,2</b>	<b>27,0</b>	<b>40,0</b>	<b>40,0</b>	<b>-</b>

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em maio/2018.

## 8.2.2. AMENDOIM

### 8.2.2.1. AMENDOIM PRIMEIRA SAFRA

Em São Paulo, a plantação de amendoim se faz presente durante a entressafra da cana-de-açúcar, é uma opção bastante utilizada. O amendoim permite a recuperação do solo por meio da fixação de nitrogênio. Essa leguminosa nutre a terra de forma indireta, traz certa economia para os produtores na compra de fertilizantes, bem como entrega um solo bastante enriquecido para as culturas sucessivas, como a cana-de-açúcar. Em razão da continuidade de boas condições climáticas e tratos culturais eficientes, o produtor obteve na colheita excelente produtividade, principalmente naquelas regiões bastantes tradicionais no cultivo dessa leguminosa, (Jaboticabal e Ribeirão Preto). Entretanto, a média para o estado está em 3.800 Kg/ha apontada neste fechamento. A produtividade aponta leve crescimento em 2%. A área cresceu 14% se comparada a safra passada.

O amendoim de primeira safra encontra-se totalmente colhido. A colheita se dividiu entre os meses de março e abril. O amendoim se fez bastante interessante ao produtor, devido aos bons preços. Valores estão atraentes. Nesta semana, os preços para o produtor de amendoim no município de Tupã, região tradicional em amendoim está em R\$ 38,10 scs 25 kg. Na região também de forte

produção em Jaboticabal, os produtores estão amparados pela cooperativa Cooplana, e esta é responsável por grande parte da comercialização do amendoim da região, direcionando boa parte do produto ao mercado externo.

**Figura 5 - Colheita do amendoim em Dumont/SP – Março de 2018**



Fonte: Conab.

Em Minas Gerais, a estimativa de área de cultivo de amendoim se encontra estimada em 2,3 mil hectares, 11,5% menor em relação ao levantamento anterior, devido ao atraso do período chuvoso. As áreas de plantio comercial, concentradas na região do Triângulo Mineiro,



representam 90% da área de cultivo e 96,8% do volume de produção do estado, caracterizadas por lavouras conduzidas com alta tecnologia, com uso de sementes de boa qualidade e produtividade média variando de 3.000 a 4.250 kg/ha. Já nas demais regiões do estado, predomina o cultivo em áreas de agricultura familiar, conduzidas com baixo nível tecnológico. Com uma produtividade média de 3.556 kg/ha, a produção estadual está estimada em 8,2 mil toneladas. Colheita concluída.

No Paraná, a colheita foi finalizada em todas as regiões, com exceção de Paranavaí, que encerrará em maio. Cerca de 60% das lavouras são de subsistência, com baixo investimento e baixa produtividade. O rendimento até o momento é de 2.747 kg/ha, redução de 19,3% em relação à safra passada. O clima desfavorável foi o principal fator para que as lavouras não atingissem o potencial produtivo. Faltou chuva no plantio e choveu demais durante o ciclo da cultura. A comercialização está abaixo dos 30% da produção, mas deverá acelerar entre maio e julho em razão do maior consumo por ocasião das festas juninas.

#### 8.2.2.2. AMENDOIM SEGUNDA SAFRA

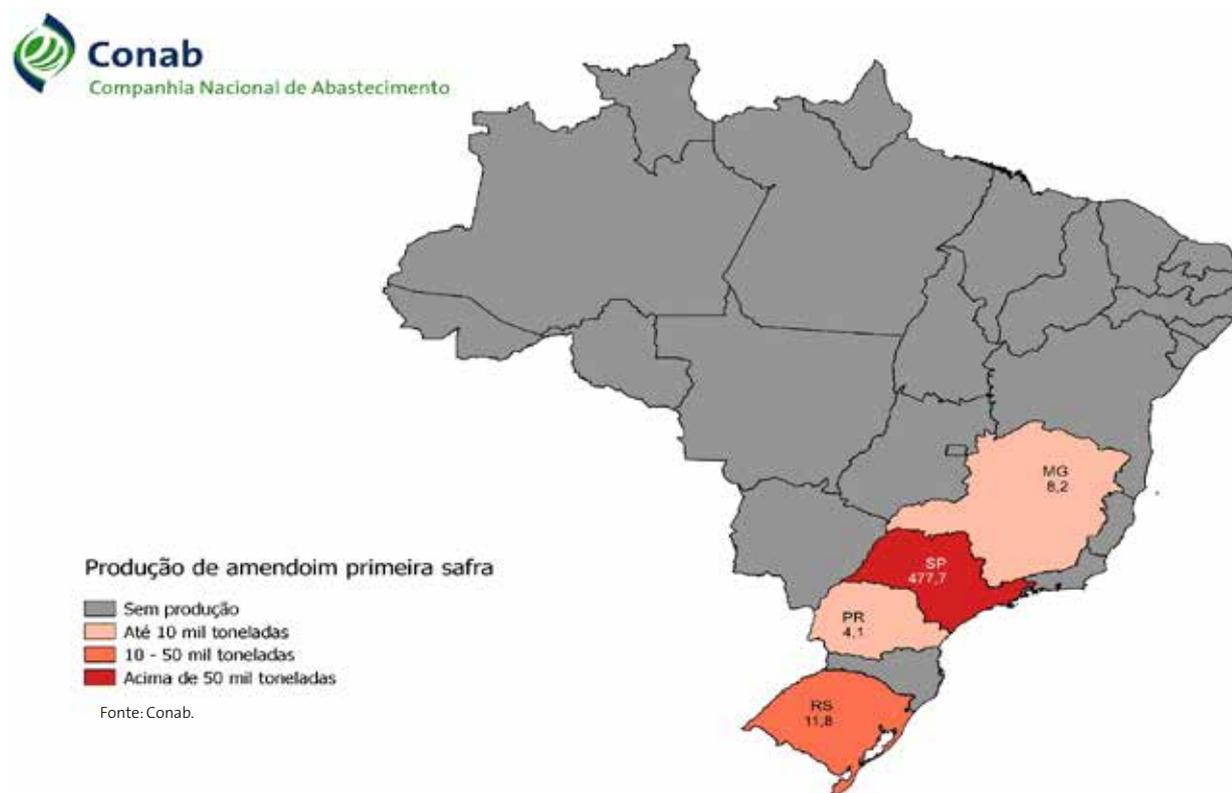
Em Tocantins, a área cultivada sofreu uma leve redução em relação à da safra passada. Uma das limitações à expansão da cultura no estado é a distância do mercado,

uma vez que a comercialização é toda feita para São Paulo. A cultura foi favorecida pelas chuvas regulares desta temporada e alcançou uma produtividade considerada bastante satisfatória pelos produtores. A cultura já teve seu ciclo encerrado.

Na Paraíba, registra-se que esta cultura chegou a áreas de mais de mil hectares. Na safra passada foram plantados 0,4 mil hectares de amendoim, cuja cultura foi prejudicada pela insuficiência de chuvas e apresentou produtividade de 985 kg/ha. Na presente safra não existe perspectiva de crescimento da área, sendo estimada a repetição das áreas da safra anterior, com produtividade de 856 kg/ha.

Em São Paulo, o amendoim segunda safra está todo plantado. A área se apresenta compatível com a safra passada. O amendoim em muitas regiões do estado entra na rotação com a cana-de-açúcar. A produtividade até o momento está estável. Mas com ressalvas, diante da falta de chuva. O plantio de amendoim segunda safra é menor tradicionalmente, o produtor prioriza o plantio da primeira safra e, este ano, os produtores migraram fortemente para o milho safrinha. Em virtude dos melhores preços, a cultura tem maior potencial financeiro. Portanto é bastante reduzida a exploração do amendoim segunda safra. O estágio do amendoim se encontra com 60% em desenvolvimento vegetativo, 20% em germinação e 20% em frutificação.

Figura 6 - Mapa da produção agrícola - Amendoim primeira safra



## Quadro 2 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases\* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Amendoim primeira safra

UF	Mesorregiões	Amendoim primeira safra											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
SP	Araçatuba	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Araraquara	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Assis	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Bauru	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Marília	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Presidente Prudente	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Ribeirão Preto	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	São José do Rio Preto	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
  Favorável
  Média restrição - falta de chuva

\* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

\*\* - Irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.

## Tabela 5 - Comparativo de área, produtividade e produção - Amendoim primeira safra

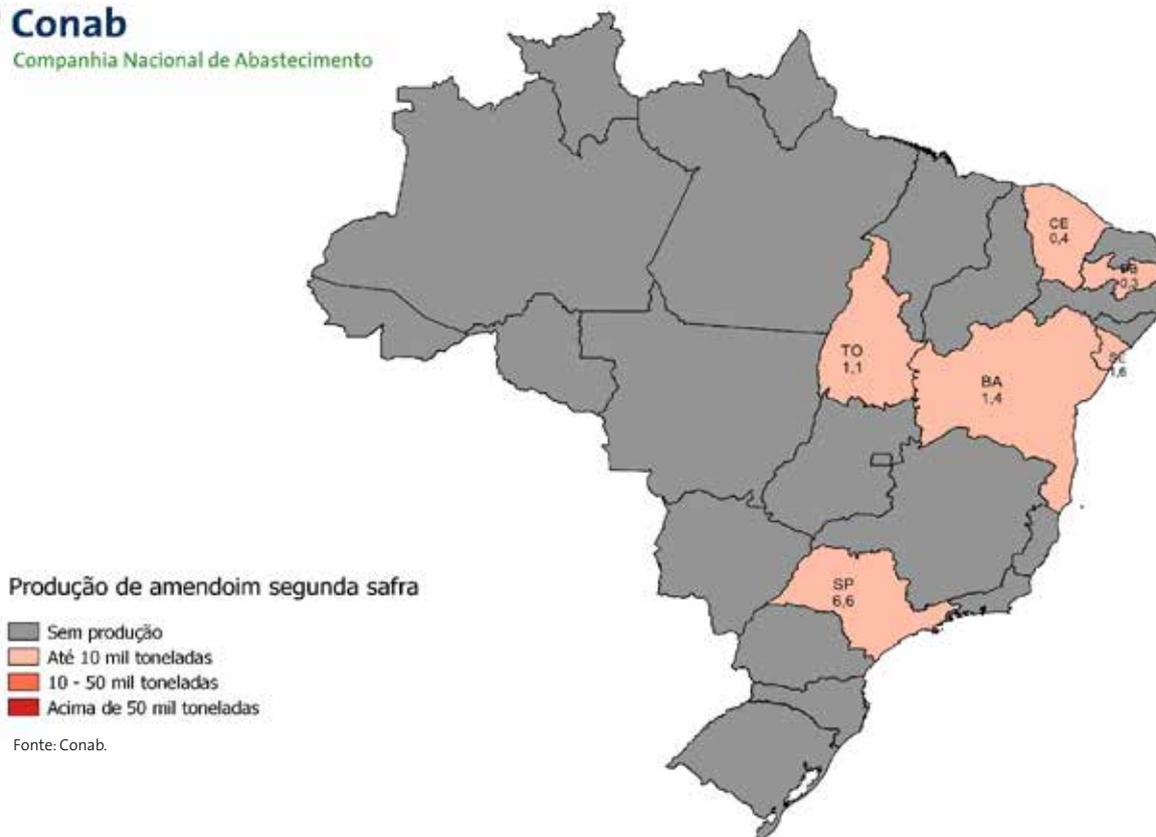
REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
<b>SUDESTE</b>	<b>112,9</b>	<b>128,0</b>	<b>13,4</b>	<b>3.721</b>	<b>3.796</b>	<b>2,0</b>	<b>420,2</b>	<b>485,9</b>	<b>15,6</b>
MG	2,6	2,3	(11,5)	3.615	3.556	(1,6)	9,4	8,2	(12,8)
SP	110,3	125,7	14,0	3.724	3.800	2,0	410,8	477,7	16,3
<b>SUL</b>	<b>5,4</b>	<b>5,1</b>	<b>(5,6)</b>	<b>3.447</b>	<b>3.120</b>	<b>(9,5)</b>	<b>18,6</b>	<b>15,9</b>	<b>(14,5)</b>
PR	2,0	1,5	(25,0)	3.406	2.747	(19,3)	6,8	4,1	(39,7)
RS	3,4	3,6	5,6	3.471	3.276	(5,6)	11,8	11,8	-
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>118,3</b>	<b>133,1</b>	<b>12,5</b>	<b>3.709</b>	<b>3.770</b>	<b>1,6</b>	<b>438,8</b>	<b>501,8</b>	<b>14,4</b>
<b>BRASIL</b>	<b>118,3</b>	<b>133,1</b>	<b>12,5</b>	<b>3.709</b>	<b>3.770</b>	<b>1,6</b>	<b>438,8</b>	<b>501,8</b>	<b>14,4</b>

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em maio/2018.



Figura 7 - Mapa da produção agrícola - Amendoim segunda safra



Quadro 3 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases\* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Amendoim segunda safra

UF	Mesorregiões	Amendoim segunda safra												
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	
SE	Agreste Sergipano	C								PP	P/G/DV	DV/F	FR	FR/M
	Nordeste Baiano	C								PP	P/G/DV	DV/F	FR	FR/M
BA	Metropolitana de Salvador	C								PP	P/G/DV	DV/F	FR	FR/M
SP	São José do Rio Preto						P	DV	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Ribeirão Preto						P	DV	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Presidente Prudente						P	DV	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Marília						P	DV	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Assis						P	DV	DV/F	F/FR	M/C	C		

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
  Favorável
  Média restrição - falta de chuva

\* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

\*\* - Irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.



Tabela 6 – Comparativo de área, produtividade e produção – Amendoim segunda safra

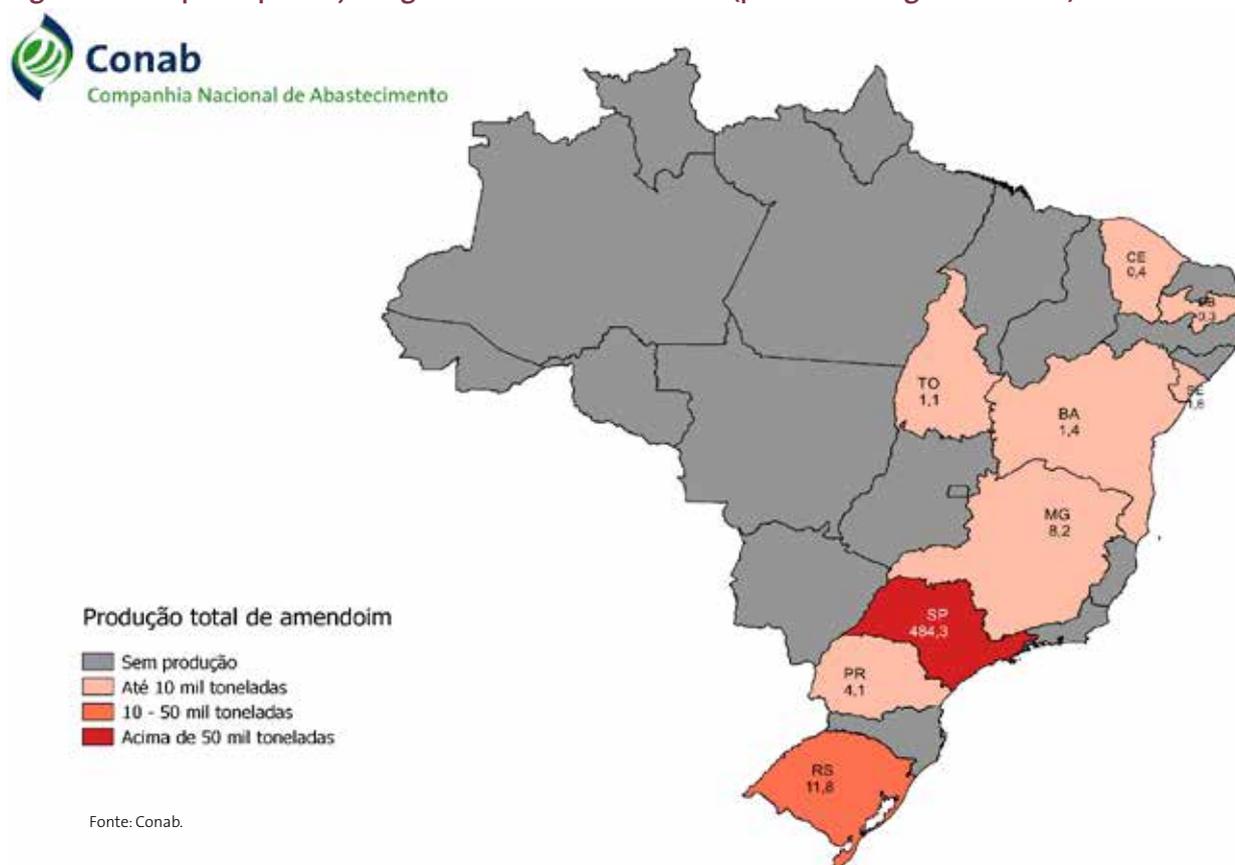
REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
<b>NORTE</b>	<b>0,3</b>	<b>0,3</b>	<b>-</b>	<b>4.800</b>	<b>3.787</b>	<b>(21,1)</b>	<b>1,4</b>	<b>1,1</b>	<b>(21,4)</b>
TO	0,3	0,3	-	4.800	3.787	(21,1)	1,4	1,1	(21,4)
<b>NORDESTE</b>	<b>3,3</b>	<b>3,4</b>	<b>3,0</b>	<b>1.201</b>	<b>1.089</b>	<b>(9,3)</b>	<b>4,0</b>	<b>3,7</b>	<b>(7,5)</b>
CE	0,3	0,4	23,2	1.269	881	(30,6)	0,4	0,4	-
PB	0,4	0,4	-	985	856	(13,1)	0,4	0,3	(25,0)
SE	1,1	1,1	-	1.613	1.430	(11,3)	1,8	1,6	(11,1)
BA	1,5	1,5	-	942	957	1,6	1,4	1,4	-
<b>CENTRO-OESTE</b>	<b>2,5</b>	<b>-</b>	<b>(100,0)</b>	<b>4.200</b>	<b>-</b>	<b>(100,0)</b>	<b>10,5</b>	<b>-</b>	<b>(100,0)</b>
MS	2,5	-	(100,0)	4.200	-	(100,0)	10,5	-	(100,0)
<b>SUDESTE</b>	<b>4,9</b>	<b>2,8</b>	<b>(42,9)</b>	<b>2.354</b>	<b>2.349</b>	<b>(0,2)</b>	<b>11,5</b>	<b>6,6</b>	<b>(42,6)</b>
SP	4,9	2,8	(42,9)	2.354	2.349	(0,2)	11,5	6,6	(42,6)
<b>NORTE/NORDESTE</b>	<b>3,6</b>	<b>3,7</b>	<b>2,8</b>	<b>1.501</b>	<b>1.308</b>	<b>(12,8)</b>	<b>5,4</b>	<b>4,8</b>	<b>(11,1)</b>
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>7,4</b>	<b>2,8</b>	<b>(62,2)</b>	<b>2.978</b>	<b>2.349</b>	<b>(21,1)</b>	<b>22,0</b>	<b>6,6</b>	<b>(70,0)</b>
<b>BRASIL</b>	<b>11,0</b>	<b>6,5</b>	<b>(40,9)</b>	<b>2.494</b>	<b>1.756</b>	<b>(29,6)</b>	<b>27,4</b>	<b>11,4</b>	<b>(58,4)</b>

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em maio/2018.

### 8.2.2.3. AMENDOIM TOTAL

Figura 8 - Mapa da produção agrícola – Amendoim total (primeira e segunda safras)



**Tabela 7 – Comparativo de área, produtividade e produção – Amendoim total**

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
<b>NORTE</b>	<b>0,3</b>	<b>0,3</b>	<b>-</b>	<b>4.800</b>	<b>3.787</b>	<b>(21,1)</b>	<b>1,4</b>	<b>1,1</b>	<b>(21,4)</b>
TO	0,3	0,3	-	4.800	3.787	(21,1)	1,4	1,1	(21,4)
<b>NORDESTE</b>	<b>3,3</b>	<b>3,4</b>	<b>3,0</b>	<b>1.201</b>	<b>1.089</b>	<b>(9,3)</b>	<b>4,0</b>	<b>3,7</b>	<b>(7,5)</b>
CE	0,3	0,4	33,3	1.269	881	(30,6)	0,4	0,4	-
PB	0,4	0,4	-	985	856	(13,1)	0,4	0,3	(25,0)
SE	1,1	1,1	-	1.613	1.430	(11,3)	1,8	1,6	(11,1)
BA	1,5	1,5	-	942	957	1,6	1,4	1,4	-
<b>CENTRO-OESTE</b>	<b>2,5</b>	<b>-</b>	<b>(100,0)</b>	<b>4.200</b>	<b>-</b>	<b>(100,0)</b>	<b>10,5</b>	<b>-</b>	<b>(100,0)</b>
MS	2,5	-	(100,0)	4.200	-	(100,0)	10,5	-	(100,0)
<b>SUDESTE</b>	<b>117,8</b>	<b>130,8</b>	<b>11,0</b>	<b>3.665</b>	<b>3.765</b>	<b>2,7</b>	<b>431,7</b>	<b>492,5</b>	<b>14,1</b>
MG	2,6	2,3	(11,5)	3.615	3.556	(1,6)	9,4	8,2	(12,8)
SP	115,2	128,5	11,5	3.666	3.768	2,8	422,3	484,3	14,7
<b>SUL</b>	<b>5,4</b>	<b>5,1</b>	<b>(5,6)</b>	<b>3.447</b>	<b>3.120</b>	<b>(9,5)</b>	<b>18,6</b>	<b>15,9</b>	<b>(14,5)</b>
PR	2,0	1,5	(25,0)	3.406	2.747	(19,3)	6,8	4,1	(39,7)
RS	3,4	3,6	5,9	3.471	3.276	(5,6)	11,8	11,8	-
<b>NORTE/NORDESTE</b>	<b>3,6</b>	<b>3,7</b>	<b>2,8</b>	<b>1.501</b>	<b>1.308</b>	<b>(12,8)</b>	<b>5,4</b>	<b>4,8</b>	<b>(11,1)</b>
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>125,7</b>	<b>135,9</b>	<b>8,1</b>	<b>3.666</b>	<b>3.740</b>	<b>2,0</b>	<b>460,8</b>	<b>508,4</b>	<b>10,3</b>
<b>BRASIL</b>	<b>129,3</b>	<b>139,6</b>	<b>8,0</b>	<b>3.606</b>	<b>3.676</b>	<b>2,0</b>	<b>466,2</b>	<b>513,2</b>	<b>10,1</b>

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em maio/2018.

### 8.2.3. ARROZ

O plantio de arroz sequeiro no Acre se inicia no período chuvoso, de outubro a dezembro, época favorável ao desenvolvimento da cultura visto que esse é o único sistema de plantio. O sistema de produção é fator que influencia na produtividade do estado devido à utilização de baixa tecnologia e a agricultura ser familiar, cuja a finalidade da produção é para o consumo familiar e o excedente para comercialização.

Geralmente, o arroz é consorciado com outras culturas, como o milho. Após o término do ciclo é realizado o plantio de feijão-comum cores. Na safra atual, 2017/18, houve aumento significativo na produção de arroz devido ao aumento de área plantada em Epitaciolândia-AC, que se destaca no cultivo de arroz de sequeiro, com área de 450 hectares, visto que aproximadamente 400 hectares já foram colhidos.

Houve incidências de pragas e doenças no ciclo da cultura, como lagarta e ferrugem, que atingiram o Nível de Danos Econômicos (NDE), havendo necessidade de intervenção química. Verifica-se que há áreas em fase de maturação devido à semeadura em épocas distintas para facilitar a colheita e o escoamento. A colheita deverá se estender devido às diferentes épocas de plantio.

No Amazonas, a expectativa é que para essa safra se-

jam plantados 2,5 mil hectares de arroz, obtendo uma média na produtividade de 2.259 kg/ha, com uma produção estimada em torno de 5,6 mil toneladas de arroz de sequeiro.

A área plantada em Roraima, referente à safra 2017/18 do arroz irrigado de verão, foi confirmada em 9,5 mil hectares. A colheita do arroz finalizou em abril, apresentando um rendimento médio de 7.050 kg/ha. Para a safra de inverno, estima-se o plantio de 2,8 mil hectares.

Em Rondônia, o cultivo é exclusivamente de sequeiro, safra e safrinha, não havendo cultivos irrigados. A área cultivada estimada para a implantação da cultura na safra 2017/18 é de 42,4 mil hectares. O arroz se configura como um grande desbravador para culturas anuais sucessoras, principalmente a soja.

A produtividade é de 3.220 Kg/ha, já a produção é de 124.576 toneladas. O arroz de sequeiro primeira safra já foi 100% colhido, já o arroz sequeiro safrinha está nas seguintes fases: desenvolvimento vegetativo 30%, floração 35% e frutificação 35%.

O calendário agrícola segue um pouco atípico em razão do atraso das chuvas iniciais, retardando o estabelecimento de muitas lavouras no campo, no entanto,



o regime atual de chuvas é considerado normal e regular, garantindo assim bom aporte de água no solo para suprimento das plantas.

Boa parte da produção é consumida no próprio estado e o excedente enviado ao Acre e Amazonas, principalmente. A foto abaixo retrata bem a situação que vem ocorrendo em alguns imóveis rurais em Rondônia, ou seja, áreas anteriormente ocupadas com pastagem, baixo rendimento forrageiro, presença de plantas invasoras, solo com pH ácido e carente de bases, sendo recuperadas, recebendo insumos e convertidas em áreas agrícolas.

**Figura 9 - Área de pastagem em São Miguel do Guaporé-RO convertida em área de cultivo de arroz, à esquerda resiste o curral e à direita o cocho.**



Fonte: Conab.

Em Tocantins, as lavouras de sequeiro se desenvolveram bem dado aos bons volumes precipitados durante todo o ciclo da cultura. Nas lavouras dos agricultores familiares, principalmente os assentados da reforma agrária, a colheita já está próxima do fim.

O rendimento médio das lavouras deve ficar acima da média e a qualidade do produto também está melhor do que nas safras anteriores em virtude das excelentes condições pluviométricas nesta safra. Para os agricultores empresariais, onde a cultura é empregada em cultivos de primeiro ano, a colheita já se iniciou e deve se estender até o final de maio.

No caso do arroz irrigado houve atraso do plantio devido aos baixíssimos níveis dos reservatórios e rios da região. Todos os produtores tiveram que esperar o retorno das chuvas para realizar o plantio com segurança de abastecimento de água para a inundação dos tabuleiros. O excesso de chuvas em fevereiro provocou inundação dos tabuleiros, deixando parte das lavouras submersas, inclusive em áreas onde as lavouras já estavam em ponto de colheita.

Em razão desse excesso de água, aliado a menor disponibilidade de luminosidade, as lavouras têm apresentado uma produtividade um pouco abaixo da esperada pela avaliação visual dessas. As lavouras em estágio de enchimento de grãos foram as mais prejudicadas com essa inundação, apresentando um percentual de grãos chochos acima do normal. A colheita avança normalmente e já está seguindo para a reta final.

Em Alagoas, a área plantada prevista é de 2,8 mil hectares, com uma variação positiva de 1,4% em relação à safra anterior. Espera-se um aumento da produção para 16,2 mil toneladas na presente safra. O estádio da cultura é predominantemente de produção já colhida, restando cerca de 10% do grão em estádio de maturação.

A cultura do arroz ainda se destaca no estado, sendo sua produção comercializada em Alagoas e Sergipe. A produção do arroz é uma das que possuem a assistência técnica adequada no estado, apresentando cerca de 80%, nos perímetros irrigados de Boacica, no município de Igreja Nova e Itiúba, em Porto Real do Colégio.

**Figura 10 - Preparo de solo para plantio de arroz, localizado na cidade de Igreja Nova-AL**



Fonte: Conab.

Na Bahia, o arroz é cultivado no extremo oeste, na região do Coaceral (Formosa do Rio Preto), fronteira com o estado do Piauí. De modo geral, o plantio é utilizado para aberturas de novas áreas em solos de baixa fertilidade. Nos últimos anos essa cultura tem perdido espaço para o sorgo e a soja.

A produção do cereal ocorre em regime de sequeiro, utilizando tanto o sistema de plantio direto quanto o convencional. O cultivo de arroz ocupa a área de 7,8 mil hectares. Espera-se a produtividade de 1.200 kg/ha (20 scs/ha) de grãos de arroz. A colheita foi iniciada e evolui em 50% da área cultivada, devendo ser concluída até o fim de maio, com a estimativa de produção em torno de 9,4 mil toneladas.



No Maranhão, as lavouras de arroz de sequeiro devem manter o cenário observado nos diversos levantamentos realizados anteriormente, principalmente no que diz respeito ao baixo rendimento médio obtido, baixos níveis de qualidade do produto, insuficiência de métodos eficazes de controle de pragas e doenças das principais unidades produtivas produtoras desse grão, fazendo com que a cultura vendo drasticamente substituída por outras lavouras consideradas mais rentáveis, a exemplo da soja e do milho e ainda pela pecuária de corte. A colheita do arroz, frequentemente ainda realizada de forma manual, encontra-se próxima de 20% do total.

Para o arroz irrigado no Maranhão, há manutenção do cenário evidenciado no levantamento anterior, com destaque para o arroz cultivado na região dos Campos Naturais do Maranhão, nos Municípios de Arari, Vitória do Mearim e São Mateus do Maranhão, o arroz irrigado mantém os dados de área plantada e produtividade média, devendo permanecer no mesmo patamar de 2,9 mil hectares evidenciado no levantamento anterior, com uma produtividade média de 5.398 kg/ha.

Na Paraíba, tem-se o histórico do plantio de 12 mil hectares de arroz. A impossibilidade de competitividade com os preços do produto vindo de outras regiões do país, obrigou parte dos produtores a deixar a exploração da cultura do arroz. O baixo regime de chuvas nos últimos cinco anos tornou escassas as reservas d'água para irrigação de salvamento, dificultando a atividade da rizicultura. Dado ao histórico dos prejuízos sofridos na exploração dessa cultura na safra passada, para esta safra tem-se a possibilidade de área em torno de 1,1 mil hectares da cultura com produtividade de 840 kg/ha.

Em Pernambuco, em razão da alta taxa de inadimplência dos produtores e do elevado custo de produção da cultura, as instituições financeiras deixaram de ofertar o crédito de custeio para esta cultura, o que, aliado ao baixo poder de barganha dos produtores perante à única empresa de beneficiamento de arroz existente no estado, fez com que a área cultivada fosse drasticamente perdendo seu espaço para outras culturas. No decorrer do ano, a princípio, a previsão é de que seja mantida uma área cultivada de 0,4 mil hectares, conduzida por agricultores integrados à empresa de beneficiamento de arroz da região.

A expectativa para o arroz irrigado no Piauí é de um pequeno aumento de área da ordem de 2,6% em relação a área da safra passada, com esse aumento, a área deve atingir 5,3 hectares. Para o arroz de sequeiro houve um incremento de 9,2% da área em relação à safra passada, com área de 65,5 mil hectares. Este au-

mento de área ocorreu na região de cerrado, referente à agricultura empresarial, e na região norte do estado, referente à agricultura familiar.

O arroz irrigado primeira safra e o arroz de sequeiro se encontram com a área total plantada, o plantio na região sudoeste (cerrado) ocorreu entre a segunda quinzena de dezembro e a primeira de janeiro, já na região norte e centro-norte, onde se concentram as maiores áreas de arroz no estado, o plantio ocorreu entre a segunda quinzena de janeiro e a primeira de fevereiro.

Dessa forma, as lavouras se encontram predominantemente na fase de frutificação na região norte e centro-norte, já na região sudoeste a cultura se encontra predominantemente na fase de maturação, sendo que em algumas áreas já iniciou a colheita. A produtividade normal esperada para o arroz irrigado é de 4.478 kg/ha, já para o arroz de sequeiro a produtividade gira em torno de 1.416 kg/ha, representando um aumento de 2,3% em relação à safra anterior, e corresponde à expectativa atual dos produtores devido ao bom regime climático até o momento, na safra atual.

No Rio Grande do Norte predomina o cultivo do arroz vermelho, ou seja, estima-se que 80% do arroz produzido pertence ao tipo vermelho. É cultivado no Vale do Apodi-RN e se trata de uma cultura que oferece um excelente suporte econômico e social para a região. A área total de arroz a ser plantada nesta safra deverá atingir 1,1 mil hectares e se concentra, principalmente, nos municípios situados à margem do Rio Apodi/Mossoró, inseridos na região do Vale do Apodi.

A maior parte do cultivo é feito por meio de irrigação via inundação e em menor escala também é plantada em áreas de várzeas úmidas sem irrigação. A atividade é basicamente desenvolvida em pequenas propriedades rurais, utilizando-se de mão de obra do grupo familiar. A atividade é de subsistência e em torno de 80% do arroz são consumidos na própria região e o excedente comercializado em outros mercados consumidores. Estima-se para esta safra um aumento de área de 10%

Em Goiás, nos municípios de Formosa e Flores de Goiás, onde a cultura é irrigada, cerca de 50% do arroz já foi colhido, alcançando uma produtividade média de 5.700 kg/ha. É previsto uma redução entre 30 a 40% na área de plantio para a próxima safra em razão do preço. Já nos outros municípios, produtores da região leste, a cultura se encontra em fase de maturação de grãos, com colheita prevista para o início de maio, com boa expectativa de rendimento devido ao bom regime de chuvas na fase mais crítica da cultura.

Em Mato Grosso, a colheita do arroz primeira safra



está em ritmo lento, devido ao excesso de umidade das lavouras, atingindo 70%. Apesar de prejudicar um pouco a lavoura, com relatos de menor produtividade e qualidade em relação ao ciclo anterior, o saldo da safra é positivo. A produtividade média do arroz de sequeiro primeira safra mantém-se acima de 3.200 kg/ha, mais especificamente 3.252 kg/ha, 0,8% superior aos 3.226 kg/ha obtidos no último período. A entrada da nova oferta de produto, com o início da colheita a partir de fevereiro, contribuiu para a manutenção do patamar baixo dos preços do cereal, com 40% de comercialização. Nesse contexto de preços baixos, a área destinada ao cultivo do arroz apresenta retração de 9% nesta temporada, de 151,4 mil hectares para 137,8 mil hectares.

O plantio do arroz irrigado e sequeiro de segunda safra está finalizado em Mato Grosso. As lavouras estão localizadas principalmente no médio-norte do estado. O estágio da cultura está predominantemente em granação. A área plantada no estado é de 5,8 mil hectares, ante aos 10,9 mil hectares da safra anterior. A produtividade média esperada para esta safra é de 3.659 kg/ha. Assim, prevê-se uma produção de 21,2 mil toneladas de arroz segunda safra sequeiro e irrigado em Mato de Grosso.

Em Mato Grosso do Sul, a estimativa de área plantada, no estado, é de 14,3 mil hectares de arroz irrigado, com uma expectativa de produtividade média de 5.700 kg/ha. Atualmente, aproximadamente 4% das lavouras estão em fase de maturação e 96% já foram colhidas. Com o clima favorável de dias ensolarados, a colheita avançou nos meses de março e abril.

Em algumas lavouras, houve perda de área plantada, impossibilitando a colheita devido às inundações proveniente das últimas enchentes dos rios, o que condicionou a redução da produtividade estimada em levantamentos anteriores. Em relação à comercialização, os produtores estão mantendo seus produtos estocados, aguardando melhores preços no mercado, negociando apenas o cereal para cobrir custos de produção. A baixa liquidez faz com que as indústrias mantenham pouco interesse pelo produto, visto que ainda possuem estoques da safra anterior.

Em Minas Gerais, seguindo a tendência dos últimos anos, a área de arroz sofreu redução em relação à safra anterior. Dos 5,9 mil hectares previstos para a safra 2017/18, foram plantados apenas 4,8 mil hectares, o que representa 20% a menos quando comparado com a safra passada.

A redução ocorreu principalmente em área de sequeiro devido à menor competitividade dessa cultura em relação a outras mais rentáveis e de menor risco,

como milho e soja; ao desestímulo provocado pelo alto custo de produção, que inviabiliza a comercialização junto ao produto do sul do país; ao risco de perdas por estiagens prolongadas, recorrentes nas principais regiões produtoras; além das restrições ao cultivo em áreas de várzea.

A produtividade média estadual deve ficar 10,2% maior em relação à safra anterior devido à predominância das áreas irrigadas, onde se obtém produtividades mais altas. As lavouras estão em fase de maturação e colheita, que deve ser finalizada em maio.

O arroz é pouco cultivado em São Paulo e demonstra estabilidade na área, em torno de 9,1 hectares, e produtividade média em torno de 4.126 kg/ha. O cereal se concentra basicamente em 2 municípios: Guaratinguetá e Pindamonhangaba, ambos pertencentes ao vale do Paraíba. Os poucos produtores que se dedicam ao plantio do arroz no estado comercializam sua produção em nível de propriedade ou com finalidade de consumo doméstico.

No Paraná, a colheita do arroz de sequeiro está concluída, com produtividade média preliminar de 1.961 kg/ha, que representa uma queda de 3,5% em relação à da safra passada, atribuída às condições climáticas que favoreceram o desenvolvimento de doenças, principalmente fúngicas. A cultura é basicamente de subsistência, conduzida com baixo nível tecnológico, predominantemente por agricultores familiares e de difícil acompanhamento sistemático.

A colheita do arroz irrigado se encontra em fase final e, por enquanto, o rendimento estimado é de 6.793 kg/ha sem contabilizar a produção da “soca”. As chuvas excessivas de janeiro, quando choveu três vezes acima do esperado para o período na região produtora, além de atrasar a colheita, comprometeu o rendimento. Outro problema enfrentado pelos produtores é com a comercialização do produto, que concorre com a entrada de arroz do Mercosul sem barreira tarifária. As indústrias estão optando por comprar e beneficiar o produto nos países vizinhos, trazendo o produto já empacotado para venda no Brasil.

Em Santa Catarina, a colheita do arroz se encontra em fase final, restando cerca de 1% da área para ser colhida. O avanço da colheita evidenciou aumento nas produtividades para o estado devido ao clima favorável ao longo de toda a safra, às novas cultivares utilizadas e aos bons tratamentos culturais por parte dos agricultores. A qualidade do grão também está boa.

Na região norte as lavouras de soca, ou rebrota, prática comum na região, estão com desenvolvimento dentro da normalidade, visto que alguns municípios

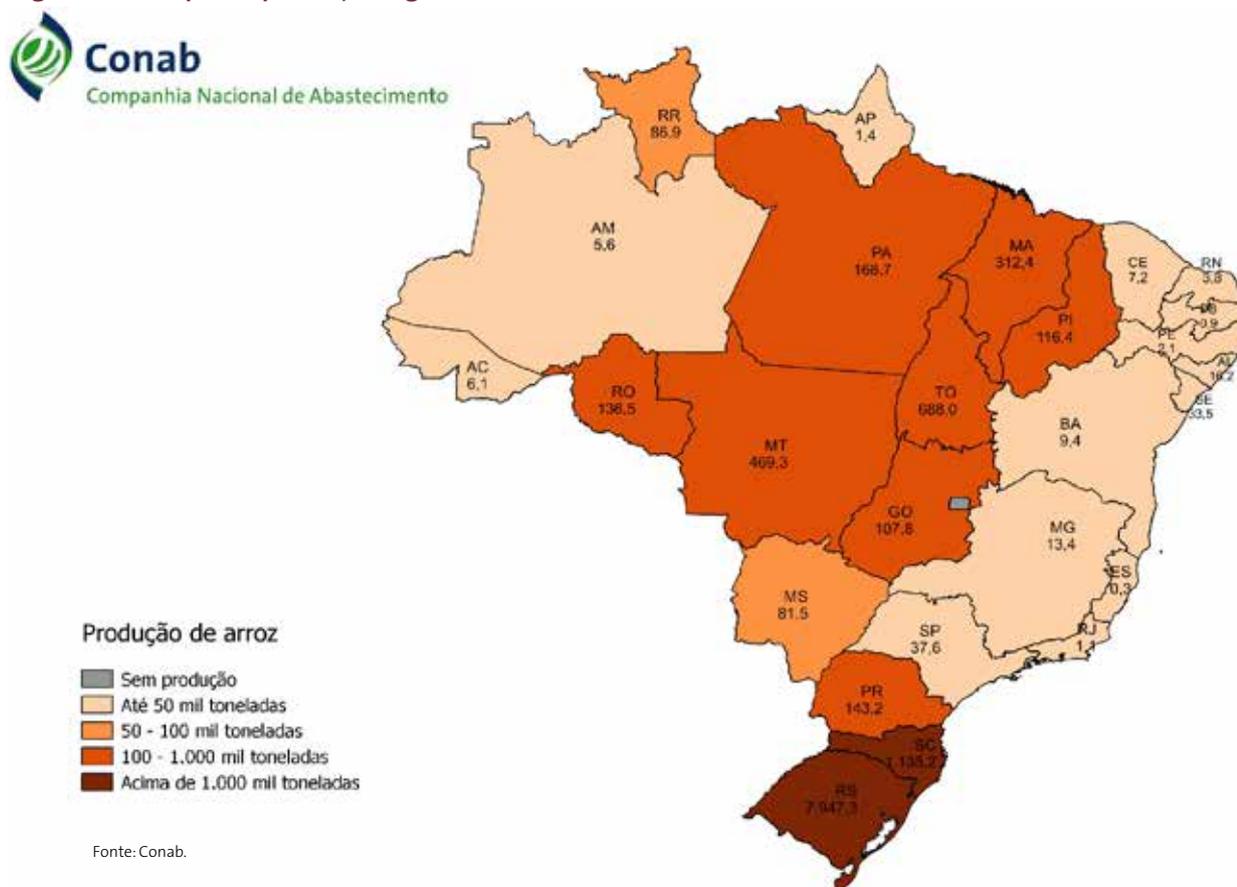


já começaram o corte, que pode se estender até junho. Apesar das altas produtividades e da boa qualidade do grão, os produtores continuam apreensivos no que diz respeito ao preço, optando por não comercializar neste momento.

A colheita de arroz no Rio Grande do Sul se aproxima do final, com 83% da safra 2017/18 colhida. Temperaturas altas até o momento e boa incidência de radiação solar favoreceram as áreas semeadas fora do período recomendado. Essa situação fez com que a produtividade do arroz não tivesse queda significativa com a aproximação do final da colheita.

As perdas mais significativas foram causadas pela dificuldade da realização dos tratos culturais na época adequada. Devido a isso, o controle de invasoras foi deficiente, principalmente do arroz vermelho. Como consequência, ocorreu o acamamento das lavouras nessas condições. A maior parte das lavouras tiveram um produto com alto rendimento de grãos inteiros, mas há redução de qualidade devido ao retorno das chuvas em março, às altas temperaturas e ao atraso na colheita.

Figura 11 – Mapa da produção agrícola – Arroz



## Quadro 4 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases\* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Arroz

UF	Mesorregiões	Arroz											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
RO	Leste Rondoniense			P/G	DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
TO**	Ocidental do Tocantins		PP	P/G/DV	P/G/DV/F	DV/F/FR/M/C	FR/M/C	M/C	C				
MA	Centro Maranhense					P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C	
MT	Norte Mato-grossense			P/G	DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
PR**	Noroeste Paranaense	P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
SC**	Norte Catarinense	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M/C	M/C	C					
	Vale do Itajaí	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C					
	Sul Catarinense	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M/C	M/C	C					
RS**	Centro Ocidental Rio-grandense	PP	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Centro Oriental Rio-grandense	PP	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Metropolitana de Porto Alegre	PP	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Sudoeste Rio-grandense	P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	C					
	Sudeste Rio-grandense	P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	C					

Legendas:

<span style="background-color: yellow; border: 1px solid black; display: inline-block; width: 15px; height: 10px;"></span> Baixa restrição - falta de chuvas	<span style="background-color: lightgreen; border: 1px solid black; display: inline-block; width: 15px; height: 10px;"></span> Favorável	<span style="background-color: orange; border: 1px solid black; display: inline-block; width: 15px; height: 10px;"></span> Média restrição - falta de chuva	<span style="background-color: lightblue; border: 1px solid black; display: inline-block; width: 15px; height: 10px;"></span> Baixa restrição - excesso de chuva
<span style="background-color: blue; border: 1px solid black; display: inline-block; width: 15px; height: 10px;"></span> Média restrição - Excesso de chuva			

\* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

\*\* Total ou parcialmente irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.

## Tabela 8 – Comparativo de área, produtividade e produção – Arroz total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
<b>NORTE</b>	<b>263,0</b>	<b>260,4</b>	<b>(1,0)</b>	<b>4.129</b>	<b>4.199</b>	<b>1,7</b>	<b>1.085,8</b>	<b>1.093,2</b>	<b>0,7</b>
RR	12,3	12,3	-	7.077	7.063	(0,2)	87,0	86,9	(0,1)
RO	40,6	42,4	4,4	2.956	3.220	8,9	120,0	136,5	13,8
AC	4,3	5,0	16,3	1.399	1.223	(12,6)	6,0	6,1	1,7
AM	3,2	2,5	(21,9)	2.183	2.259	3,5	7,0	5,6	(20,0)
AP	1,5	1,5	-	945	952	0,7	1,4	1,4	-
PA	68,8	63,4	(7,8)	2.728	2.661	(2,5)	187,7	168,7	(10,1)
TO	132,3	133,3	0,8	5.115	5.162	0,9	676,7	688,0	1,7
<b>NORDESTE</b>	<b>229,2</b>	<b>256,6</b>	<b>12,0</b>	<b>1.908</b>	<b>1.956</b>	<b>2,5</b>	<b>437,3</b>	<b>501,9</b>	<b>14,8</b>
MA	141,6	164,0	15,8	1.807	1.905	5,4	255,9	312,4	22,1
PI	65,2	70,8	8,6	1.629	1.645	1,0	106,2	116,4	9,6
CE	4,7	3,9	(17,0)	2.076	1.846	(11,1)	9,7	7,2	(25,8)
RN	1,0	1,1	10,0	3.766	3.480	(7,6)	3,8	3,8	-
PB	0,9	1,1	22,2	875	840	(4,0)	0,8	0,9	12,5
PE	0,2	0,4	100,0	4.000	5.259	31,5	0,8	2,1	162,5
AL	2,8	2,8	-	6.220	5.796	(6,8)	17,4	16,2	(6,9)
SE	4,7	4,7	-	7.540	7.128	(5,5)	35,4	33,5	(5,4)
BA	8,1	7,8	(3,7)	900	1.200	33,3	7,3	9,4	28,8
<b>CENTRO-OESTE</b>	<b>199,4</b>	<b>179,5</b>	<b>(10,0)</b>	<b>3.672</b>	<b>3.669</b>	<b>(0,1)</b>	<b>732,3</b>	<b>658,6</b>	<b>(10,1)</b>
MT	162,3	143,6	(11,5)	3.266	3.268	0,1	530,0	469,3	(11,5)
MS	15,5	14,3	(7,7)	6.000	5.700	(5,0)	93,0	81,5	(12,4)
GO	21,6	21,6	-	5.059	4.990	(1,4)	109,3	107,8	(1,4)
<b>SUDESTE</b>	<b>16,1</b>	<b>14,3</b>	<b>(11,2)</b>	<b>3.399</b>	<b>3.663</b>	<b>7,8</b>	<b>54,7</b>	<b>52,4</b>	<b>(4,2)</b>
MG	6,0	4,8	(20,0)	2.534	2.791	10,2	15,2	13,4	(11,8)
ES	0,1	0,1	-	2.471	3.000	21,4	0,2	0,3	50,0
RJ	0,3	0,3	-	3.667	3.800	3,6	1,1	1,1	-
SP	9,7	9,1	(6,2)	3.935	4.126	4,8	38,2	37,6	(1,6)
<b>SUL</b>	<b>1.273,2</b>	<b>1.247,8</b>	<b>(2,0)</b>	<b>7.868</b>	<b>7.394</b>	<b>(6,0)</b>	<b>10.017,7</b>	<b>9.225,7</b>	<b>(7,9)</b>
PR	25,1	23,5	(6,4)	6.506	6.094	(6,3)	163,3	143,2	(12,3)
SC	147,4	146,7	(0,5)	7.638	7.738	1,3	1.125,8	1.135,2	0,8
RS	1.100,7	1.077,6	(2,1)	7.930	7.375	(7,0)	8.728,6	7.947,3	(9,0)
<b>NORTE/NORDESTE</b>	<b>492,2</b>	<b>517,0</b>	<b>5,0</b>	<b>3.095</b>	<b>3.086</b>	<b>(0,3)</b>	<b>1.523,1</b>	<b>1.595,1</b>	<b>4,7</b>
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>1.488,7</b>	<b>1.441,6</b>	<b>(3,2)</b>	<b>7.258</b>	<b>6.893</b>	<b>(5,0)</b>	<b>10.804,7</b>	<b>9.936,7</b>	<b>(8,0)</b>
<b>BRASIL</b>	<b>1.980,9</b>	<b>1.958,6</b>	<b>(1,1)</b>	<b>6.223</b>	<b>5.888</b>	<b>(5,4)</b>	<b>12.327,8</b>	<b>11.531,8</b>	<b>(6,5)</b>

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em maio/2018.



Tabela 9 – Comparativo de área, produtividade e produção – Arroz sequeiro

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
<b>NORTE</b>	<b>140,6</b>	<b>134,2</b>	<b>(4,6)</b>	<b>2.526</b>	<b>2.582</b>	<b>2,2</b>	<b>355,1</b>	<b>346,3</b>	<b>(2,5)</b>
RO	40,6	42,4	4,4	2.956	3.220	8,9	120,0	136,5	13,8
AC	4,3	5,0	16,0	1.399	1.223	(12,6)	6,0	6,1	1,7
AM	3,2	2,5	(21,9)	2.183	2.259	3,5	7,0	5,6	(20,0)
AP	1,5	1,5	-	945	952	0,7	1,4	1,4	-
PA	63,7	56,7	(11,0)	2.592	2.503	(3,4)	165,1	141,9	(14,1)
TO	27,3	26,1	(4,4)	2.036	2.100	3,1	55,6	54,8	(1,4)
<b>NORDESTE</b>	<b>213,3</b>	<b>239,1</b>	<b>12,1</b>	<b>1.623</b>	<b>1.695</b>	<b>4,4</b>	<b>346,2</b>	<b>405,1</b>	<b>17,0</b>
MA	140,2	161,1	14,9	1.775	1.842	3,8	248,9	296,7	19,2
PI	60,0	65,5	9,2	1.384	1.416	2,3	83,0	92,7	11,7
CE	4,1	3,6	(13,0)	1.516	1.500	(1,1)	6,2	5,4	(12,9)
PB	0,9	1,1	22,0	875	840	(4,0)	0,8	0,9	12,5
BA	8,1	7,8	(3,7)	900	1.200	33,3	7,3	9,4	28,8
<b>CENTRO-OESTE</b>	<b>158,1</b>	<b>144,5</b>	<b>(8,6)</b>	<b>3.187</b>	<b>3.208</b>	<b>0,7</b>	<b>503,8</b>	<b>463,5</b>	<b>(8,0)</b>
MT	151,4	137,8	(9,0)	3.226	3.252	0,8	488,4	448,1	(8,3)
GO	6,7	6,7	-	2.300	2.300	-	15,4	15,4	-
<b>SUDESTE</b>	<b>7,1</b>	<b>5,4</b>	<b>(23,9)</b>	<b>2.093</b>	<b>2.292</b>	<b>9,5</b>	<b>14,8</b>	<b>12,3</b>	<b>(16,9)</b>
MG	4,7	3,5	(25,5)	1.563	1.756	12,3	7,3	6,1	(16,4)
ES	0,1	0,1	-	2.471	3.000	21,4	0,2	0,3	50,0
RJ	0,3	0,3	-	3.667	3.800	3,6	1,1	1,1	-
SP	2,0	1,5	(25,0)	3.082	3.193	3,6	6,2	4,8	(22,6)
<b>SUL</b>	<b>5,3</b>	<b>3,4</b>	<b>(35,8)</b>	<b>2.032</b>	<b>1.961</b>	<b>(3,5)</b>	<b>10,8</b>	<b>6,7</b>	<b>(38,0)</b>
PR	5,3	3,4	(35,8)	2.032	1.961	(3,5)	10,8	6,7	(38,0)
<b>NORTE/NORDESTE</b>	<b>353,9</b>	<b>373,3</b>	<b>5,5</b>	<b>1.982</b>	<b>2.013</b>	<b>1,6</b>	<b>701,3</b>	<b>751,4</b>	<b>7,1</b>
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>170,5</b>	<b>153,3</b>	<b>(10,1)</b>	<b>3.105</b>	<b>3.148</b>	<b>1,4</b>	<b>529,4</b>	<b>482,5</b>	<b>(8,9)</b>
<b>BRASIL</b>	<b>524,4</b>	<b>526,6</b>	<b>0,4</b>	<b>2.347</b>	<b>2.344</b>	<b>(0,1)</b>	<b>1.230,7</b>	<b>1.233,9</b>	<b>0,3</b>

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em maio/2018.



**Tabela 10 – Comparativo de área, produtividade e produção – Arroz irrigado**

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
<b>NORTE</b>	<b>122,4</b>	<b>126,2</b>	<b>3,1</b>	<b>5.970</b>	<b>5.918</b>	<b>(0,9)</b>	<b>730,7</b>	<b>746,9</b>	<b>2,2</b>
RR	12,3	12,3	-	7.077	7.063	(0,2)	87,0	86,9	(0,1)
PA	5,1	6,7	31,4	4.433	4.000	(9,8)	22,6	26,8	18,6
TO	105,0	107,2	2,1	5.915	5.907	(0,1)	621,1	633,2	1,9
<b>NORDESTE</b>	<b>15,9</b>	<b>17,5</b>	<b>10,1</b>	<b>5.732</b>	<b>5.534</b>	<b>(3,5)</b>	<b>91,1</b>	<b>96,8</b>	<b>6,3</b>
MA	1,4	2,9	107,1	5.020	5.398	7,5	7,0	15,7	124,3
PI	5,2	5,3	2,6	4.453	4.478	0,6	23,2	23,7	2,2
CE	0,6	0,3	(58,0)	5.900	6.000	1,7	3,5	1,8	(48,6)
RN	1,0	1,1	10,0	3.766	3.480	(7,6)	3,8	3,8	-
PE	0,2	0,4	100,0	4.000	5.259	31,5	0,8	2,1	162,5
AL	2,8	2,8	-	6.220	5.796	(6,8)	17,4	16,2	(6,9)
SE	4,7	4,7	-	7.540	7.128	(5,5)	35,4	33,5	(5,4)
<b>CENTRO-OESTE</b>	<b>41,3</b>	<b>35,0</b>	<b>(15,3)</b>	<b>5.532</b>	<b>5.575</b>	<b>0,8</b>	<b>228,5</b>	<b>195,1</b>	<b>(14,6)</b>
MT	10,9	5,8	(46,8)	3.815	3.659	(4,1)	41,6	21,2	(49,0)
MS	15,5	14,3	(7,7)	6.000	5.700	(5,0)	93,0	81,5	(12,4)
GO	14,9	14,9	-	6.300	6.200	(1,6)	93,9	92,4	(1,6)
<b>SUDESTE</b>	<b>9,0</b>	<b>8,9</b>	<b>(1,1)</b>	<b>4.429</b>	<b>4.495</b>	<b>1,5</b>	<b>39,9</b>	<b>40,1</b>	<b>0,5</b>
MG	1,3	1,3	-	6.043	5.577	(7,7)	7,9	7,3	(7,6)
SP	7,7	7,6	(1,3)	4.157	4.310	3,7	32,0	32,8	2,5
<b>SUL</b>	<b>1.267,9</b>	<b>1.244,4</b>	<b>(1,9)</b>	<b>7.893</b>	<b>7.408</b>	<b>(6,1)</b>	<b>10.006,9</b>	<b>9.219,0</b>	<b>(7,9)</b>
PR	19,8	20,1	1,5	7.704	6.793	(11,8)	152,5	136,5	(10,5)
SC	147,4	146,7	(0,5)	7.638	7.738	1,3	1.125,8	1.135,2	0,8
RS	1.100,7	1.077,6	(2,1)	7.930	7.375	(7,0)	8.728,6	7.947,3	(9,0)
<b>NORTE/NORDESTE</b>	<b>138,3</b>	<b>143,7</b>	<b>3,9</b>	<b>5.943</b>	<b>5.872</b>	<b>(1,2)</b>	<b>821,8</b>	<b>843,7</b>	<b>2,7</b>
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>1.318,2</b>	<b>1.288,3</b>	<b>(2,3)</b>	<b>7.795</b>	<b>7.338</b>	<b>(5,9)</b>	<b>10.275,3</b>	<b>9.454,2</b>	<b>(8,0)</b>
<b>BRASIL</b>	<b>1.456,5</b>	<b>1.432,0</b>	<b>(1,7)</b>	<b>7.619</b>	<b>7.191</b>	<b>(5,6)</b>	<b>11.097,1</b>	<b>10.297,9</b>	<b>(7,2)</b>

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em maio/2018.

## 8.2.4. FEIJÃO

### 8.2.4.1. FEIJÃO PRIMEIRA SAFRA

A área semeada com o feijão primeira safra foi de 1.054,4 mil hectares, 5,1% menor se comparada à safra passada, que foi de 1.111 mil hectares. A produtividade média estimada para essa cultura é de 1.205 kg/ha, na média nacional, 1,6% abaixo do obtido na última temporada. Com esses resultados de área e produtividade, a produção nacional está prevista em 1.271 mil toneladas, representando decréscimo de 6,6% em re-

lação à safra anterior. Em muitos estados a colheita está finalizada.

Região Sul, principal região produtora, houve diminuição de área de semeadura em 0,5% em relação à safra passada, e também espera-se uma redução de 13,2% na produtividade total, afetada principalmente pelas condições climáticas desfavoráveis.

### Feijão-comum cores

Para essa safra, a área semeada foi de 462,8 mil hectares, redução de 3,2% na área em relação à safra passada. A produtividade está estimada em 1.725 kg/ha, redução de 3%.

inferior à esperada, associando isso aos elevados volumes de chuvas ocorridos durante toda a estação chuvosa até o momento.

Em Tocantins, a área é estimada em 0,9 mil hectares, com um rendimento médio de 997 kg/ha. O feijão-comum cores é cultivado basicamente por pequenos agricultores, com baixo emprego de insumos e mecanização. A colheita está praticamente encerrada. Alguns produtores têm relatado uma produtividade

Na Bahia, a colheita está finalizada. O feijão-comum cores é tipicamente cultivado pela agricultura familiar, a qual destina parte da produção para o consumo da família, parte para o plantio da próxima safra e parte para comercialização.

No extremo oeste do estado as boas condições climá-



ticas favoreceram os bons rendimentos. No Vale do São Francisco, centro-norte e centro-sul, a estiagem ocorrida em janeiro causou alguns danos na cultura retardando o desenvolvimento das plantas, prejudicando o florescimento e formação dos grãos.

A área cultivada com feijão-comum cores foi estimada em 43,9 mil hectares e a produção em 22,3 mil toneladas. O rendimento médio estimado é de 507 kg/ha.

Em Minas Gerais, a colheita está concluída. A área de feijão-comum cores primeira safra apresenta redução de 2,6% em relação à safra anterior. Com preços médios em torno de R\$ 100,00 a saca de 60 quilos, na ocasião do plantio, boa parte dos produtores optaram por culturas mais rentáveis e de menor risco climático, como o milho e soja. O rendimento médio é estimado em 1.331 kg/ha, 2,3% maior em relação à safra passada mas 4,9% menor em relação às estimativas iniciais em razão das perdas ocasionadas pelas inten-

### Feijão-comum preto

No Brasil houve incremento de 3,3% na área semeada de feijão-comum preto primeira safra, em relação à safra 2016/17, alcançando 180,5 mil hectares. No entanto, em razão das condições climáticas, obteve-se uma redução de 9,5% na produtividade e a produção está estimada em 298,7 mil toneladas, decréscimo de 6,5% em relação à safra anterior.

Em Minas Gerais, a colheita foi concluída. A área de feijão-comum preto foi de 6,8 mil hectares, distribuídos nas regiões Central e Zona da Mata. A produtividade foi estimada em 854 kg/ha.

Em Santa Catarina, a colheita do feijão-comum preto primeira safra se encontra praticamente encerrada. A influência do clima sobre a cultura resultou nas variações produtivas apresentadas durante a colheita nas diferentes regiões produtoras. A falta de chuvas

### Feijão-caupi

Durante a primeira safra, sua produção se concentra no Nordeste, mais particularmente no Piauí e Bahia. O feijão-caupi é o terceiro tipo mais cultivado no país na segunda safra. A área é estimada em 411,1 mil hectares, 10,3% menor que na última safra, e a produtividade é estimada em 1,8% a mais que na safra passada. Em Tocantins, a produtividade deverá ser inferior à alcançada na safra passada, associando isso aos elevados volumes de chuvas ocorridos durante toda a estação chuvosa. A colheita está em fase final.

No Maranhão, a colheita do feijão-caupi primeira safra tem avançado e permitido, em algumas regiões,

suas precipitações no período de maturação e colheita.

Em Santa Catarina, o feijão-comum cores primeira safra se encaminha para a finalização da colheita, prevista para o final de abril. As instabilidades climáticas presentes durante o ciclo da cultura influenciaram negativamente a produtividade e qualidade das lavouras em algumas regiões, resultando na queda da produção e rentabilidade em relação à safra passada. A produtividade deve ficar em 1.881 kg/ha, uma redução de 11,9% em relação à safra passada. O fator mais negativo observado na safra atual foi a queda dos preços pagos ao produtor. O excesso de produto nas regiões produtoras de Santa Catarina e também de outros estados, aliado à baixa qualidade do grão colhido inicialmente, derrubou as cotações do grão desde o início da safra atual, as quais têm se mantido até o momento.

No Rio Grande do Sul, o feijão-comum cores primeira safra está em fase final de colheita. A estimativa de produtividade média no estado é de 2.700 kg/ha.

no plantio e seu excesso durante as fases de desenvolvimento resultaram em redução da produtividade esperada inicialmente. Estas variaram desde 20 a 35 scs/ha, evidenciando a desuniformidade das condições climáticas durante o ciclo da cultura. A qualidade do produto está sendo considerada boa, apesar de a maior parte das lavouras serem consideradas regulares.

O rendimento médio deve ser de 1.865 kg/ha, redução de 15,2% em comparação com o obtido na safra passada.

No Rio Grande do Sul, a colheita de feijão-comum preto está encerrada. A área dessa safra foi estimada em 29,5 mil hectares, com uma produtividade média de 1.650 kg/ha.

sua substituição por outras culturas. A área plantada deve ser de 37,8 mil hectares.

No estado, o feijão-caupi primeira safra é consumido basicamente em vagem (esse, quase todo colhido), no entanto, aquelas lavouras plantadas para consumo em grãos se encontram em maioria no estágio de frutificação.

No Piauí, a expectativa para o feijão-caupi primeira safra é de aumento de 3,7% na área em relação à safra passada, alcançando 235,3 mil hectares. Esse aumento corresponde à áreas de agricultura familiar. A cultura



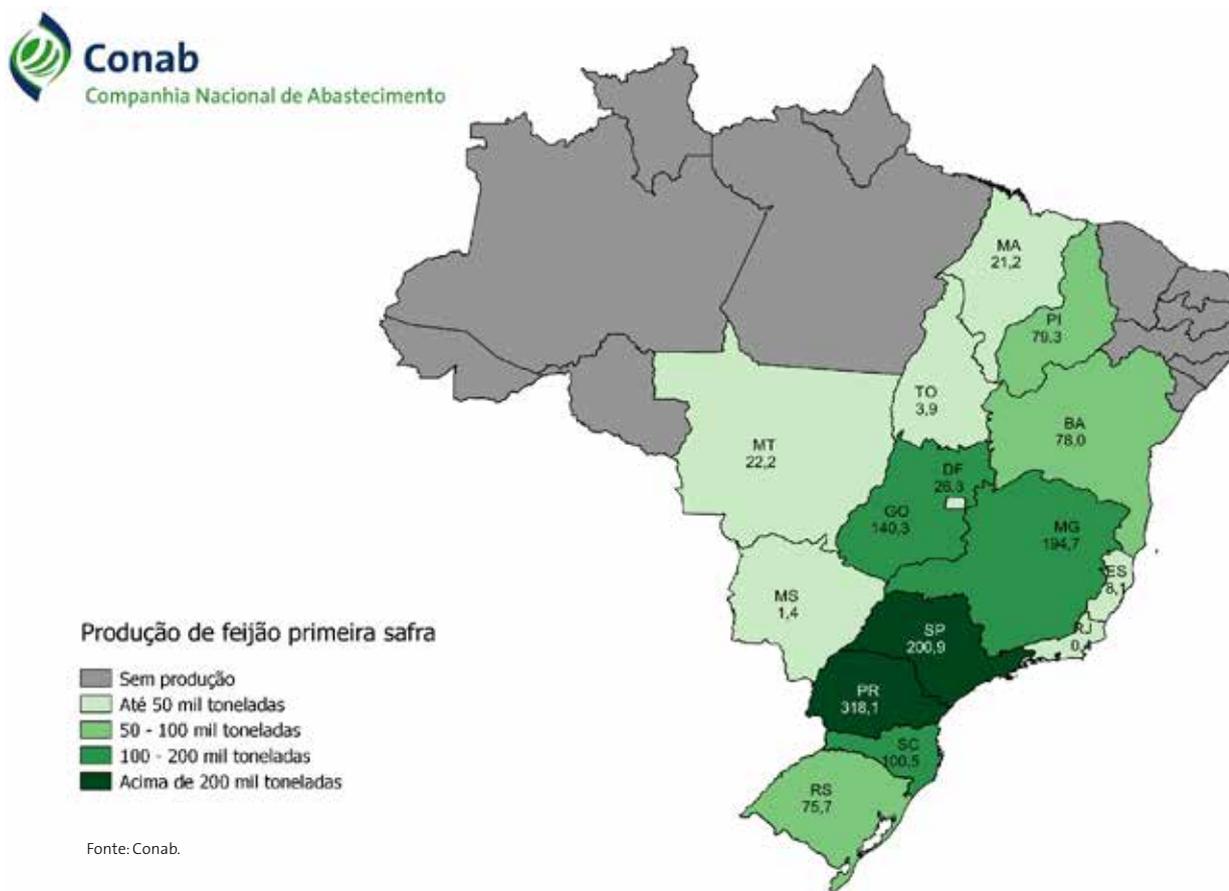
está, predominantemente, nas fases de maturação ou em processo de colheita. A colheita iniciou na primeira quinzena de abril, e atualmente está com cerca de 80% da área colhida.

Na Bahia, as lavouras foram semeadas a partir de novembro com o início das chuvas, e a colheita iniciada em fevereiro e finalizada em abril. A estimativa é que foram cultivados 112,8 mil hectares, com produtividade de 494 kg/ha. O feijão-caupi plantado na região centro-norte, centro-sul e no Vale do São Francisco, em novembro, ficou comprometido pela falta de chu-

vas nas fases de floração e enchimento dos grãos. As lavouras plantadas posteriormente, em dezembro e janeiro, obtiveram melhores rendimentos.

Em Minas Gerais, a colheita está finalizada. A área de feijão-caupi foi 3,1% menor em relação à safra passada e a produtividade estimada em 539 kg/ha, permanecendo baixa para a cultura, porém coerente com o histórico regional. Trata-se de uma cultura de risco devido ao clima seco da região norte do estado, onde essa variedade é cultivada..

Figura 12 – Mapa da produção agrícola – Feijão primeira safra



**Quadro 5 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases\* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Feijão primeira safra**

UF	Mesorregiões	Feijão primeira safra											
		JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN
PI	Centro-Norte Piauiense							P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C
	Sudoeste Piauiense						P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C	
	Sudeste Piauiense							P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C
BA	Extremo Oeste Baiano					P/G	P/G/DV	DV/F/FR	F/FR/M	M/C	C		
	Vale São-Franciscano da Bahia					P/G	P/G/DV	DV/F/FR	F/FR/M	M/C	M/C	C	
	Centro Norte Baiano					P/G	P/G/DV	DV/F/FR	F/FR/M	FR/M/C	M/C	C	
	Centro Sul Baiano					P/G	P/G/DV	DV/F/FR	F/FR/M	FR/M/C	M/C	C	
MT	Sudeste Mato-grossense			P/G	DV	F	F/FR/M	M/C					
	Norte Mato-grossense			P/G	DV/F	F/FR	M/C	C					
GO	Leste Goiano				P/G	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Sul Goiano				P/G	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Norte Goiano				P/G	G/DV	F/FR	FR/M	M/C				
DF	Distrito Federal				PP	P/G/DV	F/FR	M/C	C				
MG	Noroeste de Minas				P/G	P/G/DV	F/FR	M/C	C				
	Norte de Minas				P/G	P/G/DV	F/FR	M/C	C				
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba				P/G	P/G/DV	F/FR	M/C	C				
	Oeste de Minas				P/G	P/G/DV	F/FR	M/C	C				
	Sul/Sudoeste de Minas				P/G	P/G/DV	F/FR	M/C	C				
	Campo das Vertentes				P/G	P/G/DV	F/FR	M/C	C				
	Zona da Mata				P/G	P/G/DV	F/FR	M/C	C				
SP**	Bauru	PP	P/G	DV/F	FR	FR/M	M/C	C					
	Assis	P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Itapetininga	P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
PR	Norte Central Paranaense			P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C					
	Norte Pioneiro Paranaense			P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C					
	Centro Oriental Paranaense			P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Oeste Paranaense			P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C					
	Sudoeste Paranaense			P/G/DV	G/DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Centro-Sul Paranaense			P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Sudeste Paranaense			P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Metropolitana de Curitiba			P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
SC	Oeste Catarinense			P/G	P/G/DV	DV/F	DV/F/FR	FR/M/C	M/C				
	Norte Catarinense			P/G	P/G/DV	DV/F	DV/F/FR	FR/M/C	M/C				
	Serrana			P/G	P/G/DV	DV/F	DV/F/FR	FR/M/C	M/C				
RS	Noroeste Rio-grandense			P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M/C	C					
	Nordeste Rio-grandense			P/G	P/G/DV	DV/F	DV/F/FR	FR/M	M/C				
	Metropolitana de Porto Alegre			P/G	P/G/DV	DV/F	DV/F/FR	FR/M/C	C				

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
  Favorável
  Média restrição - falta de chuva
  Baixa restrição - excesso de chuva

Média restrição - Excesso de chuva

\* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

\*\* Total ou parcialmente irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.



Tabela 11 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão primeira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
<b>NORTE</b>	<b>4,8</b>	<b>6,0</b>	<b>25,0</b>	<b>649</b>	<b>645</b>	<b>(0,6)</b>	<b>3,1</b>	<b>3,9</b>	<b>25,8</b>
TO	4,8	6,0	25,0	649	645	(0,6)	3,1	3,9	25,8
<b>NORDESTE</b>	<b>490,2</b>	<b>429,8</b>	<b>(12,3)</b>	<b>453</b>	<b>415</b>	<b>(8,4)</b>	<b>222,1</b>	<b>178,5</b>	<b>(19,6)</b>
MA	36,4	37,8	3,8	570	561	(1,6)	20,7	21,2	2,4
PI	226,9	235,3	3,7	294	337	14,6	66,7	79,3	18,9
BA	226,9	156,7	(30,9)	594	498	(16,2)	134,7	78,0	(42,1)
<b>CENTRO-OESTE</b>	<b>81,5</b>	<b>81,7</b>	<b>0,2</b>	<b>2.203</b>	<b>2.328</b>	<b>5,7</b>	<b>179,5</b>	<b>190,2</b>	<b>6,0</b>
MT	10,8	12,6	16,7	1.525	1.762	15,5	16,5	22,2	34,5
MS	0,8	0,8	-	1.800	1.800	-	1,4	1,4	-
GO	57,8	56,2	(2,8)	2.400	2.496	4,0	138,7	140,3	1,2
DF	12,1	12,1	-	1.895	2.170	14,5	22,9	26,3	14,8
<b>SUDESTE</b>	<b>247,3</b>	<b>244,2</b>	<b>(1,3)</b>	<b>1.651</b>	<b>1.655</b>	<b>0,2</b>	<b>408,3</b>	<b>404,1</b>	<b>(1,0)</b>
MG	161,0	156,9	(2,5)	1.213	1.241	2,4	195,2	194,7	(0,3)
ES	4,6	6,9	50,0	1.174	1.174	0,1	5,4	8,1	50,0
RJ	0,6	0,4	(33,3)	1.127	922	(18,2)	0,7	0,4	(42,9)
SP	81,1	80,0	(1,4)	2.552	2.511	(1,6)	207,0	200,9	(2,9)
<b>SUL</b>	<b>287,2</b>	<b>292,7</b>	<b>1,9</b>	<b>1.907</b>	<b>1.689</b>	<b>(11,4)</b>	<b>547,6</b>	<b>494,3</b>	<b>(9,7)</b>
PR	194,1	199,6	2,8	1.880	1.594	(15,2)	364,8	318,1	(12,8)
SC	51,3	53,6	4,5	2.160	1.875	(13,2)	110,8	100,5	(9,3)
RS	41,8	39,5	(5,5)	1.721	1.916	11,3	72,0	75,7	5,1
<b>NORTE/NORDESTE</b>	<b>495,0</b>	<b>435,8</b>	<b>(12,0)</b>	<b>455</b>	<b>418</b>	<b>(8,1)</b>	<b>225,2</b>	<b>182,4</b>	<b>(19,0)</b>
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>616,0</b>	<b>618,6</b>	<b>0,4</b>	<b>1.843</b>	<b>1.760</b>	<b>(4,5)</b>	<b>1.135,4</b>	<b>1.088,6</b>	<b>(4,1)</b>
<b>BRASIL</b>	<b>1.111,0</b>	<b>1.054,4</b>	<b>(5,1)</b>	<b>1.225</b>	<b>1.205</b>	<b>(1,6)</b>	<b>1.360,6</b>	<b>1.271,0</b>	<b>(6,6)</b>

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em maio/2018.

Tabela 12 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-comum preto primeira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
<b>CENTRO-OESTE</b>	<b>1,2</b>	<b>1,2</b>	<b>-</b>	<b>1.850</b>	<b>1.900</b>	<b>2,7</b>	<b>2,2</b>	<b>2,3</b>	<b>4,5</b>
DF	1,2	1,2	-	1.850	1.900	2,7	2,2	2,3	4,5
<b>SUDESTE</b>	<b>9,8</b>	<b>9,5</b>	<b>(3,1)</b>	<b>965</b>	<b>970</b>	<b>0,6</b>	<b>9,5</b>	<b>9,2</b>	<b>(3,2)</b>
MG	6,9	6,8	(1,6)	838	854	1,9	5,8	5,8	-
ES	2,3	2,3	-	1.304	1.323	1,5	3,0	3,0	-
RJ	0,6	0,4	(28,0)	1.127	922	(18,2)	0,7	0,4	(42,9)
<b>SUL</b>	<b>163,7</b>	<b>169,8</b>	<b>3,7</b>	<b>1.880</b>	<b>1.691</b>	<b>(10,0)</b>	<b>307,8</b>	<b>287,2</b>	<b>(6,7)</b>
PR	112,0	118,7	6,0	1.929	1.670	(13,4)	216,0	198,2	(8,2)
SC	19,9	21,6	8,4	2.200	1.865	(15,2)	43,8	40,3	(8,0)
RS	31,8	29,5	(7,2)	1.508	1.650	9,4	48,0	48,7	1,5
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>174,7</b>	<b>180,5</b>	<b>3,3</b>	<b>1.829</b>	<b>1.655</b>	<b>(9,5)</b>	<b>319,5</b>	<b>298,7</b>	<b>(6,5)</b>
<b>BRASIL</b>	<b>174,7</b>	<b>180,5</b>	<b>3,3</b>	<b>1.829</b>	<b>1.655</b>	<b>(9,5)</b>	<b>319,5</b>	<b>298,7</b>	<b>(6,5)</b>

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em maio/2018.



**Tabela 13 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-comum cores primeira safra**

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
<b>NORTE</b>	<b>0,4</b>	<b>0,9</b>	<b>125,0</b>	<b>1.080</b>	<b>997</b>	<b>(7,7)</b>	<b>0,4</b>	<b>0,9</b>	<b>125,0</b>
TO	0,4	0,9	125,0	1.080	997	(7,7)	0,4	0,9	125,0
<b>NORDESTE</b>	<b>57,0</b>	<b>43,9</b>	<b>(23,0)</b>	<b>862</b>	<b>507</b>	<b>(41,2)</b>	<b>49,1</b>	<b>22,3</b>	<b>(54,6)</b>
BA	57,0	43,9	(23,0)	862	507	(41,2)	49,1	22,3	(54,6)
<b>CENTRO-OESTE</b>	<b>73,9</b>	<b>74,1</b>	<b>0,3</b>	<b>2.296</b>	<b>2.432</b>	<b>5,9</b>	<b>169,6</b>	<b>180,2</b>	<b>6,3</b>
MT	4,4	6,2	40,9	1.998	2.342	17,2	8,8	14,5	64,8
MS	0,8	0,8	-	1.800	1.800	-	1,4	1,4	-
GO	57,8	56,2	(2,8)	2.400	2.496	4,0	138,7	140,3	1,2
DF	10,9	10,9	-	1.900	2.200	15,8	20,7	24,0	15,9
<b>SUDESTE</b>	<b>223,4</b>	<b>221,0</b>	<b>(1,1)</b>	<b>1.752</b>	<b>1.753</b>	<b>-</b>	<b>391,5</b>	<b>387,5</b>	<b>(1,0)</b>
MG	140,0	136,4	(2,6)	1.301	1.331	2,3	182,1	181,5	(0,3)
ES	2,3	4,6	100,0	1.043	1.100	5,5	2,4	5,1	112,5
SP	81,1	80,0	(1,3)	2.552	2.511	(1,6)	207,0	200,9	(2,9)
<b>SUL</b>	<b>123,5</b>	<b>122,9</b>	<b>(0,5)</b>	<b>1.941</b>	<b>1.685</b>	<b>(13,2)</b>	<b>239,8</b>	<b>207,1</b>	<b>(13,6)</b>
PR	82,1	80,9	(1,5)	1.812	1.482	(18,2)	148,8	119,9	(19,4)
SC	31,4	32,0	1,9	2.134	1.881	(11,9)	67,0	60,2	(10,1)
RS	10,0	10,0	-	2.400	2.700	12,5	24,0	27,0	12,5
<b>NORTE/NORDESTE</b>	<b>57,4</b>	<b>44,8</b>	<b>(22,0)</b>	<b>864</b>	<b>517</b>	<b>(40,1)</b>	<b>49,5</b>	<b>23,2</b>	<b>(53,1)</b>
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>420,8</b>	<b>418,0</b>	<b>(0,7)</b>	<b>1.903</b>	<b>1.854</b>	<b>(2,6)</b>	<b>800,9</b>	<b>774,8</b>	<b>(3,3)</b>
<b>BRASIL</b>	<b>478,2</b>	<b>462,8</b>	<b>(3,2)</b>	<b>1.779</b>	<b>1.724</b>	<b>(3,1)</b>	<b>850,4</b>	<b>798,0</b>	<b>(6,2)</b>

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em maio/2018.

**Tabela 14 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-caupi primeira safra**

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
<b>NORTE</b>	<b>4,4</b>	<b>5,1</b>	<b>15,9</b>	<b>610</b>	<b>583</b>	<b>(4,4)</b>	<b>2,7</b>	<b>3,0</b>	<b>11,1</b>
TO	4,4	5,1	15,9	610	583	(4,4)	2,7	3,0	11,1
<b>NORDESTE</b>	<b>433,2</b>	<b>385,9</b>	<b>(10,9)</b>	<b>400</b>	<b>405</b>	<b>1,3</b>	<b>173,0</b>	<b>156,2</b>	<b>(9,7)</b>
MA	36,4	37,8	3,8	570	561	(1,6)	20,7	21,2	2,4
PI	226,9	235,3	3,7	294	337	14,6	66,7	79,3	18,9
BA	169,9	112,8	(33,6)	504	494	(2,0)	85,6	55,7	(34,9)
<b>CENTRO-OESTE</b>	<b>6,4</b>	<b>6,4</b>	<b>-</b>	<b>1.200</b>	<b>1.200</b>	<b>-</b>	<b>7,7</b>	<b>7,7</b>	<b>-</b>
MT	6,4	6,4	-	1.200	1.200	-	7,7	7,7	-
<b>SUDESTE</b>	<b>14,1</b>	<b>13,7</b>	<b>(2,8)</b>	<b>519</b>	<b>539</b>	<b>3,9</b>	<b>7,3</b>	<b>7,4</b>	<b>1,4</b>
MG	14,1	13,7	(3,1)	519	539	3,9	7,3	7,4	1,4
<b>NORTE/NORDESTE</b>	<b>437,6</b>	<b>391,0</b>	<b>(10,6)</b>	<b>402</b>	<b>407</b>	<b>1,4</b>	<b>175,7</b>	<b>159,2</b>	<b>(9,4)</b>
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>20,5</b>	<b>20,1</b>	<b>(2,0)</b>	<b>732</b>	<b>749</b>	<b>2,4</b>	<b>15,0</b>	<b>15,1</b>	<b>0,7</b>
<b>BRASIL</b>	<b>458,1</b>	<b>411,1</b>	<b>(10,3)</b>	<b>416</b>	<b>424</b>	<b>1,8</b>	<b>190,7</b>	<b>174,3</b>	<b>(8,6)</b>

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em maio/2018.



## 8.2.4.2. FEIJÃO SEGUNDA SAFRA

Para o feijão segunda safra está previsto a semeadura de 1.559,5 mil hectares, um incremento de 9,3% quando comparado à safra passada, possivelmente motivado pela opção do plantio de feijão ao milho. Ao mesmo tempo, em alguns estados, observa-se que há uma cautela no plantio devido aos preços baixos e também à janela de plantio. Observa-se que, para

### Feijão-comum cores

O feijão-comum cores é o segundo tipo de feijão mais cultivados na segunda safra. A estimativa é de 572,5 mil toneladas para a safra 2017/18, ou seja, 0,6% inferior à safra passada.

Em Rondônia, o cultivo de feijão-comum cores ocorre apenas na segunda safra. O seu estabelecimento no campo ocorre com a redução dos índices pluviométricos, que coincide a partir da segunda quinzena de março. Como as chuvas se prolongaram nessa safra, o início da semeadura ocorreu, de forma geral, em abril. A área cultivada nessa safra deverá ser de 14,4 mil hectares. Muitos são os fatores que fazem com que a área de feijão-comum cores segunda safra reduza no estado, quais sejam: custo de produção elevado; susceptibilidade da cultura aos ataques de pragas e doenças, principalmente mela e requeima; valor da saca defasado recebido pelo produtor e preço atrativo do produto no varejo.

O estágio atual da cultura é de 50% em floração e 50% em frutificação.

No Amazonas, a intenção é de plantio de 4,1 mil hectares, 8% a mais em relação à safra anterior. O plantio terminou em abril e a colheita deve iniciar em maio.

Na Paraíba, a perspectiva é de crescimento de 6,2% de área em relação à safra passada.

Na Bahia, estima-se o cultivo de 10 mil hectares em manejo irrigado no sistema de pivô central em sucessão às lavouras de soja. O plantio do feijão-comum cores segunda safra, após a colheita das lavouras de soja, é caracterizado como um cultivo de oportunidade, preenchendo a lacuna entre a produção da primeira e terceira safras, abastecendo toda a Região Nordeste do Brasil.

Em Mato Grosso, as lavouras de feijão-comum cores segunda safra foram semeadas até fevereiro e se encontram, predominantemente, em estágio de frutificação e maturação. As condições das lavouras são consideradas boas, contudo, o excesso de umidade pode atrapalhar a qualidade dos grãos. A colheita está

as Regiões Norte/Nordeste, deverá ser semeado 868,4 mil hectares, aumento de 19,8% em relação à safra passada, enquanto na Região Centro-Sul a estimativa é de uma área de 691,1 mil hectares semeada com feijão segunda safra, cerca de 1,6% a menos que na última safra.

prevista para ser iniciada a partir da segunda quinzena de maio, estendendo-se até junho. Não há comercialização futura do produto e o valor atual é considerado baixo para os produtores rurais, motivo pelo qual houve um menor espaço dedicado à cultura de segunda safra. A área destinada ao cultivo do feijão-comum cores segunda safra deverá ser 8,8% menor que a safra 2016/17, passando de 28,4 mil hectares na safra 2016/17 para 25,9 mil hectares na atual.

Em Mato Grosso do Sul, o plantio de feijão-comum cores é concentrado na segunda safra em razão do clima ser mais favorável ao desenvolvimento da leguminosa dado ao período mais frio. Mesmo com poucas chuvas ocorridas em abril, houve o plantio de grande parte das lavouras nesse mês. Como as lavouras estão principalmente na fase de desenvolvimento vegetativo e um pouco em floração, a falta de precipitações, aliada às altas temperaturas diurnas, têm causado preocupações para os produtores.

Com o clima seco, a principal praga que ataca as lavouras no início do cultivo é o inseto conhecido como vaquinha, porém não tem causado danos significativos, pois a praga está sendo controlada.

Até o momento nada foi comercializado, pois as projeções do mercado não são ruins e acredita-se que o preço atinja valores melhores em comparação com a safra anterior. No entanto, com os preços baixos atuais, os produtores ficam receosos em investir na cultura, porque o custo de produção aumenta ano após ano.

No Distrito Federal, o plantio da segunda safra do feijão-comum cores foi concluído, registrando área de 0,5 mil hectares. As lavouras estão em estágio de desenvolvimento vegetativo e a produtividade média está estimada em 2.200 Kg/ha.

Em Minas Gerais, a área é estimada em 105,7 mil hectares, 4,2% menor em relação à safra passada em decorrência do atraso da colheita das lavouras de verão. O bom volume de chuvas possibilitou o armazenamento de água no solo e condições favoráveis ao



plântio. As lavouras estão predominantemente em fase de desenvolvimento vegetativo e floração.

Em São Paulo, a produção de feijão-comum cores segunda safra se apresenta de forma reduzida, pois a mosca-branca tem desestimulado os produtores a cultivarem no estado, principalmente onde houve o cultivo de feijão e soja na primeira safra.

A área cultivada deverá ser de 14 mil hectares, redução de 4,8% em relação à última safra.

No Paraná, a área destinada ao cultivo de feijão-comum cores segunda safra deverá sofrer redução de 22,5% em relação à safra anterior, que fechou em 160,4 mil hectares.

Ainda que alguns municípios tenham aumentado a área devido à perda da janela de plântio de milho segunda safra, no geral, os produtores se guiaram pelos baixos preços praticados no mercado, resultando em diminuição de área. Em algumas regiões também houve falta de sementes. Ainda é cedo para se preci-

## Feijão-comum preto

O feijão-comum preto é o terceiro mais cultivado durante a segunda safra. A estimativa é de uma produção de 180,2 mil toneladas em uma área de 119,1 mil hectares, obtendo em média a produtividade de 1.513 kg/ha.

Na Paraíba, no período dos últimos cinco anos, o feijão-comum preto segunda safra foi prejudicado pela insuficiência de chuvas. A cultura é explorada em poucos municípios e a estimativa é de redução de área em relação à safra passada.

No Distrito Federal, a área de feijão-comum preto segunda safra é pouco expressiva e está estimada em 0,1 mil hectares. O plântio já foi concluído e as lavouras estão em estágio de desenvolvimento vegetativo.

No Paraná, a área de feijão-comum preto segunda safra deverá sofrer diminuição de 14,6% em relação à safra de 2016/17, influenciado pelos baixos preços praticados no mercado. Até a data do levantamento, a colheita avançava por pouco mais de 8% da área. O rendimento é estimado em 1.587 kg/ha.

Em Santa Catarina, o feijão-comum preto segunda safra ainda se encontra em desenvolvimento. O atraso

na produtividade, mas é certo que haverá redução no potencial produtivo.

As lavouras estão em fase de alta susceptibilidade à seca e, com os 30 dias de estiagem, o risco de quebra de safra é alto. Foi efetuada colheita em cerca de 4% da área plantada, e o rendimento é estimado em 1.682 kg/ha. As condições das lavouras não são muito boas, pois elas se ressentiram da falta de chuvas em abril.

Em Santa Catarina, as lavouras de feijão-comum cores segunda safra, se encontram, em sua grande maioria (90%), na fase de formação de grãos e entrada em maturação. As condições das lavouras têm apresentado piora nos últimos dias em consequência da falta de chuva na maioria das regiões, o que deve afetar diretamente a produtividade esperada inicialmente. A produtividade estimada em 1.698 kg/ha, apresentou redução de aproximadamente 3% em relação ao levantamento passado. Em abril, praticamente não apresentou chuvas regulares na maior parte das regiões.

do ciclo de algumas culturas antecessoras por questões climáticas, entre elas o próprio feijão, resultou também no atraso na implantação do feijão segunda safra. Nesse momento, a cultura apresenta lavouras desde desenvolvimento vegetativo até maturação.

A área estimada sofreu um ajuste positivo nesse levantamento, resultado da observação mais acurada por parte dos informantes, principalmente em áreas cujas sementes não passam pelo comércio formal (cooperativas e cerealistas), mas são usadas para formação de novas lavouras.

As condições climáticas dos últimos dias não têm favorecido as lavouras que se encontram em estádios mais atrasados, as quais vêm sofrendo com a falta de chuvas regulares desde o início de abril.

No Rio Grande do Sul, as lavouras de feijão-comum preto segunda safra vêm se desenvolvendo bem, com a colaboração do clima. Em Erechim, Soledade e Cruz Alta, as lavouras estão em transição de enchimento de grão e maturação, enquanto que em Palmeira das Missões já foi iniciada a colheita. A produtividade média é estimada em 1.600 kg/ha.



## Feijão-caupi

O feijão-caupi ocupa a maior área semeada com feijão na segunda safra, com 1.042,4 mil hectares. A produção é estimada em 570,8 mil toneladas, 28,3% superior à safra passada.

No Maranhão, a área de feijão-caupi segunda safra é estimada em 52,9 mil hectares. A semeadura e o estabelecimento das lavouras já foi iniciada em algumas regiões do estado.

No Piauí, a expectativa é de redução de área em 14,9%, quando comparada à safra passada. A área de feijão-caupi segunda safra se concentra na região sudoeste do estado (cerrado) e se encontra totalmente plantado, tendo o plantio ocorrido entre o final de março e o início de abril. A cultura se encontra nas fases de desenvolvimento vegetativo a frutificação, e a colheita é prevista para a primeira quinzena de junho.

### Figura 13 - Feijão em Uruçuí - PI



Fonte: Conab.

No Rio Grande do Norte, a área plantada de feijão-caupi segunda safra é estimada em 45,3 mil hectares, um incremento de 26,5% em relação à área plantada na safra 2016/17. Esse aumento previsto é em virtude das melhores condições climáticas anunciadas para essa safra. Após o veranico de março, constatou-se o replantio em áreas das regiões oeste e central do estado, bem como o plantio em áreas da região agreste e leste potiguar, que deverá se estender até maio.

Na Paraíba, na última safra, foram plantadas 63,2 mil hectares de feijão-caupi segunda safra, que, por insuficiência de chuvas, apresentou produtividade de apenas 261 kg/ha. Na presente safra, a expectativa é de forte incremento da área, com o plantio de 82,7 mil hectares.

Em Pernambuco, dado ao comportamento negativo das chuvas em março, em especial, ao registrado nas microrregiões do Sertão de Itaparica e Sertão Central,

a estimativa é que o rendimento fique, em princípio, ligeiramente abaixo do esperado para um ano normal, embora já apresente um aumento expressivo em relação à safra passada.

Atualmente, a maioria das lavouras estão nos estádios de enchimento de grãos e maturação e já há uma parcela significativa da área sendo colhida.

Na Bahia, estima-se o cultivo de 50 mil hectares, com produção de 40 mil toneladas em regime de sequeiro, oportunizando o final da estação chuvosa, e irrigado, em sucessão à soja precoce. Os plantios ocorreram em meados de fevereiro. O feijão-caupi segunda safra é cultivado na mesorregião do extremo oeste do estado.

Em Mato Grosso, o feijão-caupi segunda safra tem sofrido com excesso de umidade, principalmente na primeira quinzena de março, fato que pode ocasionar perda na qualidade do produto. O plantio foi concluído no fim de março e a colheita dos primeiros talhões começa em maio. Mesmo com os preços baixos aplicados no momento da semeadura, a área semeada é estimada em 230 mil hectares, frente aos 202,3 mil hectares da safra anterior, o que representa 13,7% de aumento devido à preferência por parcela dos produtores rurais em substituir parcialmente a área de milho segunda safra, que foi plantada fora da janela ideal. Os preços estão bastante baixos, na faixa de R\$ 40,00 a saca de 60 quilos em Sorriso. Na atual safra há poucos contratos de venda antecipada, com os importadores pouco ativos na negociação do grão, dando pouca liquidez ao mercado.

Em Goiás, o feijão-caupi segunda safra teve um aumento expressivo nessa safra, como segunda opção para o produtor, devido, principalmente, ao atraso das chuvas no estado, por ser uma cultura pouco exigente em relação à necessidade hídrica e bastante resistente a pragas e doenças. Os produtores têm procurado cada vez mais pelas sementes que são oriundas do Mato Grosso, pois estão bem adaptadas aos solos de aluvião e terras mais ácidas.

O plantio foi concluído em março e as lavouras se encontram em estágio de desenvolvimento vegetativo. A colheita é prevista para iniciar em maio. A colheita é mecanizada, com colhedoras apenas com rotor, sem essa condição a injúria e quebra de grãos é muito intensa.

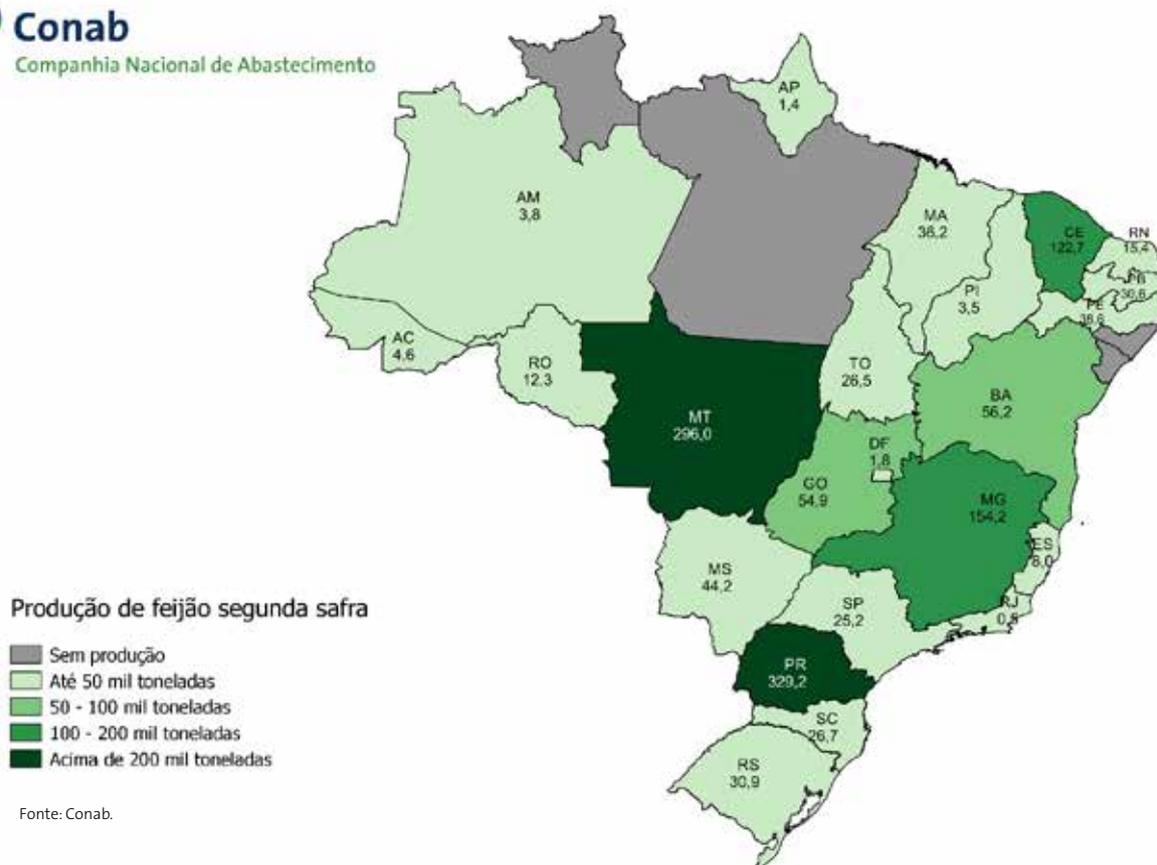
No Distrito Federal, mais de 40% da área semeada na segunda safra corresponde ao feijão-caupi, que tem como principal mercado comprador a Região Nordeste. A área é estimada em 0,5 mil hectares.



Figura 14 – Mapa da produção agrícola – Feijão segunda safra



Companhia Nacional de Abastecimento



**Quadro 6 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases\* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Feijão segunda safra**

UF	Mesorregiões	Feijão segunda safra											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
RO	Leste Rondoniense						P	DV	F	FR	M/C	C	
	Oeste Maranhense						P	DV	F	FR	M/C	C	
MA	Centro Maranhense						P	DV	F	FR	M/C	C	
	Sul Maranhense						P	DV	F	FR	M/C	C	
CE	Noroeste Cearense						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
	Norte Cearense						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
	Sertões Cearenses						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
MS	Sudoeste de Mato Grosso do Sul						PP	P/G	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	
MT	Norte Mato						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
	Nordeste Mato						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
	Sudeste Mato						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
GO	Noroeste Goiano						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
	Norte Goiano						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
	Leste Goiano						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
	Sul Goiano						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
MG	Noroeste de Minas						P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C		
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba						P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C		
	Central Mineira						P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C		
	Vale do Rio Doce						P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C		
	Oeste de Minas						P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C		
	Sul/Sudoeste de Minas						P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C		
	Campo das Vertentes						P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C		
	Zona da Mata						P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C		
ES	Central Espírito-Santense						P/G	DV	DV/F	M/C	C		
SP	Campinas						P/G	DV/F	FR/M	M/C	C		
	Assis						P/G	DV/F	FR/M	M/C	C		
	Itapetininga						P/G	DV/F	FR/M	M/C	C		
PR	Norte Central Paranaense					P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Norte Pioneiro Paranaense					P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Centro Oriental Paranaense					P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Oeste Paranaense					P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Sudoeste Paranaense					P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Centro-Sul Paranaense					P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Sudeste Paranaense					P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Metropolitana de Curitiba					P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C		
SC	Oeste Catarinense					P/G	DV	DV/F	F/FR/M	M/C	C		
	Norte Catarinense					P/G	DV	DV/F	F/FR/M	M/C	C		
	Sul Catarinense					P/G	DV	DV/F	F/FR/M	M/C	C		
RS	Noroeste Rio-grandense					P/G	DV	DV/F	F/FR/M	M/C	C		

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
  Favorável
  Média restrição - falta de chuva
  Baixa restrição - excesso de chuva

\* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (C)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

\*\* Total ou parcialmente irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.



Tabela 15 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão segunda safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
<b>NORTE</b>	<b>55,9</b>	<b>49,6</b>	<b>(11,3)</b>	<b>1.171</b>	<b>978</b>	<b>(16,5)</b>	<b>65,4</b>	<b>48,6</b>	<b>(25,7)</b>
RO	19,3	14,4	(25,4)	971	851	(12,4)	18,7	12,3	(34,2)
AC	7,6	7,6	-	593	605	2,1	4,5	4,6	2,2
AM	3,8	4,1	7,9	1.239	925	(25,3)	4,7	3,8	(19,1)
AP	1,4	1,4	-	944	993	5,2	1,3	1,4	7,7
TO	23,8	22,1	(7,1)	1.520	1.198	(21,2)	36,2	26,5	(26,8)
<b>NORDESTE</b>	<b>669,0</b>	<b>818,8</b>	<b>22,4</b>	<b>307</b>	<b>370</b>	<b>20,4</b>	<b>205,6</b>	<b>303,2</b>	<b>47,5</b>
MA	51,4	52,9	2,9	699	684	(2,1)	35,9	36,2	0,8
PI	6,3	5,4	(14,3)	572	645	12,8	3,6	3,5	(2,8)
CE	407,0	412,5	1,4	292	297	1,9	118,8	122,7	3,3
RN	35,8	45,3	26,5	347	341	(1,7)	12,4	15,4	24,2
PB	90,0	110,9	23,2	316	276	(12,7)	28,4	30,6	7,7
PE	78,5	131,8	67,9	83	293	252,9	6,5	38,6	493,8
BA	-	60,0	-	-	937	-	-	56,2	-
<b>CENTRO-OESTE</b>	<b>276,6</b>	<b>319,0</b>	<b>15,3</b>	<b>1.264</b>	<b>1.244</b>	<b>(1,5)</b>	<b>349,6</b>	<b>396,9</b>	<b>13,5</b>
MT	230,7	255,9	10,9	1.172	1.157	(1,3)	270,3	296,0	9,5
MS	26,0	26,0	-	1.692	1.700	0,5	44,0	44,2	0,5
GO	19,0	36,0	89,5	1.750	1.524	(12,9)	33,3	54,9	64,9
DF	0,9	1,1	22,2	2.189	1.668	(23,8)	2,0	1,8	(10,0)
<b>SUDESTE</b>	<b>138,8</b>	<b>135,3</b>	<b>(2,5)</b>	<b>1.367</b>	<b>1.388</b>	<b>1,6</b>	<b>189,7</b>	<b>187,9</b>	<b>(0,9)</b>
MG	116,8	112,2	(3,9)	1.331	1.374	3,3	155,4	154,2	(0,8)
ES	6,1	8,6	41,0	1.049	924	(11,9)	6,4	8,0	25,0
RJ	1,2	0,5	(58,3)	1.008	1.091	8,2	1,2	0,5	(58,3)
SP	14,7	14,0	(4,8)	1.815	1.800	(0,8)	26,7	25,2	(5,6)
<b>SUL</b>	<b>286,6</b>	<b>236,8</b>	<b>(17,4)</b>	<b>1.363</b>	<b>1.633</b>	<b>19,8</b>	<b>390,6</b>	<b>386,8</b>	<b>(1,0)</b>
PR	249,0	200,0	(19,7)	1.370	1.646	20,1	341,2	329,2	(3,5)
SC	18,3	17,5	(4,4)	1.417	1.524	7,6	25,9	26,7	3,1
RS	19,3	19,3	-	1.220	1.600	31,1	23,5	30,9	31,5
<b>NORTE/NORDESTE</b>	<b>724,9</b>	<b>868,4</b>	<b>19,8</b>	<b>374</b>	<b>405</b>	<b>8,3</b>	<b>271,0</b>	<b>351,8</b>	<b>29,8</b>
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>702,0</b>	<b>691,1</b>	<b>(1,6)</b>	<b>1.325</b>	<b>1.406</b>	<b>6,1</b>	<b>929,9</b>	<b>971,6</b>	<b>4,5</b>
<b>BRASIL</b>	<b>1.426,9</b>	<b>1.559,5</b>	<b>9,3</b>	<b>842</b>	<b>849</b>	<b>0,8</b>	<b>1.200,9</b>	<b>1.323,4</b>	<b>10,2</b>

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em maio/2018.



**Tabela 16 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-comum preto segunda safra**

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
<b>NORDESTE</b>	<b>1,1</b>	<b>0,9</b>	<b>(18,2)</b>	<b>405</b>	<b>363</b>	<b>(10,4)</b>	<b>0,4</b>	<b>0,3</b>	<b>(25,0)</b>
PB	1,1	0,9	(18,0)	405	363	(10,4)	0,4	0,3	(25,0)
<b>CENTRO-OESTE</b>	<b>1,1</b>	<b>0,1</b>	<b>(90,9)</b>	<b>1.555</b>	<b>1.850</b>	<b>19,0</b>	<b>1,7</b>	<b>0,2</b>	<b>(88,2)</b>
MS	1,0	-	(100,0)	1.500	-	(100,0)	1,5	-	(100,0)
DF	0,1	0,1	-	2.100	1.850	(11,9)	0,2	0,2	-
<b>SUDESTE</b>	<b>10,1</b>	<b>9,4</b>	<b>(6,9)</b>	<b>937</b>	<b>901</b>	<b>(3,9)</b>	<b>9,5</b>	<b>8,5</b>	<b>(10,5)</b>
MG	6,4	6,4	-	931	949	1,9	6,0	6,1	1,7
ES	2,5	2,5	-	920	740	(19,6)	2,3	1,9	(17,4)
RJ	1,2	0,5	(56,2)	1.008	1.091	8,2	1,2	0,5	(58,3)
<b>SUL</b>	<b>122,4</b>	<b>108,7</b>	<b>(11,2)</b>	<b>1.378</b>	<b>1.575</b>	<b>14,3</b>	<b>168,6</b>	<b>171,2</b>	<b>1,5</b>
PR	88,6	75,7	(14,6)	1.418	1.587	11,9	125,6	120,1	(4,4)
SC	14,5	13,7	(5,5)	1.343	1.476	9,9	19,5	20,2	3,6
RS	19,3	19,3	-	1.220	1.600	31,1	23,5	30,9	31,5
<b>NORTE/NORDESTE</b>	<b>1,1</b>	<b>0,9</b>	<b>(18,2)</b>	<b>405</b>	<b>363</b>	<b>(10,4)</b>	<b>0,4</b>	<b>0,3</b>	<b>(25,0)</b>
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>133,6</b>	<b>118,2</b>	<b>(11,5)</b>	<b>1.346</b>	<b>1.522</b>	<b>13,1</b>	<b>179,8</b>	<b>179,9</b>	<b>0,1</b>
<b>BRASIL</b>	<b>134,7</b>	<b>119,1</b>	<b>(11,6)</b>	<b>1.338</b>	<b>1.513</b>	<b>13,1</b>	<b>180,2</b>	<b>180,2</b>	<b>-</b>

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em maio/2018.

**Tabela 17 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-comum cores segunda safra**

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
<b>NORTE</b>	<b>32,2</b>	<b>26,1</b>	<b>(18,9)</b>	<b>956</b>	<b>819</b>	<b>(14,3)</b>	<b>30,7</b>	<b>21,4</b>	<b>(30,3)</b>
RO	19,3	14,4	(25,2)	971	851	(12,4)	18,7	12,3	(34,2)
AC	5,6	5,6	-	580	592	2,1	3,2	3,3	3,1
AM	3,8	4,1	8,0	1.239	925	(25,3)	4,7	3,8	(19,1)
AP	1,4	1,4	-	944	993	5,2	1,3	1,4	7,7
TO	2,1	0,6	(71,9)	1.312	1.027	(21,7)	2,8	0,6	(78,6)
<b>NORDESTE</b>	<b>32,1</b>	<b>46,6</b>	<b>45,2</b>	<b>414</b>	<b>670</b>	<b>61,8</b>	<b>13,3</b>	<b>31,2</b>	<b>134,6</b>
CE	2,8	3,9	39,3	565	555	(1,8)	1,6	2,2	37,5
PB	25,7	27,3	6,2	447	400	(10,5)	11,5	10,9	(5,2)
PE	3,6	5,4	50,0	62	360	480,6	0,2	1,9	850,0
BA	-	10,0	-	-	1.620	-	-	16,2	-
<b>CENTRO-OESTE</b>	<b>73,2</b>	<b>71,4</b>	<b>(2,5)</b>	<b>1.769</b>	<b>1.752</b>	<b>(1,0)</b>	<b>129,6</b>	<b>125,0</b>	<b>(3,5)</b>
MT	28,4	25,9	(8,8)	1.831	1.847	0,9	52,0	47,8	(8,1)
MS	25,0	26,0	4,0	1.700	1.700	-	42,5	44,2	4,0
GO	19,0	19,0	-	1.750	1.680	(4,0)	33,3	31,9	(4,2)
DF	0,8	0,5	(37,5)	2.200	2.200	-	1,8	1,1	(38,9)
<b>SUDESTE</b>	<b>128,6</b>	<b>125,8</b>	<b>(2,2)</b>	<b>1.401</b>	<b>1.425</b>	<b>1,7</b>	<b>180,1</b>	<b>179,3</b>	<b>(0,4)</b>
MG	110,3	105,7	(4,2)	1.354	1.400	3,4	149,3	148,0	(0,9)
ES	3,6	6,1	69,0	1.139	1.000	(12,2)	4,1	6,1	48,8
SP	14,7	14,0	(4,8)	1.815	1.800	(0,8)	26,7	25,2	(5,6)
<b>SUL</b>	<b>164,2</b>	<b>128,1</b>	<b>(22,0)</b>	<b>1.352</b>	<b>1.682</b>	<b>24,4</b>	<b>222,1</b>	<b>215,6</b>	<b>(2,9)</b>
PR	160,4	124,3	(22,5)	1.344	1.682	25,1	215,6	209,1	(3,0)
SC	3,8	3,8	-	1.700	1.698	(0,1)	6,5	6,5	-
<b>NORTE/NORDESTE</b>	<b>64,3</b>	<b>72,7</b>	<b>13,1</b>	<b>685</b>	<b>723</b>	<b>5,6</b>	<b>44,0</b>	<b>52,6</b>	<b>19,5</b>
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>366,0</b>	<b>325,3</b>	<b>(11,1)</b>	<b>1.453</b>	<b>1.598</b>	<b>10,0</b>	<b>531,8</b>	<b>519,9</b>	<b>(2,2)</b>
<b>BRASIL</b>	<b>430,3</b>	<b>398,0</b>	<b>(7,5)</b>	<b>1.338</b>	<b>1.438</b>	<b>7,5</b>	<b>575,8</b>	<b>572,5</b>	<b>(0,6)</b>

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em maio/2018.



**Tabela 18 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-caupi segunda safra**

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
<b>NORTE</b>	<b>23,7</b>	<b>23,5</b>	<b>(0,8)</b>	<b>1.463</b>	<b>1.155</b>	<b>(21,0)</b>	<b>34,7</b>	<b>27,2</b>	<b>(21,6)</b>
AC	2,0	2,0	-	630	643	2,1	1,3	1,3	-
TO	21,7	21,5	(0,9)	1.540	1.203	(21,9)	33,4	25,9	(22,5)
<b>NORDESTE</b>	<b>635,8</b>	<b>771,3</b>	<b>21,3</b>	<b>302</b>	<b>352</b>	<b>16,7</b>	<b>191,9</b>	<b>271,7</b>	<b>41,6</b>
MA	51,4	52,9	2,9	699	684	(2,1)	35,9	36,2	0,8
PI	6,3	5,4	(14,9)	572	645	12,8	3,6	3,5	(2,8)
CE	404,2	408,6	1,1	290	295	1,7	117,2	120,5	2,8
RN	35,8	45,3	26,5	347	341	(1,7)	12,4	15,4	24,2
PB	63,2	82,7	30,9	261	234	(10,3)	16,5	19,4	17,6
PE	74,9	126,4	68,8	84	290	245,2	6,3	36,7	482,5
BA	-	50,0	-	-	800	-	-	40,0	-
<b>CENTRO-OESTE</b>	<b>202,3</b>	<b>247,5</b>	<b>22,3</b>	<b>1.079</b>	<b>1.003</b>	<b>(7,1)</b>	<b>218,3</b>	<b>271,8</b>	<b>24,5</b>
MT	202,3	230,0	13,7	1.079	1.079	-	218,3	248,2	13,7
GO	-	17,0	-	-	1.350	-	-	23,0	-
DF	-	0,5	-	-	1.100	-	-	0,6	-
<b>SUDESTE</b>	<b>0,1</b>	<b>0,1</b>	<b>-</b>	<b>1.013</b>	<b>1.034</b>	<b>2,1</b>	<b>0,1</b>	<b>0,1</b>	<b>-</b>
MG	0,1	0,1	-	1.013	1.034	2,1	0,1	0,1	-
<b>NORTE/NORDESTE</b>	<b>659,5</b>	<b>794,8</b>	<b>20,5</b>	<b>344</b>	<b>376</b>	<b>9,4</b>	<b>226,6</b>	<b>298,9</b>	<b>31,9</b>
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>202,4</b>	<b>247,6</b>	<b>22,3</b>	<b>1.079</b>	<b>1.003</b>	<b>(7,1)</b>	<b>218,4</b>	<b>271,9</b>	<b>24,5</b>
<b>BRASIL</b>	<b>861,9</b>	<b>1.042,4</b>	<b>20,9</b>	<b>516</b>	<b>525</b>	<b>1,6</b>	<b>445,0</b>	<b>570,8</b>	<b>28,3</b>

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em maio/2018.

### 8.2.4.3. FEIJÃO TERCEIRA SAFRA

Para o feijão terceira safra, devido ao calendário de plantio e da metodologia aplicada nas estimativas, foi aplicado um rendimento médio, baseado na análise estatística da série histórica das safras anteriores. Apontando uma produtividade de 1.275 kg/ha e pro-

dução de 803,8 mil toneladas.

O plantio, dos estados, é recente e na maioria o feijão terceira safra ainda está para ser plantado.

#### Feijão-comum cores

O feijão-comum cores é o mais produzido na terceira safra. A estimativa é de 731,4 mil toneladas para a safra 2017/18, ou seja, 2,8% inferior à safra passada.

Em Pernambuco, as lavouras de feijão-comum cores terceira safra são semeadas na mesorregião do Agreste Pernambucano, onde o plantio ocorre entre abril e junho.

Nesse levantamento, observa-se que a grande maioria das lavouras se encontram na fase de preparo do solo e apenas uma pequena parcela dos produtores já realizou o plantio, os quais, por sua vez, utilizaram para semeadura grãos e/ou sementes remanescentes da safra anterior.

Na Bahia, estima-se que sejam cultivados 201,7 mil hectares. Os plantios foram iniciados e evoluem em 5% da área. Os cultivos são realizados no nordeste da Bahia, conduzidos pela agricultura familiar, visando a subsistência, e pela agricultura empresarial, em manejo semimecanizado, cuja a produção abastece o próprio estado e os estados vizinhos. A colheita é esperada para acontecer entre julho e setembro.

Em Mato Grosso, ainda é cedo para definir a área de feijão-comum cores terceira safra, contudo, a tendência é que não haja aumento de área devido ao preço do grão, cuja cotação está abaixo do ideal. O Paraná, grande produtor de feijão, tem enfrentado problemas climáticos que podem acarretar menor disponibilidade do grão no mercado nacional. Portanto, o produtor rural espera uma sinalização do mercado em relação a uma eventual retomada na cotação do preço do feijão-carioca para determinar a área sob pivôs.

No Distrito Federal, o plantio do feijão-comum cores terceira safra é previsto para ocorrer de abril a junho e a colheita deve iniciar em julho e se estender até setembro. Persiste a indecisão dos produtores com relação à área a ser plantada, dado que a cultura concorre principalmente com trigo e hortaliças.

As lavouras são conduzidas inteiramente sob irrigação, em uma área estimada de 2,6 mil hectares.

Em São Paulo os plantios ainda não iniciaram.



## Feijão-comum preto

O feijão-comum preto quase não é cultivado durante a segunda safra. A estimativa é de uma produção de 9,8 mil toneladas em uma área de 14,3 mil hectares, obtendo um rendimento médio de 687 kg/ha.

No Distrito Federal, a área estimada com plantio de feijão-comum preto terceira safra é de 0,2 mil hectares.

## Feijão-caupi

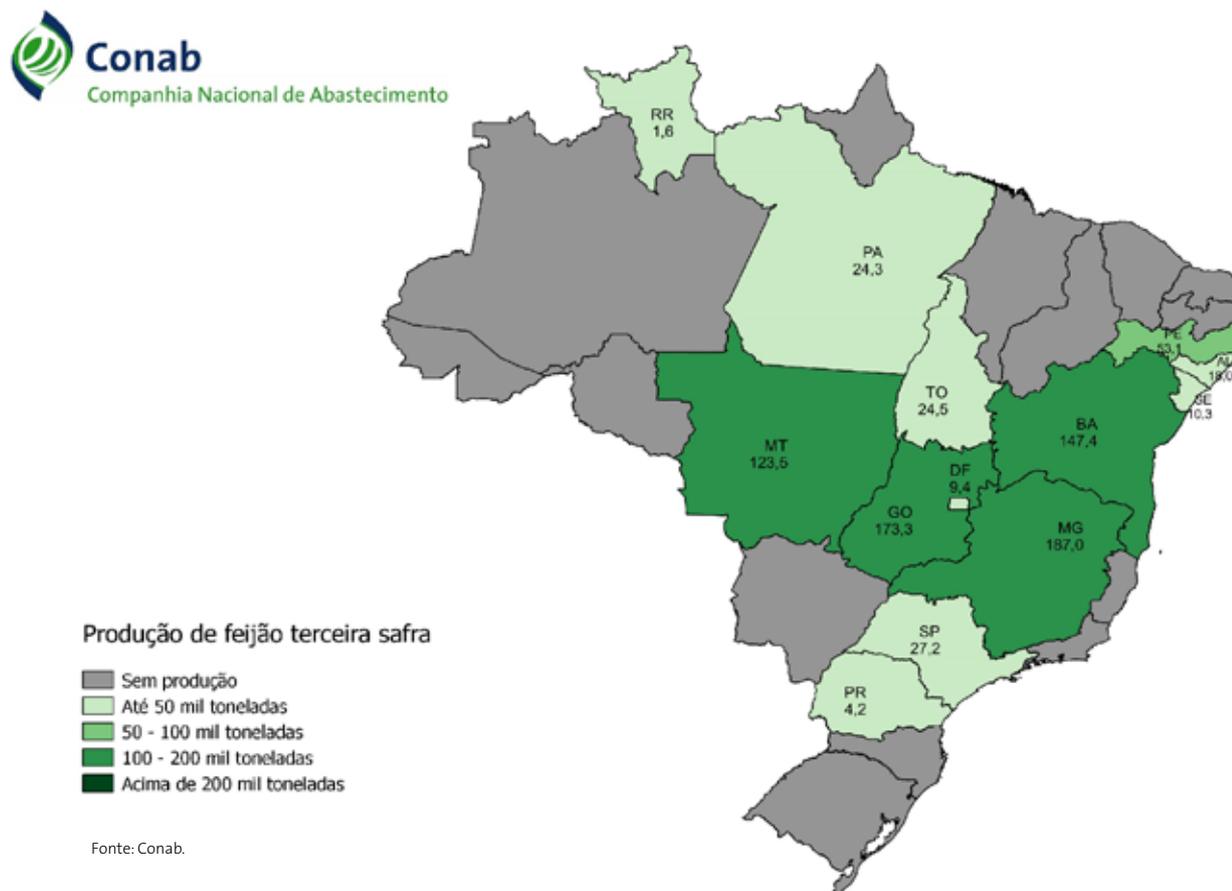
O feijão-caupi deverá ocupar uma área de 86,5 mil hectares na terceira safra de feijão. A produção é estimada em 62,6 mil toneladas.

tivos são realizados no nordeste da Bahia, conduzidos exclusivamente pela agricultura familiar visando a subsistência.

Na Bahia, estima-se que sejam cultivados 10 mil hectares, com a produção de 5,3 mil toneladas. Os plantios foram iniciados e evoluem em 5% da área. Os cul-

No Distrito Federal, a área de feijão-caupi terceira safra é estimada em 0,3 mil hectares

Figura 15 – Mapa da produção agrícola – Feijão terceira safra



## Quadro 7 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases\* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Feijão terceira safra

UF	Mesorregiões	Feijão segunda safra												
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	
MT	Norte Mato-grossense	C									P/DV	DV/F	F/FR/M	M/C
	Sudeste Mato-grossense	C									P/DV	DV/F	F/FR/M	M/C
GO	Noroeste Goiano	C									P/DV	DV/F	FR/M/C	M/C
	Norte Goiano	C									P/DV	DV/F	FR/M/C	M/C
	Leste Goiano	C									P/DV	DV/F	FR/M/C	M/C
MG	Sul Goiano	C									P/DV	DV/F	FR/M/C	M/C
	Noroeste de Minas	C									P/DV	DV/F	FR/M/C	M/C
SP	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	C									P/DV	DV/F	FR/M/C	M/C
	Ribeirão Preto	C									P/DV	F/FR/M	FR/M	M/C
	Araçatuba	C									P/DV	F/FR/M	FR/M	M/C
	Bauru	C									P/DV	DV/F	FR/M	M/C
	Campinas	C									P/DV	DV/F	FR/M	M/C

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
  Favorável
  Média Restrição -Excesso de Chuvas
  Média restrição - falta de chuva

\* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

\*\* Irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.

## Tabela 19 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão terceira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
<b>NORTE</b>	<b>52,2</b>	<b>52,4</b>	<b>0,4</b>	<b>1.190</b>	<b>962</b>	<b>(19,2)</b>	<b>62,2</b>	<b>50,4</b>	<b>(19,0)</b>
RR	2,4	2,4	-	650	650	-	1,6	1,6	-
PA	34,3	34,5	0,6	825	705	(14,6)	28,3	24,3	(14,1)
TO	15,5	15,5	-	2.081	1.581	(24,0)	32,3	24,5	(24,1)
<b>NORDESTE</b>	<b>386,8</b>	<b>374,6</b>	<b>(3,2)</b>	<b>649</b>	<b>611</b>	<b>(5,9)</b>	<b>251,1</b>	<b>228,8</b>	<b>(8,9)</b>
PE	107,6	107,6	-	478	494	3,3	51,4	53,1	3,3
AL	40,1	40,1	-	520	448	(13,7)	20,8	18,0	(13,5)
SE	15,2	15,2	-	871	677	(22,3)	13,2	10,3	(22,0)
BA	223,9	211,7	(5,4)	740	696	(5,9)	165,7	147,4	(11,0)
<b>CENTRO-OESTE</b>	<b>116,8</b>	<b>116,8</b>	<b>-</b>	<b>2.632</b>	<b>2.621</b>	<b>(0,4)</b>	<b>307,4</b>	<b>306,2</b>	<b>(0,4)</b>
MT	53,7	53,7	-	2.369	2.299	(3,0)	127,2	123,5	(2,9)
GO	60,0	60,0	-	2.850	2.889	1,4	171,0	173,3	1,3
DF	3,1	3,1	-	2.962	3.020	2,0	9,2	9,4	2,2
<b>SUDESTE</b>	<b>82,2</b>	<b>82,2</b>	<b>-</b>	<b>2.586</b>	<b>2.605</b>	<b>0,7</b>	<b>212,6</b>	<b>214,2</b>	<b>0,8</b>
MG	70,4	70,4	-	2.619	2.656	1,4	184,4	187,0	1,4
SP	11,8	11,8	-	2.392	2.305	(3,6)	28,2	27,2	(3,5)
<b>SUL</b>	<b>4,4</b>	<b>4,4</b>	<b>-</b>	<b>1.009</b>	<b>950</b>	<b>(5,8)</b>	<b>4,4</b>	<b>4,2</b>	<b>(4,5)</b>
PR	4,4	4,4	-	1.009	950	(5,8)	4,4	4,2	(4,5)
<b>NORTE/NORDESTE</b>	<b>439,0</b>	<b>427,0</b>	<b>(2,7)</b>	<b>714</b>	<b>654</b>	<b>(8,4)</b>	<b>313,3</b>	<b>279,2</b>	<b>(10,9)</b>
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>203,4</b>	<b>203,4</b>	<b>-</b>	<b>2.578</b>	<b>2.579</b>	<b>-</b>	<b>524,4</b>	<b>524,6</b>	<b>-</b>
<b>BRASIL</b>	<b>642,4</b>	<b>630,4</b>	<b>(1,9)</b>	<b>1.304</b>	<b>1.275</b>	<b>(2,2)</b>	<b>837,7</b>	<b>803,8</b>	<b>(4,0)</b>

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em maio/2018.



**Tabela 20 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-comum cores terceira safra**

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
<b>NORTE</b>	<b>6,6</b>	<b>8,0</b>	<b>21,2</b>	<b>655</b>	<b>645</b>	<b>(1,6)</b>	<b>5,3</b>	<b>5,1</b>	<b>(3,8)</b>
PA	6,1	7,5	23,0	638	551	(13,6)	3,9	4,1	5,1
TO	0,5	0,5	-	2.701	2.052	(24,0)	1,4	1,0	(28,6)
<b>NORDESTE</b>	<b>329,5</b>	<b>318,9</b>	<b>(3,2)</b>	<b>702</b>	<b>637</b>	<b>(9,3)</b>	<b>223,8</b>	<b>203,1</b>	<b>(9,2)</b>
PE	72,2	72,2	-	510	527	3,3	36,8	38,0	3,3
AL	29,8	29,8	-	490	423	(13,7)	14,6	12,6	(13,7)
SE	15,2	15,2	-	871	677	(22,3)	13,2	10,3	(22,0)
BA	212,3	201,7	(5,0)	750	705	(6,0)	159,2	142,2	(10,7)
<b>CENTRO-OESTE</b>	<b>116,3</b>	<b>116,3</b>	<b>-</b>	<b>2.634</b>	<b>2.623</b>	<b>(0,4)</b>	<b>306,3</b>	<b>305,1</b>	<b>(0,4)</b>
MT	53,7	53,7	-	2.369	2.299	(3,0)	127,2	123,5	(2,9)
GO	60,0	60,0	-	2.850	2.889	1,4	171,0	173,3	1,3
DF	2,6	2,6	-	3.120	3.181	2,0	8,1	8,3	2,5
<b>SUDESTE</b>	<b>82,0</b>	<b>82,0</b>	<b>-</b>	<b>2.590</b>	<b>2.609</b>	<b>0,7</b>	<b>212,3</b>	<b>213,9</b>	<b>0,8</b>
MG	70,2	70,2	-	2.623	2.660	1,4	184,1	186,7	1,4
SP	11,8	11,8	-	2.392	2.305	(3,6)	28,2	27,2	(3,5)
<b>SUL</b>	<b>4,4</b>	<b>4,4</b>	<b>-</b>	<b>1.009</b>	<b>950</b>	<b>(5,8)</b>	<b>4,4</b>	<b>4,2</b>	<b>(4,5)</b>
PR	4,4	4,4	-	1.009	950	(5,8)	4,4	4,2	(4,5)
<b>NORTE/NORDESTE</b>	<b>336,1</b>	<b>326,9</b>	<b>(2,7)</b>	<b>701</b>	<b>637</b>	<b>(9,1)</b>	<b>229,1</b>	<b>208,2</b>	<b>(9,1)</b>
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>202,7</b>	<b>202,7</b>	<b>-</b>	<b>2.581</b>	<b>2.581</b>	<b>-</b>	<b>523,0</b>	<b>523,2</b>	<b>-</b>
<b>BRASIL</b>	<b>538,8</b>	<b>529,6</b>	<b>(1,7)</b>	<b>1.420</b>	<b>1.381</b>	<b>(2,8)</b>	<b>752,1</b>	<b>731,4</b>	<b>(2,8)</b>

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em maio/2018.

**Tabela 21 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-comum preto terceira safra**

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
<b>NORDESTE</b>	<b>13,9</b>	<b>13,9</b>	<b>-</b>	<b>510</b>	<b>645</b>	<b>26,5</b>	<b>7,1</b>	<b>9,0</b>	<b>26,8</b>
PE	13,9	13,9	-	510	645	26,5	7,1	9,0	26,8
<b>CENTRO-OESTE</b>	<b>0,2</b>	<b>0,2</b>	<b>-</b>	<b>3.100</b>	<b>3.161</b>	<b>2,0</b>	<b>0,6</b>	<b>0,6</b>	<b>-</b>
DF	0,2	0,2	-	3.100	3.161	2,0	0,6	0,6	-
<b>SUDESTE</b>	<b>0,2</b>	<b>0,2</b>	<b>-</b>	<b>1.100</b>	<b>1.116</b>	<b>1,5</b>	<b>0,2</b>	<b>0,2</b>	<b>-</b>
MG	0,2	0,2	-	1.100	1.116	1,5	0,2	0,2	-
<b>NORTE/NORDESTE</b>	<b>13,9</b>	<b>13,9</b>	<b>-</b>	<b>510</b>	<b>645</b>	<b>26,5</b>	<b>7,1</b>	<b>9,0</b>	<b>26,8</b>
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>0,4</b>	<b>0,4</b>	<b>-</b>	<b>2.100</b>	<b>2.139</b>	<b>1,8</b>	<b>0,8</b>	<b>0,8</b>	<b>-</b>
<b>BRASIL</b>	<b>14,3</b>	<b>14,3</b>	<b>-</b>	<b>554</b>	<b>687</b>	<b>23,9</b>	<b>7,9</b>	<b>9,8</b>	<b>24,1</b>

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em maio/2018.



Tabela 22 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-caupi terceira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
<b>NORTE</b>	<b>45,6</b>	<b>44,4</b>	<b>(2,6)</b>	<b>1.247</b>	<b>1.019</b>	<b>(18,3)</b>	<b>56,9</b>	<b>45,3</b>	<b>(20,4)</b>
RR	2,4	2,4	-	650	650	-	1,6	1,6	-
PA	28,2	27,0	(4,3)	866	748	(13,6)	24,4	20,2	(17,2)
TO	15,0	15,0	-	2.060	1.565	(24,0)	30,9	23,5	(23,9)
<b>NORDESTE</b>	<b>43,4</b>	<b>41,8</b>	<b>(3,7)</b>	<b>466</b>	<b>401</b>	<b>(14,0)</b>	<b>20,2</b>	<b>16,8</b>	<b>(16,8)</b>
PE	21,5	21,5	-	350	285	(18,6)	7,5	6,1	(18,7)
AL	10,3	10,3	-	605	522	(13,7)	6,2	5,4	(12,9)
BA	11,6	10,0	(13,8)	558	525	(5,9)	6,5	5,3	(18,5)
<b>CENTRO-OESTE</b>	<b>0,3</b>	<b>0,3</b>	<b>-</b>	<b>1.500</b>	<b>1.529</b>	<b>1,9</b>	<b>0,5</b>	<b>0,5</b>	<b>-</b>
DF	0,3	0,3	-	1.500	1.529	1,9	0,5	0,5	-
<b>NORTE/NORDESTE</b>	<b>89,0</b>	<b>86,2</b>	<b>(3,1)</b>	<b>866</b>	<b>719</b>	<b>(17,0)</b>	<b>77,1</b>	<b>62,1</b>	<b>(19,5)</b>
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>0,3</b>	<b>0,3</b>	<b>-</b>	<b>1.500</b>	<b>1.529</b>	<b>1,9</b>	<b>0,5</b>	<b>0,5</b>	<b>-</b>
<b>BRASIL</b>	<b>89,3</b>	<b>86,5</b>	<b>(3,1)</b>	<b>869</b>	<b>722</b>	<b>(16,9)</b>	<b>77,6</b>	<b>62,6</b>	<b>(19,3)</b>

Fonte: Conab.

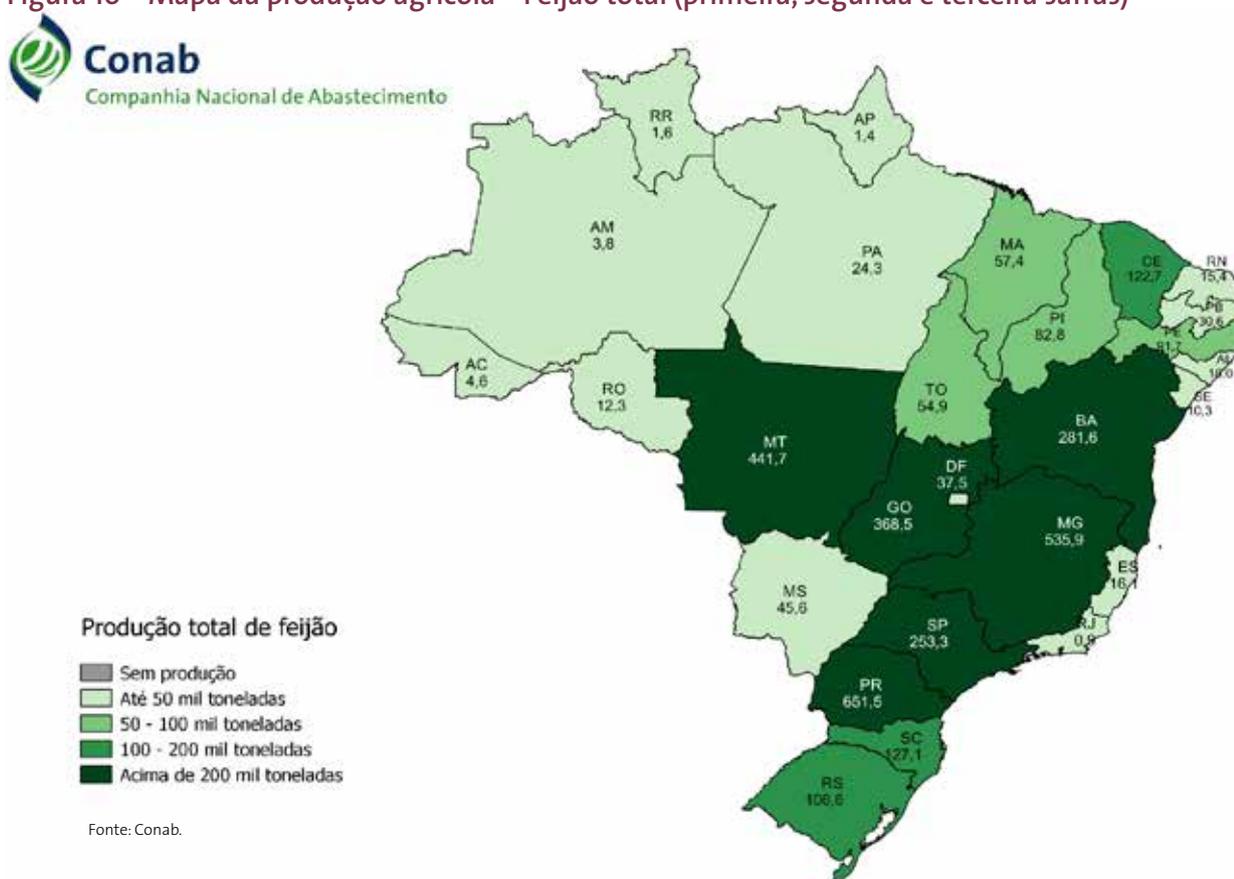
Nota: Estimativa em maio/2018.

#### 8.2.4.4. FEIJÃO TOTAL

Considerando as três safras, estima-se para esse oitavo acompanhamento que a área total de feijão terá incremento de 64 mil hectares, 2% maior em relação

à safra passada. A produção nacional de feijão deverá ficar em 3.398,1 mil toneladas.

Figura 16 – Mapa da produção agrícola – Feijão total (primeira, segunda e terceira safras)



**Tabela 23 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão total**

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
<b>NORTE</b>	<b>112,9</b>	<b>108,0</b>	<b>(4,3)</b>	<b>1.158</b>	<b>952</b>	<b>(17,8)</b>	<b>130,6</b>	<b>102,9</b>	<b>(21,2)</b>
RR	2,4	2,4	-	650	650	-	1,6	1,6	-
RO	19,3	14,4	(25,4)	971	851	(12,4)	18,7	12,3	(34,2)
AC	7,6	7,6	-	593	605	2,1	4,5	4,6	2,2
AM	3,8	4,1	7,9	1.239	925	(25,3)	4,7	3,8	(19,1)
AP	1,4	1,4	-	944	993	5,2	1,3	1,4	7,7
PA	34,3	34,5	0,6	825	705	(14,6)	28,3	24,3	(14,1)
TO	44,1	43,6	(1,1)	1.622	1.258	(22,4)	71,5	54,9	(23,2)
<b>NORDESTE</b>	<b>1.546,0</b>	<b>1.623,2</b>	<b>5,0</b>	<b>439</b>	<b>438</b>	<b>(0,3)</b>	<b>679,1</b>	<b>710,5</b>	<b>4,6</b>
MA	87,8	90,7	3,3	646	633	(2,0)	56,7	57,4	1,2
PI	233,2	240,7	3,2	302	344	14,1	70,3	82,8	17,8
CE	407,0	412,5	1,4	292	297	1,9	118,8	122,7	3,3
RN	35,8	45,3	26,5	347	341	(1,7)	12,4	15,4	24,2
PB	90,0	110,9	23,2	316	276	(12,7)	28,4	30,6	7,7
PE	186,1	239,4	28,6	311	383	23,1	58,0	91,7	58,1
AL	40,1	40,1	-	520	448	(13,7)	20,8	18,0	(13,5)
SE	15,2	15,2	-	871	677	(22,3)	13,2	10,3	(22,0)
BA	450,8	428,4	(5,0)	667	657	(1,4)	300,5	281,6	(6,3)
<b>CENTRO-OESTE</b>	<b>474,9</b>	<b>517,5</b>	<b>9,0</b>	<b>1.761</b>	<b>1.726</b>	<b>(2,0)</b>	<b>836,5</b>	<b>893,3</b>	<b>6,8</b>
MT	295,2	322,2	9,1	1.402	1.371	(2,3)	414,0	441,7	6,7
MS	26,8	26,8	-	1.696	1.703	0,4	45,4	45,6	0,4
GO	136,8	152,2	11,3	2.507	2.421	(3,4)	343,0	368,5	7,4
DF	16,1	16,3	1,2	2.117	2.298	8,6	34,1	37,5	10,0
<b>SUDESTE</b>	<b>468,3</b>	<b>461,7</b>	<b>(1,4)</b>	<b>1.731</b>	<b>1.746</b>	<b>0,9</b>	<b>810,6</b>	<b>806,2</b>	<b>(0,5)</b>
MG	348,2	339,5	(2,5)	1.536	1.578	2,7	535,0	535,9	0,2
ES	10,7	15,5	44,9	1.103	1.036	(6,1)	11,8	16,1	36,4
RJ	1,8	0,9	(50,0)	1.048	1.016	(3,0)	1,9	0,9	(52,6)
SP	107,6	105,8	(1,7)	2.434	2.394	(1,6)	261,9	253,3	(3,3)
<b>SUL</b>	<b>578,2</b>	<b>533,9</b>	<b>(7,7)</b>	<b>1.630</b>	<b>1.658</b>	<b>1,7</b>	<b>942,7</b>	<b>885,2</b>	<b>(6,1)</b>
PR	447,5	404,0	(9,7)	1.588	1.613	1,6	710,5	651,5	(8,3)
SC	69,6	71,1	2,2	1.964	1.788	(9,0)	136,7	127,1	(7,0)
RS	61,1	58,8	(3,8)	1.563	1.812	15,9	95,5	106,6	11,6
<b>NORTE/NORDESTE</b>	<b>1.658,9</b>	<b>1.731,2</b>	<b>4,4</b>	<b>488</b>	<b>470</b>	<b>(3,8)</b>	<b>809,7</b>	<b>813,4</b>	<b>0,5</b>
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>1.521,4</b>	<b>1.513,1</b>	<b>(0,5)</b>	<b>1.702</b>	<b>1.708</b>	<b>0,3</b>	<b>2.589,8</b>	<b>2.584,7</b>	<b>(0,2)</b>
<b>BRASIL</b>	<b>3.180,3</b>	<b>3.244,3</b>	<b>2,0</b>	<b>1.069</b>	<b>1.047</b>	<b>(2,0)</b>	<b>3.399,5</b>	<b>3.398,1</b>	<b>-</b>

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em maio/2018.

**Tabela 24 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-comum preto total**

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
<b>NORDESTE</b>	<b>15,0</b>	<b>14,8</b>	<b>(1,3)</b>	<b>502</b>	<b>628</b>	<b>25,0</b>	<b>7,5</b>	<b>9,3</b>	<b>24,0</b>
PB	1,1	0,9	(18,2)	405	363	(10,4)	0,4	0,3	(25,0)
PE	13,9	13,9	-	510	645	26,5	7,1	9,0	26,8
<b>CENTRO-OESTE</b>	<b>2,5</b>	<b>1,5</b>	<b>(40,0)</b>	<b>1.820</b>	<b>2.065</b>	<b>13,5</b>	<b>4,5</b>	<b>3,1</b>	<b>(31,1)</b>
MS	1,0	-	(100,0)	1.500	-	(100,0)	1,5	-	(100,0)
DF	1,5	1,5	-	2.033	2.065	1,5	3,0	3,1	3,3
<b>SUDESTE</b>	<b>20,1</b>	<b>19,1</b>	<b>(5,0)</b>	<b>953</b>	<b>938</b>	<b>(1,5)</b>	<b>19,2</b>	<b>17,9</b>	<b>(6,8)</b>
MG	13,5	13,4	(0,7)	886	903	2,0	12,0	12,1	0,8
ES	4,8	4,8	-	1.104	1.019	(7,7)	5,3	4,9	(7,5)
RJ	1,8	0,9	(50,0)	1.048	1.016	(3,0)	1,9	0,9	(52,6)
<b>SUL</b>	<b>286,1</b>	<b>278,5</b>	<b>(2,7)</b>	<b>1.665</b>	<b>1.646</b>	<b>(1,2)</b>	<b>476,4</b>	<b>458,4</b>	<b>(3,8)</b>
PR	200,6	194,4	(3,1)	1.703	1.638	(3,9)	341,6	318,3	(6,8)
SC	34,4	35,3	2,6	1.839	1.714	(6,8)	63,3	60,5	(4,4)
RS	51,1	48,8	(4,5)	1.399	1.630	16,5	71,5	79,6	11,3
<b>NORTE/NORDESTE</b>	<b>15,0</b>	<b>14,8</b>	<b>(1,3)</b>	<b>502</b>	<b>628</b>	<b>25,0</b>	<b>7,5</b>	<b>9,3</b>	<b>24,0</b>
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>308,7</b>	<b>299,1</b>	<b>(3,1)</b>	<b>1.620</b>	<b>1.603</b>	<b>(1,1)</b>	<b>500,1</b>	<b>479,4</b>	<b>(4,1)</b>
<b>BRASIL</b>	<b>323,7</b>	<b>313,9</b>	<b>(3,0)</b>	<b>1.568</b>	<b>1.557</b>	<b>(0,7)</b>	<b>507,6</b>	<b>488,7</b>	<b>(3,7)</b>

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em maio/2018.



Tabela 25 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-comum cores total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
<b>NORTE</b>	<b>39,2</b>	<b>35,0</b>	<b>(10,7)</b>	<b>930</b>	<b>784</b>	<b>(15,7)</b>	<b>36,4</b>	<b>27,4</b>	<b>(24,7)</b>
RO	19,3	14,4	(25,4)	971	851	(12,4)	18,7	12,3	(34,2)
AC	5,6	5,6	-	580	592	2,1	3,2	3,3	3,1
AM	3,8	4,1	7,9	1.239	925	(25,3)	4,7	3,8	(19,1)
AP	1,4	1,4	-	944	993	5,2	1,3	1,4	7,7
PA	6,1	7,5	23,0	638	551	(13,6)	3,9	4,1	5,1
TO	3,0	2,0	(33,3)	1.513	1.270	(16,1)	4,6	2,5	(45,7)
<b>NORDESTE</b>	<b>418,6</b>	<b>409,4</b>	<b>(2,2)</b>	<b>684</b>	<b>627</b>	<b>(8,4)</b>	<b>286,2</b>	<b>256,6</b>	<b>(10,3)</b>
CE	2,8	3,9	39,3	565	555	(1,8)	1,6	2,2	37,5
PB	25,7	27,3	6,2	447	400	(10,5)	11,5	10,9	(5,2)
PE	75,8	77,6	2,4	489	515	5,5	37,0	39,9	7,8
AL	29,8	29,8	-	490	423	(13,7)	14,6	12,6	(13,7)
SE	15,2	15,2	-	871	677	(22,3)	13,2	10,3	(22,0)
BA	269,3	255,6	(5,1)	774	707	(8,6)	208,3	180,7	(13,3)
<b>CENTRO-OESTE</b>	<b>263,4</b>	<b>261,8</b>	<b>(0,6)</b>	<b>2.299</b>	<b>2.331</b>	<b>1,4</b>	<b>605,5</b>	<b>610,3</b>	<b>0,8</b>
MT	86,5	85,8	(0,8)	2.173	2.166	(0,4)	188,0	185,8	(1,2)
MS	25,8	26,8	3,9	1.703	1.703	-	43,9	45,6	3,9
GO	136,8	135,2	(1,2)	2.507	2.556	1,9	343,0	345,5	0,7
DF	14,3	14,0	(2,1)	2.139	2.382	11,4	30,6	33,4	9,2
<b>SUDESTE</b>	<b>434,0</b>	<b>428,8</b>	<b>(1,2)</b>	<b>1.806</b>	<b>1.821</b>	<b>0,8</b>	<b>783,9</b>	<b>780,7</b>	<b>(0,4)</b>
MG	320,5	312,3	(2,6)	1.609	1.653	2,8	515,5	516,2	0,1
ES	5,9	10,7	81,4	1.102	1.043	(5,3)	6,5	11,2	72,3
SP	107,6	105,8	(1,7)	2.434	2.394	(1,6)	261,9	253,3	(3,3)
<b>SUL</b>	<b>292,1</b>	<b>255,4</b>	<b>(12,6)</b>	<b>1.596</b>	<b>1.671</b>	<b>4,7</b>	<b>466,3</b>	<b>426,9</b>	<b>(8,4)</b>
PR	246,9	209,6	(15,1)	1.494	1.589	6,4	368,8	333,2	(9,7)
SC	35,2	35,8	1,7	2.087	1.862	(10,8)	73,5	66,7	(9,3)
RS	10,0	10,0	-	2.400	2.700	12,5	24,0	27,0	12,5
<b>NORTE/NORDESTE</b>	<b>457,8</b>	<b>444,4</b>	<b>(2,9)</b>	<b>705</b>	<b>639</b>	<b>(9,3)</b>	<b>322,6</b>	<b>284,0</b>	<b>(12,0)</b>
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>989,5</b>	<b>946,0</b>	<b>(4,4)</b>	<b>1.875</b>	<b>1.922</b>	<b>2,5</b>	<b>1.855,7</b>	<b>1.817,9</b>	<b>(2,0)</b>
<b>BRASIL</b>	<b>1.447,3</b>	<b>1.390,4</b>	<b>(3,9)</b>	<b>1.505</b>	<b>1.512</b>	<b>0,4</b>	<b>2.178,3</b>	<b>2.101,9</b>	<b>(3,5)</b>

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em maio/2018.

Tabela 26 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-caupi total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
<b>NORTE</b>	<b>73,7</b>	<b>73,0</b>	<b>(0,9)</b>	<b>1.279</b>	<b>1.032</b>	<b>(19,3)</b>	<b>94,3</b>	<b>75,5</b>	<b>(19,9)</b>
RR	2,4	2,4	-	650	650	-	1,6	1,6	-
AC	2,0	2,0	-	630	643	2,1	1,3	1,3	-
PA	28,2	27,0	(4,3)	866	748	(13,6)	24,4	20,2	(17,2)
TO	41,1	41,6	1,2	1.630	1.258	(22,9)	67,0	52,4	(21,8)
<b>NORDESTE</b>	<b>1.112,4</b>	<b>1.199,0</b>	<b>7,8</b>	<b>346</b>	<b>371</b>	<b>7,1</b>	<b>385,1</b>	<b>444,7</b>	<b>15,5</b>
MA	87,8	90,7	3,3	646	633	(2,0)	56,6	57,4	1,4
PI	233,2	240,7	3,2	302	344	14,1	70,3	82,8	17,8
CE	404,2	408,6	1,1	290	295	1,7	117,2	120,5	2,8
RN	35,8	45,3	26,5	347	341	(1,7)	12,4	15,4	24,2
PB	63,2	82,7	30,9	261	234	(10,3)	16,5	19,4	17,6
PE	96,4	147,9	53,4	143	289	101,8	13,8	42,8	210,1
AL	10,3	10,3	-	605	522	(13,7)	6,2	5,4	(12,9)
BA	181,5	172,8	(4,8)	507	584	15,2	92,1	101,0	9,7
<b>CENTRO-OESTE</b>	<b>209,0</b>	<b>254,2</b>	<b>21,6</b>	<b>1.083</b>	<b>1.101</b>	<b>1,6</b>	<b>226,5</b>	<b>280,0</b>	<b>23,6</b>
MT	208,7	236,4	13,3	1.083	1.082	-	226,0	255,9	13,2
DF	0,3	0,8	166,7	1.500	1.261	(15,9)	0,5	1,1	120,0
<b>SUDESTE</b>	<b>14,2</b>	<b>13,8</b>	<b>(2,8)</b>	<b>522</b>	<b>543</b>	<b>3,8</b>	<b>7,4</b>	<b>7,5</b>	<b>1,4</b>
MG	14,2	13,8	(2,8)	522	543	3,8	7,4	7,5	1,4
<b>NORTE/NORDESTE</b>	<b>1.186,1</b>	<b>1.272,0</b>	<b>7,2</b>	<b>404</b>	<b>409</b>	<b>1,1</b>	<b>479,4</b>	<b>520,2</b>	<b>8,5</b>
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>223,2</b>	<b>268,0</b>	<b>20,1</b>	<b>1.048</b>	<b>1.072</b>	<b>2,3</b>	<b>233,9</b>	<b>287,5</b>	<b>22,9</b>
<b>BRASIL</b>	<b>1.409,3</b>	<b>1.540,0</b>	<b>9,3</b>	<b>506</b>	<b>524</b>	<b>3,6</b>	<b>713,3</b>	<b>807,7</b>	<b>13,2</b>

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em maio/2018.



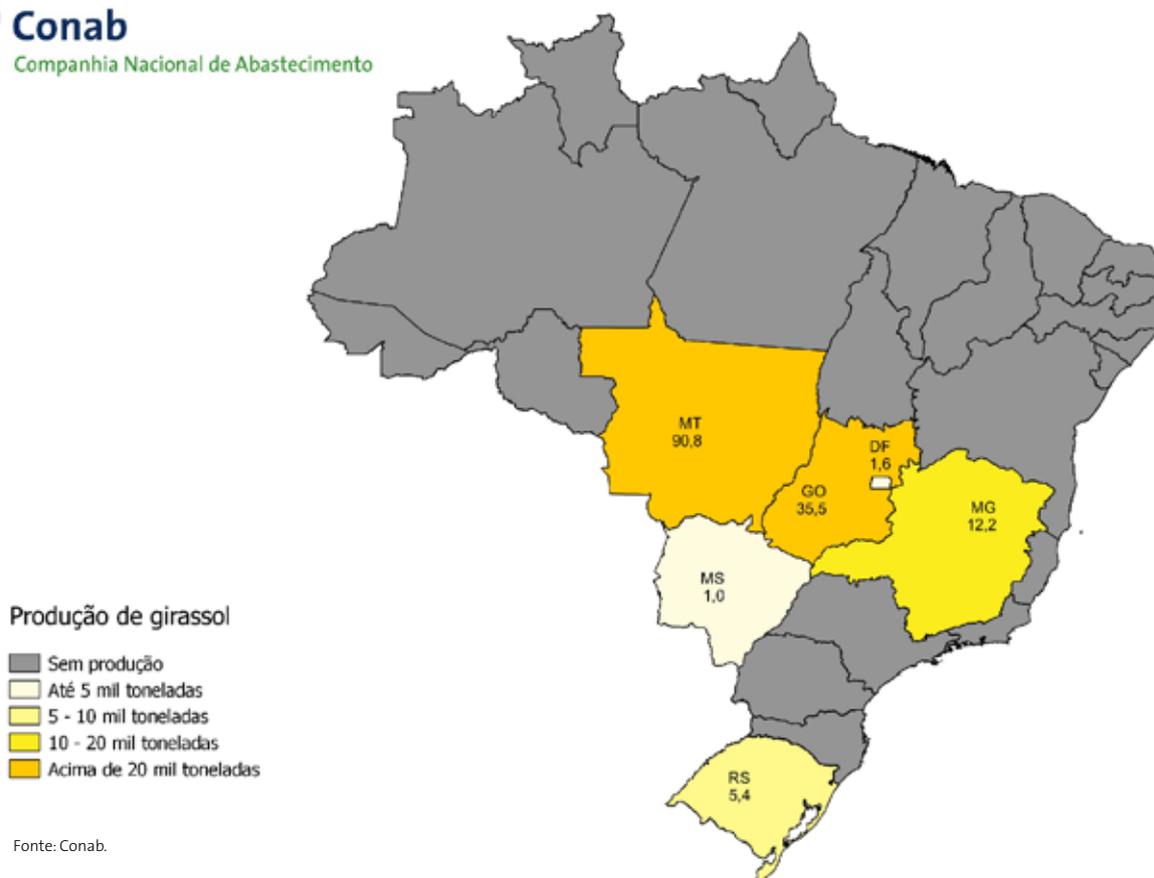
### 8.2.5. GIRASSOL

Em Mato Grosso, o plantio do girassol, concentrado, sobretudo, no oeste do estado, encerrou-se em março. Houve aumento substancial de área semeada neste ciclo, de 31,8 mil hectares para 60,5 mil hectares, o que representa 90,4%. Os melhores preços do girassol praticados no mercado, de R\$ 64,00 a saca de 60 quilos a R\$ 68,00 a saca de 60 quilos, contribuíram para o incremento, tendo em vista que os preços atribuídos ao milho segunda safra, no momento da semeadura, simultâneo ao do girassol, não estavam em patamar favorável ao produtor. O estágio predominante da cultura é o desenvolvimento vegetativo. O volume de chuvas desse ciclo é superior ao ideal para o girassol, cultura sensível ao excesso de umidade e queda de produtividade média já é esperada em Mato Grosso, de 1.670 kg/ha para 1.500 kg/ha, retração de 10,2%. A comercialização estadual é estimada em 90% da produção esperada, visto que os 10% remanescentes deverão ser utilizados no mercado interno, sobretudo para ração de pássaros.

Em Goiás, a cultura foi semeada em março. Apenas uma indústria em Goiás incentiva a produção em Goiás. Está situada no sul de Goiás e realiza contratos com os produtores. O preço oferecido no mercado futuro é em torno de R\$ 60,00 a saca de 60 quilos. As lavouras estão com boa sanidade, porém em algumas regiões os produtores estão fazendo aplicação preventiva contra o mofo-branco, que é uma das principais doenças da cultura.

Em Minas Gerais, a área de plantio de girassol ainda está sujeita a revisões devido à indefinição das contratações pela principal empresa compradora. Caso se confirme a projeção inicial de plantio, a área deverá se manter em 9,2 mil hectares. Com uma produtividade média estimada em 1.326 kg/ha, a produção poderá atingir 12,2 mil toneladas.

Figura 17 – Mapa da produção agrícola – Girassol



Fonte: Conab.



**Tabela 27 – Comparativo de área, produtividade e produção – Girassol**

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
<b>CENTRO-OESTE</b>	<b>50,1</b>	<b>84,1</b>	<b>67,9</b>	<b>1.702</b>	<b>1.532</b>	<b>(10,0)</b>	<b>85,3</b>	<b>128,9</b>	<b>51,1</b>
MT	31,8	60,5	90,4	1.670	1.500	(10,2)	53,1	90,8	71,0
MS	1,0	0,7	(30,0)	1.500	1.400	(6,7)	1,5	1,0	(33,3)
GO	16,6	22,2	33,7	1.750	1.600	(8,6)	29,1	35,5	22,0
DF	0,7	0,7	-	2.300	2.300	-	1,6	1,6	-
<b>SUDESTE</b>	<b>9,3</b>	<b>9,2</b>	<b>(1,1)</b>	<b>1.400</b>	<b>1.326</b>	<b>(5,3)</b>	<b>13,0</b>	<b>12,2</b>	<b>(6,2)</b>
MG	9,3	9,2	(1,1)	1.400	1.326	(5,3)	13,0	12,2	(6,2)
<b>SUL</b>	<b>3,3</b>	<b>3,3</b>	<b>-</b>	<b>1.626</b>	<b>1.626</b>	<b>-</b>	<b>5,4</b>	<b>5,4</b>	<b>-</b>
RS	3,3	3,3	-	1.626	1.626	-	5,4	5,4	-
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>62,7</b>	<b>96,6</b>	<b>54,1</b>	<b>1.653</b>	<b>1.516</b>	<b>(8,3)</b>	<b>103,7</b>	<b>146,5</b>	<b>41,3</b>
<b>BRASIL</b>	<b>62,7</b>	<b>96,6</b>	<b>54,1</b>	<b>1.653</b>	<b>1.516</b>	<b>(8,3)</b>	<b>103,7</b>	<b>146,5</b>	<b>41,3</b>

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em maio/2018.

## 8.2.6. MAMONA

As estimativas para a safra 2017/18 é de aumento de área, alcançando 32,1 mil hectares, que representa acréscimo de 14,6% em relação à safra passada, que foi de 28 mil hectares.

Para a Bahia, estima-se que a área cultivada seja de 27 mil hectares, com a produção esperada de 17 mil toneladas. As estimativas da safra atual apontam para o crescimento de 28% da área cultivada e 63,5% da produção em relação à safra 2016/17. Os plantios ocorreram de novembro a janeiro e espera-se o início da colheita em maio. O principal fator motivador do aumento da área plantada, principalmente na microrregião de Irecê, pode ser atribuído ao clima favorável e ao preço aliado à liquidez do produto no mercado, visto que novembro e dezembro de 2017 foram mais chuvosos que o mesmo período da safra anterior e as cotações do valor pago ao produtor segue tendência de crescimento, nos últimos três anos, se acentuando a partir de 2017, atingindo em abril de 2017 a cotação de R\$ 185,17 por saca.

A mamona é cultivada no centro-norte do estado, tendo como polos produtores a microrregião de Irecê, Ouro-lândia, Lapão, São Gabriel, Cafarnaum e Canarana. As plantas estão apresentando bom desenvolvi-

mento, não havendo registro de danos devido a pragas e doenças ou pelo veranico ocorrido em janeiro.

A mamona apresenta boa resistência ao déficit hídrico, e pode ser colhida ao longo do ano. As condições climáticas, relativamente favoráveis, durante o estágio reprodutivo, beneficiaram o crescimento das plantas, que apresentam bom porte e desenvolvimento.

Segundo corretores da região, o principal destino da mamona baiana é o mercado paulista. A colheita deverá ser iniciada em meados de maio.

Em Minas Gerais, o cultivo da mamona se mantém em declínio, com tendência ao desaparecimento. Estima-se que a área total para o estado, na presente safra, não alcance 100 hectares. A produção em pequenas áreas, pulverizadas na região norte do estado, apresentam produtividades que quase sempre inviabilizam a colheita devido à escassez de chuvas, típica da região. As poucas áreas remanescentes têm sua produção voltada para a indústria ricinoquímica, ainda assim com comercialização muito incerta. O plantio foi realizado entre novembro e dezembro. A colheita ocorre entre março e junho.



Figura 18 – Mapa da produção agrícola - Mamona

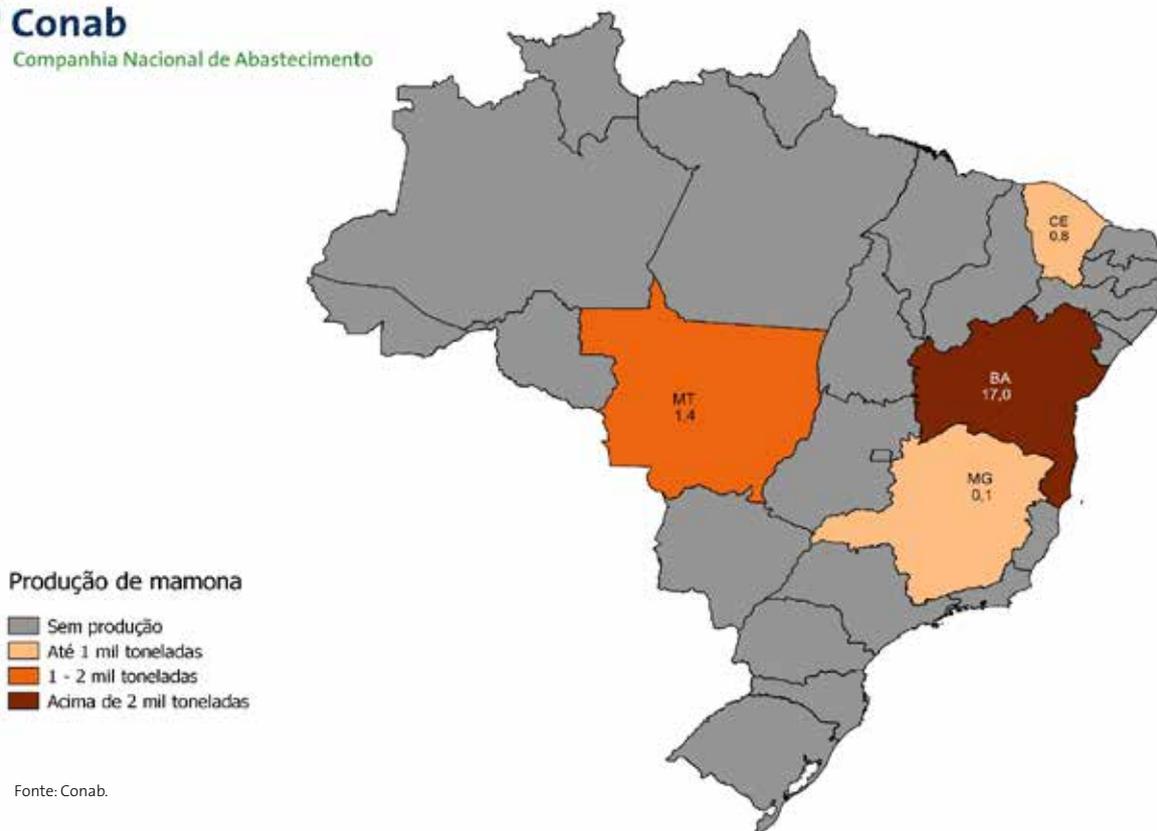


Tabela 28 – Comparativo de área, produtividade e produção – Mamona

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
<b>NORDESTE</b>	<b>26,2</b>	<b>30,4</b>	<b>16,0</b>	<b>444</b>	<b>587</b>	<b>32,4</b>	<b>11,6</b>	<b>17,8</b>	<b>53,4</b>
PI	0,2	-	(100,0)	494	-	(100,0)	0,1	-	(100,0)
CE	4,9	3,4	(30,6)	224	238	6,3	1,1	0,8	(27,3)
BA	21,1	27,0	28,0	494	631	27,7	10,4	17,0	63,5
<b>CENTRO-OESTE</b>	<b>1,6</b>	<b>1,6</b>	<b>-</b>	<b>900</b>	<b>900</b>	<b>-</b>	<b>1,4</b>	<b>1,4</b>	<b>-</b>
MT	1,6	1,6	-	900	900	-	1,4	1,4	-
<b>SUDESTE</b>	<b>0,2</b>	<b>0,1</b>	<b>(50,0)</b>	<b>443</b>	<b>896</b>	<b>102,3</b>	<b>0,1</b>	<b>0,1</b>	<b>-</b>
MG	0,2	0,1	(50,0)	443	896	102,3	0,1	0,1	-
<b>NORTE/NORDESTE</b>	<b>26,2</b>	<b>30,4</b>	<b>16,0</b>	<b>444</b>	<b>587</b>	<b>32,4</b>	<b>11,6</b>	<b>17,8</b>	<b>53,4</b>
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>1,8</b>	<b>1,7</b>	<b>(5,6)</b>	<b>849</b>	<b>900</b>	<b>6,0</b>	<b>1,5</b>	<b>1,5</b>	<b>-</b>
<b>BRASIL</b>	<b>28,0</b>	<b>32,1</b>	<b>14,6</b>	<b>470</b>	<b>604</b>	<b>28,5</b>	<b>13,1</b>	<b>19,3</b>	<b>47,3</b>

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em maio/2018.



## 8.2.7. MILHO

### 8.2.7.1. MILHO PRIMEIRA SAFRA

O oitavo levantamento da primeira safra de milho deste ano, apresentou redução na área plantada de 7,3% em relação à safra 2016/17.

Na Região Norte, estima-se redução de 5,5% na área plantada quando comparado ao ano passado. Em Rondônia, a área cultivada para o milho plantado na primeira safra foi de 31 mil hectares. A redução de área, se comparado à safra passada é justificada pelos baixos preços praticados à época da semeadura. A produtividade alcançada foi de 2.466 kg/ha, e esse baixo rendimento é explicado porque essa cultura de forma geral não recebe calcário, fertilizantes e poucos produtores fazem o controle de pragas. A produção no estado será de 76.400 toneladas. Atualmente a cultura está 100% apta a ser colhida. O material genético mais utilizado para a implantação da cultura no estado são os melhores grãos que o pequeno produtor seleciona, por ocasião da colheita de sua produção. A troca destes grãos entre produtores a nível municipal, é uma atividade comum e recorrente. Com relação a variedade, a mais difundida é a AL Bandeirante.

No Acre, houve forte redução na área plantada em relação à safra anterior, devido às dificuldades na comercialização do milho da safra 2016/17. A área colhida de milho primeira safra 2017/18 está estimada em 31 mil hectares, a produção 80,6 mil toneladas e o rendimento médio em 2.600 kg/ha. A colheita do milho está em sua fase final, restando poucas áreas, como por exemplo, no município de Capixaba/AC.

Em Tocantins, a cultura teve aumento na área cultivada em relação à safra passada. O aumento da área se deveu em parte por produtores que não tiveram crédito liberado em tempo hábil para plantar soja na janela ideal de plantio, e assim, optaram pelo plantio do milho. A colheita já se iniciou e a cultura já se encontra em maturação praticamente na sua totalidade.

A Região Nordeste apresenta a maior área cultivada com milho primeira safra do país. O acréscimo nessa safra deverá atingir 7,6% em relação ao ano passado.

No Maranhão, houve forte incremento de área atingindo 315,6 mil hectares, 7,8% em relação ao período anterior. Esse aumento foi provocado pela migração do plantio da agricultura familiar, para a agricultura mecanizada.

No Piauí, ocorreu aumento na área de milho primeira safra da ordem de 1,7% em relação à safra passada, totalizando uma área de 425,3 mil hectares. A cultura encontra-se totalmente em fase de maturação, e em algumas fazendas da região já foi iniciada a colheita. As lavouras se encontram em sua maioria em boas condições, com exceção das áreas do semi-árido. A produtividade do milho deve ficar em 3.063 kg/ha, apresentando uma leve variação de 0,9% em relação à safra passada. Este número correspondendo à expectativa atual dos produtores devido ao bom regime climático na maior parte do estado até o momento. De forma geral, principalmente no cerrado, o clima tem sido benéfico, as chuvas bem distribuídas, a incidência de pragas e doenças tem sido baixas e não apresentando dificuldades de combate.

**Figura 19 - Lavoura de milho município de Bom Jesus - PI**



Fonte: Conab.

Na Bahia, os números desta safra apresentaram estabilidade na área cultivada em relação à safra passada mostrando um equilíbrio entre a redução de 6,3% no extremo oeste e expansão de 46,3% no centro norte. A produção esperada cresce 21,9% em relação a última safra, impulsionado principalmente pelas boas chuvas em todo o estado. Os plantios foram realizados entre outubro e dezembro, com a colheita iniciada em abril com a previsão de se estender até junho. No extremo oeste espera-se a produtividade de 7.656 kg/ha, com tendência de aumentos na produtividade devido à regularidade das chuvas e à sanidade vegetal. As lavouras nesta região são cultivadas pela agricultura familiar, ocupando cerca de 30% da área cultivada com rendimentos de cerca de 1.800 kg/ha, e pela agricultura empresarial, ocupando cerca de 70% da área cultivada com rendimento de cerca de 9.120 kg/ha. A diferença no pacote tecnológico utilizado por perfil de produtor justifica as diferenças de produtividades.



No vale do São Francisco e centro sul, a severidade da restrição hídrica em janeiro impactou na redução da expectativa inicial de produtividade, havendo microrregiões com perdas de até 35%. No entanto, apesar de as lavouras estarem desuniforme por toda região espera-se aumento de produção na ordem de 30,9% e 138,8% (respectivamente) em relação a safra passada. Nas duas regiões deve-se colher 74,3 mil toneladas de grãos de milho em 116,4 mil hectares. No centro norte espera-se rendimento de 600 kg/ha, e em algumas microrregiões as lavouras tiveram perdas produtivas devido ao stress hídrico por conta de baixas precipitações no mês de janeiro. No entanto, nos territórios que tiveram volumes maiores de chuvas a cultura apresenta bom desenvolvimento vegetativo.

Estima-se que a área cultivada seja de 42 mil hectares, e a produção atinja 25,2 mil toneladas, significando aumento de 46,3% da área e 238% da produção em relação à safra 2016/17. O clima favorável da safra 2016/17 favoreceu uma boa produtividade estimada em 3.860 kg/ha. No estudo da safra atual, iniciado em setembro de 2017 (primeiro lev.), as estimativas apontaram para uma perspectiva inicial de 3.965 kg/ha. Com plantio em novembro e dezembro e com a regularidade das chuvas a estimativa foi elevada para 4.172 kg/ha. Em janeiro de 2018 (quinto lev.), houve uma leve queda na estimativa, redução de cerca de 2% - 4.089 kg/ha, motivado pela redução da expectativa produtiva no centro norte e no vale do São Francisco. Face a boa disponibilidade de água no solo, a estimativa de rendimento foi elevada para 4.730 kg/ha no oitavo levantamento.

Na Região Centro-Oeste, ocorreu forte redução no plantio, apresentando uma área 18,7% menor do que à safra passada.

Em Mato Grosso, a área semeada com milho primeira safra foi de 27,2 mil hectares, cifra 18,6% inferior em relação aos 33,4 mil hectares registrados no último ciclo, e encontra-se colhida. O decréscimo no cultivo pode ser atribuído aos baixos preços do cereal devido à abundante oferta na entressafra. A produtividade média foi de 7.331 kg/ha, menor que na temporada passada

Em Mato Grosso do Sul, as lavouras já foram colhidas e a maioria do cereal já foi comercializado. O milho primeira safra normalmente é comercializado logo após a colheita, e com os bons preços no mercado disponível, os produtores intensificaram a comercialização, alcançando boa rentabilidade com a cultura nesta safra. A produtividade média do estado foi de 9.212 kg/ha em uma área plantada de 15,5 mil hectares. Há muita discrepância de produtividade entre as regiões produtoras do estado, de forma que na região

centro-norte, norte e nordeste as produtividades estão acima de 11.000 kg/ha, enquanto nas regiões leste, centro sul e sul, não ultrapassam 6.000 kg/ha. A produtividade média da safra atual será similar à da safra anterior, pois as condições climáticas, somadas ao investimento em pacote tecnológico, foram favoráveis ao cultivo do cereal.

Em Goiás, a cultura encontra-se em fase de colheita no sul do estado. Produtores que cultivaram o milho verão estão satisfeitos com os preços praticados condições das lavouras e também com os preços no mercado. Cerca de 35% do milho primeira safra já foi colhido na região leste do estado, onde os produtores estão conseguindo um rendimento médio de 10.800 kg/ha. Cerca de 80% do milho colhido já está sendo comercializado, devido à falta de capacidade de armazenamento, onde o preço médio conseguido pelos produtores gira em torno de R\$ 27,00 a saca.

Na Região Sudeste, a cultura também deverá experimentar redução na área plantada, estimada em 9,1% em relação à safra anterior.

Em Minas Gerais o plantio de milho apresentou uma redução de 10,4% em relação à safra anterior, passando de 909,4 mil para 814,8 mil hectares. As lavouras encontram-se em fase de maturação e colheita, apresentando excelentes condições e projeções de rendimentos acima do esperado, estimado agora em 6.546 kg/ha, número ajustado com a evolução da colheita, que sofreu atraso em decorrência do atraso do plantio e da priorização da colheita da soja.

Em São Paulo, a área de milho primeira safra atingiu 353 mil hectares, com uma redução de 6,1% se comparada com a do ciclo anterior. O produto encontra-se totalmente colhido, apresentando uma produtividade de 6.462 kg/ha.

Na Região Sul, maior produtora de milho primeira safra do país, a cultura apresentou a maior redução percentual na área plantada, estimada agora em 1.373,9 mil hectares, contra os 1.712,9 mil hectares da safra passada.

No Paraná, a colheita já passa dos 90% da área plantada, devendo encerrar nas próximas semanas. O rendimento preliminar é de 8.588 kg/ha, 7,1% inferior à da safra passada, fruto das irregularidades nas precipitações. A produtividade poderá sofrer um ajuste no próximo mês, mas sem grandes surpresas. Motivada pela elevação nas cotações, a comercialização avançou para mais de 50% do volume colhido. Os preços atuais estão na casa dos R\$30,00 a saca, com previsão de subir devido ao cenário que se configura para a segunda safra.



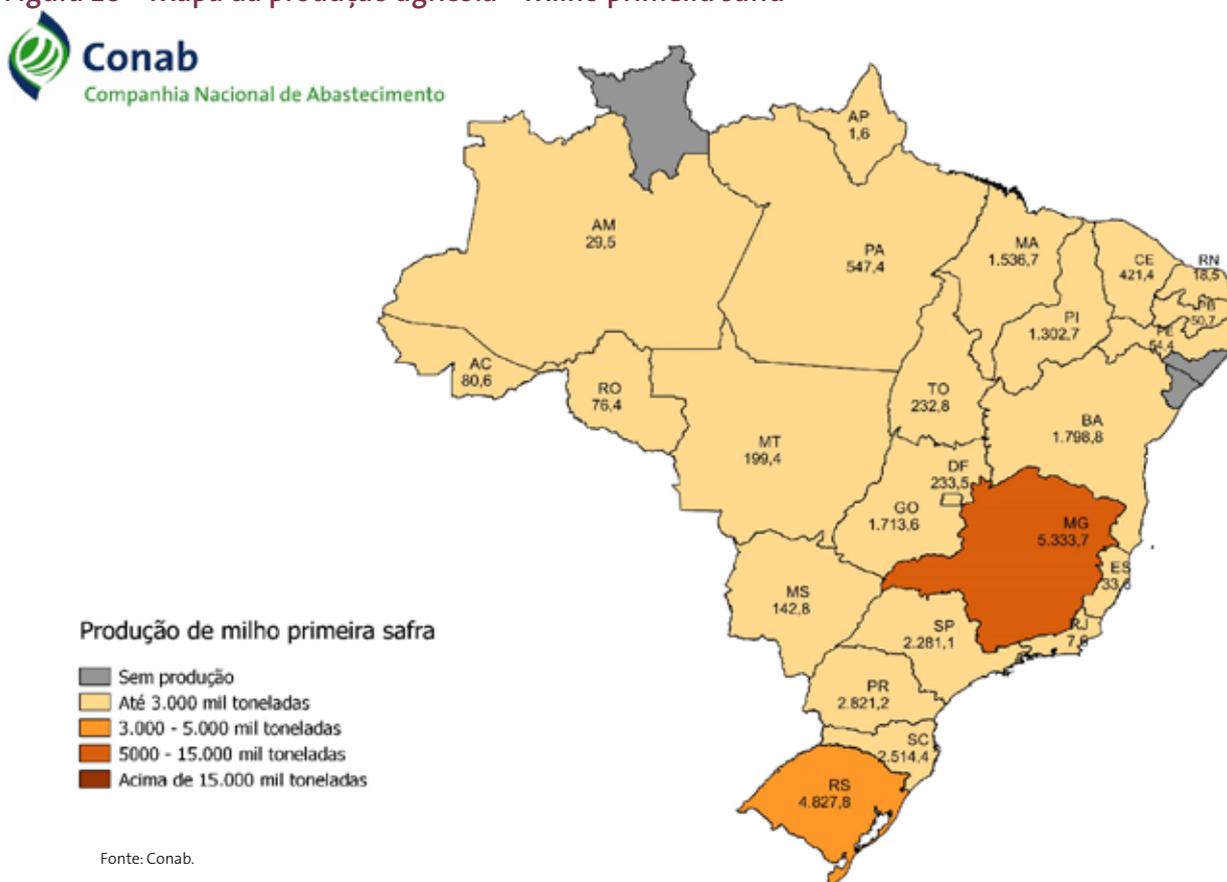
Em Santa Catarina, a colheita do cereal atingiu, no final de abril, 84% da área total. Historicamente, a colheita do milho é interrompida, em parte, quando se inicia a colheita da soja, a qual coincide com o cereal, que é retomado após grande parte da oleaginosa ter sido colhida. De acordo com o nível de tecnologia e o destino do grão, a colheita deve se prolongar até junho nas lavouras, cujo produto deve se destinar ao consumo interno da propriedade para alimentação animal. Nas demais, a colheita deve encerrar na primeira quinzena de maio. Ainda que a colheita não tenha se encerrado, as informações levantadas, até o momento, permitem projetar uma redução da produção em relação à safra anterior em razão do recuo da área e queda da produtividade. A área perdida, principalmente para a soja, se deu em virtude dos baixos preços ocorridos no final de 2016 e meados de 2017, resultado do aumento da produção na última safra, os quais influenciaram na migração do cereal para a oleaginosa.

A produtividade projetada, evidencia uma queda em relação ao obtido na safra passada, quando as condições climáticas foram muito favoráveis e permitiram um aumento do potencial produtivo. A queda registrada nesta safra é estimada em 2,7%, resultando em uma produtividade ao redor de 7.932 kg/ha. Apesar da

perda de área e queda na produtividade, a rentabilidade dos agricultores vem apresentando resultados positivos em consequência da alta dos preços registrados nos últimos meses.

No Rio Grande do Sul, a colheita do milho evolui bem no estado, aproximando-se de seu final. Até o momento foi colhido 85% do total esperado, restando apenas aquelas áreas semeadas tardiamente, em sucessão ao milho silagem, feijão primeira safra e fumo ou em regiões mais frias, como a Sul. A produtividade para esta safra é de 6.628 kg/ha, totalizando 4.827,8 mil toneladas, 20% menor que a safra passada. Embora tenha ocorrido redução de 11,6% na produtividade em relação à safra anterior, se encontra entre as melhores do estado. Em vários locais avaliados, em especial na metade norte, as produtividades foram ajustadas para cima neste levantamento em relação ao anterior. Isso ocorreu porque as lavouras tardias não foram tão afetadas pelos problemas meteorológicos durante o ciclo da cultura quanto se esperava, superando as expectativas iniciais para essas. Por outro lado, nas regiões de Bagé, Canguçu e Pelotas, em razão da estiagem, as produtividades foram significativamente baixas, respectivamente, 3.500, 2.000 e 3.500 kg/ha.

Figura 20 – Mapa da produção agrícola – Milho primeira safra



**Quadro 8 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases\* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Milho primeira safra**

UF	Mesorregiões	Milho primeira safra													
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT
PA	Sudeste Paraense		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Oeste Maranhense				P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
MA	Sul Maranhense			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C				
	Norte Piauiense					P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
PI	Sudoeste Piauiense				P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C				
	Sudeste Piauiense						P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
CE	Noroeste Cearense						P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Norte Cearense						P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Sertões Cearenses						P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Jaguaribe						P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Centro-Sul Cearense						P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Sul Cearense						P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
RN	Oeste Potiguar						P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Agreste Potiguar							P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
PB	Sertão Paraíba						PP	P/G/DV	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Agreste Paraíba							P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
PE	Sertão Pernambucano						PP	P/G/DV	F/FR	FR/M	M/C	C			
BA	Extremo Oeste Baiano			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Vale São-Franciscano da Bahia			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Centro Norte Baiano			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Centro Sul Baiano			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
MT	Sudeste Mato-grossense			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
GO	Centro Goiano			PP	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Leste Goiano			PP	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Sul Goiano			PP	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
DF	Distrito Federal		PP	P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C						
MG	Noroeste de Minas		P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba		P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Metropolitana de Belo Horizonte		P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Oeste de Minas		P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Sul/Sudoeste de Minas		P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Campo das Vertentes		P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Zona da Mata		P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
SP	São José do Rio Preto		P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Ribeirão Preto		P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Bauri		P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Campinas		P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Itapetininga	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Macro Metropolitana Paulista	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C						
PR	Centro Ocidental Paranaense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C						
	Norte Central Paranaense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C						
	Norte Pioneiro Paranaense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C						
	Centro Oriental Paranaense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C						
	Oeste Paranaense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C						
	Sudoeste Paranaense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C						
	Centro-Sul Paranaense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C						
	Sudeste Paranaense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C						
	Metropolitana de Curitiba	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C						
		Oeste Catarinense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C						
SC	Norte Catarinense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C							
	Serrana	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C							
	Vale do Itajaí	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C						
		Noroeste Rio-grandense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C						
RS	Nordeste Rio-grandense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C							
	Centro Ocidental Rio-grandense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C							
	Centro Oriental Rio-grandense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C							
	Metropolitana de Porto Alegre	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C							
	Sudeste Rio-grandense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C							

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
Favorável
Média restrição - falta de chuva
Baixa restrição - excesso de chuva

\* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

\*\* Total ou parcialmente irrigado.



**Tabela 29 – Comparativo de área, produtividade e produção – Milho primeira safra**

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
<b>NORTE</b>	<b>311,8</b>	<b>294,8</b>	<b>(5,5)</b>	<b>3.194</b>	<b>3.285</b>	<b>2,8</b>	<b>996,0</b>	<b>968,3</b>	<b>(2,8)</b>
RO	40,2	31,0	(22,9)	2.661	2.466	(7,3)	107,0	76,4	(28,6)
AC	34,9	31,0	(11,2)	2.350	2.600	10,6	82,0	80,6	(1,7)
AM	12,2	11,5	(5,7)	2.526	2.563	1,5	30,8	29,5	(4,2)
AP	1,7	1,6	(5,3)	962	988	2,7	1,6	1,6	-
PA	176,9	166,8	(5,7)	3.142	3.282	4,5	555,8	547,4	(1,5)
TO	45,9	52,9	15,2	4.766	4.401	(7,7)	218,8	232,8	6,4
<b>NORDESTE</b>	<b>1.806,6</b>	<b>1.943,7</b>	<b>7,6</b>	<b>2.469</b>	<b>2.667</b>	<b>8,0</b>	<b>4.460,8</b>	<b>5.183,2</b>	<b>16,2</b>
MA	292,8	315,6	7,8	4.240	4.869	14,8	1.241,5	1.536,7	23,8
PI	418,2	425,3	1,7	3.037	3.063	0,9	1.270,1	1.302,7	2,6
CE	514,0	536,1	4,3	815	786	(3,6)	418,9	421,4	0,6
RN	29,2	40,9	40,0	348	453	30,2	10,2	18,5	81,4
PB	86,5	109,5	26,6	446	463	3,8	38,6	50,7	31,3
PE	84,1	136,0	61,7	74	400	440,5	6,2	54,4	777,4
BA	381,8	380,3	(0,4)	3.864	4.730	22,4	1.475,3	1.798,8	21,9
<b>CENTRO-OESTE</b>	<b>350,0</b>	<b>284,7</b>	<b>(18,7)</b>	<b>8.060</b>	<b>8.041</b>	<b>(0,2)</b>	<b>2.821,0</b>	<b>2.289,3</b>	<b>(18,8)</b>
MT	33,4	27,2	(18,6)	7.676	7.331	(4,5)	256,4	199,4	(22,2)
MS	28,0	15,5	(44,6)	9.340	9.212	(1,4)	261,5	142,8	(45,4)
GO	260,0	214,2	(17,6)	8.000	8.000	-	2.080,0	1.713,6	(17,6)
DF	28,6	27,8	(2,8)	7.800	8.400	7,7	223,1	233,5	4,7
<b>SUDESTE</b>	<b>1.301,2</b>	<b>1.183,0</b>	<b>(9,1)</b>	<b>6.295</b>	<b>6.472</b>	<b>2,8</b>	<b>8.191,5</b>	<b>7.656,0</b>	<b>(6,5)</b>
MG	909,4	814,8	(10,4)	6.374	6.546	2,7	5.796,5	5.333,7	(8,0)
ES	13,2	11,9	(9,8)	2.832	2.821	(0,4)	37,4	33,6	(10,2)
RJ	2,7	3,3	21,0	2.332	2.318	(0,6)	6,3	7,6	20,6
SP	375,9	353,0	(6,1)	6.255	6.462	3,3	2.351,3	2.281,1	(3,0)
<b>SUL</b>	<b>1.712,9</b>	<b>1.373,9</b>	<b>(19,8)</b>	<b>8.169</b>	<b>7.398</b>	<b>(9,4)</b>	<b>13.992,7</b>	<b>10.163,4</b>	<b>(27,4)</b>
PR	507,7	328,5	(35,3)	9.243	8.588	(7,1)	4.692,7	2.821,2	(39,9)
SC	400,3	317,0	(20,8)	8.152	7.932	(2,7)	3.263,2	2.514,4	(22,9)
RS	804,9	728,4	(9,5)	7.500	6.628	(11,6)	6.036,8	4.827,8	(20,0)
<b>NORTE/NORDESTE</b>	<b>2.118,4</b>	<b>2.238,5</b>	<b>5,7</b>	<b>2.576</b>	<b>2.748</b>	<b>6,7</b>	<b>5.456,8</b>	<b>6.151,5</b>	<b>12,7</b>
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>3.364,1</b>	<b>2.841,6</b>	<b>(15,5)</b>	<b>7.433</b>	<b>7.077</b>	<b>(4,8)</b>	<b>25.005,2</b>	<b>20.108,7</b>	<b>(19,6)</b>
<b>BRASIL</b>	<b>5.482,5</b>	<b>5.080,1</b>	<b>(7,3)</b>	<b>5.556</b>	<b>5.169</b>	<b>(7,0)</b>	<b>30.462,0</b>	<b>26.260,2</b>	<b>(13,8)</b>

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em maio/2018.

### 8.2.7.2. MILHO SEGUNDA SAFRA

Para o milho segunda safra, a semeadura seguiu o ritmo da colheita da soja, que experimentou no transcorrer do seu desenvolvimento atrasos em cadeia, tanto por ocasião do plantio como na colheita, afetando particularmente as variedades precoces. Estima-se uma redução de aproximadamente 4,5% na área plantada com o milho em comparação com o que ocorreu no exercício passado.

Em Mato Grosso a produtividade média está estimada em 5,928 kg/ha, rendimento 4,6% inferior ao da safra anterior, devido ao atraso do plantio do cereal associado aos menores investimentos na lavoura. A área semeada em Mato Grosso, foi de 4.471,2 mil hectares,

queda de 2,9% em relação aos 4.605,7 mil hectares plantados na safra anterior. A semeadura da safra de milho foi finalizada na segunda quinzena de março, com cerca de 20% da lavoura cultivada fora da janela ideal, devido ao atraso na colheita da soja. A valorização da cotação do cereal no período levou vários produtores a alongarem o plantio com sementes salvas e sem o manejo adequado. O milharal está predominantemente no estágio de frutificação e floração. O clima tem favorecido a cultura como um todo. Os primeiros talhões começam a ser colhidos na segunda quinzena de maio, com a maior concentração dos trabalhos de campo entre junho e julho.



Em Mato Grosso do Sul, o plantio do milho já está encerrado e a média ponderada para os estádios de desenvolvimento da cultura no início de maio é de aproximadamente 45% em desenvolvimento vegetativo, 35% em floração e 20% em enchimento de grãos. Estima-se uma área cultivada de 1,69 milhão de hectares, um valor 4% menor que o da safra anterior, com previsões iniciais de produtividade de 5.260 kg/ha. A expectativa de redução de área ocorreu principalmente pelas questões referentes à instabilidade do mercado, assim como a desvalorização do preço do milho ao longo dos meses do planejamento do plantio (novembro, dezembro, janeiro e fevereiro). As chuvas em abril, foram esparsas e insuficientes, apresentando variações entre as diversas regiões produtoras. Muitas lavouras que estão na fase de desenvolvimento vegetativo ainda não cobriram o solo e a evapotranspiração nestas condições são mais intensas.

Vale ressaltar que esta fase é crítica, pois nesse estágio a cultura determina seu potencial produtivo. Como a maioria das lavouras estão na fase reprodutiva, a cultura se torna muito exigente em água, tanto no solo, quanto na parte aérea para a germinação dos grãos de pólen e conseqüentemente a granação. A estiagem nas regiões produtoras variam desde 20 até 40 dias sem precipitações significativas. A maioria das lavouras do estado já estão com estresse hídrico, e caso as chuvas não se normalizarem no início de maio, haverá uma grande quebra da produtividade das lavouras. Em relação ao ataques de pragas, com o veranico está ocorrendo muitos ataques de lagarta do cartucho, principalmente nas lavouras convencionais e complexo de percevejos nas fases iniciais do desenvolvimento vegetativo. Em alguns municípios houve replantio de parte das lavouras devido ao ataque dos percevejos.

Em Goiás, devido ao atraso no plantio do milho segunda safra, as lavouras do leste do estado se encontram nos mais variados estádios de desenvolvimento, entre desenvolvimento vegetativo e enchimento de grãos. Até o momento as lavouras estão com uma boa sanidade, porém o ataque de cigarrinha já preocupa os produtores, que estão entrando com aplicação para o controle evitando que atinja o nível de dano econômico. No sul do estado boa parte das lavouras se encontram em pré-pendoamento e pendoamento. Em média 30% das lavouras já adquiriram estágio de enchimento de grãos e não dependem tanto das chuvas. Os 70% restantes dependem de volumes consideráveis de água em maio para desenvolver as espigas. Lavouras que foram semeadas na segunda quinzena de março estão comprometidas, porém o produtor têm consciência pois aplicou baixa tecnologia, usando sementes disponíveis em seus estoques. Ao norte, o milho segunda safra é cultivado com recursos próprios

sem participação de revendas e banco.

Na Região Norte, a perspectiva é de diminuição de 6,6% na área plantada, comparada com o ocorrido na safra passada. Em Rondônia, a implantação das lavouras se encontra bem adiantadas, executando o controle do mato e adubação nitrogenada em cobertura. O perfil do produtor que cultiva essa cultura é de médio a grande produtor, com elevado nível tecnológico, ampla utilização de corretivos, fertilizantes e defensivos e uso de mecanização agrícola garantindo assim elevadas produtividades. A área cultivada está estimada em 151,4 mil hectares, com produtividade em torno de 4.586 Kg/ha, resultando na produção de 694,3 mil toneladas. Atualmente o estágio da cultura é: 20% em desenvolvimento vegetativo, 40% em floração e 40% em frutificação. No Vale do Guaporé terá milho apto a ser colhido no fim de maio, no entanto os produtores tendem a deixá-lo no campo e colher mais adiante, pois a probabilidade de ocorrência de chuva reduz à medida que o tempo passa.

Em Tocantins, a expectativa inicial era de uma redução expressiva na área cultivada com milho na segunda safra devido ao atraso do plantio da soja. Porém, com as boas condições pluviométricas no final de fevereiro e março, os produtores passaram a alimentar a esperança de que essa condição perdurasse até a fase de enchimento dos grãos. Assim, o plantio foi realizado até um pouco mais tarde da janela ideal para o estado, sendo esse fato registrado em praticamente todo o estado. Mas como também a situação é de um risco um pouco maior houve redução de investimentos em insumos e aumento no registro de utilização de semente branca. As lavouras se desenvolveram bem durante março e na primeira quinzena de abril, com os bons volumes precipitados ocorridos em todo o estado. A preocupação dos produtores foi em relação ao decréscimo dos volumes de chuva a partir da segunda quinzena de abril, que deixou em alerta a umidade disponível no solo.

A Região Nordeste registrou nesse levantamento, redução na área plantada, estimando-se em 5,9%, quando comparada à safra anterior.

No Maranhão, as incertezas suscitadas, relativas as perdas nas lavouras de milho safrinha, traziam preocupação aos produtores. Nessa safra foi observado precipitações pluviométricas ligeiramente acima da média dos últimos cinco anos, em praticamente todos os municípios que compõem a região sul do estado, não se evidenciando até agora perdas significativas nas lavouras de milho.

No Piauí ocorreu um aumento de área da ordem de 28,4% em relação à safra passada, totalizando um



plantio de 63,2 mil hectares. Conforme previsto, o plantio iniciou-se a partir de 15 de fevereiro nos municípios de Uruçuí e Baixa Grande do Ribeiro, e mais no final de fevereiro e início de março nos demais municípios. O plantio estendeu-se até o final de março na maior parte das áreas, com exceção de algumas áreas no município de Baixa Grande do Ribeiro onde o plantio se estendeu até 4 de abril. As lavouras apresentam boas condições de desenvolvimento, se encontram 75% em desenvolvimento vegetativo, 23% em floração e 2% em frutificação. A expectativa de produtividade do milho é de 4.472 kg/ha, levando em consideração as configurações climáticas do momento, e as previsões que apontam para ocorrência de chuva durante maio. Deve-se considerar ainda, pelo estágio da lavoura, que há necessidade de chuva para que se possa conseguir a produtividade esperada, segundo os produtores cerca de 20 mm de precipitação seria suficiente. Na Bahia, estima-se que sejam cultivados 230,9 mil hectares, com a produção de 521,4 mil toneladas. Os plantios foram iniciados em abril e se estima que estejam finalizados até meados de junho.

Na Região Sudeste, a cultura deverá apresentar crescimento de 3,2% em relação a área plantada na última safra.

Em Minas Gerais a área de milho safrinha está estimada em 341,2 mil hectares, inferior em 4,6% à safra anterior, em razão dos altos custos de produção e principalmente pelo atraso da colheita de milho primeira safra e da soja. A elevação dos preços do produto e as condições climáticas favoráveis podem motivar algum incremento na área de cultivo. Todavia, a janela de plantio pode ser o fator limitante deste ano para a cultura – o plantio foi estendido até abril em áreas de soja que ainda estavam sendo colhidas, mas parte dos produtores deverão optar pelo plantio de sorgo.

Na Região Sudeste, a cultura deverá apresentar crescimento de 3,2% em relação a área plantada da última safra. Em Minas Gerais a área de milho safrinha está estimada em 341,1 mil hectares, inferior em 4,6% a safra anterior, em razão dos altos custos de produção e principalmente, pelo atraso da colheita de milho primeira safra e da soja. A elevação dos preços do produto e as condições climáticas favoráveis podem motivar algum incremento na área de cultivo. Todavia, a janela de plantio pode ser o fator limitante deste ano para a cultura – o plantio foi estendido até o mês de abril em áreas de soja que ainda estavam sendo colhidas, mas parte dos produtores podem optar pelo plantio de sorgo.

Em São Paulo, a área de milho ficou definida em 523,3 mil hectares, confirmando a preferência dos produtores pelo plantio do cereal na segunda safra, em detri-

mento do trigo. Os motivos expostos pelos informantes para essa opção foram basicamente, a quebra da safra na Argentina, que apresenta reflexos diretos sobre o nosso mercado. Outro fator se refere a particularidades da comercialização, coincidindo com o início de plantio, na região sudoeste do estado (cinturão dos grãos). As empresas de sementes, Monsanto, Bayer, Bunge e outras, decidiram comprar antecipadamente boa parte da produção e um grande número de produtores aderiu ao programa de plantio (milho semente) para ser entregue a estas empresas. Como o milho semente desenvolve em áreas sob pivô, estima-se que nessa região, 100% das lavouras de milho serão irrigadas.

### Figura 21 - Lavoura de milho no município de Itapeva - SP



Na Região Sul, a safra do Paraná se encontra na fase de intensa demanda hídrica e por ocasião do levantamento, enfrentavam forte estiagem. O maior temor no início do plantio era a possibilidade de geada na fase de frutificação. Agora, o que assusta é o déficit hídrico. Muitas lavouras já estão com as folhas do baixeiro secas. As condições das lavouras são diversas, a depender do híbrido semeado, cobertura morta e época de plantio. Mas, no geral, pode-se afirmar que as condições estão piores que as do ano passado. O acompanhamento do índice de vegetação por imagens de satélite também aponta para perda de potencial produtivo. A situação se agrava pelo fato de que não havia previsão de chuvas para os próximos dez dias em boa parte do estado. Segundo as informações coletadas, alguns municípios estão com previsão de quebra de 20% na produtividade. Na média do estado, estima-se produtividade de 5.393 kg/ha. Se esse número irá se manter ou diminuir dependerá do volume de chuvas em maio. O aumento súbito nos preços do grão devido à quebra de safra na Argentina movimentaram o mercado, acelerando a comercialização da primeira safra. Entretanto, os produtores aguardam a colheita para a tomada de decisão. É arriscado vender e sofrer com uma frustração na produção. Por outro lado, caso haja quebra significativa de safra, os preços devem aumentar mais, podendo chegar aos patamares de 2016.



Dessa forma, prevê-se para o exercício 2017/18, que a produção nacional de milho atinja 89.207,6 mil tone-

ladas, representando uma redução de 8,8% em relação a oferta observada no exercício passado.

**Quadro 9 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases\* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Milho segunda safra**

UF	Mesorregiões	Milho segunda safra											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
RO	Leste Rondoniense - RO					P	P/G/DV	DV/F	FR	FR/M	M/C	C	
TO	Oriental do Tocantins - TO						P	DV	F/FR	FR/M	M/C	C	
MA	Sul Maranhense - MA						P	DV	F/FR	FR/M	M/C	C	
PE	Agreste Pernambucano	M/C	C							P/G	DV/F	F/FR	FR/M
BA	Nordeste Baiano - BA	M/C	C						P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M
MS	Centro Norte de Mato Grosso do Sul - MS					PP	G/DV	DV/F	DV/F/FR	FR/M	M/C	C	C
	Leste de Mato Grosso do Sul - MS					PP	G/DV	DV/F	DV/F/FR	FR/M	M/C	C	C
	Sudoeste de Mato Grosso do Sul - MS					P	G/DV	DV/F	DV/F/FR	FR/M	M/C	C	C
MT	Norte Mato-grossense - MT					P	P/G/DV	DV/F	FR	FR/M	M/C	C	
	Nordeste Mato-grossense - MT					PP	P/G/DV	DV/F	FR	FR/M	M/C	C	
	Sudeste Mato-grossense - MT					PP	P/G/DV	DV/F	FR	FR/M	M/C	C	
GO	Leste Goiano - GO					PP	G/DV	DV/F	FR	FR/M	M/C	C	
	Sul Goiano - GO					P	G/DV	DV/F	FR	FR/M	M/C	C	
MG	Noroeste de Minas - MG						P	DV	F/FR	FR	M/C	C	
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba - MG						P	DV	F/FR	FR	M/C	C	
SP	Assis - SP						P	DV	F/FR	FR	FR/M/C	C	C
	Itapetininga - SP						P	DV	F/FR	FR	FR/M/C	C	C
PR	Noroeste Paranaense - PR					PP	G/DV	DV/F	FR	FR/M	FR/M/C	C	C
	Centro Ocidental Paranaense - PR					PP	G/DV	DV	DV/F/FR	F/FR/M	FR/M/C	C	C
	Norte Central Paranaense - PR					PP	G/DV	DV	DV/F/FR	F/FR/M	FR/M/C	C	C
	Norte Pioneiro Paranaense - PR					PP	G/DV	DV	DV/F/FR	F/FR/M	FR/M/C	C	C
	Oeste Paranaense - PR					PP	G/DV	DV	DV/F/FR	F/FR/M	FR/M/C	C	C

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas (Amarelo) Favorável (Verde) Média restrição - falta de chuva (Laranja) Baixa restrição - excesso de chuva (Azul)

\* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (C)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

\*\* Total ou parcialmente irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.

**Figura 22 – Mapa da produção agrícola – Milho segunda safra**

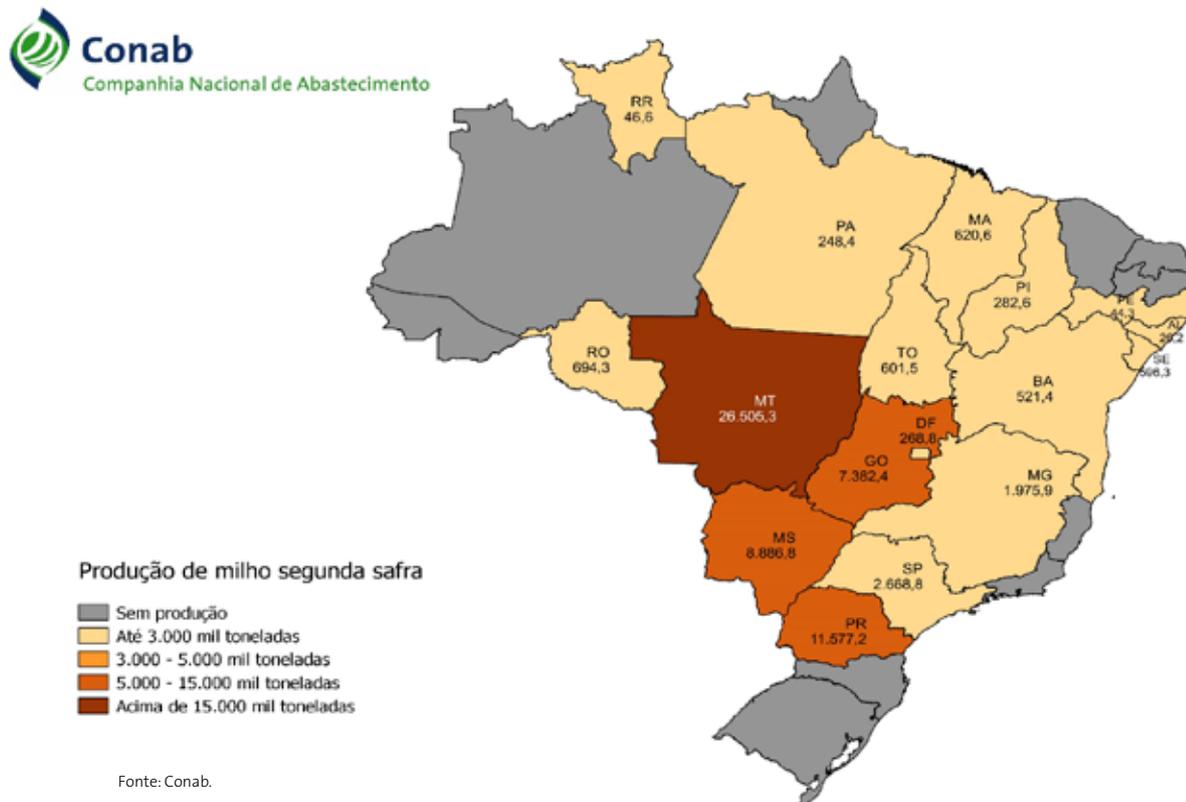


Tabela 30 – Comparativo de área, produtividade e produção – Milho segunda safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
<b>NORTE</b>	<b>401,2</b>	<b>374,6</b>	<b>(6,6)</b>	<b>4.253</b>	<b>4.247</b>	<b>(0,1)</b>	<b>1.706,1</b>	<b>1.590,8</b>	<b>(6,8)</b>
RR	7,6	9,6	26,4	6.000	4.857	(19,1)	45,6	46,6	2,2
RO	156,9	151,4	(3,5)	4.385	4.586	4,6	688,0	694,3	0,9
PA	81,4	69,0	(15,2)	3.549	3.600	1,4	288,9	248,4	(14,0)
TO	155,3	144,6	(6,9)	4.402	4.160	(5,5)	683,6	601,5	(12,0)
<b>NORDESTE</b>	<b>796,3</b>	<b>749,6</b>	<b>(5,9)</b>	<b>2.789</b>	<b>2.790</b>	<b>0,1</b>	<b>2.220,7</b>	<b>2.091,4</b>	<b>(5,8)</b>
MA	198,9	172,4	(13,3)	3.572	3.600	0,8	710,5	620,6	(12,7)
PI	49,2	63,2	28,4	2.363	4.472	89,3	116,3	282,6	143,0
PE	73,9	73,9	-	654	600	(8,3)	48,3	44,3	(8,3)
AL	37,2	37,2	-	674	705	4,6	25,1	26,2	4,4
SE	172,0	172,0	-	4.721	3.467	(26,6)	812,0	596,3	(26,6)
BA	265,1	230,9	(12,9)	1.918	2.258	17,7	508,5	521,4	2,5
<b>CENTRO-OESTE</b>	<b>7.664,7</b>	<b>7.429,5</b>	<b>(3,1)</b>	<b>6.008</b>	<b>5.794</b>	<b>(3,6)</b>	<b>46.052,7</b>	<b>43.043,2</b>	<b>(6,5)</b>
MT	4.605,7	4.471,2	(2,9)	6.212	5.928	(4,6)	28.610,6	26.505,3	(7,4)
MS	1.759,9	1.689,5	(4,0)	5.460	5.260	(3,7)	9.609,1	8.886,8	(7,5)
GO	1.260,7	1.230,4	(2,4)	6.000	6.000	-	7.564,2	7.382,4	(2,4)
DF	38,4	38,4	-	7.000	7.000	-	268,8	268,8	-
<b>SUDESTE</b>	<b>837,7</b>	<b>864,5</b>	<b>3,2</b>	<b>5.081</b>	<b>5.373</b>	<b>5,7</b>	<b>4.256,3</b>	<b>4.644,7</b>	<b>9,1</b>
MG	357,6	341,2	(4,6)	4.822	5.791	20,1	1.724,3	1.975,9	14,6
SP	480,1	523,3	9,0	5.274	5.100	(3,3)	2.532,0	2.668,8	5,4
<b>SUL</b>	<b>2.409,3</b>	<b>2.146,7</b>	<b>(10,9)</b>	<b>5.456</b>	<b>5.393</b>	<b>(1,2)</b>	<b>13.145,1</b>	<b>11.577,2</b>	<b>(11,9)</b>
PR	2.409,3	2.146,7	(10,9)	5.456	5.393	(1,2)	13.145,1	11.577,2	(11,9)
<b>NORTE/NORDESTE</b>	<b>1.197,5</b>	<b>1.124,2</b>	<b>(6,1)</b>	<b>3.279</b>	<b>3.276</b>	<b>(0,1)</b>	<b>3.926,8</b>	<b>3.682,4</b>	<b>(6,2)</b>
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>10.911,7</b>	<b>10.440,7</b>	<b>(4,3)</b>	<b>5.815</b>	<b>5.676</b>	<b>(2,4)</b>	<b>63.454,1</b>	<b>59.265,1</b>	<b>(6,6)</b>
<b>BRASIL</b>	<b>12.109,2</b>	<b>11.564,9</b>	<b>(4,5)</b>	<b>5.564</b>	<b>5.443</b>	<b>(2,2)</b>	<b>67.380,9</b>	<b>62.947,5</b>	<b>(6,6)</b>

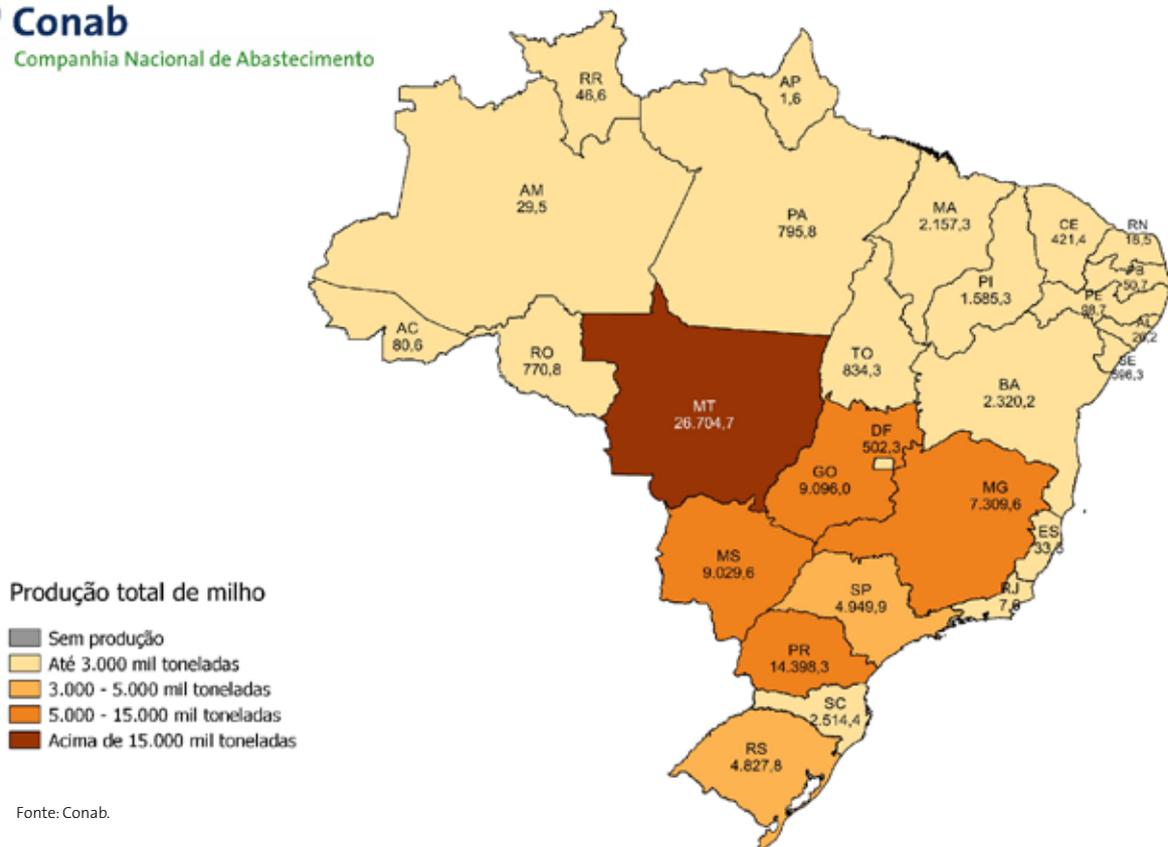
Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em maio/2018.



### 8.1.7.3. MILHO TOTAL

Figura 23 – Mapa da produção agrícola – Milho total (primeira e segunda safras)



Fonte: Conab.



**Tabela 31 – Comparativo de área, produtividade e produção – Milho total**

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
<b>NORTE</b>	<b>713,0</b>	<b>669,4</b>	<b>(6,1)</b>	<b>3.790</b>	<b>3.823</b>	<b>0,9</b>	<b>2.702,1</b>	<b>2.559,2</b>	<b>(5,3)</b>
RR	7,6	9,6	26,3	6.000	4.857	(19,1)	45,6	46,6	2,2
RO	197,1	182,4	(7,5)	4.033	4.226	4,8	795,0	770,8	(3,0)
AC	34,9	31,0	(11,2)	2.350	2.600	10,6	82,0	80,6	(1,7)
AM	12,2	11,5	(5,7)	2.526	2.563	1,5	30,8	29,5	(4,2)
AP	1,7	1,6	(5,9)	962	988	2,7	1,6	1,6	-
PA	258,3	235,8	(8,7)	3.270	3.375	3,2	844,7	795,8	(5,8)
TO	201,2	197,5	(1,8)	4.485	4.225	(5,8)	902,4	834,3	(7,5)
<b>NORDESTE</b>	<b>2.602,9</b>	<b>2.693,3</b>	<b>3,5</b>	<b>2.567</b>	<b>2.701</b>	<b>5,2</b>	<b>6.681,3</b>	<b>7.274,6</b>	<b>8,9</b>
MA	491,7	488,0	(0,8)	3.970	4.421	11,4	1.951,9	2.157,3	10,5
PI	467,4	488,5	4,5	2.966	3.245	9,4	1.386,3	1.585,3	14,4
CE	514,0	536,1	4,3	815	786	(3,6)	418,9	421,4	0,6
RN	29,2	40,9	40,1	348	453	30,2	10,2	18,5	81,4
PB	86,5	109,5	26,6	446	463	3,8	38,6	50,7	31,3
PE	158,0	209,9	32,8	345	470	36,2	54,6	98,7	80,8
AL	37,2	37,2	-	674	705	4,6	25,1	26,2	4,4
SE	172,0	172,0	-	4.721	3.467	(26,6)	812,0	596,3	(26,6)
BA	646,9	611,2	(5,5)	3.067	3.796	23,8	1.983,7	2.320,2	17,0
<b>CENTRO-OESTE</b>	<b>8.014,7</b>	<b>7.714,2</b>	<b>(3,7)</b>	<b>6.098</b>	<b>5.877</b>	<b>(3,6)</b>	<b>48.873,7</b>	<b>45.332,6</b>	<b>(7,2)</b>
MT	4.639,1	4.498,4	(3,0)	6.223	5.936	(4,6)	28.867,0	26.704,7	(7,5)
MS	1.787,9	1.705,0	(4,6)	5.521	5.296	(4,1)	9.870,6	9.029,6	(8,5)
GO	1.520,7	1.444,6	(5,0)	6.342	6.297	(0,7)	9.644,2	9.096,0	(5,7)
DF	67,0	66,2	(1,2)	7.341	7.588	3,4	491,9	502,3	2,1
<b>SUDESTE</b>	<b>2.138,9</b>	<b>2.047,5</b>	<b>(4,3)</b>	<b>5.820</b>	<b>6.008</b>	<b>3,2</b>	<b>12.447,9</b>	<b>12.300,7</b>	<b>(1,2)</b>
MG	1.267,0	1.156,0	(8,8)	5.936	6.323	6,5	7.520,9	7.309,6	(2,8)
ES	13,2	11,9	(9,8)	2.832	2.821	(0,4)	37,4	33,6	(10,2)
RJ	2,7	3,3	22,2	2.332	2.318	(0,6)	6,3	7,6	20,6
SP	856,0	876,3	2,4	5.705	5.649	(1,0)	4.883,3	4.949,9	1,4
<b>SUL</b>	<b>4.122,2</b>	<b>3.520,6</b>	<b>(14,6)</b>	<b>6.583</b>	<b>6.175</b>	<b>(6,2)</b>	<b>27.137,8</b>	<b>21.740,5</b>	<b>(19,9)</b>
PR	2.917,0	2.475,2	(15,1)	6.115	5.817	(4,9)	17.837,8	14.398,3	(19,3)
SC	400,3	317,0	(20,8)	8.152	7.932	(2,7)	3.263,2	2.514,4	(22,9)
RS	804,9	728,4	(9,5)	7.500	6.628	(11,6)	6.036,8	4.827,8	(20,0)
<b>NORTE/NORDESTE</b>	<b>3.315,9</b>	<b>3.362,7</b>	<b>1,4</b>	<b>2.830</b>	<b>2.924</b>	<b>3,3</b>	<b>9.383,4</b>	<b>9.833,8</b>	<b>4,8</b>
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>14.275,8</b>	<b>13.282,3</b>	<b>(7,0)</b>	<b>6.196</b>	<b>5.976</b>	<b>(3,6)</b>	<b>88.459,4</b>	<b>79.373,8</b>	<b>(10,3)</b>
<b>BRASIL</b>	<b>17.591,7</b>	<b>16.645,0</b>	<b>(5,4)</b>	<b>5.562</b>	<b>5.359</b>	<b>(3,6)</b>	<b>97.842,8</b>	<b>89.207,6</b>	<b>(8,8)</b>

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em maio/2018.

### 8.2.8. SOJA

No oitavo levantamento, realizado pela Conab, foi detectado aumento na área plantada de 3,5%, saindo de 33.909,4 mil hectares na safra 2016/17 para 35.099,7 mil hectares, na atual. A produção deverá atingir 116.995,9 mil toneladas, contra 114.075,3 mil observado na safra passada, representando um aumento de 2,6%.

Na Região Norte/Nordeste, o plantio ocorreu a partir de outubro, com a consolidação do período chuvoso. Esse quadro estimulou o produtor local a ampliar sua área plantada em 5,8% em relação à safra passada.

Em Rondônia, os recursos financeiros para implanta-

ção da cultura foram obtidos nas seguintes proporções: 7% através de bancos oficiais, 7% por meio de recursos do próprio produtor e 86% através de agentes financeiros e principalmente das tradings como Cargill e Amaggi, além das empresas estaduais, tais como, Boa Safra, Central Agrícola e Casa do Adubo. A justificativa para o reduzido volume de recursos financeiros captados em bancos oficiais está relacionada à documentação das terras. A titulação/escrituração de imóveis rurais no estado é muito incipiente e esse fato inviabiliza o acesso dos produtores ao crédito disponível junto aos bancos. Nesse contexto, as tradings e empresas estaduais entram como segunda e em alguns casos, como principal opção ao produtor



que necessita de aporte financeiro para investir/custear as lavouras. O calendário agrícola fluiu de maneira normal, inexistindo qualquer fator que impedisse a evolução do cultivo de soja nesta safra. Com relação ao fator climático, o atraso das chuvas não chegou a prejudicar a cultura, mas a janela para a implantação da segunda safra seja de milho, ou soja encurtou, gerando o receio de que pudesse ocorrer um menor suprimento de água para essas culturas.

A área cultivada de soja no estado foi de 333,4 mil hectares e a colheita já foi encerrada. De forma geral a semeadura se concentra maciçamente de outubro, a dezembro. Com o advento da soja safrinha, a semeadura ocorre entre o fim de janeiro e início de fevereiro, com a colheita em junho. A produtividade estimada é de 3.303 kg/ha, e o aumento previsto se deve a alguns fatores, tais como: quantitativo e melhor distribuição das chuvas comparado a safra passada; o tamanho dos talhões nas propriedades de Rondônia são menores e isso faz com que o monitoramento de pragas e doenças seja mais preciso com as aplicações ocorrendo no momento exato. No caso da segunda safra, temos a seguinte configuração: desenvolvimento vegetativo 10%; floração 45% e frutificação 45%. O percentual de soja convencional cultivada no estado não chega a 5% da área total, a segregação no armazenamento e transporte é o entrave justificado pelos produtores rurais para não ampliarem as áreas de cultivo, apesar do valor da saca da soja convencional ser superior ao da soja transgênica.

No Acre, a área de soja plantada, na safra 2017/18 está estimada em 600 hectares, com rendimento médio de 2.055 kg/ha. A cultura se adapta bem às condições climáticas locais, prevendo-se um potencial para suprir as necessidades do mercado local. O plantio foi realizado em outubro e novembro e a colheita foi finalizada na primeira quinzena de abril e foi realizado em duas etapas, outubro e novembro, assim como a colheita foi realizada em março e abril.

No Amazonas, após um longo período de moratória da soja, que teve início em 2006, quando a Associação Brasileira das Indústrias de Óleos Vegetais (Abiove) e a Associação Nacional dos Exportadores de Cereais (Anec) declararam não comercializar ou financiar soja oriunda de áreas desmatadas na Amazônia Legal, o estado apresentou no final do ano passado um plantio inicial de soja no município de Humaitá em uma área de 700 hectares, que já teve a colheita concluída. A produtividade atingida foi de 2.250 kg/ha, com uma produção de 1,6 mil toneladas.

No Pará, a soja no sul do estado já está com 90% de área colhida, aguardando as fortes chuvas que caem em todo o estado cederem, para conclusão das opera-

ções. Já na região de Paragominas - Ulianópolis - Dom Eliseu, responsáveis por 56% da produção estadual, já foram colhidas aproximadamente 40% da área.

Em Tocantins, a cultura teve um incremento mais modesto na área cultivada no estado em relação aos anos anteriores. Isso ocorreu devido à grande frustração da safra 2015/16, e a repetição do quadro em algumas regiões na safra 2016/17. Esse fato levou vários produtores a um elevado comprometimento financeiro e, conseqüentemente, à uma restrição de acesso ao crédito. As chuvas nesta temporada foram bastantes regulares em praticamente todo o estado. As condições das lavouras, no geral, foram muito boas tanto em sanidade quanto em produção. A colheita da soja já está quase finalizada e a produtividade desta safra deverá ser 4,2% maior que à da passada.

No Maranhão, a colheita da soja se encontra próxima da finalização na região de Balsas, principal região produtora. Nas demais regiões, a colheita deve iniciar em maio e se estender até a primeira quinzena de junho. A área plantada de soja tem aumentado nos diversos municípios analisados, com destaque para a região Tocantina que tem experimentado aumentos significativos, a exemplo dos municípios de Açailândia, Buriticupu e Itinga do Maranhão. Ficam mantidos os prognósticos positivos de avanço na área plantada com soja, devendo atingir a marca expressiva de 942,5 milhões de hectares, o que representa um aumento de 14,7% em relação à safra anterior.

No Piauí ocorreu aumento na área de 2,4% em relação ao exercício anterior, devido ao retorno das áreas ocupadas por milho na safra passada. Dessa forma, a área total plantada atingiu 710,5 mil hectares. A lavoura de soja já se encontra praticamente finalizada, com os grãos apresentando boa qualidade. A área ainda a ser colhida na região sudoeste piauiense encontra-se com a fase de maturação já encerrada, não necessitando mais de chuvas.

Na região norte e centro-norte, que corresponde a 2% do total, as lavouras encontram-se predominantemente na fase de frutificação e estão em boas condições, apresentando bom desenvolvimento.

Apesar de ter ocorrido em março, uma diminuição das chuvas em todas as regiões, devido ao veranico que se estendeu do final de fevereiro ao início de março, não prejudicou o desenvolvimento da lavoura nem impactou na sua produtividade. Durante todo o período de desenvolvimento da lavoura houve baixíssima incidência de pragas e doenças, o que permitiu um controle relativamente fácil com poucas aplicações.



**Figura 24 - Lavoura de soja no município de Uruçuí - PI**



Fonte: Conab.

Na Bahia, estima-se que a área de cultivo atinja 1.602,4 mil hectares, representando aumento de 1,4% em relação à área cultivada na safra anterior e produtividade de 3.360 kg/ha. Essa estimativa de crescimento deve-se aos bons resultados da safra passada e às condições climáticas favoráveis neste exercício. Os plantios irrigados foram realizados em outubro e os de sequeiro em novembro e dezembro, ocupando 40.000 hectares e foram colhidos em fevereiro enquanto que nas lavouras de sequeiro a colheita atinge cerca de 68% da área cultivada. Dentre as medidas para garantir a longevidade da cultura da soja há a recomendação de finalização da colheita até maio, iniciando o vazio sanitário. Foram registrados 72 casos de focos de ferrugem asiática no extremo oeste. No entanto, de acordo com relatos dos produtores, esses focos foram controlados e não causaram perdas de produtividade. As lavouras de soja se espalham pelo extremo oeste e vale do São Francisco. O clima favorável da safra aliada ao bom manejo agrícola e ao eficiente controle de pragas e doenças, propiciou a excelente produtividade alcançada de 3.242 kg/ha. Na safra atual, em setembro de 2017 primeiro levantamento, as estimativas apontaram uma perspectiva inicial de 2.759 kg/ha. Com o plantio em novembro e dezembro e a regularidade das chuvas, a estimativa foi elevada para 2.970 kg/ha, em janeiro de 2018 quinto levantamento. Com o início da colheita e registro das ótimas produtividades alcançadas, a estimativa foi elevada para 3.360 kg/ha.

Na Região Centro-Oeste, principal região produtora do país, a área plantada apresentou incremento de 3% em relação ao exercício anterior, e a produção deve ser 6,2% maior que na safra passada, impulsionada pelo desempenho de Mato Grosso, maior produtor nacional da oleaginosa.

Em Mato Grosso, a colheita da soja está encerrada desde a primeira quinzena de abril. A produtividade média em Mato Grosso foi de 3.350 kg/ha, rendimen-

to 2,4% superior aos 3.273 kg/ha obtidos no ciclo anterior. São fatores que contribuíram para o excelente desenvolvimento das lavouras são o clima bastante favorável, melhorias nas variedades de sementes e o plantio em momento mais propício, no que diz respeito ao calendário agrícola, tendo em vista que a semeadura foi relativamente postergada em virtude do início das chuvas. Consequentemente, Mato Grosso deverá colher safra recorde de 31.887,3 mil toneladas, 4,5% superior à marca do último ciclo, de 30.513,5 mil toneladas.

Em Mato Grosso do Sul, a área plantada ficou definida em 2.671,1 mil hectares. Está confirmado o recorde de produtividade para a cultura em 3.579 kg/ha. As condições climáticas para a atual safra oscilaram bastante, com períodos de estiagem em setembro e outubro e chuvas excessivas de dezembro a fevereiro, regularizando com a proximidade e início da estação climática do outono. Havia uma preocupação generalizada com os problemas de umidade ocasionando grãos danificados, mas isso não ocorreu em larga escala. A colheita já foi encerrada. Em comparação com safras anteriores, a colheita se estendeu além do normal em função do período de estiagem atípico no início do plantio, prorrogando as operações, bem como o excesso de chuvas nos meses de colheita no início de 2018. Este período de excesso de chuvas levantou uma especulação negativa quanto à quebra da produção, que acabou não se confirmando. A média de produto comercializado no estado é de aproximadamente 62% e, contrariando os fundamentos de formação de preços, em plena colheita houve alta nos preços pagos aos produtores a partir de março e que perdurou em abril.

Em Goiás, a colheita da soja na região leste do estado está totalmente concluída. Os produtores alcançaram uma boa média de rentabilidade, girando em torno de 3.420 kg/ha, com grãos de ótima qualidade. De acordo com os informantes, alguns produtores optaram por armazenar parte do produto aguardando um aumento nos preços do grão de soja. Na região sul a colheita terminou, mas a comercialização do produto está mais atrasada, entre 70 a 80%. As médias de produtividade entre os maiores municípios produtores está entre 58 a 61 sc/ha. Os produtores estão bastante animados com os resultados dessa safra, uma vez que nas maiores regiões produtoras a produtividade superou a expectativa, sendo melhor que a safra anterior, que já havia sido considerada muito boa.

No Distrito Federal, a área plantada na safra 2017/18 foi estimada em 71.500 hectares, ante aos 70.000 cultivados na safra 2016/17. Os sinais de demanda firme nos mercados interno e externo, aliados à forte alta do



dólar, no início do plantio, justificaram tal incremento. A produtividade estimada está em 3,540 kg/ha, um incremento de 2,6% em relação à safra passada. A colheita já foi concluída e o produto foi comercializado quase na sua totalidade. A produção atingiu 253.100 toneladas ante às 241.500 toneladas ofertadas no exercício passado.

Na Região Sudeste, a área plantada apresentou incremento de 4,2%, comparada com o exercício anterior e a produção deverá ser 7,7% superior à registrada na última safra.

Em Minas Gerais, a área de soja está estimada em 1.489,6 mil hectares, 2,3% superior à safra passada, mantendo a tendência dos últimos anos. As lavouras apresentaram excelente desenvolvimento nesta safra em razão das condições climáticas favoráveis e, com isso, houve superação da produtividade média, que passou de 3.480 kg/ha na safra passada para 3.609 kg/ha na safra atual. A colheita ainda estava em andamento em abril.

Em São Paulo, as maiores áreas da oleaginosa estão concentradas nas regiões oeste e sudoeste do estado, onde a cultura da cana-de-açúcar não tem encontrando condições propícias para o seu desenvolvimento, contrário daquelas situadas nas regiões norte/noroeste do estado, onde a produção de grãos diminuiu sensivelmente nos últimos anos. A safra da oleaginosa já foi colhida. A soja durante todo o seu desenvolvimento se apresentou em ótimas condições. O clima, de uma maneira geral, apresentou-se satisfatório, apesar de no período de desenvolvimento das lavouras, ter ocorrido de forma intermitente, dias com pouca luz e ausência do sol. Em algumas localidades, como no vale do Paranapanema e Alta Paulista, houve pequeno abortamento dos grãos nas lavouras que tiveram adiantamento no plantio e sofreram com o veranico no início do ciclo. No entanto, esta combinação não comprometeu a produtividade.

**Figura 25 - Lavoura de soja município de Guaira - SP**



Fonte: Conab.

Na região sul, apesar da área plantada maior em 3,1%, a produção foi 5,5% inferior à safra passada, reflexo, sobretudo, das condições climáticas enfrentados pela região.

No Paraná, a colheita da soja está praticamente finalizada. A produtividade média obtida foi de 3.503 kg/ha, 6,1% inferior à da safra passada, cabendo ainda ajustes no próximo mês. Conforme já relatado em meses anteriores, a queda no rendimento é resultado das chuvas irregulares, principalmente o excesso delas em alguns meses, que propiciaram o desenvolvimento de muitas doenças, inclusive ferrugem asiática. A falta de luz também é citada por ter afetado o desempenho das lavouras.

Em Santa Catarina, a colheita atingiu aproximadamente 92% das lavouras. A estabilidade climática dos últimos dias tem favorecido o avanço da colheita em todas as regiões, cujo encerramento deve ocorrer até fim de maio nas lavouras semeadas dentro do período considerado normal. As lavouras remanescentes (safrinha) devem ter sua colheita concluída no início de junho. A produtividade tem apresentado tendência negativa em relação ao obtido na safra passada, quando as condições climáticas foram altamente favoráveis e proporcionaram alta expressão do potencial produtivo dos materiais. Assim, o rendimento esperado para esta safra deve ficar em torno de 3.400 kg/ha, uma redução de 5% em relação à safra passada. As instabilidades climáticas apresentadas na safra atual foram os principais fatores responsáveis pela queda da produtividade. Estiagem ocorrida em dezembro dificultou o plantio em algumas regiões. Excesso de chuva e falta de luminosidade em janeiro favoreceram os ataques de doenças e excesso de crescimento vegetativo de algumas lavouras, baixando o potencial produtivo. Apesar da redução do rendimento, a alta dos preços observada nos últimos meses deve resultar em rentabilidade positiva aos produtores.

No Rio Grande do Sul, a colheita se encaminha rapidamente para o encerramento em todo o estado, restando apenas pouco mais de 8% do volume total esperado. As regiões com maior área a ser colhida são Bagé com 40% e Canguçu/Pelotas com 35%, mas que logo devem atingir a totalidade. A produtividade foi ajustada para 2.981 kg/ha no atual levantamento, 11,3% inferior ao do exercício anterior, em razão das perdas esperadas em alguns locais não terem sido confirmadas de maneira tão expressiva quanto aos valores informados anteriormente. Assim, a produção total para esta safra ficará em 16,968 milhões de toneladas, 9,3% abaixo da safra anterior.

A estiagem, que foi bastante intensa na metade sul,



provocou situações bem distintas de outras no estado. Enquanto na metade norte as produtividades são semelhantes e frequentemente superiores às verificadas na safra anterior, que foi a melhor já registrada no Rio Grande do Sul. Na metade sul, a redução é superior a 20% na maioria dos locais avaliados. Ainda assim, essa safra será a segunda maior da história em produtividade e produção, ficando atrás somente da 2016/17.

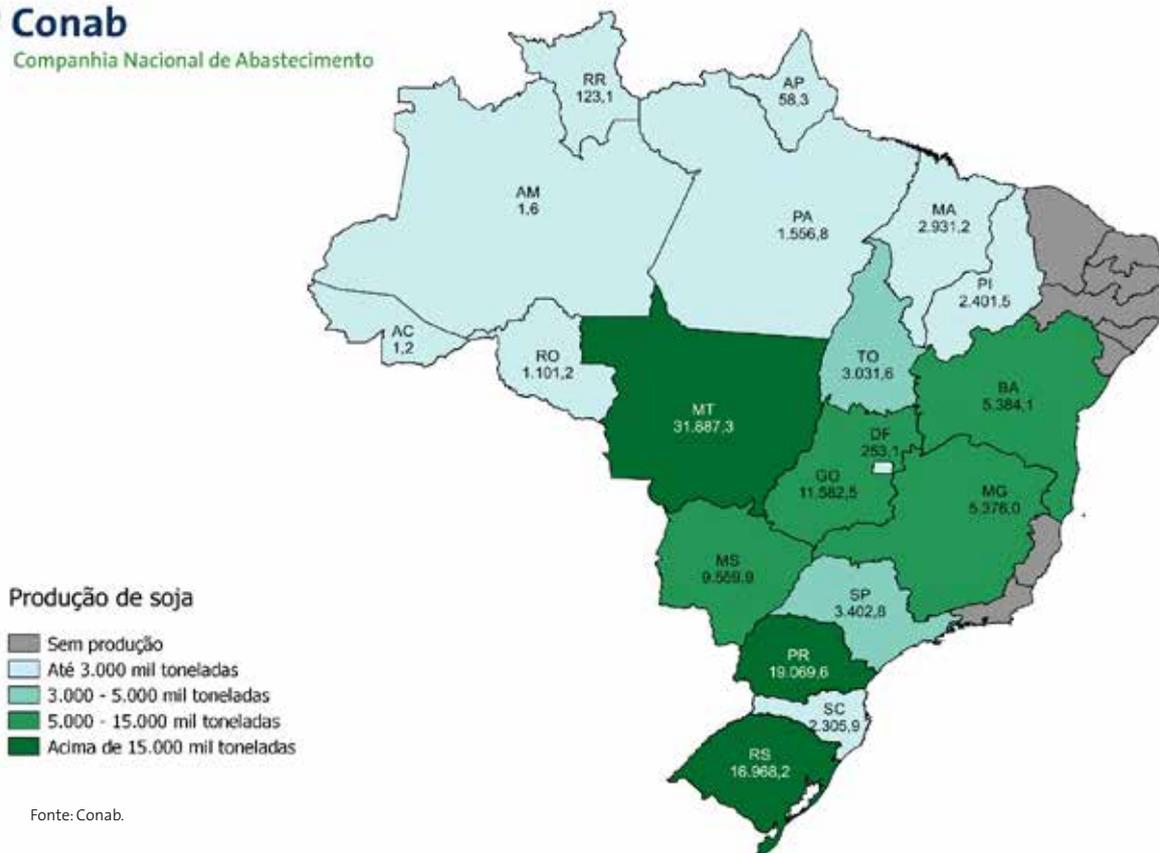
Além das baixas produtividades verificadas na região sul do estado, em Bagé, Canguçu e Pelotas, respectivamente, com a ocorrência de grãos pequenos e pouco peso, nas regiões de Erechim e Vacaria, têm sido verificados focos de mofo branco em algumas lavouras, o que reduz a expectativa de boa produtividade.

**Figura 26 – Mapa da produção agrícola – Soja**



**Conab**

Companhia Nacional de Abastecimento



Fonte: Conab.



**Quadro 10 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases\* da cultura, nas principais regiões produtoras do país – Soja (safra 2016/17)**

UF	Mesorregiões	Amendoim primeira safra											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
RO	Leste Rondoniense		P	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
PA	Sudeste Paraense			PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C		
TO	Ocidental do Tocantins		PP	P/G/DV	P/G/DV/F	DV/F/FR/M	F/FR/M/C	FR/M/C	M/C	C			
	Oriental do Tocantins		PP	P/G/DV	P/G/DV/F	DV/F/FR/M	F/FR/M/C	FR/M/C	M/C	C			
MA	Sul Maranhense		PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
PI	Sudoeste Piauiense			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
BA	Extremo Oeste Baiano		PP	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR/M	FR/M/C	M/C	C			
MT	Norte Mato-grossense	P/G	P/G	DV	F/FR	FR/M/C	M/C	C					
	Nordeste Mato-grossense	PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Sudeste Mato-grossense	PP	P/G	DV	F	FR/M/C	M/C	C					
MS	Centro Norte de Mato Grosso do Sul	PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Leste de Mato Grosso do Sul	PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Sudoeste de Mato Grosso do Sul	P/G	P/G	DV	F	FR/M/C	M/C	C					
GO	Leste Goiano		P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Sul Goiano		P/G	DV	F	FR/M/C	M/C	C					
DF	Distrito Federal			P/G	DV/F	FR/M/C	FR/M/C	M/C	C				
MG	Noroeste de Minas		P	P/G	DV	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba		P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
SP	Itapetininga	PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR/M	FR/M/C	M/C	C				
PR	Centro Ocidental Paranaense	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C					
	Norte Central Paranaense	PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Norte Pioneiro Paranaense	PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Centro Oriental Paranaense		P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Oeste Paranaense	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C					
	Sudoeste Paranaense	P/G	G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Centro-Sul Paranaense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Sudeste Paranaense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
SC	Oeste Catarinense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Norte Catarinense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Serrana		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
RS	Noroeste Rio-grandense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR/M	F/FR/M/C	FR/M/C	M/C	C			
	Nordeste Rio-grandense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Centro Ocidental Rio-grandense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Sudoeste Rio-grandense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
  Favorável
  Média restrição - falta de chuva
  Baixa restrição - excesso de chuva
  Média restrição - Excesso de chuva

\* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

\*\* Total ou parcialmente irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.

Fonte: Conab.



**Tabela 32 – Comparativo de área, produtividade e produção – Soja**

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
<b>NORTE</b>	<b>1.809,0</b>	<b>1.932,0</b>	<b>6,8</b>	<b>3.061</b>	<b>3.040</b>	<b>(0,7)</b>	<b>5.536,4</b>	<b>5.873,8</b>	<b>6,1</b>
RR	30,0	40,0	33,3	3.000	3.077	2,6	90,0	123,1	36,8
RO	296,0	333,4	5,3	3.143	3.303	5,1	930,3	1.101,2	18,4
AC	-	0,6	-	-	2.055	-	-	1,2	-
AM	-	0,7	-	-	2.250	-	-	1,6	-
AP	18,9	20,2	6,9	2.878	2.884	0,2	54,4	58,3	7,2
PA	500,1	545,1	9,0	3.270	2.856	(12,7)	1.635,3	1.556,8	(4,8)
TO	964,0	992,0	2,9	2.932	3.056	4,2	2.826,4	3.031,6	7,3
<b>NORDESTE</b>	<b>3.095,8</b>	<b>3.255,4</b>	<b>5,2</b>	<b>3.115</b>	<b>3.292</b>	<b>5,7</b>	<b>9.644,7</b>	<b>10.716,8</b>	<b>11,1</b>
MA	821,7	942,5	14,7	3.010	3.110	3,3	2.473,3	2.931,2	18,5
PI	693,8	710,5	2,4	2.952	3.380	14,5	2.048,1	2.401,5	17,3
BA	1.580,3	1.602,4	1,4	3.242	3.360	3,6	5.123,3	5.384,1	5,1
<b>CENTRO-OESTE</b>	<b>15.193,6</b>	<b>15.647,9</b>	<b>3,0</b>	<b>3.301</b>	<b>3.405</b>	<b>3,2</b>	<b>50.149,9</b>	<b>53.282,8</b>	<b>6,2</b>
MT	9.322,8	9.518,6	2,1	3.273	3.350	2,4	30.513,5	31.887,3	4,5
MS	2.522,3	2.671,1	5,9	3.400	3.579	5,3	8.575,8	9.559,9	11,5
GO	3.278,5	3.386,7	3,3	3.300	3.420	3,6	10.819,1	11.582,5	7,1
DF	70,0	71,5	2,1	3.450	3.540	2,6	241,5	253,1	4,8
<b>SUDESTE</b>	<b>2.351,4</b>	<b>2.450,3</b>	<b>4,2</b>	<b>3.467</b>	<b>3.583</b>	<b>3,3</b>	<b>8.151,5</b>	<b>8.778,8</b>	<b>7,7</b>
MG	1.456,1	1.489,6	2,3	3.480	3.609	3,7	5.067,2	5.376,0	6,1
SP	895,3	960,7	7,3	3.445	3.542	2,8	3.084,3	3.402,8	10,3
<b>SUL</b>	<b>11.459,6</b>	<b>11.814,1</b>	<b>3,1</b>	<b>3.542</b>	<b>3.246</b>	<b>(8,4)</b>	<b>40.592,8</b>	<b>38.343,7</b>	<b>(5,5)</b>
PR	5.249,6	5.443,8	3,7	3.731	3.503	(6,1)	19.586,3	19.069,6	(2,6)
SC	640,4	678,2	5,9	3.580	3.400	(5,0)	2.292,6	2.305,9	0,6
RS	5.569,6	5.692,1	2,2	3.360	2.981	(11,3)	18.713,9	16.968,2	(9,3)
<b>NORTE/NORDESTE</b>	<b>4.904,8</b>	<b>5.187,4</b>	<b>5,8</b>	<b>3.095</b>	<b>3.198</b>	<b>3,3</b>	<b>15.181,1</b>	<b>16.590,6</b>	<b>9,3</b>
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>29.004,6</b>	<b>29.912,3</b>	<b>3,1</b>	<b>3.410</b>	<b>3.357</b>	<b>(1,6)</b>	<b>98.894,2</b>	<b>100.405,3</b>	<b>1,5</b>
<b>BRASIL</b>	<b>33.909,4</b>	<b>35.099,7</b>	<b>3,5</b>	<b>3.364</b>	<b>3.333</b>	<b>(0,9)</b>	<b>114.075,3</b>	<b>116.995,9</b>	<b>2,6</b>

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em maio/2018.

## 8.2.19. SORGO

A cultura do sorgo deverá ter uma área plantada de 632,8 mil hectares e uma produtividade de 2.823 kg/ha. O sorgo é uma cultura bastante resistente à seca e climas quentes e, por isso, muito utilizado em sucessão de culturas na segunda safra. Entretanto, observa-se que a escolha do sorgo pelo produtor varia muito em virtude do mercado, e seu plantio só é definido após a conclusão do plantio do milho segunda safra.

Em Tocantins, para esta safra não houve crescimento de área cultivada. O motivo para a desaceleração do crescimento da cultura no estado é o resultado econômico, já que a cultura tem apresentado um resultado inferior ao do milho, por exemplo, e devido às produtividades alcançadas nas safras anteriores que têm frustrado a expectativa dos agricultores.

As lavouras já se encontram em fase de floração e frutificação e as condições são consideradas boas. A

apreensão dos produtores se deve à redução drástica dos volumes precipitados, especialmente na segunda quinzena de abril, que pode comprometer um pouco a produtividade das lavouras.

Na Bahia, as lavouras de sorgo foram cultivadas em 100,1 mil hectares, com a expectativa de produzir 82,9 mil toneladas, com previsão de rendimento médio de 828 kg/ha. Os grãos de sorgo são destinados às criações nos cultivos conduzidos pela agricultura familiar e para as granjas (suínos e aves) em substituição ao milho nos cultivos da agricultura empresarial.

No extremo oeste espera-se a produtividade de 1.080 kg/ha em 39,1 mil hectares, com plantio previsto em sucessão à lavoura de soja e as boas condições climáticas têm indicado tendência de aumento desse rendimento.

No centro norte espera-se a produtividade de 720 kg/



ha em 2.070 hectares. As plantas estão apresentando bom desenvolvimento, não havendo registro de danos devido a pragas e doenças ou pelo veranico ocorrido em janeiro. As condições climáticas para a cultura estão favoráveis devido a sua alta adaptação ao estresse hídrico.

No centro sul e Vale do São Francisco a severidade da restrição hídrica impactou na redução da expectativa da produção em 45%, reduzindo a produtividade de média esperada de 1.200 kg/ha para 660 kg/ha em 59 mil hectares.

Na Paraíba, em virtude de fatores econômicos, o produtor paraibano tradicionalmente explora o sorgo forrageiro, destinado à formação de silagem para consumo dos seus rebanhos. Essa cultura registrou na safra 2016/17 área de 1,3 mil hectares e produtividade média de 1.600 kg/ha. Do total da área plantada, têm-se 900 hectares realizado por empresa especializada na produção de sementes, com a utilização de pacote tecnológico avançado. Diante da frustração na qualidade das sementes ocorrida na safra passada, resultante do estresse hídrico na lavoura, a empresa na presente safra decidiu reduzir as áreas de cultivo, portanto, nesta safra o total de área está em 1,2 mil hectares, e em razão da melhora no regime de chuvas, espera-se incremento na produtividade para 1.700 kg/ha.

No Piauí, a expectativa da área plantada de sorgo no estado é de 16,5 mil hectares, representando um aumento na área de 44,3% em relação à safra 2016/17. Esse aumento se justifica, principalmente, pela substituição de área inicialmente planejada para o milho safrinha, já a produtividade prevista é de 2.043 kg/ha, a mesma alcançada na safra anterior.

No Rio Grande do Norte, o cultivo do sorgo com dupla aptidão vem se tornando uma das principais alternativas de alimentos volumosos para os rebanhos, sobretudo os bovinos, já que a maior parte da produção da planta vai para ração animal (forragem). Como o levantamento considera somente o sorgo granífero, estima-se na presente safra uma área de 1,7 mil hectares contra 1,3 mil hectares da safra atual, com um acréscimo de 30,8%. A produção deverá ter redução de 12,5% em relação à safra 2017/18.

Em Mato Grosso houve menor semeadura de sorgo devido à competição de espaço com outras culturas de segunda safra, tais como o milho e o feijão-caupi, e estima-se semeadura de 32 mil hectares, 16,9% a menos do que os 38,5 mil semeados na última temporada. A lavoura está em estágio de desenvolvimento vegetativo e floração. A previsão é que a colheita ocorra em junho e julho. A cultura essencialmente tem papel de cobertura vegetal, com produção de grãos sem grande valor comercial.

Em Mato Grosso do Sul o sorgo é plantado nas regiões norte e nordeste do estado. A cultura está em fase de desenvolvimento vegetativo e há uma tendência de redução de área de cultivo na atual safra. Muitos produtores plantam o cereal após a colheita da soja e plantio do milho segunda safra. Tal como o milho, a cultura está com estresse hídrico no início do desenvolvimento vegetativo.

Em Goiás, o plantio da cultura do sorgo foi concluído no fim de março. Ocorreu posterior ao plantio de milho segunda safra. Grande parte das áreas tanto no leste e sul do estado está na fase vegetativa. Áreas cultivadas mais cedo na sua minoria estão com formação de cachos.

Em Minas Gerais, as estimativas de produção de sorgo no estado se pautam principalmente nas decisões de plantio dos produtores no período de safrinha, e há, ainda, muita indefinição devido aos atrasos na colheita da safra de verão. A área de sorgo segunda safra no estado está estimada em 190,1 mil hectares, 3,8% superior à safra passada, mas, como já ponderado, as informações ainda são pouco consistentes e podem sofrer alterações. O curto período para a realização do plantio do milho safrinha pode favorecer o incremento da área de plantio de sorgo que, com uma produtividade inicialmente estimada em 3.363 kg/ha, pode resultar numa produção de 639,3 mil toneladas.

Em São Paulo, o sorgo é bastante tolerante à seca em comparação com outros cereais. Ele também apresenta menor custo de produção e, além disso, o cultivo do sorgo fornece matéria residual rica em carbono e nitrogênio, para as culturas sucessivas. A estimativa aponta recuo na área de 7,8%. A produtividade deverá ter incremento de 5,4% em relação à safra anterior.

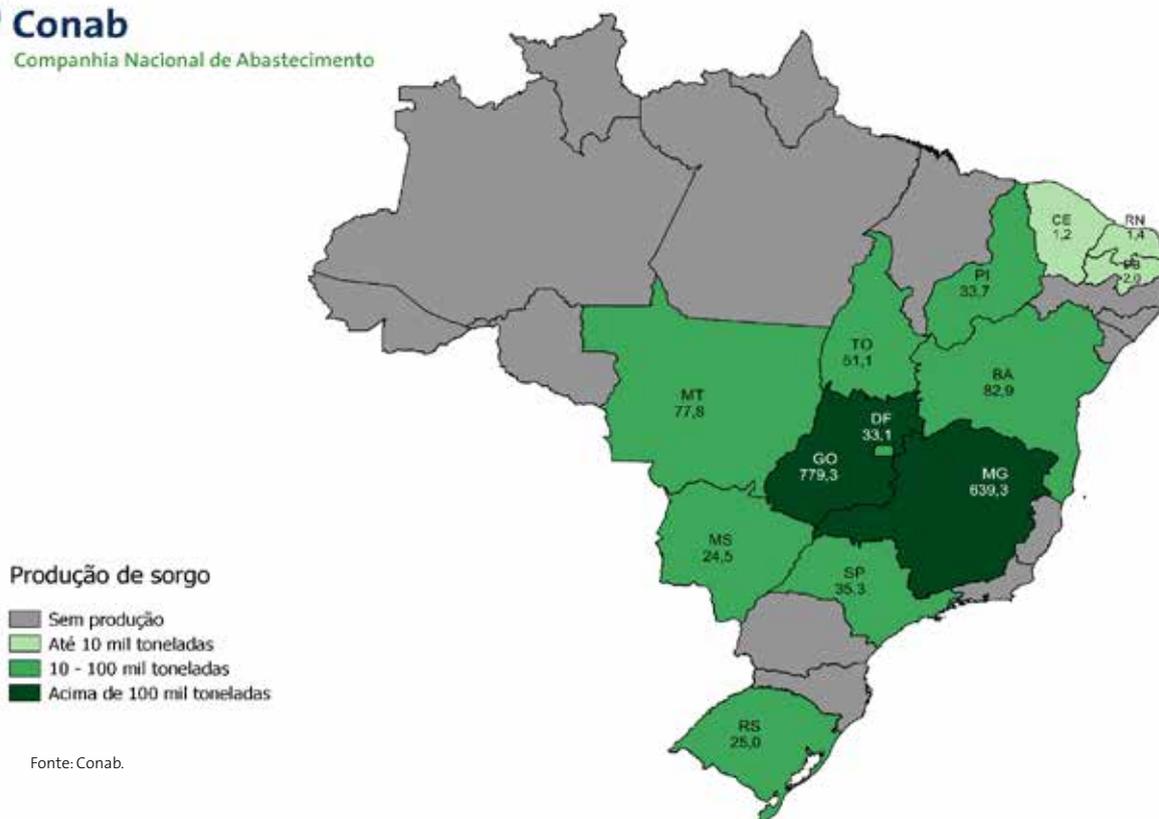
**Figura 27 - Sorgo - Franca/SP – 07/03/18**



Fonte: Conab.



Figura 28 – Mapa da produção agrícola – Sorgo



**Produção de sorgo**

- Sem produção
- Até 10 mil toneladas
- 10 - 100 mil toneladas
- Acima de 100 mil toneladas

Fonte: Conab.

Quadro 11 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases\* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Sorgo

UF	Mesorregiões	Sorgo											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
TO	Oriental do Tocantins			P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
PI	Sudoeste Piauiense				P	P/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
BA	Extremo Oeste Baiano						P	P/G/DV	DV	DV/F	FR	M/C	C
	Vale São-Franciscano da Bahia			P	P/G/DV	DV	DV/F	FR	M/C	C			
MS	Leste de Mato Grosso do Sul						P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
MT	Nordeste Mato-grossense						P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Sudeste Mato-grossense						P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Norte Mato-grossense						P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
GO	Centro Goiano						P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Leste Goiano						P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Sul Goiano						P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
DF	Distrito Federal							P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
MG	Noroeste de Minas						P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba						P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
SP	Ribeirão Preto						P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
  Favorável
  Média restrição - falta de chuva
  Baixa restrição - excesso de chuva
  Média restrição - Excesso de chuva

\* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

\*\* Total ou parcialmente irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.

Fonte: Conab.



Tabela 33 – Comparativo de área, produtividade e produção – Sorgo

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
<b>NORTE</b>	<b>29,4</b>	<b>28,4</b>	<b>(3,4)</b>	<b>1.889</b>	<b>1.801</b>	<b>(4,7)</b>	<b>55,5</b>	<b>51,1</b>	<b>(7,9)</b>
TO	29,4	28,4	(3,4)	1.889	1.801	(4,7)	55,5	51,1	(7,9)
<b>NORDESTE</b>	<b>113,2</b>	<b>120,2</b>	<b>6,2</b>	<b>1.180</b>	<b>1.009</b>	<b>(14,4)</b>	<b>133,5</b>	<b>121,2</b>	<b>(9,2)</b>
PI	11,4	16,5	44,3	2.044	2.043	-	23,3	33,7	44,6
CE	0,7	0,7	-	1.915	1.767	(7,7)	1,3	1,2	(7,7)
RN	1,3	1,7	30,8	1.244	849	(31,8)	1,6	1,4	(12,5)
PB	1,3	1,2	(7,7)	1.600	1.700	6,3	2,1	2,0	(4,8)
BA	98,5	100,1	1,6	1.068	828	(22,5)	105,2	82,9	(21,2)
<b>CENTRO-OESTE</b>	<b>283,3</b>	<b>275,4</b>	<b>(2,8)</b>	<b>3.373</b>	<b>3.321</b>	<b>(1,5)</b>	<b>955,6</b>	<b>914,7</b>	<b>(4,3)</b>
MT	38,5	32,0	(16,9)	2.353	2.431	3,3	90,6	77,8	(14,1)
MS	7,7	7,0	(9,1)	3.650	3.500	(4,1)	28,1	24,5	(12,8)
GO	230,1	229,2	(0,4)	3.500	3.400	(2,9)	805,4	779,3	(3,2)
DF	7,0	7,2	2,9	4.500	4.594	2,1	31,5	33,1	5,1
<b>SUDESTE</b>	<b>193,6</b>	<b>199,8</b>	<b>3,2</b>	<b>3.581</b>	<b>3.376</b>	<b>(5,7)</b>	<b>693,2</b>	<b>674,6</b>	<b>(2,7)</b>
MG	183,1	190,1	3,8	3.588	3.363	(6,3)	657,0	639,3	(2,7)
SP	10,5	9,7	(7,8)	3.452	3.638	5,4	36,2	35,3	(2,5)
<b>SUL</b>	<b>9,0</b>	<b>9,0</b>	<b>-</b>	<b>3.000</b>	<b>2.777</b>	<b>(7,4)</b>	<b>27,0</b>	<b>25,0</b>	<b>(7,4)</b>
RS	9,0	9,0	-	3.000	2.777	(7,4)	27,0	25,0	(7,4)
<b>NORTE/NORDESTE</b>	<b>142,6</b>	<b>148,6</b>	<b>4,2</b>	<b>1.326</b>	<b>1.161</b>	<b>(12,5)</b>	<b>189,0</b>	<b>172,3</b>	<b>(8,8)</b>
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>485,9</b>	<b>484,2</b>	<b>(0,3)</b>	<b>3.449</b>	<b>3.334</b>	<b>(3,3)</b>	<b>1.675,8</b>	<b>1.614,3</b>	<b>(3,7)</b>
<b>BRASIL</b>	<b>628,5</b>	<b>632,8</b>	<b>0,7</b>	<b>2.967</b>	<b>2.823</b>	<b>(4,8)</b>	<b>1.864,8</b>	<b>1.786,6</b>	<b>(4,2)</b>

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em maio/2018.



## 8.3. CULTURAS DE INVERNO

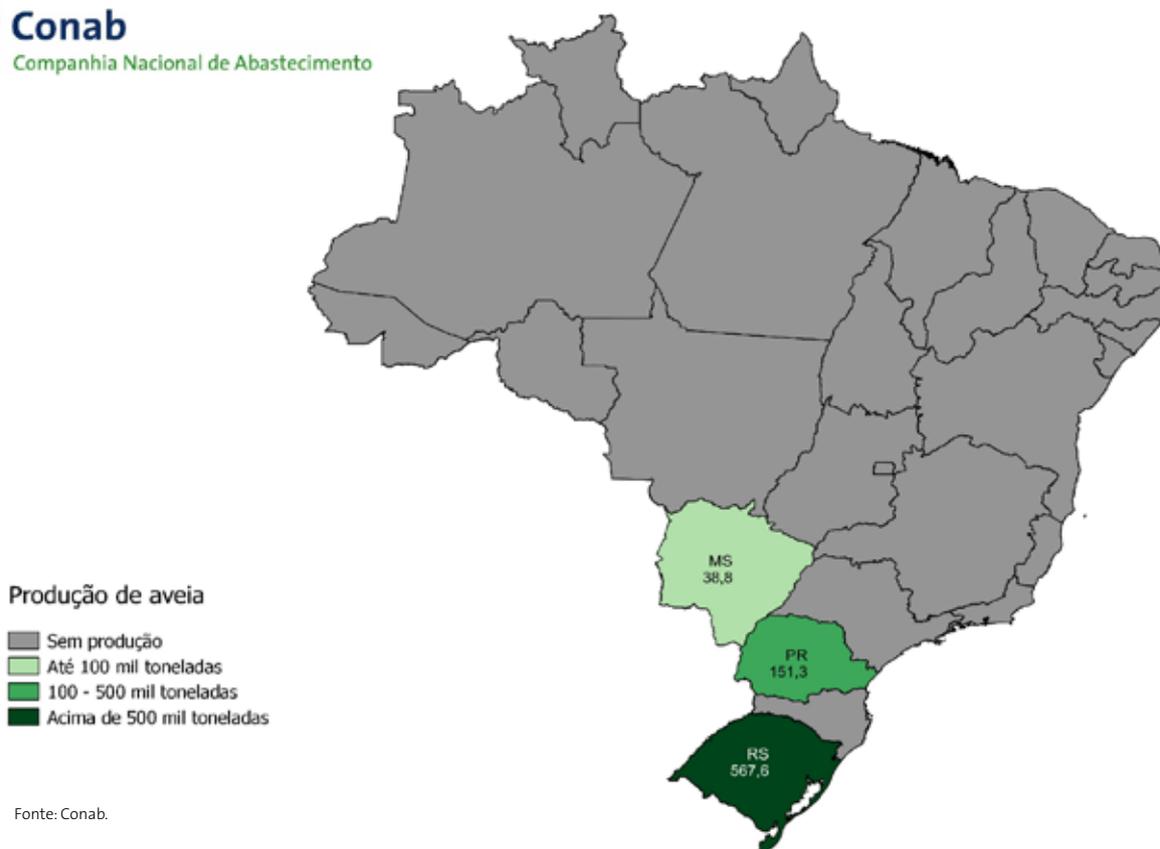
### 8.3.1. AVEIA

No Paraná, a área de aveia terá incremento de 8,6% em relação à safra anterior e deverá alcançar os 68,5 mil hectares. A produtividade está estimada em 2.209 kg/ha. O aumento de área está relacionado com a perda da janela ideal para o cultivo do milho safrinha. Quando comparada ao trigo, a aveia apresenta menor custo

de produção e é mais resistente ao frio.

No Rio Grande do Sul muitos produtores devem optar pelo cultivo de aveia, que tem o ciclo mais curto e semeadura mais cedo, liberando a área para o milho na época preferencial.

Figura 29 – Mapa da produção agrícola – Aveia



Fonte: Conab.



**Quadro 12 – Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases\* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Aveia (safra 2016/17)**

UF	Mesorregiões	Aveia											
		JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
MS	Sudoeste de Mato Grosso do Sul				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C			
	Centro Ocidental Paranaense				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C			
PR	Norte Central Paranaense				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C			
	Centro Oriental Paranaense					P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Oeste Paranaense				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C			
	Centro-Sul Paranaense						P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
RS	Noroeste Rio-grandense					P	G/DV	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Nordeste Rio-grandense						P	G/DV	DV/F	F/FR	M/C	C	
	Centro Ocidental Rio-grandense					P	G/DV	DV/F	F/FR	M/C	C		

Legendas:

<span style="background-color: yellow; border: 1px solid black; display: inline-block; width: 15px; height: 10px;"></span> Baixa restrição - falta de chuvas	<span style="background-color: lightgreen; border: 1px solid black; display: inline-block; width: 15px; height: 10px;"></span> Favorável	<span style="background-color: orange; border: 1px solid black; display: inline-block; width: 15px; height: 10px;"></span> Média restrição - falta de chuva	<span style="background-color: lightblue; border: 1px solid black; display: inline-block; width: 15px; height: 10px;"></span> Baixa restrição - excesso de chuva
<span style="background-color: brown; border: 1px solid black; display: inline-block; width: 15px; height: 10px;"></span> Restrição por falta de chuva e geadas			

\* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

\*\* - Irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.

Fonte: Conab.

**Tabela 34 – Comparativo de área, produtividade e produção – Aveia**

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
<b>CENTRO-OESTE</b>	<b>29,0</b>	<b>25,0</b>	<b>(13,8)</b>	<b>1.552</b>	<b>1.552</b>	<b>-</b>	<b>45,0</b>	<b>38,8</b>	<b>(13,8)</b>
MS	29,0	25,0	(13,8)	1.550	1.550	-	45,0	38,8	(13,8)
<b>SUL</b>	<b>311,3</b>	<b>316,7</b>	<b>1,7</b>	<b>1.891</b>	<b>2.270</b>	<b>20,0</b>	<b>588,8</b>	<b>718,9</b>	<b>22,1</b>
PR	63,1	68,5	8,6	2.058	2.209	7,3	129,9	151,3	16,5
RS	248,2	248,2	-	1.849	2.287	23,7	458,9	567,6	23,7
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>340,3</b>	<b>341,7</b>	<b>0,4</b>	<b>1.862</b>	<b>2.217</b>	<b>19,1</b>	<b>633,8</b>	<b>757,7</b>	<b>19,5</b>
<b>BRASIL</b>	<b>340,3</b>	<b>341,7</b>	<b>0,4</b>	<b>1.862</b>	<b>2.217</b>	<b>19,1</b>	<b>633,8</b>	<b>757,7</b>	<b>19,5</b>

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em maio/2018.



### 8.3.2. CANOLA

No Paraná, a cultura é de pequena expressão econômica devendo apresentar uma redução na área plantada de 62,5%. A maioria dos produtores da metade sul do estado se frustraram com as quebras de safra ocorridas

nos últimos anos. No norte do estado se encontram as maiores produtividades e as maiores áreas de plantio.

Figura 30 – Mapa da produção agrícola – Canola

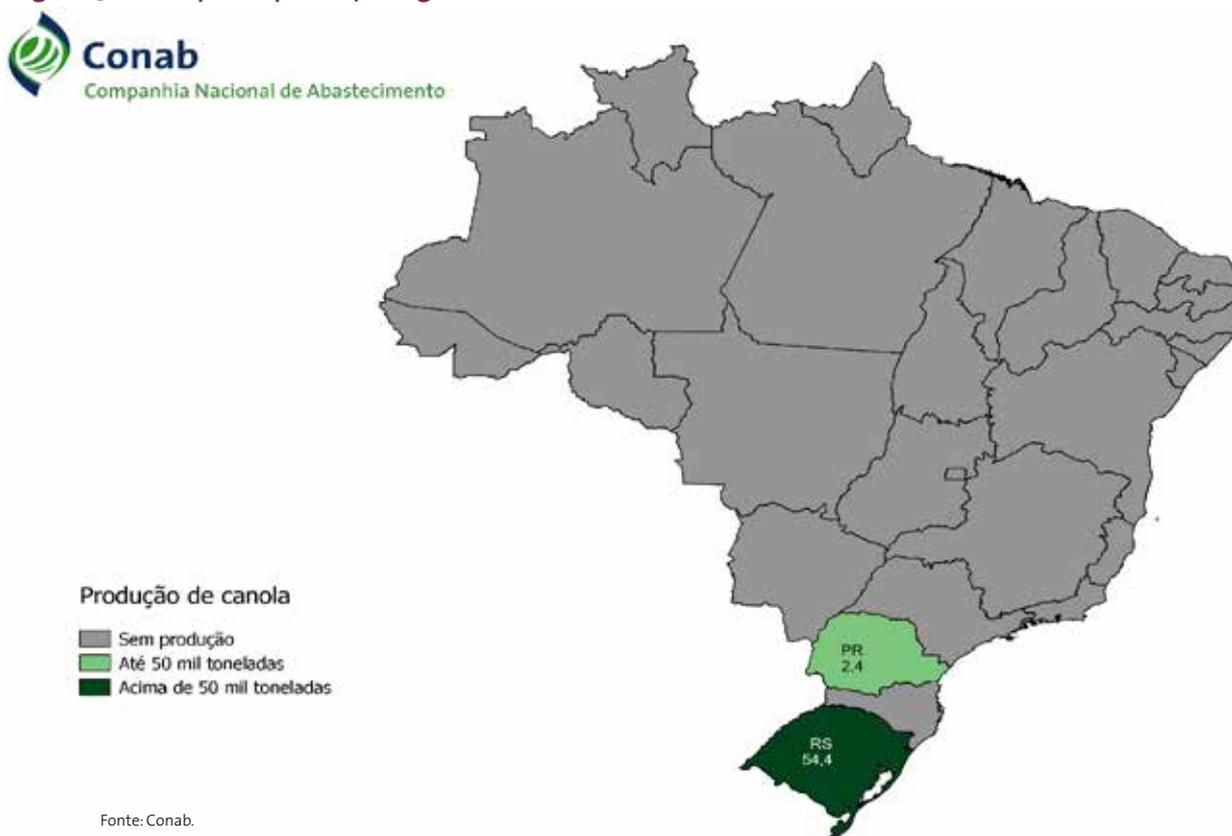


Tabela 35 – Comparativo de área, produtividade e produção – Canola

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
<b>SUL</b>	<b>48,1</b>	<b>45,1</b>	<b>(6,2)</b>	<b>848</b>	<b>1.259</b>	<b>48,5</b>	<b>40,8</b>	<b>56,8</b>	<b>39,2</b>
PR	4,8	1,8	(62,5)	1.286	1.343	4,4	6,2	2,4	(61,3)
RS	43,3	43,3	-	799	1.257	57,3	34,6	54,4	57,2
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>48,1</b>	<b>45,1</b>	<b>(6,2)</b>	<b>848</b>	<b>1.259</b>	<b>48,5</b>	<b>40,8</b>	<b>56,8</b>	<b>39,2</b>
<b>BRASIL</b>	<b>48,1</b>	<b>45,1</b>	<b>(6,2)</b>	<b>848</b>	<b>1.259</b>	<b>48,5</b>	<b>40,8</b>	<b>56,8</b>	<b>39,2</b>

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em maio/2018.



### 8.3.3. CENTEIO

No Paraná, o centeio tem a menor área de plantio entre os cereais de inverno. A produção, apesar do crescimento estimado nesta safra de 60% em relação ao plantio anterior, não tem muita representação econômica. A destinação do produto final vai para algumas farinhas especiais ou para a produção de itens da culinária do

sul do país. A área semeada aumentou em cerca de 700 hectares em comparação com 2017. O Paraná deverá produzir 5,6 mil toneladas do grão. Se a umidade do solo estiver adequada, o plantio se dará em junho.

Figura 31 - Mapa da produção agrícola - Centeio

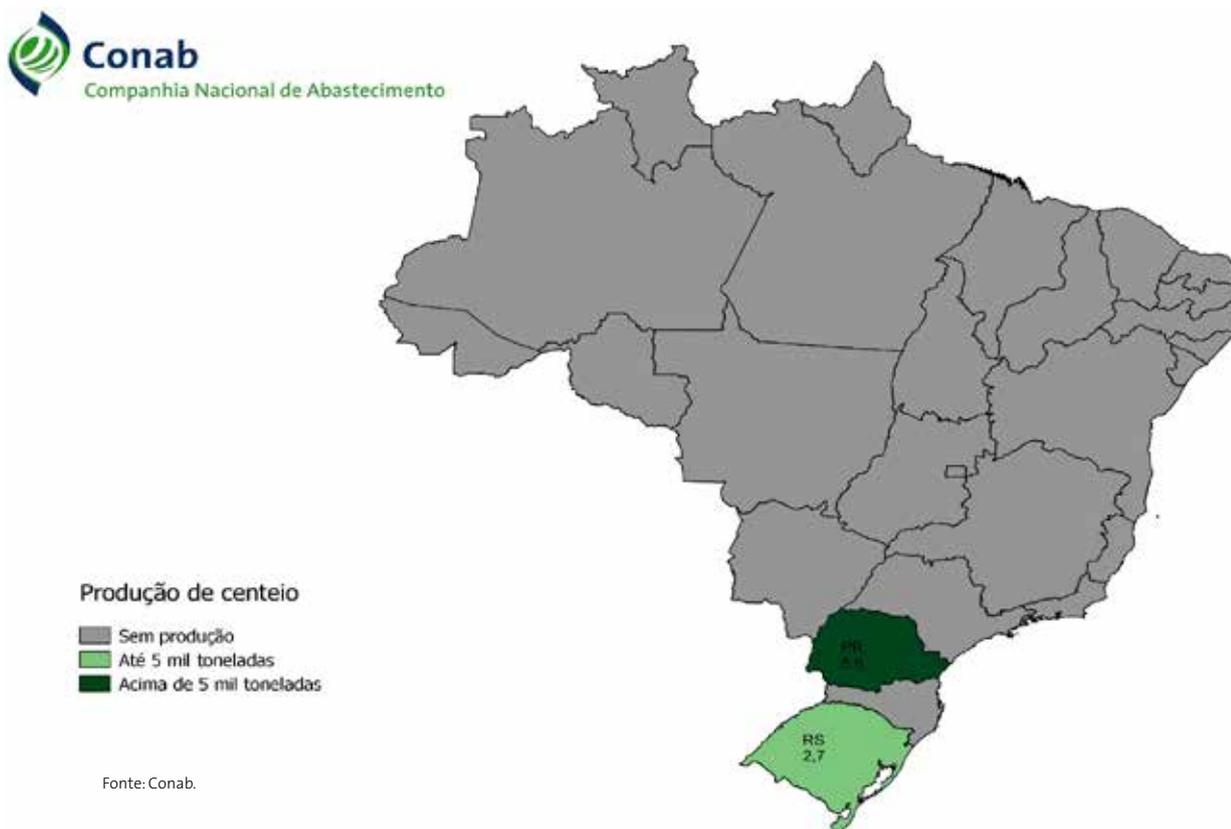


Tabela 36 – Comparativo de área, produtividade e produção – Centeio

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
<b>SUL</b>	<b>3,6</b>	<b>4,3</b>	<b>19,4</b>	<b>1.722</b>	<b>1.930</b>	<b>12,1</b>	<b>6,2</b>	<b>8,3</b>	<b>33,9</b>
PR	2,1	2,8	33,3	1.678	1.994	18,8	3,5	5,6	60,0
RS	1,5	1,5	-	1.826	1.806	(1,1)	2,7	2,7	-
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>3,6</b>	<b>4,3</b>	<b>19,4</b>	<b>1.722</b>	<b>1.930</b>	<b>12,1</b>	<b>6,2</b>	<b>8,3</b>	<b>33,9</b>
<b>BRASIL</b>	<b>3,6</b>	<b>4,3</b>	<b>19,4</b>	<b>1.722</b>	<b>1.930</b>	<b>12,1</b>	<b>6,2</b>	<b>8,3</b>	<b>33,9</b>

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em maio/2018.



### 8.3.4. CEVADA

Neste ano, o plantio da cevada no Paraná foi fortemente estimulado pelas maltarias. Com isso, espera-se um aumento de 7% na área plantada. Tradicionalmente, a mesorregião centro-sul é a maior produtora deste cereal, contribuindo com aproximadamente 70% da produção. Outro fator que motivou o aumento de área foi a desmotivação com relação ao trigo. Ainda que

os preços tenham ganhado fôlego em abril, historicamente os tricultores amargam cotações baixíssimas no momento de colheita. O plantio deve iniciar ainda em maio em alguns municípios e pode se estender até julho, a depender das condições edafoclimáticas.

Figura 32- Mapa da produção agrícola - Cevada

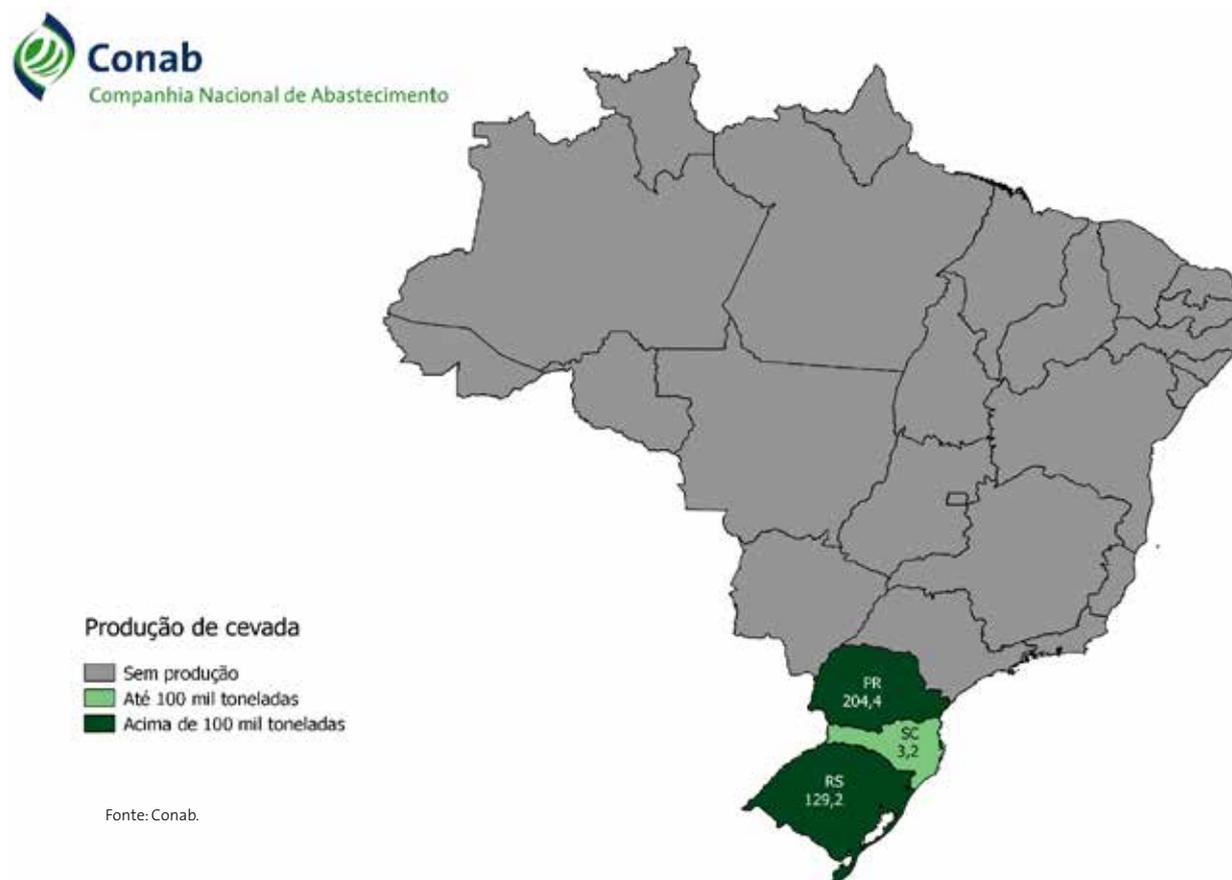


Tabela 37 – Comparativo de área, produtividade e produção – Cevada

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
<b>SUL</b>	<b>108,4</b>	<b>111,9</b>	<b>3,2</b>	<b>2.602</b>	<b>3.009</b>	<b>15,6</b>	<b>282,1</b>	<b>336,7</b>	<b>19,4</b>
PR	50,2	53,7	7,0	3.301	3.806	15,3	165,7	204,4	23,3
SC	1,2	1,2	-	1.700	2.628	54,6	2,0	3,2	60,0
RS	57,0	57,0	-	2.006	2.266	13,0	114,3	129,2	13,0
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>108,4</b>	<b>111,9</b>	<b>3,2</b>	<b>2.602</b>	<b>3.009</b>	<b>15,6</b>	<b>282,1</b>	<b>336,7</b>	<b>19,4</b>
<b>BRASIL</b>	<b>108,4</b>	<b>111,9</b>	<b>3,2</b>	<b>2.602</b>	<b>3.009</b>	<b>15,6</b>	<b>282,1</b>	<b>336,7</b>	<b>19,4</b>

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em maio/2018.



## 8.3.5. TRIGO

### 8.3.5.1. BAHIA

Estima-se que sejam cultivados 5 mil hectares desse cereal. De acordo com as informações do Conselho Técnico da Aiba, as lavouras estão distribuídas em cinco propriedades entre os municípios de Barreiras, Luís Eduardo Magalhães, Riachão das Neves, São Desidério e Formosa do Rio Preto. A motivação dos pioneiros com a introdução do trigo na região esteve ligada aos bene-

fícios como a redução da incidência de doenças como Fusariose e Esclerotinia, por não ser o trigo seu hospedeiro, diminuição na ocorrência de nematoides e plantas daninhas, na diversificação e cobertura do solo. O cultivo é irrigado e deve ser realizado em meados de maio, quando a temperatura noturna atinge 17° C, e a colheita ocorrerá em agosto e setembro.

### 8.3.5.2. MATO GROSSO DO SUL

Com a maioria dos municípios concluindo o plantio do milho segunda safra, os produtores começam a planejar o plantio desta cultura de inverno. Apesar de poucas informações sobre as intenções de plantio, produtores dos municípios tradicionais de cultivo sempre cultivam a cultura. O cereal é plantado principalmente nos municípios de Aral Moreira, Dourados, Laguna Carapã, Maracaju e Ponta Porã, dadas às condições climáticas mais favoráveis.

Na safra passada, geadas no desenvolvimento e temperaturas altas anormais no florescimento apresentaram resultados indesejáveis aos produtores em relação

à qualidade e produtividade do cereal, com vários municípios colhendo muito triguilho. Porém, a expectativa é de uma área plantada similar à da safra anterior, visto que os plantios terão início a partir do final de abril e início de maio, desde que haja condições climáticas favoráveis.

Até o momento não houve comercializações significativas e se espera que os preços atinjam valores maiores do que os praticados em safras anteriores. Os produtores têm relatado preocupações quanto à entrada de produto de outros estados e países, o que desestimula o plantio do cereal no estado.

### 8.3.5.3. GOIÁS

O trigo em Goiás é todo irrigado (sistema pivô central). A safra ocorre em regiões altas como Cristalina, Luziânia

e Água Fria de Goiás, justamente na entre safra de outros países.

### 8.3.5.4. DISTRITO FEDERAL

A área plantada com trigo no Distrito Federal na safra 2016/17 foi de 900 hectares. A produtividade média obtida foi de 6.000 kg/ha, resultando em uma produção de 5,4 mil toneladas.

O cenário para a próxima está quase definido, todavia poderá ocorrer alteração na área em razão da utilização das áreas irrigadas, que vai depender, sobretudo, dos preços das culturas concorrentes com a irrigação como: feijão e hortaliças.

A maior parte do trigo cultivado é com irrigação. A ocorrência de doenças é combatida com aplicações de fungicidas. A primeira aplicação deve ocorrer logo no início do “espigamento” e as duas seguintes a cada dez dias.

O triticulor da região central do Brasil tem a vantagem de ser o primeiro a ser colhido no país, o que favorece a comercialização. Além dos preços atrativos de mercado favorece também o período de escassez do produto por ser a entressafra da produção nacional.

### 8.3.5.5. MINAS GERAIS

O plantio de trigo teve início no estado. Encontra-se mantida a área da safra anterior, por falta de maiores

informações nesse período.

### 8.3.5.6. SÃO PAULO

Até agora não foi efetuado o plantio. Aguardando as chuvas.

Os produtores que são filiados às cooperativas, como as casas de agricultura, sugerem por hora, pela manutenção da área de trigo da safra passada. Mesmo



diante da ausência do plantio, o que se verifica junto as regiões produtoras é o cuidado que o produtor deverá ter e ficar atento à época certa da semeadura, minimizando os riscos .

Portanto, o recomendado é que a planta deva escapar dos fatores de risco, principalmente nas três ou quatro semanas a partir do início do espigamento. É nesse período que a infecção do fungo nas espigas resulta em

#### **8.3.5.7. PARANÁ**

O plantio já devia estar acelerado entre as regiões oeste e norte do estado. Infelizmente, a estiagem que assola o interior atrapalha esse início de safra de inverno. Em 2017, cerca de 120 mil hectares já estavam semeados nessa época, enquanto atualmente, pouco mais de 13 mil hectares foram plantados. Os tricultores aguardam as chuvas para recuperar a umidade no solo. Em relação à previsão de área plantada, vislumbra-se um

#### **8.3.5.8. RIO GRANDE DO SUL**

Ainda não foi iniciada a semeadura das lavouras de inverno no estado. Até o momento não há informações precisas sobre a intenção de cultivo dessas culturas. Porém, espera-se que haja a repetição da área de trigo ou uma variação bem pequena em relação ao ano anterior. Por outro lado, como o preço do milho tende a

maiores perdas de produtividade.

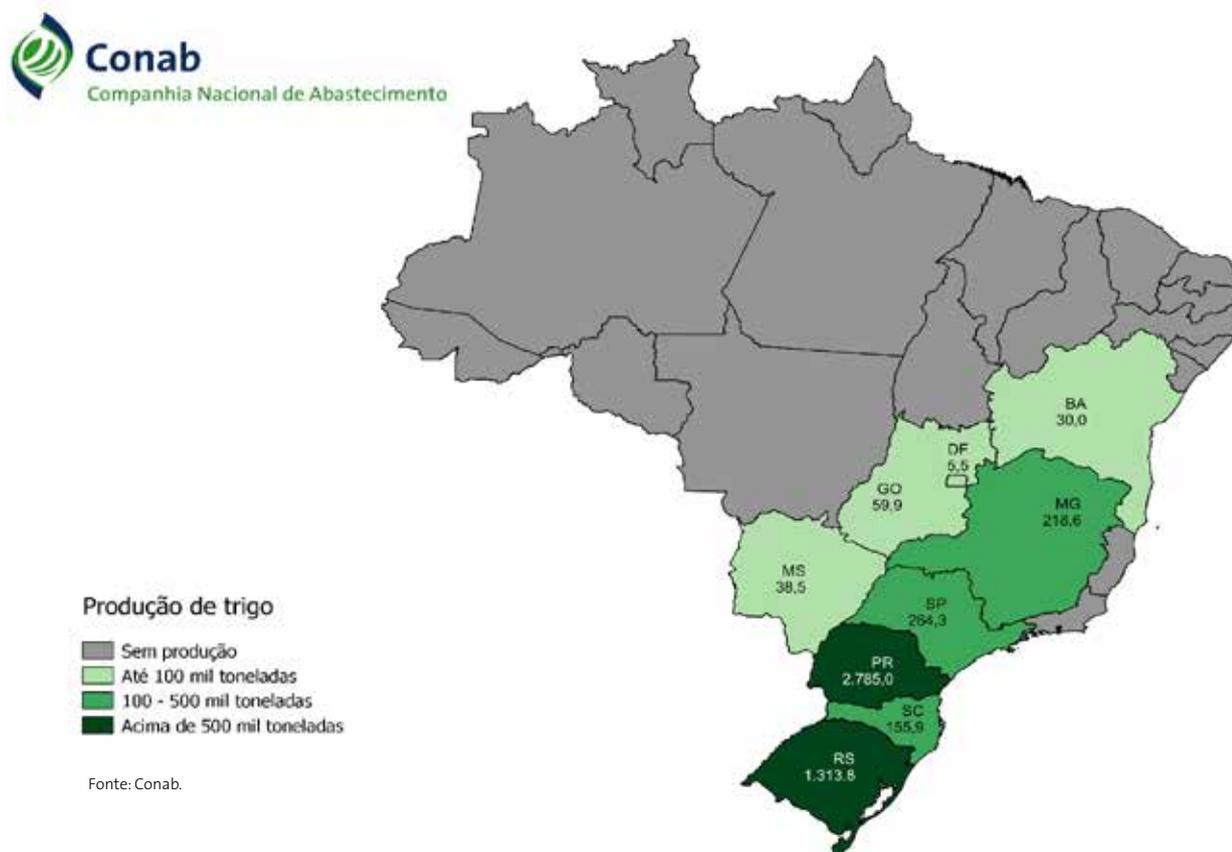
Outra recomendação informada está diretamente ligada à escolha das cultivares com ciclos diferentes, isto é, números de dias entre a germinação e o espigamento. A época da semeadura necessita de ajuste individualmente para cada cultivar. Por conta dessas variáveis, o trigo pode ser plantado em maio, onde as condições no estado, se apresentam favoráveis ao plantio.

aumento de 8,4% em relação à temporada anterior, crescendo, sobretudo, sobre áreas de milho segunda safra. Em 2018 o Paraná deverá plantar mais de 1 milhão de hectares de trigo, caso as intenções se confirmem. O clima ainda será protagonista na definição da área plantada. Caso o plantio demore muito é possível que alguns produtores desistam da cultura, já pensando em preservar a janela ideal de plantio da soja 2018/19.

se manter estável e alto durante todo o ano, em razão da safra menor no estado e à expectativa de deficit na oferta, há uma previsão de que a área na próxima safra de milho possa aumentar e, em detrimento da lavoura de trigo, que tem a colheita por volta de outubro, prejudicando sua implantação.



Figura 33 - Mapa da produção agrícola - Trigo



Quadro 13 – Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases\* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Trigo (Safrá 2016/17)

UF	Mesorregiões	Trigo											
		JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
MG	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba		P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
SP	Itapetininga				P	DV	F	FR	M/C	C			
PR	Centro Ocidental Paranaense				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C			
	Norte Central Paranaense				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C			
	Norte Pioneiro Paranaense				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C			
	Centro Oriental Paranaense					P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Oeste Paranaense				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
	Sudoeste Paranaense					P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Centro-Sul Paranaense						P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Sudeste Paranaense						P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
SC	Oeste Catarinense						P	G/DV	F/FR	FR	M/C	C	
	Norte Catarinense						P	G/DV	F/FR	F/FR	M/C	C	
	Serrana						P	G/DV	F/FR	F/FR	M/C	C	
RS	Noroeste Rio-grandense					P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Nordeste Rio-grandense						P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Sudoeste Rio-grandense					P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
  Favorável
  Média restrição - falta de chuva
  Baixa restrição - excesso de chuva
  Restrição por falta de chuva e geadas

\* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

\*\* - Irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.

Fonte: Conab.



Tabela 38 – Comparativo de área, produtividade e produção – Trigo

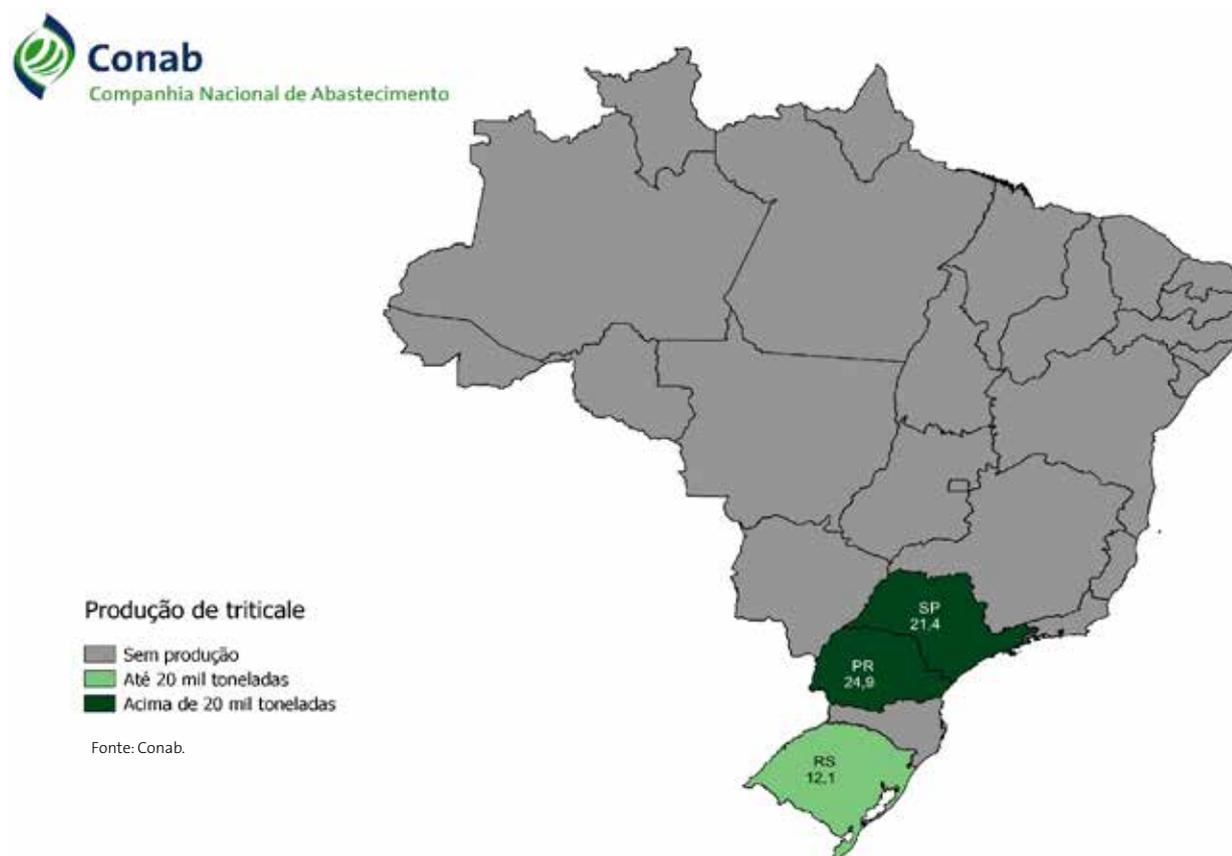
REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
<b>NORDESTE</b>	<b>5,0</b>	<b>5,0</b>	<b>-</b>	<b>6.000</b>	<b>6.000</b>	<b>-</b>	<b>30,0</b>	<b>30,0</b>	<b>-</b>
BA	5,0	5,0	-	6.000	6.000	-	30,0	30,0	-
<b>CENTRO-OESTE</b>	<b>31,9</b>	<b>31,9</b>	<b>-</b>	<b>3.229</b>	<b>3.257</b>	<b>0,9</b>	<b>103,0</b>	<b>103,9</b>	<b>0,9</b>
MS	20,0	20,0	-	1.950	1.927	(1,2)	39,0	38,5	(1,3)
GO	11,0	11,0	-	5.330	5.446	2,2	58,6	59,9	2,2
DF	0,9	0,9	-	6.000	6.100	1,7	5,4	5,5	1,9
<b>SUDESTE</b>	<b>164,5</b>	<b>164,1</b>	<b>(0,2)</b>	<b>2.996</b>	<b>2.943</b>	<b>(1,8)</b>	<b>492,9</b>	<b>482,9</b>	<b>(2,0)</b>
MG	84,6	84,6	-	2.662	2.584	(2,9)	226,6	218,6	(3,5)
SP	79,9	79,5	(0,5)	3.333	3.325	(0,2)	266,3	264,3	(0,8)
<b>SUL</b>	<b>1.714,6</b>	<b>1.795,4</b>	<b>4,7</b>	<b>2.122</b>	<b>2.370</b>	<b>11,7</b>	<b>3.637,6</b>	<b>4.254,7</b>	<b>17,0</b>
PR	961,5	1.042,3	8,4	2.308	2.672	15,8	2.219,1	2.785,0	25,5
SC	53,9	53,9	-	2.630	2.893	10,0	141,8	155,9	9,9
RS	699,2	699,2	-	1.826	1.879	2,9	1.276,7	1.313,8	2,9
<b>NORTE/NORDESTE</b>	<b>5,0</b>	<b>5,0</b>	<b>-</b>	<b>6.000</b>	<b>6.000</b>	<b>-</b>	<b>30,0</b>	<b>30,0</b>	<b>-</b>
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>1.911,0</b>	<b>1.991,4</b>	<b>4,2</b>	<b>2.215</b>	<b>2.431</b>	<b>9,8</b>	<b>4.233,5</b>	<b>4.841,5</b>	<b>14,4</b>
<b>BRASIL</b>	<b>1.916,0</b>	<b>1.996,4</b>	<b>4,2</b>	<b>2.225</b>	<b>2.440</b>	<b>9,7</b>	<b>4.263,5</b>	<b>4.871,5</b>	<b>14,3</b>

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em maio/2018.

### 8.3.6. TRITICALE

Figura 34 – Mapa da produção agrícola – Triticale



**Tabela 39 – Comparativo de área, produtividade e produção – Tríticale**

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
<b>SUDESTE</b>	<b>7,5</b>	<b>7,5</b>	<b>-</b>	<b>2.773</b>	<b>2.853</b>	<b>2,9</b>	<b>20,8</b>	<b>21,4</b>	<b>2,9</b>
SP	7,5	7,5	-	2.779	2.847	2,4	20,8	21,4	2,9
<b>SUL</b>	<b>15,5</b>	<b>14,8</b>	<b>(4,5)</b>	<b>2.110</b>	<b>2.500</b>	<b>18,5</b>	<b>32,7</b>	<b>37,0</b>	<b>13,1</b>
PR	9,8	9,1	(7,1)	2.277	2.733	20,0	22,3	24,9	11,7
RS	5,7	5,7	-	1.826	2.123	16,3	10,4	12,1	16,3
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>23,0</b>	<b>22,3</b>	<b>(3,0)</b>	<b>2.326</b>	<b>2.619</b>	<b>12,6</b>	<b>53,5</b>	<b>58,4</b>	<b>9,2</b>
<b>BRASIL</b>	<b>23,0</b>	<b>22,3</b>	<b>(3,0)</b>	<b>2.326</b>	<b>2.619</b>	<b>12,6</b>	<b>53,5</b>	<b>58,4</b>	<b>9,2</b>

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em maio/2018.





## 9. RECEITA BRUTA

A receita bruta dos produtores rurais das lavouras de algodão, arroz, feijão, milho e soja, da safra 2017/18 com dados de abril de 2018, atinge o total de R\$ 206,64 bilhões de reais. Esse número é 24,9% superior ao registrado na temporada anterior, quando a soma atingiu R\$ 165,40 bilhões.

A mudança no comportamento, que passou de queda para incremento em relação aos anos em análise, como apresentado no sexto levantamento, é explicado pela contínua tendência de aumento na receita do algodão, incremento na receita para a soja e também para a cultura do milho.

**Tabela 1 – Receita bruta dos produtores rurais – Produtos selecionados**

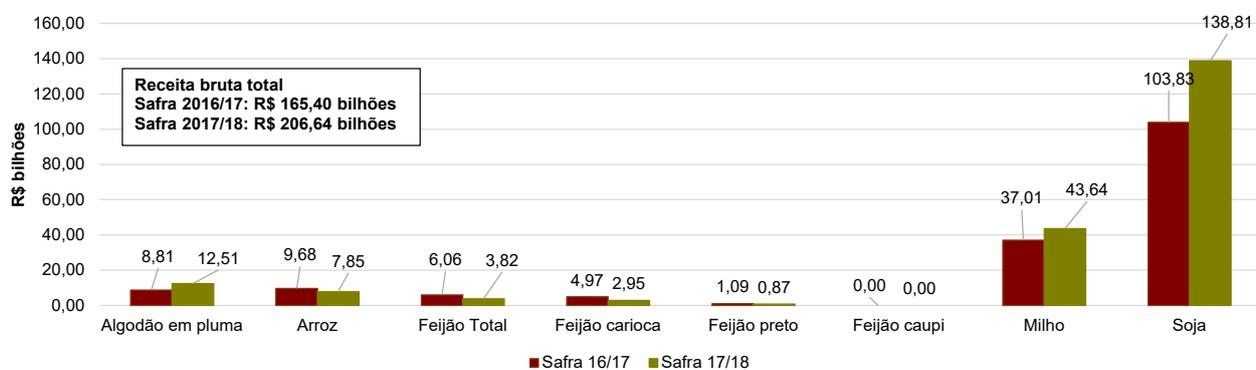
PRODUTO	PRODUÇÃO (Em mil t)			PREÇO MÉDIO - R\$/unidade				VALOR DA PRODUÇÃO - R\$ Milhões		
	Safra 16/17	Safra 17/18	Variação	Unid.	03/2017	03/2018	Variação	03/2017	03/2018	Variação
	(a)	(b)	(b/a)	kg	(c)	(d)	(d/e)	(f)	(g)	(g/f)
Algodão em pluma	1,53	1,94	27,0%	15	86,43	96,64	11,8%	8,81	12,51	42,0%
Arroz	12,33	11,53	-6,5%	60	47,12	40,83	-13,3%	9,68	7,85	-18,9%
Feijão Total	3,40	3,34	-1,7%	60	106,95	68,62	-35,8%	6,06	3,82	-37,0%
Feijão carioca	2,18	2,10	-3,5%	60	136,86	84,13	-38,5%	4,97	2,95	-40,7%
Feijão preto	0,51	0,49	-3,7%	60	128,87	107,14	-16,9%	1,09	0,87	-20,0%
Feijão caupi	0,71	0,75	5,1%	60	0,00	0,00	-	0,00	0,00	-
Milho	97,84	89,21	-8,8%	60	22,70	29,36	29,3%	37,01	43,64	17,9%
Soja	114,08	117,00	2,6%	60	54,61	71,19	30,4%	103,83	138,81	33,7%
<b>TOTAL</b>	-	-	-	-	-	-	-	<b>165,40</b>	<b>206,64</b>	<b>24,9%</b>

Fonte: Conab.

Nota 1: Estimativa de produção em abril/2018 e preços de março de 2017 e 2018.

Nota 2: Devido à inexistência dos preços em março/2017 - entressafra- para o feijão caupi, a receita bruta relacionada à esse produto não foi calculada.

**Gráfico 1 – Receita bruta dos produtores rurais – Produtos selecionados – Safras 2016/17 e 2017/18**



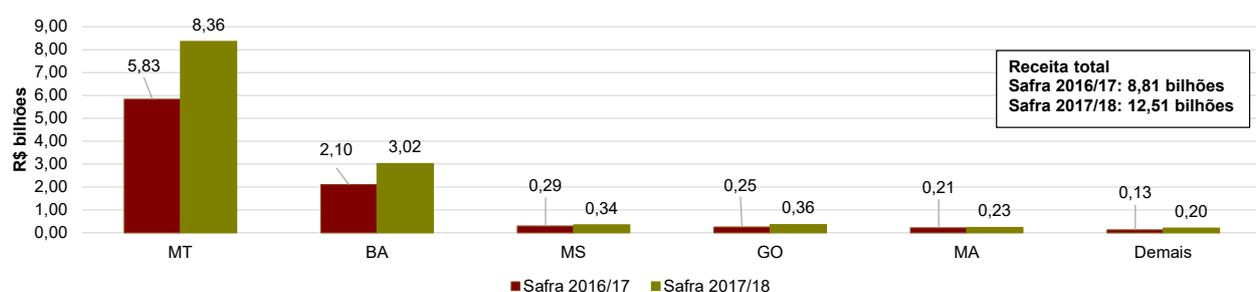
Fonte: Conab.

## 9.1. ALGODÃO

A produção do algodão apresenta incremento de 27% no escopo nacional. Paralelamente, o preço médio nacional para a fibra apresenta aumento de 11,8%. Essas duas grandezas culminaram no aumento do valor da receita bruta dos produtores, que apresenta um

valor de R\$ 12,51 bilhões para a safra em questão, um aumento de 42% em relação à safra anterior, ou seja, tanto o aumento da produção como o incremento do preço médio impactaram na receita bruta.

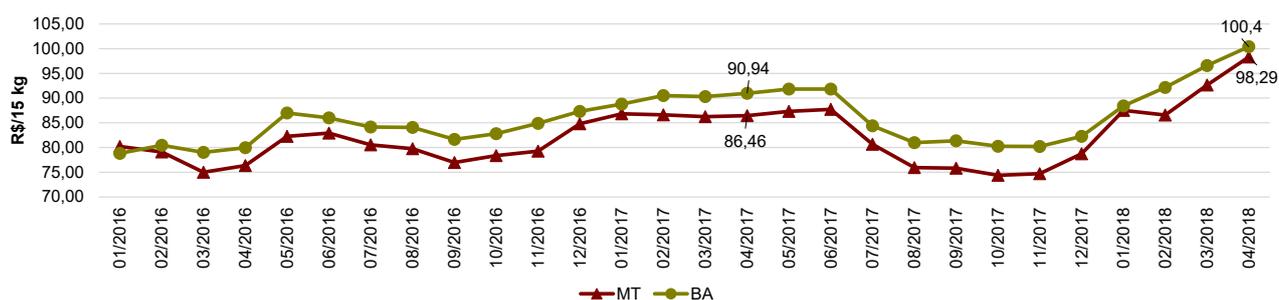
**Gráfico 2 – Algodão em pluma – Preços recebidos pelo produtor – abril/2017 a abril/2018**



Fonte: Conab.



**Gráfico 3 – Preços nominais recebidos pelos produtores – Algodão em pluma**



Fonte: Conab.

As Unidades da Federação com maior produção da fibra supracitada são o Mato Grosso e a Bahia. O valor da receita bruta para o maior estado produtor, Mato Grosso, foi de R\$ 8,36 bilhões e para a Bahia de R\$ 3,02 bilhões, aumentos de 43,4% e 44,1%, respectivamente.

É importante ressaltar os grandes avanços na produção no estado da Bahia, a qual passou de 346 mil toneladas para 452 mil, e no Mato Grosso, a qual passou de 1.011 mil toneladas para 1.275 mil, aumentos de 30,5% e 26,1%, respectivamente.

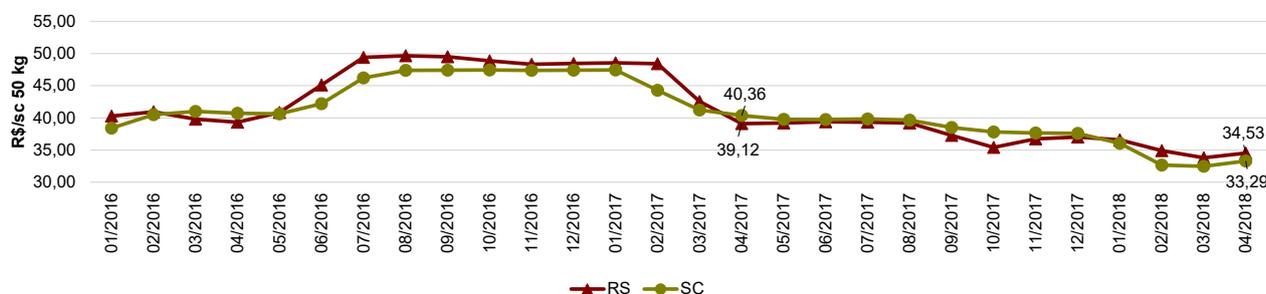
## 9.2. ARROZ

O arroz tem a produção concentrada na Região Sul do Brasil, fator que indica forte participação dos estados produtores do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina para a formação da receita bruta dos produtores do arroz. O maior estado produtor, Rio Grande do Sul, apresenta decréscimo na produção de 9% e para San-

ta Catarina 0,8%.

Além disso, quando comparados os valores de abril de 2017 a abril de 2018, verifica-se decréscimo no valor médio nacional de 13,3%, influenciado pela queda média de 15,6% nas Unidades da Federação.

**Gráfico 4 – Arroz em casca – Preços nominais recebidos pelos produtores**

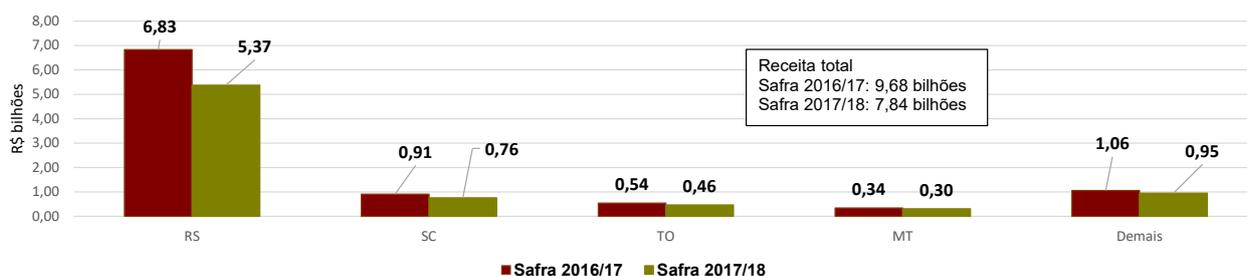


Fonte: Conab.

Esses dois fenômenos culminaram na diminuição da estimativa da receita bruta para os produtores de ar-

roz. Ao ser comparado com o mesmo período do ano anterior, o decréscimo foi de 19%.

**Gráfico 5 – Receita bruta dos produtores rurais – arroz em casca – abril/2017 a abril/2018**



Fonte: Conab.

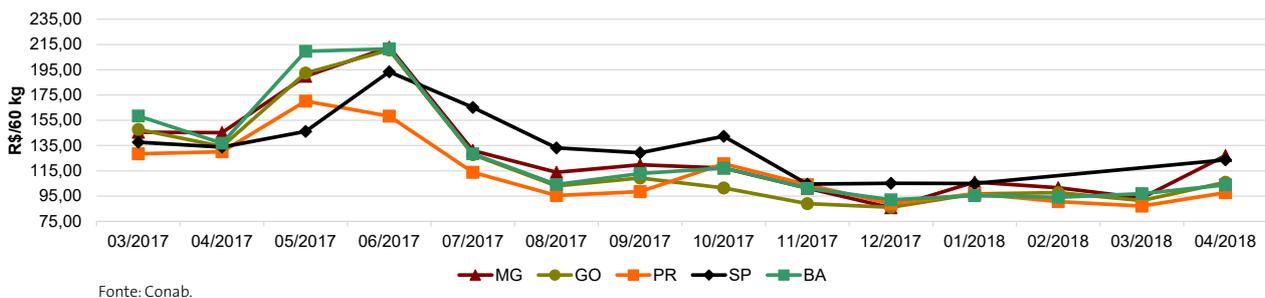


### 9.3. FEIJÃO-CARIOCA

O feijão é uma cultura permanente no Brasil, possuindo três distintas safras, que incorrem em plantio e colheita simultâneos em diversas localidades no Brasil. Para o feijão-comum, cores observa-se decréscimo na produção em distintos estados produtores, na sa-

fra em análise, inclusive para o Paraná, com queda de 9,7%. O maior estado produtor – Minas Gerais – apresenta estabilidade, com incremento de 0,1%. Além disso, há queda nos preços praticados pelo produtor ao compararmos os valores de abril de 2017 e abril de 2018.

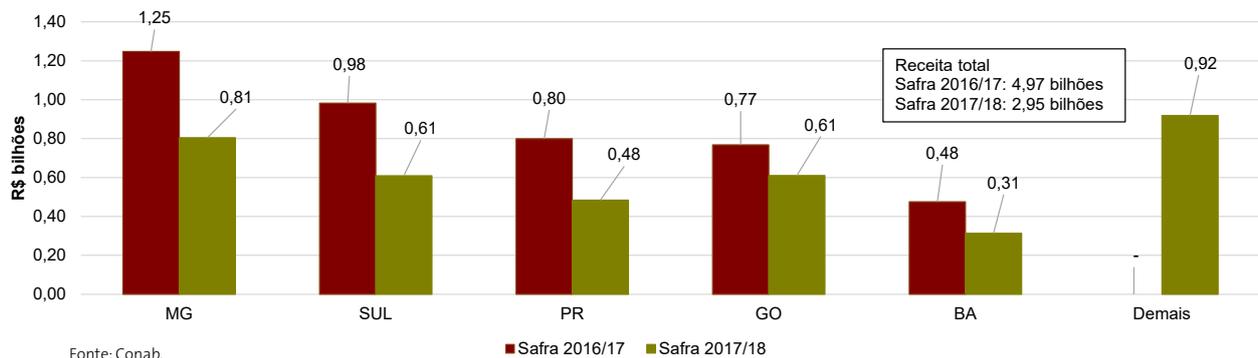
Gráfico 6 – Feijão-carioca – Preços nominais recebidos pelos produtores



Essa diminuição nos preços acarretou queda na estimativa da receita bruta total para o feijão-comum cores,

apresentando valor de 2,95 bilhões para 2017/18; 40,7% menor do que o observado na safra anterior, de 4,97 bilhões em 2016/17.

Gráfico 7 – Feijão-carioca – Preços recebidos pelo produtor – abril/2017 a abril/2018



### 9.4. FEIJÃO-COMUM PRETO

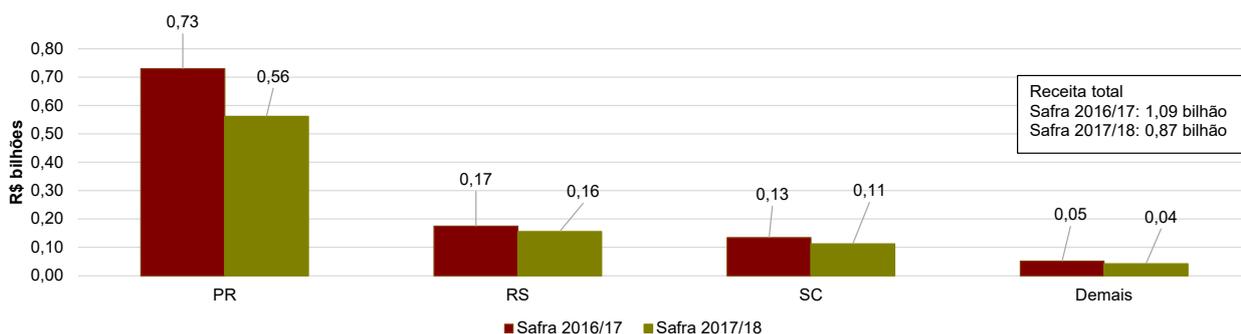
A cultura de feijão-comum preto, fortemente concentrada na Região Sul do Brasil, apresenta comportamento semelhante ao feijão-comum cores. O Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina, juntos, correspondem a 94% da produção do feijão-comum preto. O Paraná apresenta queda na produção e decréscimo de 17% nos preços recebidos, situação semelhante ocorre com Santa Catarina. Já para o Rio Grande do Sul, observa-se incremento na produção de 11,3% e decréscimo

no médio no preço de 20%.

A partir desse cenário de queda nos preços praticados e na produção, a estimativa total da receita bruta para o feijão-comum preto, na safra 2017/18, foi de 0,87 bilhão de reais, esse valor é 20% menor que o observado na safra 2016/17 de 1,09 bilhão.



**Gráfico 8 – Feijão-comum preto – Preços recebidos pelo produtor – abril/2017 a abril/2018**



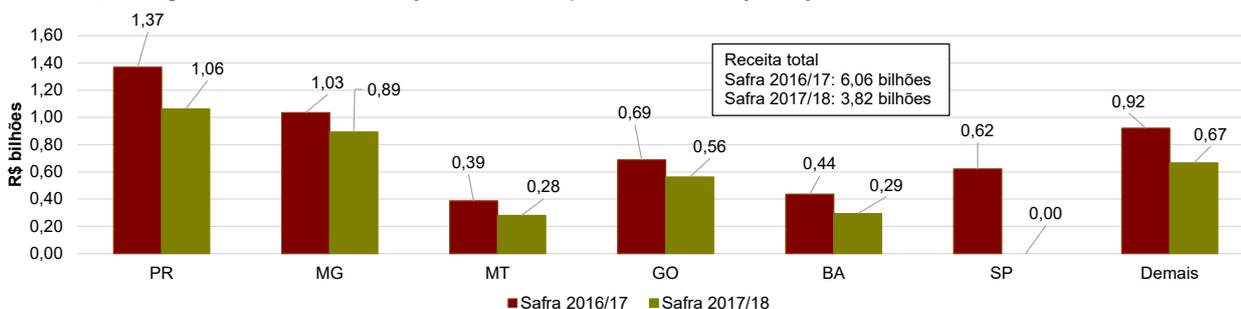
Fonte: Conab.

## 9.5. FEIJÃO (CARIOCA E PRETO)

Consolidando os valores estimados para a receita bruta do feijão-comum cores e do feijão-comum preto, obteve-se a receita bruta do total de feijão de R\$ 6,06

bilhões na temporada 2016/17 e R\$ 3,82 bilhões em 2017/18, queda de 37%.

**Gráfico 9 – feijão total (carioca e preto) – Preços recebidos pelo produtor – abril/2017 a abril/2018**



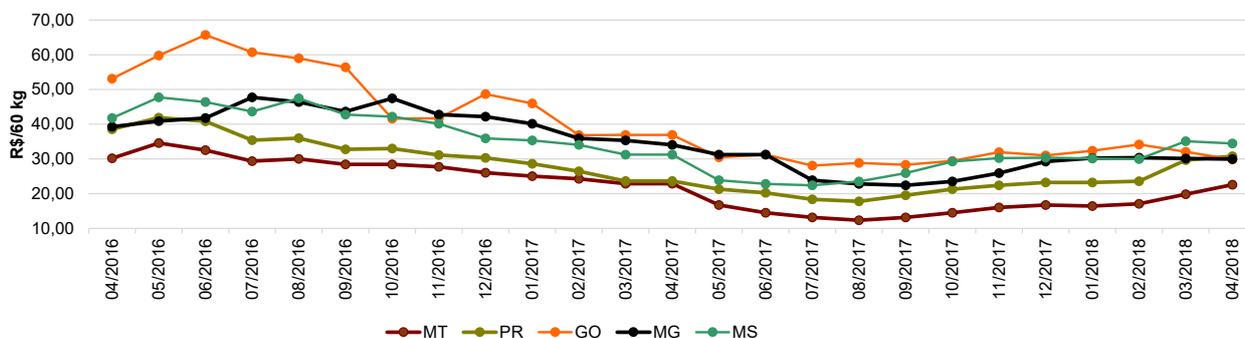
Fonte: Conab.

## 9.7. MILHO

O milho apresenta duas safras no Brasil e, com isso, observa-se plantio e colheita simultâneos em distintas regiões brasileiras. Além dessa característica, a cultura do milho está presente em todas as Unidades da Federação. Os dois maiores estados produtores são o Mato Grosso e o Paraná.

Os preços internos apresentam tendência de recuperação nos períodos recentes. Nesse sentido, na comparação de abril de 2017 e abril de 2018, os preços recebidos pelos produtores apresentam incremento médio de 29,3%.

**Gráfico 10 – Milho – Preços nominais recebidos pelos produtores**



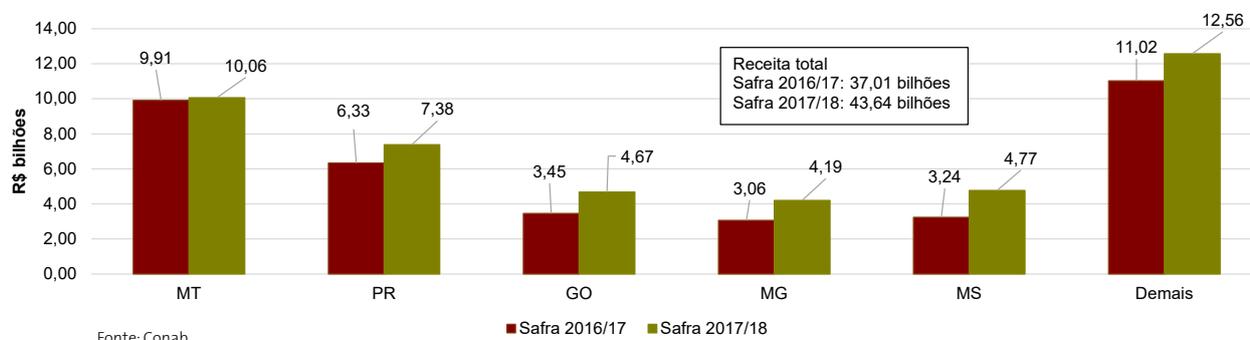
Fonte: Conab.



Os preços praticados apresentaram incremento no âmbito nacional e a produção nacional apresentou tendência de diminuição na produção, inclusive nos maiores estados produtores. A estimativa da receita

bruta total para o milho foi de 43,64 bilhões de reais para a safra 2017/18, já para a safra de 2016/17, observa-se a estimativa de 37,01 bilhões, ou seja, um aumento no valor da receita de 17,9%.

**Gráfico 11 – Milho – Safras 2016/17 e 2017/18 – Preços recebidos pelo produtor – abril/2017 a abril/2018**



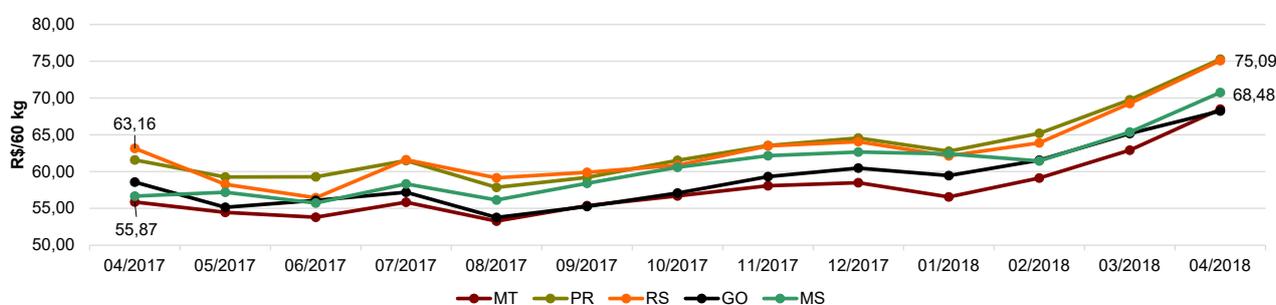
## 9.8. SOJA

A produção da safra 2016/17 foi calculada em 114 milhões de toneladas, já para a safra 2017/18 existe a projeção de 117 milhões de toneladas, um incremento de 2,6%. Todavia, as Unidades da Federação, caracterizadas como grandes produtores, como Paraná e Rio Grande do Sul, experimentam projeções de queda de 2,6% e 9,3%, respectivamente. Por outro lado, o maior estado produtor – Mato Grosso – apresenta estimati-

va de incremento de 4,5%.

Além disso, os preços da oleaginosa apresentam aumento em todos 16 estados produtores, com incremento médio de 30,4% nos preços recebidos pelos produtores. A figura a seguir apresenta o comportamento dos preços internos da soja para o período de 04/2017 a 04/2018.

**Gráfico 12 – Soja – Preços nominais recebidos pelos produtores**



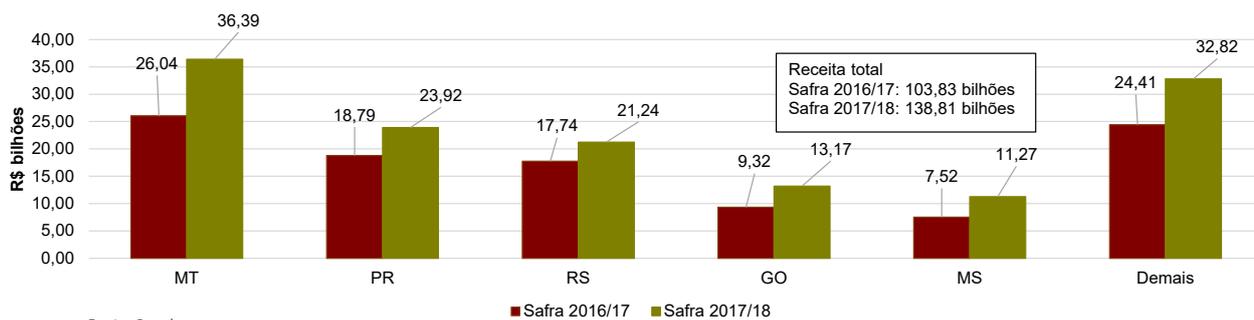
Isso posto, o movimento de aumento na produção e o incremento nos preços recebidos pelo produtor culminaram no incremento da estimativa da receita bruta total para a soja na safra 2017/18. De forma particular, o Mato Grosso apresenta estimativa de receita bruta para a oleaginosa de 36,4 bilhões de reais para a temporada 2017/18. Já para a safra imediatamente anterior, a estimativa ficou em 26,04 bilhões, com acréscimo relativo de 39,7%. A Unidade da Federação pro-

duzida que apresentou maior incremento percentual na receita bruta estimada para a soja foi o Mato Grosso do Sul, com 50% de aumento, resultado de 11,5% de aumento na produção e 34,5% no valor recebido pelo produtor, para a saca de 60kg.

Isso posto, a estimativa total para a receita bruta da soja na safra 2017/18 foi de 138,81 bilhões de reais, frente à estimativa de 103,83 bilhões da safra anterior; um aumento de 33,7%.



Gráfico 13 – Soja – Preços recebidos pelo produtor – abril/2017 a abril/2018





## 10. PANORAMA DO PLANTIO DO TRIGO

### 10.1. INTRODUÇÃO

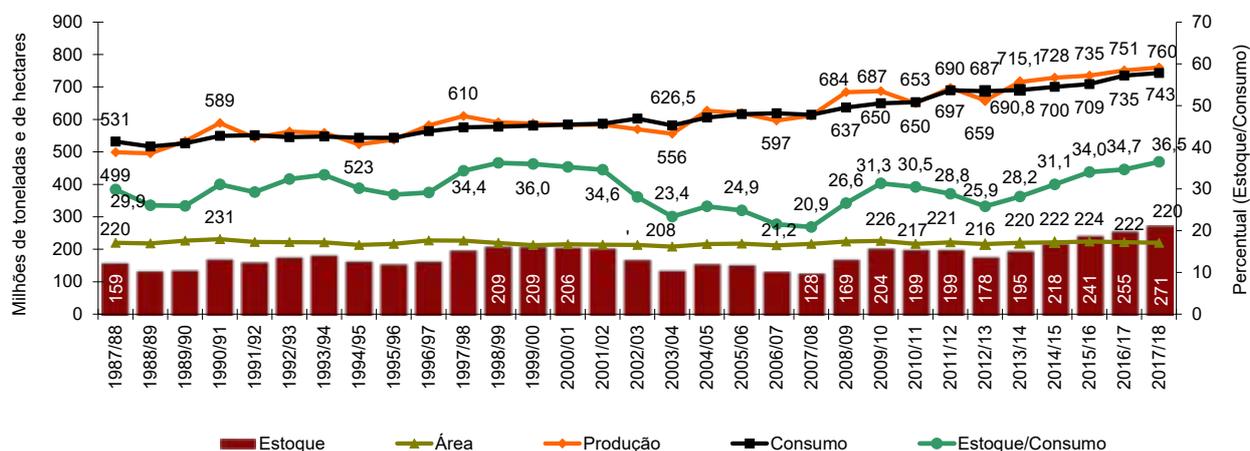
O conhecimento do processo de plantio e da comercialização é fator crítico para a tomada de decisão pelo produtor e tem relação direta com as informações de safra divulgadas pela Companhia. Os resultados da safra anterior certamente influenciam na decisão de plantio, no entanto, o produtor também observa outras variáveis, tais como os custos de produção, prospecções climáticas, preços atuais e futuros, demandas internas e externas, escoamento da safra, rentabilidade de outras culturas e condições de crédito e seguro rural. Nesse sentido, o plantio do trigo, na safra 2018/19, que se inicia, exige conhecimento das condições econômicas e climáticas que envolvem o momento de decisão pelo produtor. Os comentários que se seguem têm o objetivo de fornecer informações que possam contribuir com a compreensão a respeito da estimativa da safra ora divulgada pela Companhia. Deve-se registrar que os comentários a seguir não absorvem todas as variáveis atinentes ao processo de tomada de decisão pelo produtor. No transcorrer do processo de plantio, desenvolvimento e colheita, a Conab poderá acrescentar outros temas que tenham relação com a comercialização do trigo.

## 10.2. PANORAMA MUNDIAL

De acordo com Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (Usda, sigla em inglês), estima-se que no mundo foi cultivada com trigo uma área de 219,70 milhões de hectares, comportando uma produção de

759,75 milhões de toneladas na safra 2017/18, volume 1,21% superior ao observado na temporada anterior, quando foram colhidas 750,68 milhões de toneladas (Gráfico 1).

Gráfico 1 – Situação do trigo no mundo



Fonte: USDA - Maio/2018

Nesse contexto, alguns países se destacaram pela relevante importância que possuem no cenário internacional, tal como os Estados Unidos e a Rússia. O primeiro reduziu sua produção de maneira significativa, sendo esta uma das menores da história. Tal movimento se deu por conta da elevada produção ocorrida na safra 2016/17, que aumentou os estoques mundiais, ao passo que os preços internacionais não atingiram patamares satisfatórios para os produtores e tornaram mais atrativo o cultivo de outras commodities. Nesta safra, os Estados Unidos deverão colher um volume de 47,4 milhões de toneladas, valor 24,6% inferior ao registrado na temporada anterior.

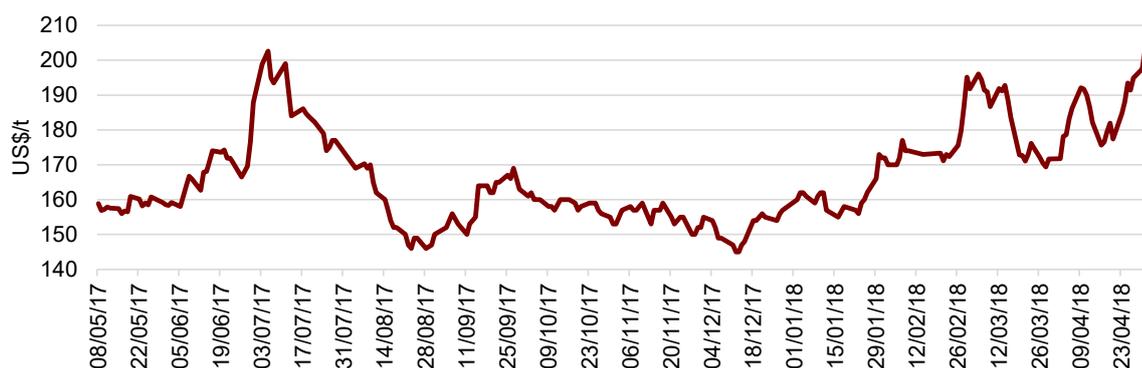
Por outro lado, a Rússia tem recebido uma especial atenção do mercado internacional. Tal fato se deve às 85 milhões de toneladas esperadas para essa safra, que significam um incremento de 17,2% em sua já considerável produção registrada em 2016/17, além da expectativa desse país em assumir a liderança nas

exportações mundiais, com um volume na ordem de 38,5 milhões de toneladas. Embora a Rússia não seja um tradicional parceiro comercial do Brasil para este produto, o aumento da oferta mundial tem exercido pressões baixistas sobre os principais fornecedores mundiais de trigo, o que certamente afeta o mercado interno brasileiro.

A atual conjuntura no mercado tritícola mundial tem demonstrado uma tendência de elevação nos preços, conforme apresentado no Gráfico 2, principalmente por conta da incerteza quanto à disponibilidade e à qualidade do trigo de inverno dos Estados Unidos, cujas lavouras têm sofrido com o deficit hídrico ocasionado pela seca que atinge o sul das Grandes Planícies estadunidenses. De acordo com o Usda, até o dia 30 de abril apenas 7% das lavouras de inverno apresentavam condições excelentes, enquanto 26% foram classificadas como boas, 30% regulares, 21% ruins e 16% muito ruins.



**Gráfico 2 – Cotações do Trigo Hard Red Winter em Kansas – 1ª entrega**

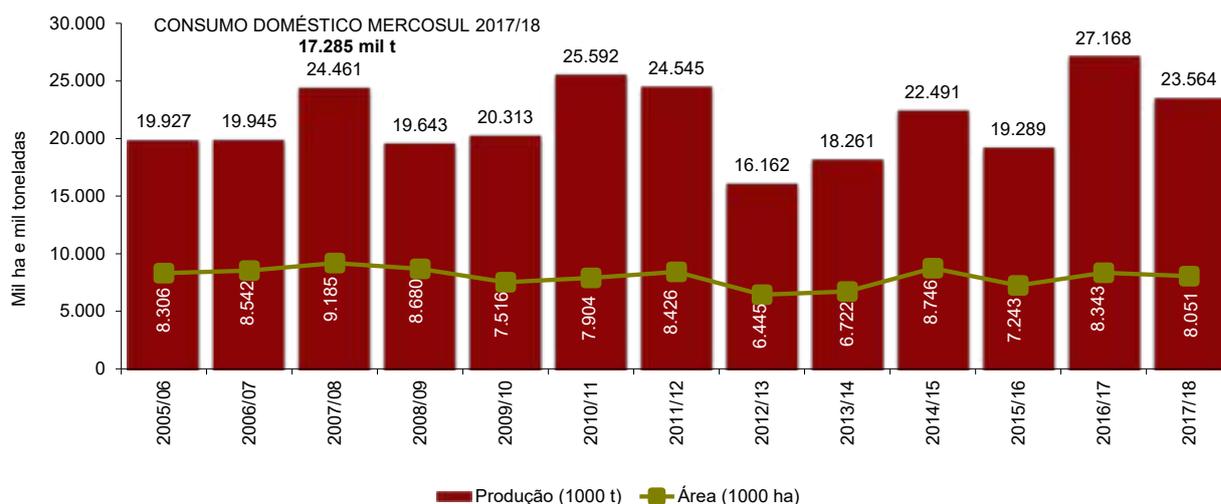


Fonte: Trading Charts - Maio/2018

Uma vez que a produção brasileira corresponde a aproximadamente metade do consumo interno, o país realiza periódicas importações de trigo, com destaque para o produto oriundo da Argentina, maior produtor do Mercosul e um dos mais importantes players no comércio internacional, visto que vem se

consolidando como um dos maiores exportadores mundiais do grão. Esse bloco econômico, composto por Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai, produziu o equivalente a 23,56 milhões de toneladas de trigo na safra 2017/18, para um consumo de 17,29 milhões de toneladas (Gráfico 3).

**Gráfico 3 – Área e produção no Mercosul**



Fonte: USDA / Conab - Maio/2018

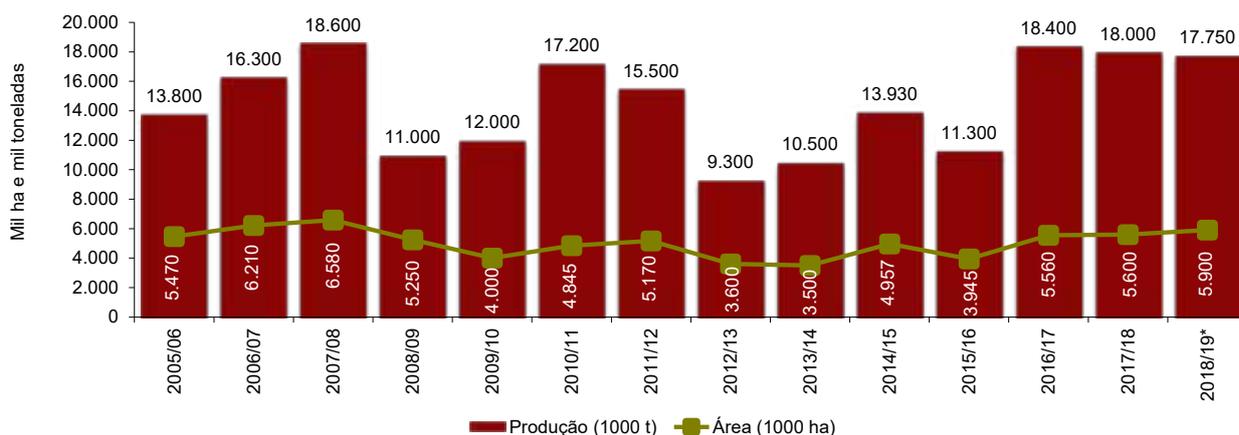
De acordo com o Usda, a produção Argentina atingiu o equivalente a 18 milhões de toneladas em 2017/18, para um consumo de 5,2 milhões de toneladas. Grande parte desse excedente foi exportado para o Brasil, devido à proximidade geográfica, aceitação no mercado consumidor e a não incidência da Tarifa Externa Comum (TEC) de 10%, por esse se tratar de um país membro do Mercosul.

Ao longo do primeiro quadrimestre de 2018, a Argentina vivenciou um problema semelhante ao ocorrido nos Estados Unidos, uma vez que a seca nas regiões

produtoras foi responsável por uma considerável quebra da produção de soja e milho e, como consequência, poderá limitar o cultivo do trigo nessa temporada. A possibilidade de uma redução ou atraso no plantio se deve à falta de umidade no solo e às precipitações que ocorrerem nas próximas semanas, principalmente na metade norte do país, serão determinantes na tomada de decisão do plantio por parte dos produtores. Ainda assim, de acordo com a Bolsa de Cereais da Argentina, estima-se que serão semeados 5,9 milhões de hectares no país, que resultará numa produção de 17,75 milhões de toneladas.



**Gráfico 4 – Área e produção de trigo na Argentina**



Nota: \* Previsão

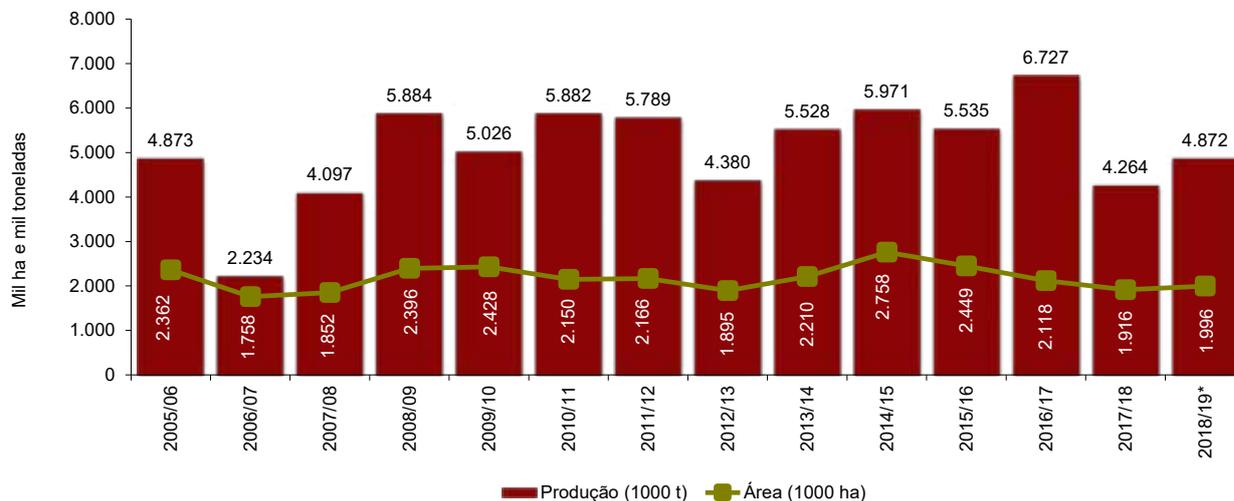
Fonte: USDA / Bolsa de Cereales - Maio/2018

### 10.3. PANORAMA NACIONAL

O Brasil ocupa a 18ª colocação na produção mundial de trigo e, em contrapartida, é o 11º maior consumidor do grão, com processamento médio de aproximadamente 10,6 milhões de toneladas por ano. O cultivo do trigo brasileiro está situado majoritariamente na Região Sul, responsável por pouco mais de 87% da produção nacional, onde se destacam o Paraná e Rio Grande do Sul. Nas regiões tradicionais, a safra de trigo 2017/18 sofreu diversas intempéries climáticas que

culminaram na redução da produção do país. Foram colhidas apenas 4,26 milhões de toneladas, o que representou uma redução de 37% em relação ao recorde da safra anterior, quando o Brasil colheu 6,73 milhões de toneladas do grão. Essa quebra se deu em virtude de chuvas no plantio, seca durante o desenvolvimento vegetativo, geadas durante floração e enchimento de grãos e altas umidades na colheita.

**Gráfico 5 – Área e produção de trigo no Brasil**



Nota: \* Previsão

Fonte: Conab - Maio/2018

Além do menor rendimento médio foram observadas perdas na qualidade da produção nacional, com destaque para aquela colhida no Rio Grande do Sul, sendo o grão classificado, em parte, como triguilho, com PH inferior a 72.

Ainda que se tenha reduzido a disponibilidade do grão no mercado interno, os altos estoques de passagem, oriundos da safra 2016/17, aliados à menor demanda pelos derivados, foram suficientes para abastecer o mercado interno sem maiores necessidades de im-

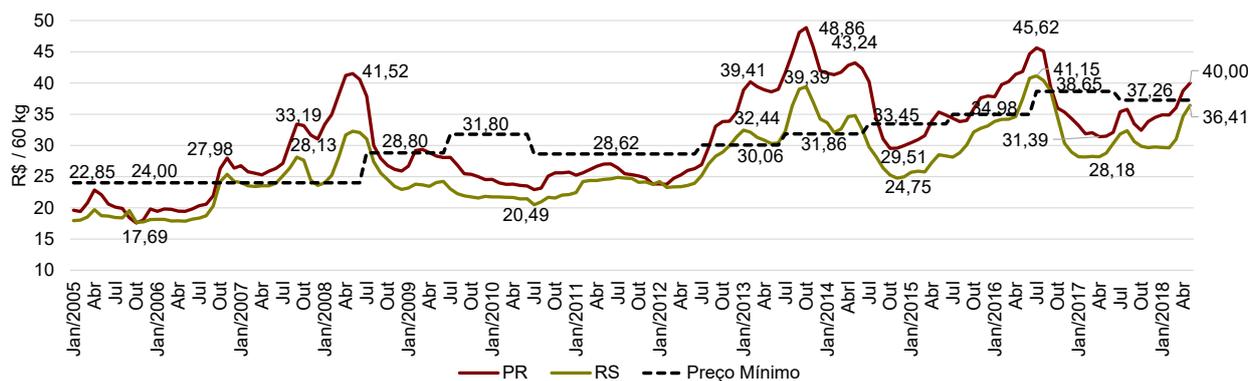


portação até o término do primeiro trimestre do ano de 2018, momento em que o Brasil havia internalizado pouco mais de 1,55 milhão de toneladas, valor 6,8% inferior ao registrado no mesmo período do ano de 2017.

Com o início do período letivo nas escolas e os sinais de recuperação da economia brasileira houve uma melhora na demanda pelos derivados no âmbito na-

cional e as indústrias se voltaram para o mercado com o intuito de adquirir matéria-prima, o que colaborou para o aumento nos preços internos do grão. Somado a isso, a elevação na taxa cambial, o aumento no preço do trigo argentino e as incertezas quanto à disponibilidade do produto norte-americano deram suporte a essas elevações.

**Gráfico 6 – Evolução dos preços recebidos pelos produtores e preços mínimos**



Fonte: Conab - Maio/2018

O Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) divulgou, dia 4 de abril, a Portaria n° 438, de 28 de março de 2018, acerca dos preços mínimos para o trigo e outros produtos da safra 2018/19. De acordo com a publicação, os preços de referência do cereal de inverno foram reduzidos em 2,93%, passando de R\$

37,26 para R\$ 36,17 a saca de 60 quilos do trigo pão, tipo 1, PH 78, na Região Sul. Esse mesmo percentual foi aplicado aos demais tipos e regiões geográficas e os novos valores vigorarão entre 1° de julho de 2018 e 30 de junho de 2019 (Quadros 1 e 2).

**Tabela 1 - Preços mínimos em R\$/60 kg - Trigo em grãos da safra 2018/19**

REGIÕES/ ESTADOS	PH (+) MÍNIMO	TIPO	BÁSICO	DOMÉSTICO	PÃO	MELHORADOR	VIGÊNCIA
Sul	78	1	19,88	24,82	36,17 (++)	37,88	Jul/2018 a Jun/2019
	75	2	17,89	22,34	30,98	32,48	
	72	3	15,74	19,05	22,91	23,33	
Sudeste	78	1	21,90	27,29	39,80	42,10	
	75	2	19,71	24,56	34,12	36,11	
	72	3	17,34	20,89	25,17	25,70	
Centro-Oeste e BA	78	1	21,90	27,29	41,42	43,81	
	75	2	19,71	24,56	35,51	37,58	
	72	3	17,34	20,89	25,17	25,70	

Notas: (+) peso do hectolitro; (++) preço mínimo básico.

Fonte: Imprensa Nacional

**Tabela 2 - Preços mínimos em R\$/kg - Trigo em sementes da safra 2018/19**

REGIÕES/ ESTADOS	TIPO	Preço mínimo	VIGÊNCIA
Sul, Sudeste e Centro-Oeste	Único	1,44	Jul/2018 a Jun/2019

Nota: \* Genética, básica e certificada S1 e S2, de acordo com o artigo 35 do Decreto n° 5.513, de 23 de julho de 2004, que regulamentou a Lei n° 10.711, de 5 de agosto de 2003.

Fonte: Imprensa Nacional



## 10.4. OFERTA E DEMANDA

Tabela 3 – Suprimento e uso de trigo em grão no Brasil (em mil toneladas)

SAFRA	ESTOQUE INICIAL (01 AGO)	PRODUÇÃO	IMPOR-TAÇÃO GRÃOS	SUPRIMENTO	EXPOR-TAÇÃO GRÃOS	CONSUMO INTERNO			ESTOQUE FINAL (31 JUL)
						MOAGEM INDUSTRIAL	SEMENTES (1)	TOTAL	
2012/13	1.956,1	4.379,5	7.010,2	13.345,8	1.683,9	9.850,0	284,3	10.134,3	1.527,6
2013/14	1.527,6	5.527,8	6.642,4	13.697,8	47,4	11.050,0	331,5	11.381,5	2.268,9
2014/15	2.268,9	5.971,1	5.328,8	13.568,8	1.680,5	10.300,0	413,7	10.713,7	1.174,6
2015/16	1.174,6	5.534,9	5.517,6	12.227,1	1.050,5	10.000,0	367,3	10.367,3	809,3
2016/17	809,3	6.726,8	7.088,5	14.624,6	576,8	11.200,0	317,7	11.517,7	2.530,1
2017/18 (1)	2.530,1	4.263,5	6.500,0	13.293,6	300,0	11.000,0	287,4	11.287,4	1.706,2
2018/19 (2)	1.706,2	4.871,5	6.500,0	13.077,7	300,0	11.000,0	299,5	11.299,5	1.478,2

Nota: (1) Estimativa (2) Previsão

Fonte: Conab - Maio/2018

A relação entre a menor oferta de trigo de qualidade no mercado interno e os aumentos nos preços internacionais, sobretudo na Argentina, fez com que as indústrias brasileiras priorizassem as aquisições do trigo nacional, o que contribuiu para a elevação dos preços pagos aos produtores da Região Sul ao longo dos últimos dois meses e, com o avanço na colheita da safra de verão, os fretes passaram a ser mais disputados em todas as regiões produtoras, elevando os custos nas operações de venda do trigo.

A respeito do mercado internacional, os preços futuros têm variado de acordo com as previsões acerca das condições climáticas na região das Grandes Planícies dos Estados Unidos, assim como tem reagido às notícias relativas ao clima na Argentina, que por sua vez poderá influenciar na decisão da semeadura por parte dos produtores.

Apesar da elevação nos preços internacionais, a baixa disponibilidade de trigo no mercado interno fez com que o Brasil importasse, ao longo de abril, o equivalente a 665,7 mil toneladas de trigo, sendo a Argentina responsável pelo fornecimento de 98,6% do total,

## 10.5. CONCLUSÃO

A Conab entende que as informações ora disponibilizadas podem contribuir com a compreensão do processo de plantio do trigo no Brasil. A partir deste oitavo levantamento da safra de grãos, a Companhia acompanhará, mensalmente, o processo de plantio e colheita do trigo e demais culturas de inverno, sempre observando o seu compromisso com a melhoria constante da qualidade e da transparência.

seguida pelo Paraguai, com 1,4%. No mesmo período, foram exportadas apenas 27 toneladas do grão, o que totaliza 206 mil toneladas embarcadas entre o início da safra 2017/18, em agosto de 2017, e abril de 2018.

Uma vez que o ano-safra do trigo brasileiro se dá entre agosto e julho, a Conab revisa periodicamente os dados acerca da produção, importação, exportação e moagem industrial, com vistas a definir, de maneira mais fidedigna, os volumes de suprimento, consumo interno e do estoque de passagem para a safra seguinte. Desta forma, diante da atual conjuntura do setor tritícola, de preços internacionais ainda mais elevados, valorização cambial e menor disponibilidade do trigo no mercado interno, tornou-se necessário revisar as estimativas da exportação da safra 2017/18, para 300 mil toneladas.

Em relação à previsão para safra 2018/19, espera-se que a haja um aumento de 4,2% na área cultivada, totalizando 1.996,4 mil hectares que, com a expectativa de clima favorável e consequente melhoria na produtividade esperada, deverá resultar numa produção de 4.871,5 mil toneladas do grão.

É importante realçar que a análise constante deste documento não tem a intenção de ser absoluta. No decorrer do acompanhamento da safra, a Conab poderá incluir outros fatores críticos, aqui não comentados, e que podem influenciar o plantio, a colheita e comercialização do trigo.





## 11. BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA

### 11.1. ALGODÃO

#### 11.1.1. PANORAMA MUNDIAL

De acordo com o Comitê Consultivo Internacional do Algodão (Icac), em seu relatório semanal de 27 de março de 2018, a produção mundial de pluma na safra 2016/17, deverá fechar em 23,09 milhões de toneladas e se projeta para a safra 2017/18 uma produção de 25,67 milhões de toneladas. Esse resultado significaria um aumento de 9,8% na produção. Ainda de acordo com o Icac, o consumo mundial foi de 24,52 milhões de toneladas em 2016/17, já para a safra 2017/18, a previsão é que o consumo fique em 25,40 milhões de toneladas. Em se confirmando as previsões expostas acima, a produção mundial voltaria a ser maior que o consumo em 2017/18, depois de dois anos-safras sendo inferior. Mesmo que a produção volte a ser maior que o consumo, as cotações internacionais devem seguir com viés altista. A boa demanda mundial, principalmente pelo algodão norte-americano, e a queda dos estoques chineses deverão dar sustentabilidade aos preços externos.

#### 11.1.2. PANORAMA NACIONAL

De acordo com o sétimo levantamento de safra da Conab, a produção brasileira de algodão, estimada para a safra 2017/18, é de 1.942,2 mil toneladas de pluma, esse volume é 27% superior ao produzido na safra

anterior, que foi de 1.529,5 mil toneladas. Apesar do aumento estimado para a produtividade ser de apenas 1,4%, a companhia estima um aumento de 25,2% na área. Ótimos resultados obtidos na safra 2016/17, que representaram naquele ano um aumento de 18% em relação à safra anterior, incitaram o produtor a

## 11.2. ARROZ

Em março, o Brasil exportou 193,5 mil toneladas de arroz base casca e importou 71,5 mil toneladas. Sobre os preços comercializados, o Brasil vendeu o arroz branco beneficiado em uma média de US\$ 483,79 toneladas, enquanto os preços de aquisição, principalmente dos nossos parceiros de Mercosul, mantiveram em patamar inferior.

Sobre as compras brasileiras de arroz internacional em novembro, o Paraguai, maior exportador para o mercado brasileiro, comercializou 64,7 mil toneladas de arroz base beneficiado em uma média de US\$ 347,08 toneladas de arroz polido. Cabe destacar que o arroz paraguaio continua sendo direcionado, em sua maioria, para os mercados do Sudeste brasileiro e Pernambuco. Sobre a Argentina e o Uruguai, o produto importado vem sendo direcionado principalmente para São Paulo e Rio Grande do Sul. Para o final da comercialização da safra 2016/17, já consolidada, a importação identificada foi de 1.042 mil toneladas e exportação de 1.064,7 mil toneladas.

Cerca do consumo, este é estimado em torno de 11,7

## 11.3. FEIJÃO

### 11.3.1. FEIJÃO-COMUM CORES

Em abril, o mercado atacadista de São Paulo operou com um baixo volume de entradas, e a pouca disponibilidade do produto extra contribuiu para uma valorização do grupo carioca em relação ao mês anterior. Essa elevação atingiu principalmente os lotes de mercadorias mais clara com cor nota 8,5 para cima, que continuam escassas. A boa demanda favoreceu o escoamento de boa parte das ofertas no disponível, e as sobras foram de mercadorias de baixa qualidade de grãos.

Apesar da preferência da demanda pelo produto extra ou similar, muitos compradores, sem alternativas devido à cotação elevada do produto em questão, acabaram optando por tipos inferiores em vista das dificuldades encontradas no giro das mercadorias de maior valor.

A oferta segue formada basicamente de grão comercial, que se avoluma a cada dia, influenciando numa me-

umentar a área e o investimento na cotonicultura. Desse modo, movido por ótima produtividade, pela expectativa de clima favorável e pelos preços remuneradores nacionais e internacionais, a safra de algodão brasileira terá outro ano de crescimento expressivo.

milhões de toneladas para a safra 2016/17. Para safra 2017/18, projeta-se um consumo levemente superior, por volta de 12 milhões de toneladas, volume semelhante à média identificada nos últimos dez períodos comerciais. Sobre a produção nacional, a safra brasileira de arroz 2017/18 deverá ser 6,4% inferior em relação à safra 2016/17, atingindo 11,4 milhões toneladas. Essa retração da produção ocorre em razão do atraso de parte das áreas no Rio Grande do Sul, do frio intenso em fevereiro, que prejudicou a formação dos grãos, e da menor capitalização dos produtores, que reduziram a quantidade de insumos nas lavouras. Sobre a balança comercial, a expectativa é de equilíbrio na próxima safra, com uma possível valorização do arroz brasileiro no segundo semestre e, conseqüente, uma desaceleração das exportações.

Com base no cenário descrito no quadro de suprimento, espera-se uma redução dos estoques de passagem, sendo previsto um estoque final de 1,035,9 mil toneladas para a safra 2016/17 (fevereiro de 2018) e de 570,4 mil toneladas para a safra 2017/18 (fevereiro de 2019).

lhor formação dos preços. Nota-se muita dificuldade em vender os lotes mais escuros de produto com cor nota 7,5 para baixo, tendo em vista que são poucos os compradores interessados nesse tipo de mercadoria.

Cabe esclarecer que o montante de sobras, ou seja, mercadorias que não são negociadas na zona cerealista de São Paulo, volta aos armazéns para ser colocado à venda no dia seguinte, encontrando, entretanto, sérios obstáculos para sua negociação, pois a maioria tem deficiência de qualidade. Muitos comerciantes evitam esse tipo de mercadoria ao preço que vem sendo praticado devido às dificuldades de repasse ao setor varejista, ficando no aguardo de um melhor momento.

Nas regiões produtoras os preços também reagiram. A pouca disponibilidade de produto de boa qualidade após a colheita da primeira safra provocou substancial alta nas cotações.



No Sul do país, o clima frio e seco está permitindo o avanço da colheita que atinge cerca de 10% da área cultivada. As lavouras atravessam, em grande parte, as fases de floração e enchimento de grãos, períodos em que são mais exigentes em água. Assim, os próximos dias serão importantes para a definição do potencial produtivo das lavouras, pois há necessidade de boas precipitações num curto espaço de tempo. No Paraná, estima-se que cerca de 93% da primeira safra, e 3% da segunda safra foram comercializados pelos produtores.

Nota-se que o varejo é o principal elo da cadeia produtiva do feijão que tem dificultado uma maior comercialização, e nem mesmo a expressiva redução dos preços, verificada nas gôndolas dos estabelecimentos comerciais, foi suficiente para alavancar as vendas. Diante desse fato, os empacotadores estão negociando de acordo com as suas necessidades de abastecimento, mesmo cientes de que os estoques ainda es-

### 11.3.2. FEIJÃO-COMUM PRETO

No mercado atacadista de São Paulo, a partir de meados de abril, os preços evoluíram. Tal comportamento foi ocasionado pela forte valorização do dólar frente ao real, tornando a mercadoria mais cara.

Nota-se que a maior parte dos empacotadores continua se abastecendo diretamente nas fontes de produção, onde a colheita gira em torno de 10% da área prevista para esta segunda safra.

Nas redes de supermercados, as diversas promoções a preços realmente baixos não estão sendo suficientes

### 11.3.3. SUPRIMENTO

O consumo nacional tem variado nos anos de 2010 a 2015, entre 3,3 e 3,6 milhões de toneladas, recuando para 2,8 milhões de toneladas em 2016, o menor registrado na história em razão do elevado aumento dos preços provocado pela retração da área plantada e principalmente pelas condições climáticas adversas. No trabalho em curso, optou-se por um consumo de 3,3 milhões de toneladas, ou seja, o mesmo registrado na temporada anterior.

tão baixos, com o risco de o produto ficar mais caro diante do quadro de oferta bastante ajustado.

A partir de meados de maio, a disponibilidade do produto deverá se manter firme, favorecida pelas ofertas oriundas da segunda safra na Região Centro-Sul do país. Diante do aumento da oferta e do baixo consumo, não se vislumbra, em curto prazo, perspectiva de evolução dos preços, a não ser por uma frustração da safra. O aumento gradativo da mercadoria extra, dificultará ainda mais as negociações dos produtos mais escuros e pressionará para baixo os preços dos grãos nota 8 para baixo.

Os produtores irrigantes, que se preparam para o plantio da safra de inverno (terceira safra), acompanham atentamente o comportamento do mercado. Se prevalecer essa tendência, muitos poderão migrar para o plantio de outras culturas, o que poderá comprometer ainda mais o quadro de oferta.

para atrair os consumidores. Diante dessa situação, muitos empacotadores estão com dificuldades em negociar sua mercadoria junto ao setor varejista, já que muitas vezes a oferta fica aquém de suas “pedidas” que, segundo eles, já estão no limite, inviabilizando, em muitos casos, a operação.

A segunda safra está concluída, e a temporada dessa variedade se encerra nesse segundo plantio. Doravante o país passará a depender de importações, majoritariamente da Argentina, que deve concluir seu

Desta forma, prevê-se o seguinte cenário: computando as três safras, a estimativa da Conab chega em uma produção média de 3,4 milhões de toneladas, ou seja, o mesmo volume colhido na temporada 2016/17. Partindo-se do estoque inicial de 310,5 mil toneladas, o consumo de 3,3 milhões de toneladas, as importações em 120 mil toneladas e as exportações de 125 mil toneladas, resultará em um estoque de passagem na ordem de 403,7 mil toneladas, o que corresponde a um mês e meio de consumo.



## 11.4. MILHO

### 11.4.1. ANÁLISE DA OFERTA E DEMANDA

Tabela 2 – Balanço de oferta e demanda (fev-jan) - Em mil toneladas

ANO - SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2013/14	6.984,6	80.051,7	790,7	87.826,9	54.503,1	20.924,8	12.399,0
2014/15	12.399,0	84.672,4	316,1	97.387,5	56.611,1	30.172,3	10.604,1
2015/16	10.604,1	66.530,6	3.338,1	80.472,8	54.639,8	18.883,2	6.949,9
2016/17(*)	6.949,9	97.842,8	950,0	105.742,7	56.165,3	30.835,2	18.742,1
2017/18(*)	18.742,1	88.006,7	400,0	107.148,8	58.500,0	30.000,0	18.648,8

Legenda: (\*) Estimativa em março/2018.

Fonte: Conab.

O clima é a maior incógnita do valor real da safra brasileira de milho, as escassas chuvas do período em algumas regiões podem afetar futuras estimativas de safra. Até o momento, tudo indica que há grandes possibilidades que o milho segunda safra não atinja a produção de 67,38 milhões de toneladas da safra 2016/17. Mas é muito cedo para afirmar qual será o real valor de safra principalmente pelo atraso e do plantio fora da janela, que, em Mato Grosso, por exemplo, foi 20%. No Paraná e Goiás há fortes problemas de estiagem, apesar disso, em Mato Grosso o clima está bem favorável à cultura.

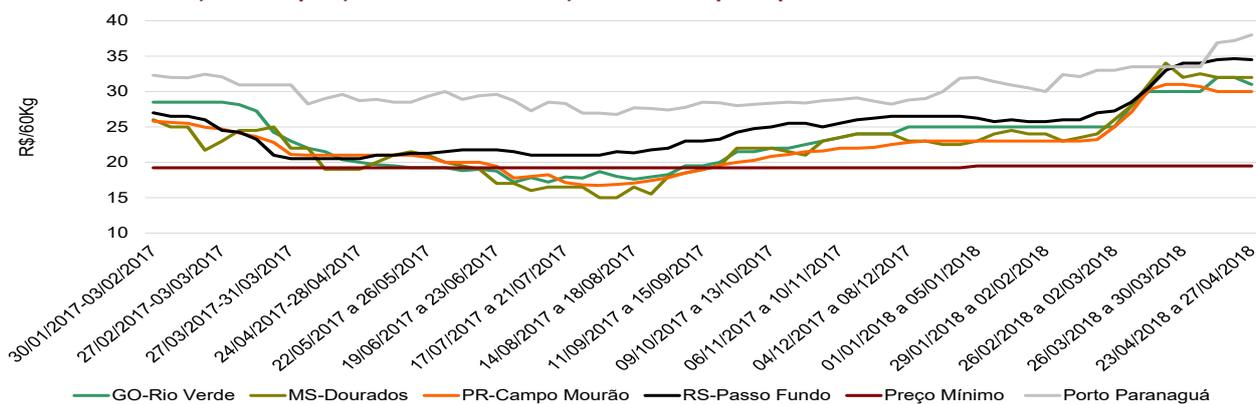
Em relação aos preços, a quebra de safra na Argentina e o atraso de plantio norte-americano têm pressionado os preços internacionais e devido a estes fatores, muitos agentes de mercados têm segurado os estoques, apostando em uma possível quebra de safra no Brasil e, forçando assim, um aumento especulativo nos preços.

Neste contexto, conforme dito anteriormente, as cotações domésticas estão completamente descoladas da paridade de exportação e dos preços nos portos (considerando que há um custo de frete entre porto e a região produtora na formação dos preços domésticos baseados em Chicago e variação do dólar).

Em virtude dos parâmetros atuais de produção de 89,20 milhões de toneladas, com um consumo de 59 milhões de toneladas e exportação de 32 milhões de toneladas, a estimativa de estoque para o fim da safra 2017/18 é de 16,41 milhões de toneladas.

Em virtude dos parâmetros atuais de produção consumo e exportação, a estimativa de estoque para o fim da safra 2017/18 é de 15,8 milhões de toneladas, ou seja, mesmo diminuindo em relação à safra anterior, ainda é um estoque bastante confortável para atendimento da demanda brasileira de milho.

Gráfico 1 - Evolução dos preços de milho - Preço recebido pelo produtor



Fonte: Conab.



## 11.6. SOJA

### 11.6.1. MERCADO INTERNACIONAL

Apesar das notícias baixistas de que a China poderia taxar em 25% a soja importada dos Estados Unidos, os altos estoques de passagem, devido às baixas exportações americanas e os problemas de plantio de milho que podem aumentar as áreas de soja também nos Estados Unidos.

Os preços internacionais de abril continuaram a encontrar suporte na quebra de safra da Argentina e fechou, em média, a um valor de US\$ 10,37/bu praticamente a mesma média do mês de março que foi de US\$ 10,39.

### 11.6.2. MERCADO NACIONAL

Com os preços internacionais em alta, somados a grande valorização do dólar, que chegou a ser cotado a R\$ 3,50 e aos prêmios de porto, que no início do mês de abril chegou a ao valor de US Cents 155,00/bu. Os preços nacionais, fecharam o mês de abril no valor médio de R\$ 71,20/60kg, sendo que, a média dos preços no mês de março era de R\$ 67,19/60kg

Segundo a Secretaria de Comércio Exterior (Secex), as exportações do mês de abril foram estimadas em mais de 10,26 milhões de toneladas. É esperado um grande aumento das exportações brasileiras para os próximos meses, podendo chegar em 2018 no valor total de 70 milhões de toneladas.

O consumo interno é estimado em 47,40 milhões de toneladas. Devido ao aumento está relacionado ao crescimento do uso do biodiesel proveniente da soja e também do possível aumento de exportação de farelo de soja (17%) e óleo de soja (8%), oriundos de uma redução das exportações destas commodities na Argentina.

Finalmente, a produção de soja no Brasil foi estimada pela Conab em, aproximadamente, 117 milhões de toneladas. Já as exportações em 70 milhões de toneladas, além de um consumo de 47,40 milhões de toneladas, gerando um estoque de passagem de 1,59 milhão de toneladas.





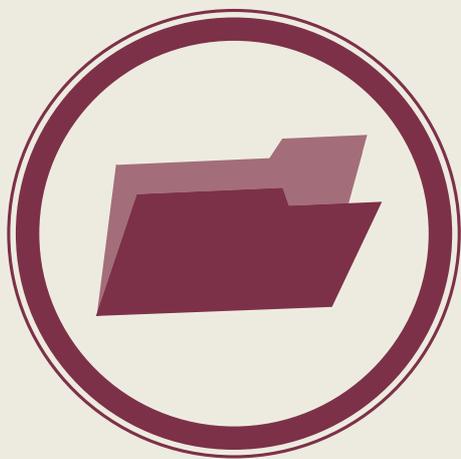
Tabela 4 - Balanço de oferta e demanda - Em mil toneladas

PRODUTO	SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
Algodão em pluma	2011/12	521,7	1.893,3	3,5	2.418,5	895,2	1.052,8	470,5
	2012/13	470,5	1.310,3	17,4	1.798,2	920,2	572,9	305,1
	2013/14	305,1	1.734,0	31,5	2.070,6	883,5	748,6	438,5
	2014/15	438,5	1.562,8	2,1	2.003,4	820,0	834,3	349,1
	2015/16	349,1	1.289,2	27,0	1.665,3	660,0	804,0	201,3
	2016/17	201,3	1.529,5	33,6	1.764,4	685,0	834,1	245,3
	2017/18	245,3	1.942,2	10,0	2.197,5	720,0	975,0	502,5
Arroz em casca	2011/12	2.569,5	11.599,5	1.068,0	15.237,0	11.656,5	1.455,2	2.125,3
	2012/13	2.125,3	11.819,7	965,5	14.910,5	12.617,7	1.210,7	1.082,1
	2013/14	1.082,1	12.121,6	807,2	14.010,9	11.954,3	1.188,4	868,2
	2014/15	868,2	12.448,6	503,3	13.820,1	11.495,1	1.362,1	962,9
	2015/16	962,9	10.603,0	1.187,4	12.753,3	11.428,8	893,7	430,8
	2016/17	430,8	12.327,8	1.042,0	13.800,6	11.700,0	1.064,7	1.035,9
	2017/18	1.035,9	11.531,8	1.000,0	13.567,7	12.000,0	1.000,0	567,7
Feijão	2011/12	686,4	2.918,4	312,3	3.917,1	3.500,0	43,3	373,8
	2012/13	373,8	2.806,3	304,4	3.484,5	3.320,0	35,3	129,2
	2013/14	129,2	3.453,7	135,9	3.718,8	3.350,0	65,0	303,8
	2014/15	303,8	3.210,2	156,7	3.670,7	3.350,0	122,6	198,1
	2015/16	198,1	2.512,9	325,0	3.036,0	2.800,0	50,0	186,0
	2016/17	186,0	3.399,5	150,0	3.735,5	3.300,0	125,0	310,5
	2017/18	310,5	3.398,1	120,0	3.828,6	3.300,0	125,0	403,6
Milho	2011/12	4.459,6	72.979,5	774,0	78.213,1	51.894,0	22.313,7	4.005,4
	2012/13	4.005,4	81.505,7	911,4	86.422,5	53.263,8	26.174,1	6.984,6
	2013/14	6.984,6	80.051,7	790,7	87.827,0	54.503,1	20.924,8	12.399,1
	2014/15	12.399,1	84.672,4	316,1	97.387,6	56.611,1	30.172,3	10.604,2
	2015/16	10.604,2	66.530,6	3.338,1	80.472,9	54.639,8	18.883,2	6.949,9
	2016/17	6.949,9	97.842,8	953,6	105.746,3	57.199,0	30.836,7	17.710,6
	2017/18	17.710,6	89.207,6	500,0	107.418,2	59.000,0	32.000,0	16.418,2
Soja em grãos	2011/12	3.020,4	66.383,0	266,5	69.669,9	36.754,0	32.468,0	447,9
	2012/13	447,9	81.499,4	282,8	82.230,1	38.694,3	42.791,9	743,9
	2013/14	743,9	86.120,8	578,7	87.443,5	40.200,0	45.692,0	1.551,5
	2014/15	1.551,5	96.228,0	324,1	98.103,6	42.850,0	54.324,2	929,4
	2015/16	929,4	95.434,6	400,0	96.764,0	43.700,0	51.581,9	1.482,1
	2016/17	1.482,1	114.075,3	300,0	115.857,4	46.100,0	68.154,5	1.602,9
	2017/18	1.602,9	116.995,9	400,0	118.998,8	47.400,0	69.000,0	2.598,8
Farelo de Soja	2011/12	3.176,7	26.026,0	5,0	29.207,7	14.051,1	14.289,0	867,6
	2012/13	867,6	27.258,0	3,9	28.129,5	14.350,0	13.333,5	446,0
	2013/14	446,0	28.336,0	1,0	28.783,0	14.799,3	13.716,3	267,4
	2014/15	267,4	30.492,0	1,1	30.760,5	15.100,0	14.826,7	833,8
	2015/16	833,8	30.954,0	0,8	31.788,6	15.500,0	14.443,8	1.844,8
	2016/17	1.844,8	32.186,0	1,0	34.031,8	17.000,0	14.177,1	2.854,7
	2017/18	2.854,7	33.110,0	1,0	35.965,7	17.500,0	15.800,0	2.665,7
Óleo de soja	2011/12	988,0	6.591,0	1,0	7.580,0	5.172,4	1.757,1	650,5
	2012/13	650,5	6.903,0	5,0	7.558,5	5.556,3	1.362,5	639,7
	2013/14	639,7	7.176,0	0,1	7.815,8	5.930,8	1.305,1	579,9
	2014/15	579,9	7.722,0	25,3	8.327,2	6.359,2	1.669,9	298,1
	2015/16	298,1	7.839,0	66,1	8.203,2	6.380,0	1.254,2	569,0
	2016/17	569,0	8.151,0	40,0	8.760,0	6.800,0	1.342,5	617,5
	2017/18	617,5	8.385,0	40,0	9.042,5	7.100,0	1.500,0	442,5
Trigo	2011	2.201,6	5.788,6	6.011,8	14.002,0	10.144,9	1.901,0	1.956,1
	2012	1.956,1	4.379,5	7.010,2	13.345,8	10.134,3	1.683,9	1.527,6
	2013	1.527,6	5.527,8	6.642,4	13.697,8	11.381,5	47,4	2.268,9
	2014	2.268,9	5.971,1	5.328,8	13.568,8	10.713,7	1.680,5	1.174,6
	2015	1.174,6	5.534,9	5.517,6	12.227,1	10.367,3	1.050,5	809,3
	2016	809,3	6.726,8	7.088,5	14.624,6	11.517,7	576,8	2.530,1
	2017	2.530,1	4.263,5	6.500,0	13.293,6	11.287,4	400,0	1.606,2
2018	1.606,2	4.871,5	6.500,0	12.977,7	11.287,4	400,0	1.290,3	

Fonte: Conab.

Notas: Estimativa em abril 2018/ Estoque de Passagem - Algodão, Feijão e Soja: 31 de Dezembro - Arroz 28 de Fevereiro - Milho 31 de Janeiro - Trigo 31 de Julho.



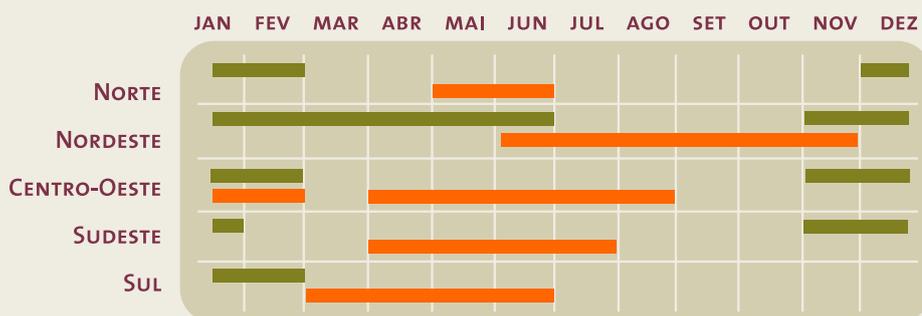


## 12. CALENDÁRIO AGRÍCOLA DE PLANTIO E COLHEITA

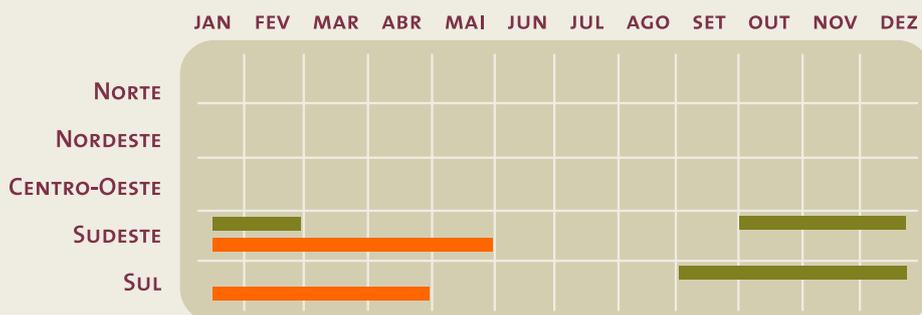
Plantio Colheita



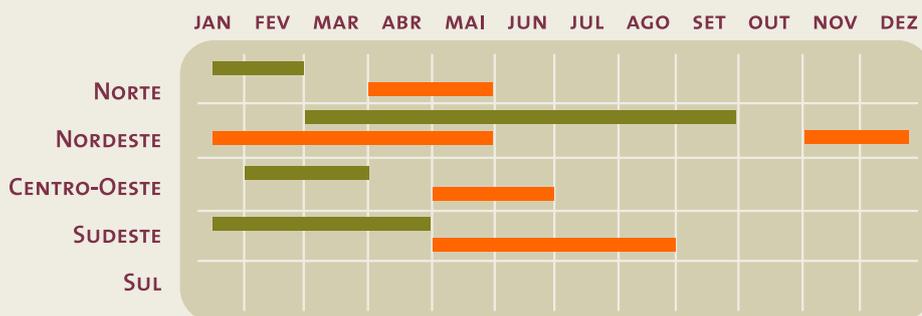
Algodão



Amendoim 1ª safra



Amendoim 2ª safra



Arroz

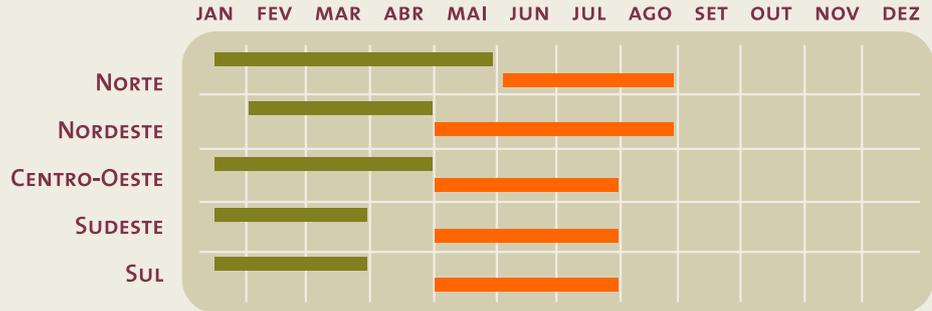


Feijão 1ª safra

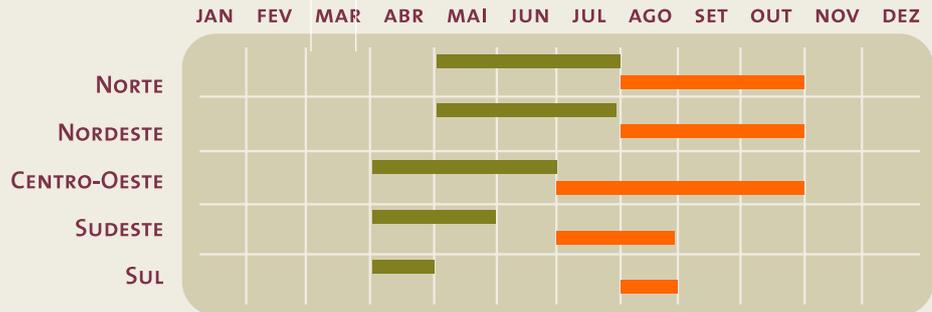




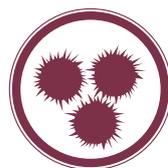
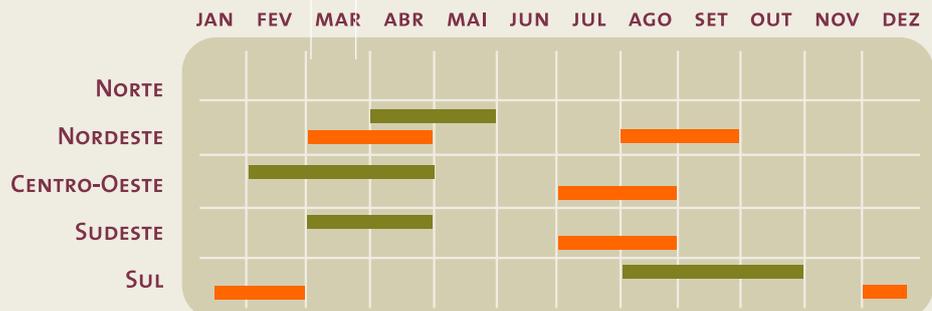
### Feijão 2ª safra



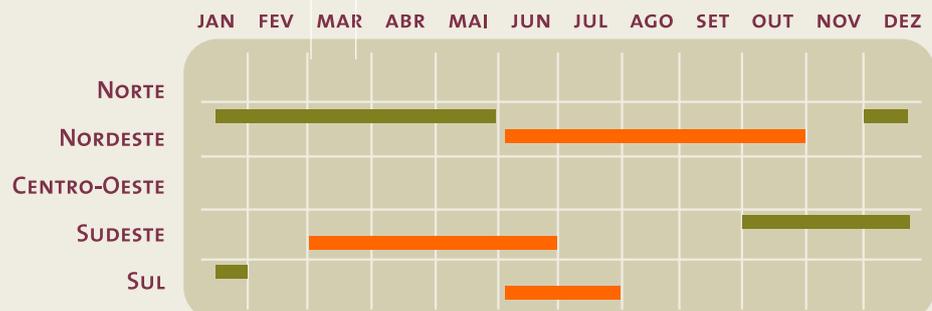
### Feijão 3ª safra



### Girassol



### Mamona

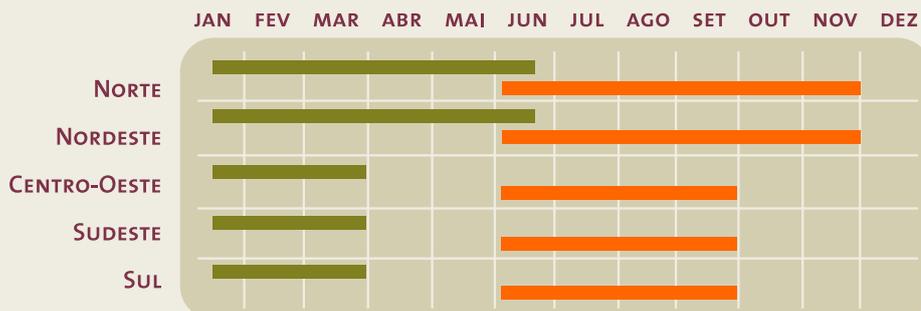


### Milho 1ª safra





### Milho 2ª safra



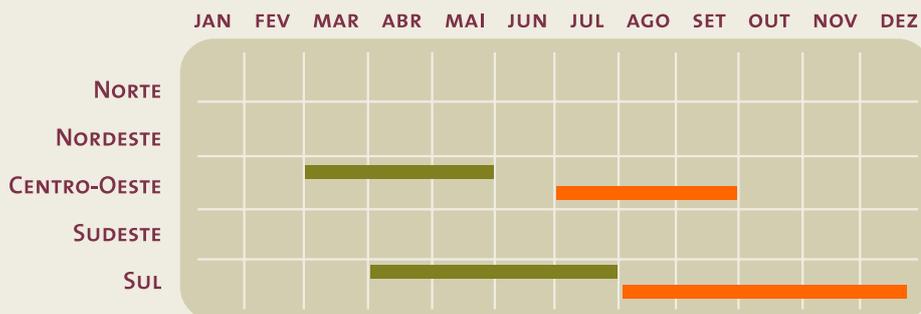
### Soja



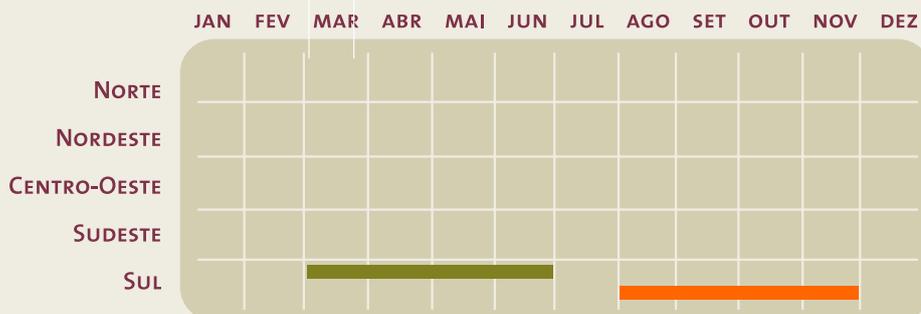
### Sorgo



### Aveia

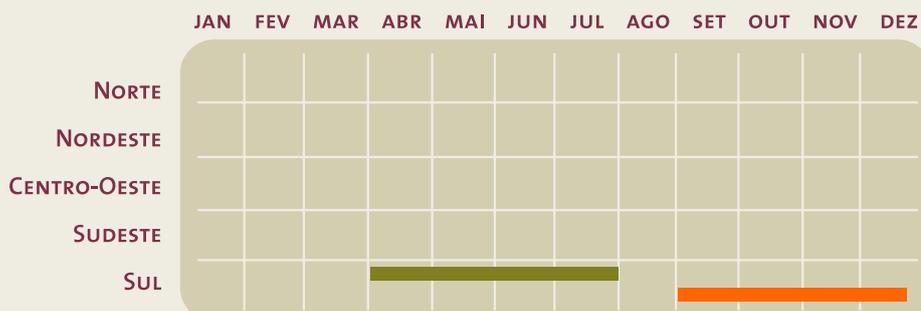


### Canola

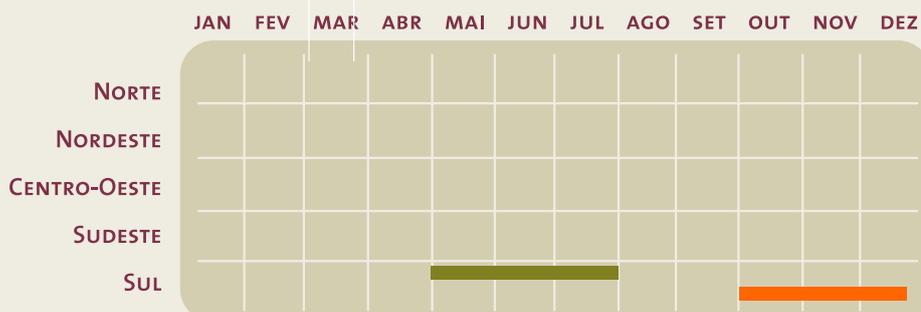




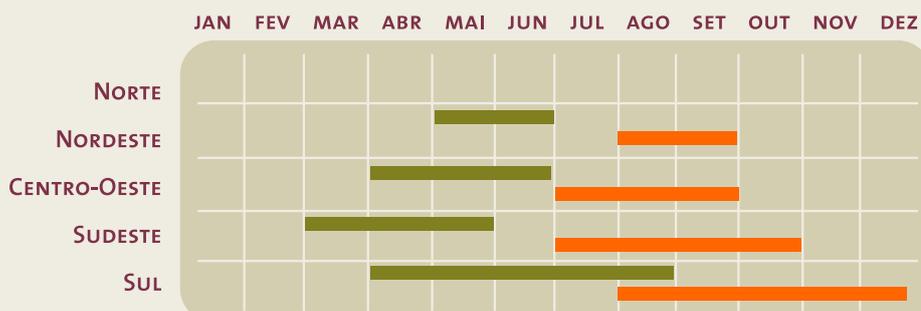
Centeio



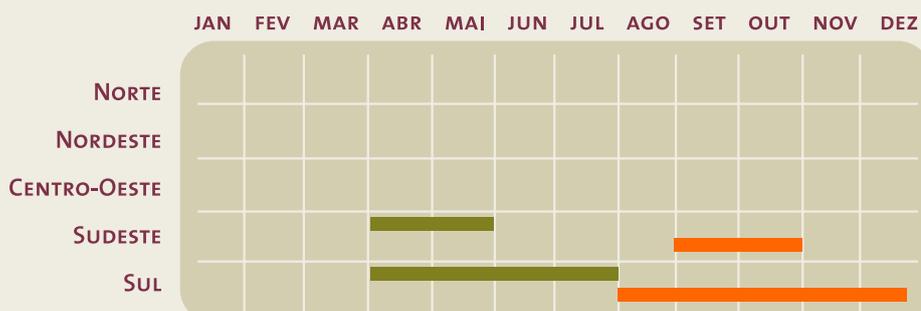
Cevada



Trigo



Triticale







---

Distribuição:  
Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)  
Diretoria de Política Agrícola e Informações (Dipai)  
Superintendência de Informações do Agronegócio (Suinf)  
Gerência de Levantamento e Avaliação de Safras (Geasa)  
SGAS Quadra 901 Bloco A Lote 69, Ed. Conab - 70390-010 – Brasília – DF  
(61) 3312-6277  
<http://www.conab.gov.br> / [geasa@conab.gov.br](mailto:geasa@conab.gov.br)





MINISTÉRIO DA  
AGRICULTURA, PECUÁRIA  
E ABASTECIMENTO

